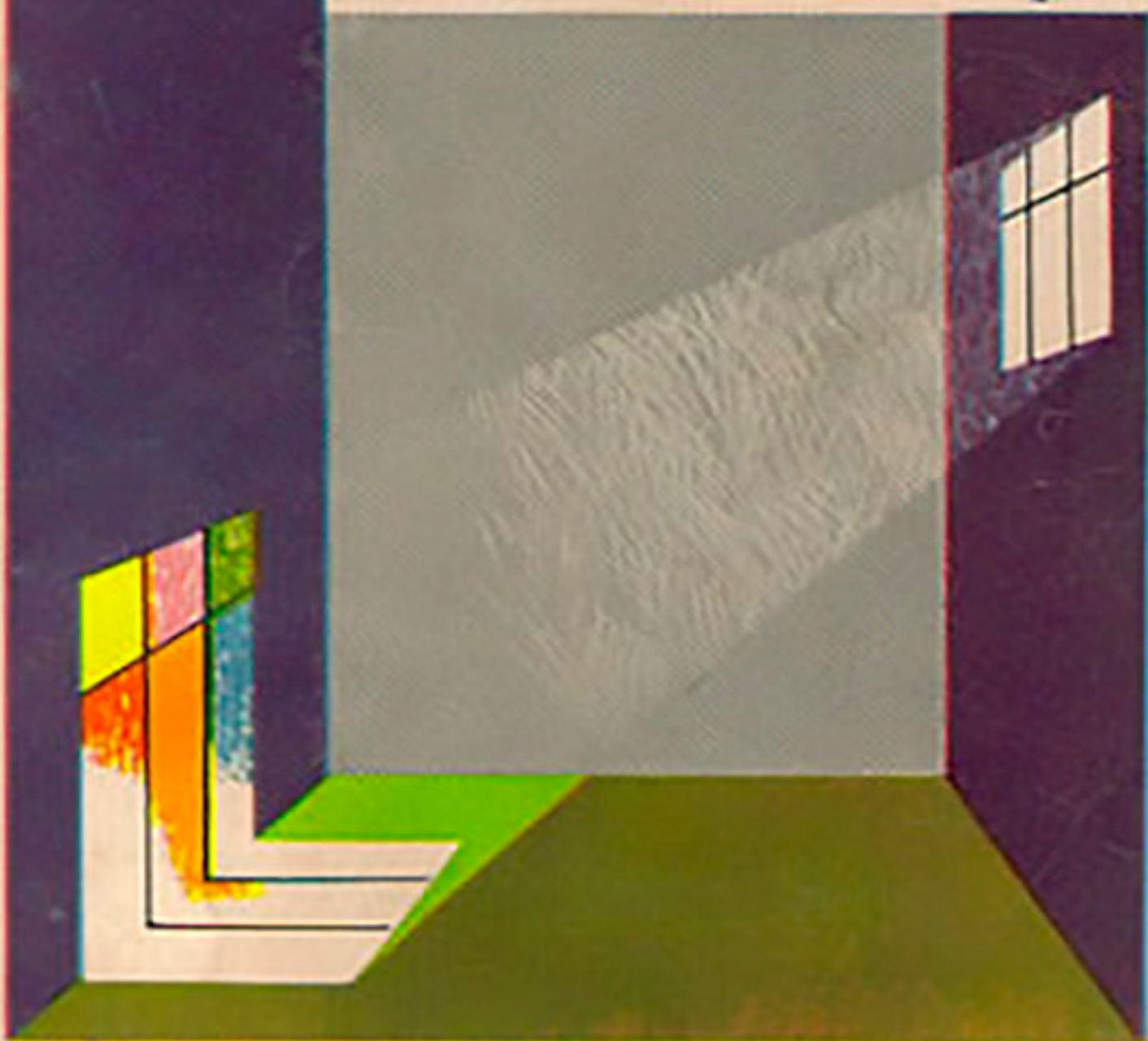


O NÔVO MUNDO DO ESPÍRITO

J. B. RHINE

autor de *O Alcance do Espírito*



Discute a clarividência, telepatia, precognição, e a influência do espírito sobre o matéria

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Joseph Banks Rhine

O Novo Mundo do Espírito

Conteúdo resumido

Esta obra discute a Clarividência, Telepatia, Precognição, e a influência do espírito sobre a matéria. E tenta demonstrar que a alma sobrevive após a morte do corpo físico em elaboradas pesquisas.

PREFÁCIO

Sobre os Novos Mundos

Este livro trata de novo mundo que a ciência descobriu, região dentro daquilo que chamamos espírito, mundo que através do passado esteve envolto em negro mistério e superstição.

O homem tem descoberto muitos novos mundos - mundos a ele exteriores. Não foi tão bem sucedido em relação ao interior. Os novos mundos do passado vão desde as profundezas do próprio planeta - e até mesmo dentro do átomo - até muito além do espectro visível e das estrelas visíveis. Mas o grande espírito humano

descobridor até hoje não explorou inteiramente a sua própria natureza enigmática.

Afigura-se agora mui provavelmente que aqui e ali alguns exploradores pioneiros irromperam para um mundo verdadeiramente novo dentro do homem, de realidade distintamente mental. Contudo, só se distinguem os delineamentos mais vastos quando se reúnem as descobertas dispersas para as encarar em conjunto. Tenta-se neste livro reunir tais fragmentos, revelar o lugar que ocupam no livro do conhecimento e avaliar-lhes a significação para a vida humana.

Como os exploradores anunciam que encontraram novos mundos? As semelhanças de COLOMBO, em geral eles mesmos não o sabem a princípio. Contudo, quando comunicam o que acharam aos seus semelhantes, especialmente ao grupo profissional a que pertencem, a resposta que recebem: "Impossível, nunca ouvimos falar a esse respeito; não existe qualquer mundo desses", indica-lhes pelo menos que o que acharam é novo. Se, em seguida, são capazes de responder às críticas formuladas, sobreviver à zombeteira rejeição das descobertas durante uns dez ou vinte anos, e finalmente firmar o que alegam entre os poucos que o examinam cuidadosamente, ficam sabendo que o "mundo" deles não só é novo como verdadeiro. Não é ilusão.

Talvez em seguida perguntem quando uma descoberta é bastante grande para chamar-se "novo mundo"? Sempre que o novo ponto de vista muda distinta e profundamente a maneira por que encaramos o mundo conhecido; quando exerce influência permanente sobre a nossa maneira de viver. Vejamos se este novo mundo do espírito pode ser submetido a tais critérios.

Naturalmente, não se descobrem novos mundos de um momento para outro. Pode vislumbrar-se primeiramente um novo hemisfério como algumas ilhas pequenas, ou um universo de eletricidade como algumas centelhas diminutas. É preciso descobrir as partes restantes da realidade concreta inteira e reuni-las a pouco e pouco. Tal operação toma em geral bastante tempo.

Em certo ponto da descoberta, como quando se arrumam as peças de um quebra-cabeça, indícios do plano oculto lampejam pelo

espírito dos que estão trabalhando. Nos estudos que aqui passamos em revista com relação a certos poderes estranhos, não reconhecidos do espírito humano, nós que trabalhamos nesse campo só recentemente chegamos a ponto de distinguir indícios de um plano nas peças esquisitas que descobrimos. A importância desse plano para a situação humana atual afigura-se tão grande que não nos é dado esperar pelo surto do quadro concreto completo. Temos necessidade e, por muitos motivos, o desejo de partilhá-lo com outros à proporção que se desenvolve. Foi, portanto, desvanecedor verificar que outros desejam observar em nossa companhia o progresso da exploração deste mundo verdadeiramente novo e significativo dentro dos limites da personalidade do homem.

Nunca um indivíduo só realiza inteiramente os progressos de certa magnitude de novos mundos. Via de regra, há muito trabalho de grupo bem como o esforço coordenado de muitos elementos auxiliares, demasiado numerosos para que se possa reconhecê-los pelos meios ordinários. Tal a verdade, especialmente com relação ao trabalho de que tratam estas páginas.

É de tal maneira realização de grupo, trabalho de tantos indivíduos, que seria vão tentar identificar a contribuição deste ou daquele. Ao contrário, a obra em si é que tem importância; a principal recompensa está na realização.

Mas, ao ler, que ninguém esqueça de que muito para trás da simples narração dos fatos está longa lista de realizadores, distribuídos amplamente pelo mundo através dos anos, muitos mesmo cujos nomes não figurarão em relato tão curto e tão geral, mas cujos esforços pacientes e belos contribuíram essencialmente para o resultado final. (*) Esta transigência com a concisão faz-se subentendendo que quantos forem conduzidos por estas páginas menos documentadas ao desejo de ultrapassá-las para as fontes originais encontrarão todo o apoio necessário. (**) Esta excursão pelo novo mundo pode tão só ser o início de uma série de viagens em que se ampliem cada vez mais os limites das descobertas no reino do que o homem denomina vagamente de espírito humano!

(*) No preparo deste livro fui auxiliado pela minha esposa e colega, a doutora Louisa E. RHINE com grande dedicação e proficiência. Prestaram-me grandes assistências Elizabeth McMahan, J. G. Pratt, e Farilla David, do Laboratório de Parapsicologia de Duke, bem como Francis PHILLIPS e R. McLean CAMPBELL do corpo editorial dos Associados William SLONE. Sou profundamente agradecido a todos eles e a outros que me auxiliaram.

(**) Os números índices que se encontram em diversos pontos deste livro referem-se a apêndices aos diversos capítulos, os quais se acham reunidos no fim da obra, e nos quais se encontram referências para leituras mais detalhadas.

PARTE I

EXPLORAÇÕES EM O NOVO MUNDO

Capítulo 1

Mapa das Áreas Descobertas

Esse novo mundo é somente novo para a ciência. Sempre esteve presente. As suas manifestações espontâneas exibiram-se em todas as culturas humanas de que há notícia aos olhos e aos ouvidos dos homens. Quase todos estão mais ou menos familiarizados com elas; chamam-se comumente de experiências "psíquicas" ou, mais profissionalmente, ocorrências psi. O ramo da ciência que resultou do estudo desses fenômenos psíquicos foi conhecido primeiramente como pesquisa psíquica; chama-se atualmente parapsicologia. Essas experiências espontâneas ainda servem de introdução ao campo, muito embora só por si não se considerem como prova suficiente.

Eis a seguir alguns exemplos de tipos comuns de experiências psíquicas: - Um dia veio ver-me uma estudante para dizer-me que a companheira de quarto acordara transtornada por ter ouvido a avó chamá-la pelo nome. Estava certa que isso significava alguma novidade em casa e desejava telefonar. Persuadiram-na, contudo, que esperasse até de manhã. Quando entrou em contato com a família soube que durante a noite o pai tivera um enfarte e a avó tinha chamado a moça, sem se lembrar, devido à comoção geral, que era interna na escola. Em Springfield, New Jersey, um menino de quatro anos acordou a gritar em um pesadelo; imaginava que o pai estivesse lutando para sair de dentro de água, estando no meio de juncos altos. Dois dias depois virou o barco em que estavam o pai e o cunhado, que se achavam em uma lagoa procurando apanhar patos durante um vendaval. O cunhado pereceu afogado e o pai somente se salvo, depois de uma luta desesperada no meio dos juncos altos. Lembrou-se do sonho do filho quando abria caminho desesperadamente no meio da vegetação.

Uma senhora de nossa amizade que conheço há vinte e cinco anos passaram a noite, em companhia de uma filhinha, em casa de uma amiga que fora visitar. De noite, a criança, aterrorizada, acordou-a, segurando-se a ela a chorar: "Mamãe, mande embora esse velho". Dizia que estava arrastando uma corrente. De manhã a visita contou à dona da casa o que tinha acontecido; esta revelou que outras pessoas tinham visto um velho com uma corrente naquele quarto. Ela havia esperado que ele não "voltasse". Uma senhora do Ohio escreveu contando que na manhã em que o neto de sete anos morreu, um gerânio, que estivera no peitoril da janela da sala de jantar durante todo o inverno, caiu, quebrando-se o vaso em pedaços. Não se observou qualquer pancada ou qualquer outro motivo para que o vaso tombasse naquela ocasião. Ela era de opinião que havia caído no momento exato em que o neto faleceu. Algumas outras pessoas da família tinham tencionado levar-lhe um gerânio naquela manhã. Na tarde seguinte a avó e a mãe do menino estavam sentadas na sala de jantar fazendo uma refeição e falando a respeito do menino. Ambas estavam olhando o vaso com o gerânio,

que tinha sido novamente colocado no peitoril. "Mãe, viu a planta?" exclamou a filha. "Parece ter saltado". A avó respondeu: "Vi sim, foi como se Jeffrey estivesse procurando falar conosco". Antes que qualquer das duas pudesse levantar-se para ver se a planta estava firme no vaso, ela caiu novamente para frente e foi ao chão.

Que ninguém se lembre, neste ponto, de explicar estes casos de experiências psíquicas por maneira não-psíquica. Seria deixar de perceber-lhes a significação. Não se devem encarar tais experiências como prova bastante só por si. Não constituem absolutamente a espécie de material que serve de prova em qualquer dos estudos que se levam em conta neste livro; mas sem tentar de qualquer maneira tirar conclusões a respeito, é possível, todavia, algo deduzir deles, com inteira segurança. Neste momento, contudo, o único objetivo que se tem em vista apresentando tais exemplos consiste em esclarecer o que em geral se entende por ocorrências psíquicas.

Combinam-se duas características para tornar psíquica qualquer ocorrência: primeiro, a possibilidade de atribuir o acontecimento a certa espécie de órgão ou causação pessoal. Parece mais acontecimento impessoal semelhante a relâmpago; é preciso que implique alguma personalidade. Segundo, não deverá existir qualquer explicação razoável da maneira pela qual o acontecimento se produziu, nenhuma explicação, isto é, em termos da ciência ortodoxa atual. A experiência psíquica é, portanto, uma espécie de milagre - quer dizer, fenômeno inexplicável - mas que não se atribua à divindade.

Em cada um dos exemplos citados, algo acontece inteiramente inexplicável. Como poderia a moça saber que a avô a estava chamando? Como poderia o menino ter previsto, se o previu, que o pai quase se afogaria? Como poderia a filhinha da minha conhecida ter visto a mesma aparição que outros haviam visto antes no mesmo quarto? E que princípio conhecido poderia ter empurrado o gerânio duas vezes, sendo que em uma as mulheres o observavam? Mesmo fazendo toda espécie de reservas, conforme devemos fazer, quanto a incertezas de observação e descrição ou outras semelhantes, ainda é possível ver que tais experiências têm algo em comum. Satisfazem a

um e outro critério: são inexplicáveis e em cada caso o órgão parece ter sido pessoal; o acontecimento, se deu conforme descrito, não se realizou por si.

Existem, porém, muitos fatos em a natureza e especialmente em a natureza humana, ainda inexplicável. De fato, conforme o reconhecerá o psicólogo refletido, mui pouco se conhece realmente com relação ao que há de fundamental nas pessoas e na personalidade; isto é, pouco de tudo quanto é mister conhecer. Que é, então, que torna estes fenômenos psíquicos tão singulares e desafiadores de tal maneira que a investigação dessa área particular do vasto desconhecido tenha patenteado novo mundo?

A resposta exige mais algumas palavras quanto à maneira pela qual se realizam os acontecimentos psíquicos. Não são simplesmente inexplicáveis; tais ocorrências são inteiramente impossíveis se as idéias padronizadas dos manuais a respeito do mundo e do homem forem certas. A questão é que tais experiências, se algo nelas existe, não são apenas desconcertantes; são revolucionárias. Ou muitos milhares de relatos das coleções são inteiramente enganadores ou então a filosofia do homem, correntemente dominante nas ciências convencionais está errada; porque, de conformidade com essa filosofia, nada do que se contém em tais ocorrências poderia de qualquer maneira acontecer.

Examinemos então, cuidadosamente, o que há de tão contraditório nas experiências psíquicas. O que há de tão revolucionário a respeito? Por que não se podem explicar prontamente? A resposta é que os sábios da nossa cultura só dispõem de duas espécies gerais de explicações para tudo quanto acontece: todas as teorias quanto às causas fundamentais dos acontecimentos têm de figurar sob um de dois títulos, naturais ou sobrenaturais. As primeiras teorias do homem a respeito do que se passa no mundo importavam largamente no sobrenatural; mas, mais tarde, quando o esforço para descobrir causas mais racionalmente aceitáveis foi coroado de êxito, a ciência conquistou uma área após outra e o sobrenatural teve de ceder lugar. Como o progresso era naturalmente maior e mais fácil nas áreas mais objetivas, como as

que tratam da matéria e do movimento, os conhecimentos acumularam-se mais rapidamente nas ciências físicas. Daí terem-se tomado os padrões do pensamento científico das leis físicas, dos conceitos físicos de causação e das propriedades físicas dos seres. Como a natureza física caiu sob controle em primeiro lugar, fixou-se de tal maneira o modelo para os hábitos intelectuais da ciência como um todo.

Para o maior número dos estudiosos da ciência, lei natural veio a significar, portanto, lei física. Os estudos da natureza viram-se dominados por toda parte por maneiras físicas de pensar e de explicar, mesmo em psicologia, ciência inicial da natureza humana. As escolas de psicologia, em sua maior parte, tornaram-se e permaneceram até hoje mais ou menos francamente físicas. A única alternativa que conheciam ou que conhecem mesmo agora era o supranaturalismo de que tinham livrado a ciência. O supranaturalismo tornou-se assim a própria antítese da ciência, e tudo quanto desafiava a explicação física cheirava a supranaturalismo.

Contudo, havia esses milhares de experiências inexplicáveis que muitos dizem ter-lhes acontecidos - acontecimentos que parece desafiar a interpretação física. Parecem naturais, muito embora sejam espontâneos e desconcertantes. A moça ouviu a avó chamá-la quando estava a algumas centenas de quilômetros de distância. O menino previu o acidente com o pai dois dias antes da ocorrência. Não existe qualquer estímulo físico imaginável que pudesse ter provocado a experiência da menina que disse ter visto o velho com a corrente, e não se conhece qualquer energia que pudesse ter derrubado o vaso de gerânio da janela quando aí havia permanecido durante muitos meses. Mesmo que estes simples exemplos não evidentes de experiências sirvam somente para levantar perguntas, é claro que, se os considerarmos de qualquer maneira, não será possível explicá-los em termos de processos físicos.

Bem ao contrário, esse tipo de experiência arrasta qualquer um bem para fora do mundo de que trata a física. Assim sendo, se algo houver de genuíno nas ocorrências psíquicas, deverá representar

mundo diferente no que diz respeito ao físico. Mas o físico proporciona a única espécie de termos descritivos que os cientistas criaram ao tratar dos mundos que conquistaram no passado. A parapsicologia é, portanto, o primeiro novo mundo da ciência além da física.

Ter-se-á, portanto, de conceder que o mundo de fenômenos de que vamos tratar é novo. Sem dúvida alguma o é, pelo menos para a ciência natural. Se convenientemente estabelecido como real, poderá alterar profundamente os pontos de vistas convencionais do homem e seu universo. Seja o que for que assim fizer terá de afetar-lhe a conduta da vida; e tal seria novidade bastante, sem dúvida alguma! Antes, porém, de atacar no capítulo seguinte a questão da firmeza perfeitamente estabelecida da posse ou reivindicação desse novo mundo, esboçarei as divisões principais do que se conseguiu até agora trazer à clara perspectiva científica.

Tal esboço deve começar pelo setor do campo de pesquisa que melhor se prestou à investigação científica. Citaremos, para fins de esclarecimento, exemplos de experiências psi espontâneas, típicas, que fizeram surgir às indagações às quais as pesquisas procuram responder. Para muitas pessoas o tipo mais comum de experiência psíquica é aquele em que o indivíduo ao qual ela ocorre parece saber o que se está passando, perceber algum acontecimento objetivo real, mas quando se encontra muito afastado da cena em que se passa, não podendo, portanto, basear-se em qualquer dos sentidos conhecidos. As experiências dessa percepção extra-sensorial (ESP) de acontecimentos objetivos, comumente denominada clarividência, tomam muitas formas. Uma das mais comuns é a impressão, intuição ou coerção para agir. Um velho amigo, diretor de uma firma, disse-me que uma vez a progenitora tinha ido fazer uma excursão de fim de semana a alguns quilômetros de distância, deixando em casa o marido ligeiramente indisposto. De repente sentiu forte impulso de voltar para casa, muito embora não pudesse dar qualquer explicação racional, sendo além disso a hora (tarde da noite) extraordinária e inoportuna. Tinha somente um sentimento geral de que havia algo de anormal em casa. Quando lá chegou,

verificou que a casa se incendiara devido a umas fagulhas da lareira. O marido estava dormindo no primeiro andar inteiramente despercebido do perigo.

Por vezes, especialmente em sonhos, vê-se a cena com clareza quase fotográfica. Durante a Segunda Guerra Mundial, uma mulher de Filadélfia viu em sonho o navio Oregon atacado por um navio de guerra, ao largo de Nantucket, e o filho, que era imediato daquele, agarrado a uma jangada com mais alguns. Acordou a família com os gritos que deu. Os jornais do dia seguinte confirmaram o quadro muito aproximadamente conforme havia visto. O filho estava entre os sobreviventes. Nem sempre, porém, ao despertar o indivíduo tem visão consciente tão clara da cena. Contudo, uma dessas pessoas raras foi o distinto sueco, Emanuel SWEDENBORG, que contemplou e relatou o desenrolar de um incêndio desastroso a muitos quilômetros de distância de Estocolmo, quando estava em Gottenborg, em 1759. Em outra ocasião, jantando com o dono de uma fábrica, SWEDENBORG avisou-lhe que se havia manifestado um incêndio no estabelecimento. Verificou-se que o aviso fora acertado e a tempo. Até mesmo crianças experimentam vívidos lampejos de clarividência. Durante a Primeira Guerra Mundial, uma criança de três anos e meio deixou de repente de brincar, a 7 de novembro de 1918, procedendo como se estivesse machucada e exclamou: "Meu pai está sufocado. Caiu num buraco e não pode ver". Quando o pai voltou da França verificou-se que exatamente naquela hora tinha ficado sufocado por gases em uma adega e, em consequência, perdera a visão durante três semanas.

Estes e muitos outros casos semelhantes registrados sugerem claramente (não digo "provam"!) que algumas pessoas têm em certas ocasiões conhecimento perceptivo que os faz agir ou então uma emoção apropriada - sem que percebam, muitas vezes, a significação completa do acontecimento na ocasião. Contudo, somente poucos indivíduos referem tais experiências. Tais fatos não se dão com a maioria das pessoas. Entre os que os experimentam, alguns têm um caso único durante a vida inteira, enquanto outros podem citar muitos. Todas essas experiências, contudo, são espontâneas, não se

submetendo ao controle do indivíduo. É mais provável que se introduzam na pessoa quando desprevenida, como em sonhos, ou quando, se acordada, não está concentrando fortemente os pensamentos.

Através dos tempos tem havido inúmeras tentativas para controlar e utilizar a clarividência. As várias espécies de quiromancia e conselho secreto que têm abundado em todas as culturas são por demais numerosas para que se possam relacionar. O que ressalta, contudo, é não ter qualquer delas resistido suficientemente bem através dos anos para tornar-se prática estabelecida capaz de se transmitir como arte bem desenvolvida. Em cultura alguma se observa tal domínio sobre a percepção clarividente que fosse possível transmitir à posteridade. A ocorrência psi não-experimental é, portanto, tipo completamente espontâneo de experiência, que nunca durante todo o passado foi bem compreendido ou suficientemente conhecido para se utilizar qualquer maneira segura.

Submeteram-se finalmente à investigação experimental os lampejos espontâneos da percepção clarividente. Não seria de esperar que tudo quanto ocorre tão espontânea e incertamente como esses fenômenos possa registrar-se e controlar-se num primeiro estágio de pesquisa científica, visto como a espontaneidade e a submissão a leis são características opostas. Condições experimentais que suprimam a incerteza de operações naturais são difíceis de impor a um tipo de ocorrência tão fugaz como este. De qualquer maneira, sem entrar na longa história do desenvolvimento vagaroso através do qual se processaram as experiências de tais modos extra-sensoriais de percepção, como a clarividência, passarei ao tipo de experiência que permitiu aos cientistas interessados decidir se o ESP clarividente (percepção extra-sensorial) ocorre ou não realmente fora do alcance de qualquer dúvida legítima. Estabelecê-lo constituía em si mesmo um primeiro passo necessário e fundamental.

Descreverei uma experiência (1) que se realizou na Universidade de Duke em 1933 no que se passou a conhecer como o

Laboratório de Parapsicologia. Muito embora tenha sido mencionado muitas vezes em publicações, escolho este trabalho especial por ter-se prestado para mostrar a todos que nele participaram que o ESP do tipo clarividente realmente é capaz de ocorrer. Esta experiência foi algo como um ponto crítico ou um marco, pelo menos, para o Laboratório de Duke. Antes de descrevê-la, contudo, devo fornecer alguns dos seus antecedentes.

1. RHINE, J. B., *Percepção Extra-sensorial* (Boston: Bruce Humphries, 1934), págs. 85-86.

Na ocasião era meu assistente de pesquisas J. G. PRATT, diplomado em psicologia. Em longa série de experiências, algumas de caráter exploratório, PRATT e eu tivemos como sujeito principal um estudante, Hubert E. PEARCE JR. Na maior parte dessas experiências, deu-se instruções a PEARCE para que identificasse a ordem das cartas em um baralho de vinte e cinco, as quais estavam viradas para baixo e escondidas dele. Ele conhecia os cinco símbolos ou naipes (estrela, círculo, quadrado, cruz e ondas) das cartas e ou registrava a resposta ("palpite"), ou a enunciava em voz alta. O número de vezes que acertou foi suficientemente elevado para indicar a atuação de algo mais do que o simples acaso. Em seguida, modificou-se o processo da experiência de sorte a aumentar as garantias contra erro ou sugestões sensoriais. Por exemplo, encobriram-se completamente as cartas durante as fases mais adiantadas da experiência ou então foram levadas para outro cômodo; mas, mesmo depois de se haverem tomado estas precauções, PEARCE (e outros sujeitos depois dele) continuaram a marcar pontos em tal proporção que estava significativamente acima da que seria de esperar tão só do acaso.

A experiência e o baralho de cartas utilizado agora conhecido como baralho ESP tinham sido imaginados de sorte a tornar fácil não só a medida da percentagem de sucesso mas a margem que era de conceder apenas ao acaso. No correr de vinte e cinco experiências de cartas, com cinco cartas de cada naipe no baralho e somente conhecendo o sujeito o sucesso ou o fracasso ao fim da experiência, o acaso somente daria, em uma série suficientemente longa, a média

aproximada de cinco acertos ou 20 por cento. (Experimentamos a própria teoria do acaso neste processo até meio milhão de experiências). (2)

2. GREENWOOD, J. A., "Análise de grande série de controle do acaso em dados de ESP", *J. Parapsychol.*, 2 (1938), págs. 138-146.

PEARCE, sujeito notável, acusava a média de seis até onze acertos em cada série (isto é, 24 a 44 por cento) em uma sessão experimental. Várias vezes, contudo, em séries de vinte e cinco experiências, não marcou ponto algum; isto é, não acertou em qualquer carta do baralho. Uma vez, também, em certas circunstâncias não formais mas apesar disso impressionante, acertou em todas as vinte e cinco cartas sucessivas. Quando se realizou a experiência especial que vamos descrever, o número médio de acertos tinha sido de oito por série num conjunto de setecentas séries consecutivas.

Na experiência que PRATT e eu conduzimos com PEARCE em agosto e setembro de 1933, tínhamos por objetivo estabelecer condições inteiramente convenientes para a exclusão de quaisquer fatores capazes de acarretar acertos fora do acaso, exceto ESP. PRATT manipulava o baralho em um edifício (atualmente o de Ciências Sociais nos terrenos de esportes de Duke) enquanto PEARCE estava localizado em um cubículo de leitura do outro lado do quadrângulo, situado por trás das estantes no fundo da Biblioteca da Universidade de Duke. Desse modo, encontrava-se a uma distância aproximada de 90 metros do baralho.

No início de cada sessão, antes de PEARCE seguir para o cubículo, sincronizava o relógio com o de PRATT. Depois da partida dele, PRATT baralhava as cartas e colocava o baralho no canto esquerdo da mesa. Ao tempo combinado para começar, PRATT retirava a carta de cima do baralho e, sem olhá-la, colocava-a virada para baixo sobre um livro no meio da mesa e aí a deixava durante um minuto. Em seguida segurava a carta, conservando-a ainda virada para baixo e colocava-a ao lado direito da mesa, tomando logo em seguida a carta seguinte para colocar sobre o livro. Assim continuava até transferir todas as cartas para o outro lado.

Gastavam-se, portanto, vinte e cinco minutos para cada série de vinte e cinco experiências. Depois PRATT registrava a ordem das cartas em duplicata e, para maior garantia, antes de encontrar-se com PEARCE, fechava um exemplar em um envelope que me entregava.

Nesse ínterim, no cubículo do outro edifício, PEARCE registrava em uma folha de papel durante cada minuto o símbolo que julgava ser o da carta que PRATT pusera em posição na ocasião. Ao fim da série, também ele fazia uma cópia do registro dos vinte e cinco palpites e fechava um exemplar em um envelope para o meu registro, antes de confronto com a cópia de PRATT. Desta maneira, eu ficava em condições de proceder a uma verificação independente por meio das minhas cópias e os dois operadores juntos procediam à respectiva verificação quanto ao número de acertos obtidos. Assim evitava-se qualquer dúvida quanto à boa fé de qualquer dos três operadores.

Fazia-se por dia duas séries do baralho inteiro e o número total consistia em 12 séries ou 300 experiências. O número de acertos esperados numa teoria de puro acaso era de 20 por cento de 300 ou 60 acertos. PEARCE conseguiu um total de 119 acertos ou o dobro menos um do número que seria de se esperar do acaso. O número médio de acertos por série foi de 9,9 por 25 ou 39,7 por cento do número total de experiências feitas. Um número de acertos tão grande como este de 119 em 300 experiências somente se poderia esperar que ocorresse por acaso em cerca de um quadrilhão de tais experiências; ficamos, portanto, sabendo que qualquer pessoa de bom senso, sem maior discussão estaria de acordo conosco em afastar a explicação do acaso.

Não existem processos sensoriais conhecidos que se pudesse supor atuassem nessas condições. Tipo algum de inferência racional se aplicaria a um caso desta espécie. O exame da ordem em que as cartas se sucediam não revelava qualquer retorno do tipo do símbolo, em que PEARCE poderia ter caído por acidente ou por ter encontrado tal tipo em séries anteriores. Em consequência, vimo-nos forçados a decidir que, fosse o que fosse a clarividência ou a percepção extra-sensorial de objetos, estávamos na presença de um

fato dessa ordem. Tinha-se chegado a resultados sob o mais rigoroso controle.

Sem dúvida, as conclusões acima tinham certas limitações bem definidas; naturalmente, a demonstração experimental de PEARCE não estabelecia tudo quanto pode ocorrer em casos espontâneos. Não explicava o que é a clarividência, nem mesmo como produz semelhante resultado. Esta experiência coroada de êxito foi um primeiro passo necessário, mas somente o primeiro passo. Tínhamos achado simplesmente que é possível demonstrar a percepção clarividente sob condições experimentais bem controladas. Questão diferente era como se realizou, como se repetiria à experiência, quantas pessoas a fariam, ou com que perfeição o sujeito médio a faria, etc. Mostrou-se que a clarividência ocorria nessa ocasião, com este sujeito e com este experimentador e esta situação; esta a conclusão segura que era possível tirar da experiência realizada; a experiência mantinha-se por si mesma, deixando as outras questões para outras pesquisas.

Contudo, mesmo quando se reduz dessa maneira, tal demonstração era em si mesma novo passo radical para a ciência. Houve ecos neste sentido na reação que a publicação dos resultados provocou entre os psicólogos profissionais, a cujo campo pertence à experiência. O relatório dessas pesquisas (em um livro intitulado Percepção extra-sensorial) deu início ao que é sem dúvida alguma a discussão mais acalorada que a psicologia americana até hoje experimentou. Alguns reflexos desse calor ainda se encontram no capítulo seguinte; pelo menos, indica, para dizê-lo moderadamente, que as descobertas não eram matéria já conhecida.

A clarividência parece simples, todavia, em comparação com a espécie de experiências que vêm em seguida - as que compreendem o futuro. Apresentam-se em seguida porque se assemelham à clarividência, diferindo somente em se reportarem a acontecimentos por vir ao invés de presentes ou passados. De fato, o que mais desnorteia quando a este novo tipo de questões psíquicas é que não mostram qualquer relação com o tempo. Em cerca de metade da grande coleção de casos espontâneos (3) da doutora Louisa E.

RHINE a cena ou o acontecimento relacionado com a experiência do sujeito não se realizou realmente na ocasião. Em outras palavras, se forem corretos o relato e a interpretação, a percepção é profética ou precognitiva.

3. RHINE, L. E., "Convicção e condições associadas em casos espontâneos", J. Parapsychol., 15(1951), págs. 164-191.

Mais uma vez, embora seja impossível que qualquer pessoa imparcial, ao ler estes casos às centenas, deixe de ficar profundamente impressionada, repito que, para o investigador de parapsicologia estes relatos têm valor não como prova mas como sugestões que formulam de setores ainda não descobertos oferecendo possibilidades para pesquisas ulteriores.

A melhor maneira de encarar estas questões de ESP do futuro consiste em perguntar antes de tudo: qual o efeito do espaço? De fato, foi o ataque bem sucedido à questão da distancia que conduziu à investigação do tempo em relação a ESP. Resulta bastante evidente tanto das experiências quanto das experimentações que o ESP não se limita a pequenas distâncias. SWEDENBORG, conforme dissemos, estava a quinhentos quilômetros pelo menos do incêndio que, segundo se conta, foi capaz de perceber.

A criança que "viu" o pai sufocado por gases em 1918 na França estava a cinco mil quilômetros de distância. A revisão de milhares de casos na coleção de Duke não revela qualquer relação entre a distância e o número ou tipo de experiências psíquicas.

Os resultados de pesquisas em laboratório confirmam esta observação. PEARCE, nas experiências à distância, estava colocado a noventa metros das cartas-alvo. A média de acertos que conseguiu nessa distância foi aproximadamente igual à que obteve em experiências em que as cartas estavam sobre a mesa diante dele. É possível concluir, portanto, que a distância em si não é fator importante em ESP espontânea ou experimental.

Mas o mundo da física moderna é invariavelmente um sistema de espaço-tempo. Deve esperar-se, portanto, que se verifique serem os fenômenos psíquicos tão independentes do tempo como do

espaço. Não seria de esperar que o tempo revelasse relação restritiva se o espaço deixasse de acusá-la.

E o tempo não a acusa. É bastante curioso observar que o indivíduo quando tem uma experiência de clarividência freqüentemente ignora se o acontecimento que lhe veio à consciência se realizou ou não. Provavelmente tal o caso quando estão em jogo acontecimentos distantes. Não há qualquer flecha indicando o tempo juntamente com a experiência que a assinale como presente, passada ou futura . . . Velha colega disse certa vez a uma amiga que tinha visto a notícia em um jornal da morte de um amigo comum por enfarte. A outra mulher exprimiu surpresa e incredulidade. Que jornal? Onde? Quando examinaram os jornais não encontraram a notícia. A minha amiga ficou verdadeiramente intrigada. Teria sonhado? No dia seguinte, contudo, a pessoa que as havia intrigado tanto sofreu um enfarte e o jornal do dia subsequente trazia a notícia que a minha amiga imaginara ter visto antes. Podia ter-se dado perfeitamente que tivesse sonhado ter lido a notícia e, conforme acontece às vezes, não se lembrasse que tinha sido sonho.

As experiências precognitivas manifestam-se mais comumente como sonhos. Tais sonhos podem não ser exato. Muita vez são fragmentários, outros dramatizados e complicados. Por vezes apresentam substituições interessantes como o seguinte: uma senhora em Youngstown sonhou que tinha machucado a mão direita. Não sonhou como lhe acontecera, mas sentia somente muita dor. Pensou que procurava um médico, mas não foi capaz de encontrar. Afinal deu com um que lhe disse: "Não se preocupe. Ficaré boa depressa". Mas continuava a repetir: "Doutor, está doendo". O sonho impressionou-a tanto que o contou à irmã. Na manhã seguinte a filhinha de cinco anos de idade prendeu a mão direita no espremedor automático. Com a filha a gritar de dor, procurou dois médicos que entretanto estavam ausentes. Encontrou, porém, um terceiro. ele examinou a criança e disse: "Não se preocupe. Ficaré boa depressa".

A criança continuou a dizer durante o dia, conforme a mãe o fizera a sonhar: "Está doendo!" O efeito de provocação do pensamento é o principal valor de tais relatos; mas dificilmente se

pode subestimá-lo. O caso que acabamos de citar, por exemplo, importa no que parece telepatia precognitiva, visto como a progenitora parecia sofrer a mesma dor que a filha mais tarde suportou.

Poder-se-ia naturalmente pensar que, se existir precognição, embora espontânea, e se tiver qualquer valor prático, evitaria às pessoas certos perigos iminentes. Há numerosos casos que sugerem essa possibilidade. No dia seguinte a um incêndio desastroso em um hotel de Atlanta, uma estudante de Duke veio contar-me a seguinte história. Pouca hora antes de o incêndio manifestar-se, os pais, que tinham resolvido pernoitar no hotel, se levantaram às duas horas da madrugada, vestiram-se e voltaram para casa. Nada de exterior os perturbara. A senhora tivera tão somente certo sentimento de mal-estar. Insistia para que deixassem o hotel e conseguiu convencer o marido, que queria dormir. Talvez tivesse tido um sonho de que não se lembrasse. De qualquer maneira, o impulso para agir foi tudo quanto lhe penetrou a consciência desperta.

Muitas pessoas têm apenas palpites premonitórios, aparentemente sem sonhos ou qualquer outra impressão mais detalhada. A esposa de um dos meus colegas acredita saber freqüentemente da aproximação do perigo a tempo de evitá-lo. Certa noite ela e o marido estavam prestes a voltar de automóvel de Norfolk, na Virgínia, para casa, quando teve um palpite de perigo à frente. Em consequência, ao invés de se dirigirem para casa tarde da noite, resolveram dormir em Norfolk. Ao voltarem para Durham no dia seguinte, quando atravessavam a área deserta do Pantanal Funesto quebrou-se a transmissão do carro. A situação desagradável em que se encontraram teria sido muito pior se desse naquela região deserta durante a noite.

Seria na realidade mentalmente inerte a pessoa que não reagisse a experiências dessa ordem. As indagações que provocam irradiam em todas as direções, mas a questão principal é se importam em qualquer verdadeira precognição, se o espírito é capaz de transcender de algum modo às barreiras do tempo adquirindo impressões fidedignas de acontecimentos por vir, fatos que,

conforme imaginamos comumente, ainda estão esperando o respectivo lugar na seriação dos desenvolvimentos causais. Se o espírito pudesse fazê-lo e ocorresse realmente verdadeira precognição, as conseqüências dessa descoberta para o pensamento humano ultrapassariam com toda certeza qualquer descrição.

Por estas preliminares pode-se ver que fica fortemente sugerida a hipótese da precognição e, desde que se tornou evidente a possibilidade de submetê-la a experiências, a sugestão era suficiente. Nada, de fato, parecia tão urgente e importante como trazer a questão da profecia a provas experimentais controladas. Deu-se início às experiências no outono de 1933, em continuação às experiências de distância de PEARCE e PRATT. Mesmo assim, as experiências de precognição são ainda demasiado recentes até para a nova ciência de parapsicologia. Na realidade, é de admirar como, à vista de tantas práticas que reivindicam compreender a profecia, as quais se têm realizado em tantos lugares e tantas épocas, ninguém tenha até agora procurado submeter à questão a provas sistemáticas. Ao que se saiba, ninguém até hoje tentou submeter a precognição a provas, e de supor que todos quantos eram bastante capazes de considerar que espécie de experiência seria necessária para examiná-la, mostravam-se por demais críticos em relação às provas superficiais e às reivindicações de profecia para dependerem o esforço considerável indispensável à realização de tal experimentação.

Contudo, uma experiência em precognição seguiu-se naturalmente à demonstração de ESP de PEARCE à distância em 1933. O processo utilizado para provar a clarividência adaptou-se com facilidade à experiência preliminar de precognição. Foi necessário tão-somente pedir ao sujeito indicasse na folha de registro não a ordem das cartas no baralho na ocasião mas qual seria a ordem depois de se baralharem as cartas. Os resultados conseguidos nesta espécie de predição mostraram-se acima da média do acaso. Melhoraram-se em seguida o processo e as condições impostas a fim de evitar qualquer tipo imaginável de erro ou qualquer hipótese contrária. Por exemplo, introduziram-se diversos

tipos de casualidade na ordem das cartas com o intuito de assegurar arranjo casual.

Para experiências de precognição é importante ter certeza de que a série de acontecimentos destinada à predição do sujeito seja mesmo casual. Verificamos desde o início que o baralhamento à mão não era adequado; de fato, verificou-se mais tarde ser possível combinar o ESP com o baralhamento, de sorte a fazer com que o baralho correspondesse a uma série de palpites a um ponto acima do acaso - diremos "baralhamento psíquico". Por este motivo, abandonou-se o baralhamento à mão e adotou-se a máquina de baralhar. Todavia, nem mesmo o emprego desses dispositivos mecânicos satisfaz a todos nós. Finalmente, em 1941, conseguiu-se acordo razoável quando se adotou o seguinte plano para a realização das experiências: cortava-se o baralho de cartas-alvo utilizando os valores de temperatura máxima e mínima publicados em certo jornal em certo dia em futuro especificado, naturalmente, de antemão. Pedia-se então aos sujeitos que predissesse qual seria a ordem das cartas quando se procedesse ao corte do baralho especificado.

Conforme aconteceu, os sujeitos empregados nessas experiências, eram, na maior parte, ingênuos, (4) e, sem dúvida, essa circunstância foi feliz porque não discutiram o processo que servia para a escolha dos alvos. De qualquer maneira, não era possível supor que tivessem dispensado grande atenção aos detalhes, o que provavelmente contribuiu para que se saíssem bem. Os que tiveram maior êxito foram crianças e adolescentes. Simplificamos o mais possível à tarefa que oferecíamos aos sujeitos. Davam-se-lhes folhas de registro em que havia cinco colunas duplas curtas, cada uma com cinco espaços. Dizia-se aos sujeitos que mais tarde por-se-iam certos símbolos nos espaços à direita das colunas, cabendo-lhes escrever nos espaços à esquerda os símbolos que mais tarde apareceriam à direita. Nada se dizia quanto à maneira segundo a qual esses símbolos alvo seriam escolhidos.

4. RHINE, J. B., "Prova de precognição na covariação de relações salientes", J. Parapsychol., 6 (1942), págs. 111-143.

Os acertos que se apuraram nessas experiências não ficaram muito acima da média esperada do acaso. Em primeiro lugar, não dispúnhamos de sujeitos excepcionais como PEARCE na ocasião. Assim também, estávamos fazendo questão de empregar sujeitos não escolhidos crianças, adolescentes e adultos que atraíamos para a experiência por meio de reuniões e pequenas recompensas. Além disso, como era impossível prometer qualquer conhecimento do número de acertos e, portanto, dar-lhes qualquer compensação até que terminasse o período de verificação, que duraria de um a dez dias depois da experiência, grande parte do incentivo e da excitação inerente às experiências de clarividência perdeu-se provavelmente. Contudo, a primeira série que realizamos forneceu resultados significativos ou extra-acaso (mediante medida precisa conhecida como covariação de saliência-razão, descrita no relatório original). A probabilidade contra a obtenção de acertos da espécie que obtivemos era da ordem de 500 para 1. este valor está muito acima do critério padrão para considerar que algo de legítimo está-se passando, algo acima do próprio acaso.

Era começo que bem merecia continuação. Ficamos suficientemente animados para realizar segunda experiência, (5) e conduzimo-la também em 1941 com o auxílio de Betty M. HUMPHREY, que então estudava psicologia. Nesta segunda pesquisa, essencialmente sob as mesmas condições no que dizia respeito a precauções e processos, ainda conseguimos resultados significativos. Neste caso a probabilidade ainda era da ordem de 500 para 1, quanto a atingirem os nossos sujeitos resultados esperados só do acaso. Combinando as duas experiências, verificamos que não estávamos manipulando simples resultados acidentais. As crianças especialmente realizavam algo que se relacionava de certa maneira segura a uma ordem de cartas que se fixaria somente depois de dois a doze dias, escolhendo-se então por processos que assegurassem alvos fortuitos. A possibilidade única contrária seria ter sido o baralho cortado ou baralho de sorte a fazer com que a ordem das cartas se ajustasse à folha de registro dos palpites. Nem o sujeito nem os experimentadores tinham qualquer oportunidade concebível

de fazê-lo menos que influíssem sobre a temperatura (sobre o termômetro ou sobre o observador que fizesse as leituras) pelo processo de psicocinese ou PC, isto é, ação direta do espírito sobre a matéria. Voltaremos a este assunto em capítulo posterior.

5. HUMPHREY, B. M., e J. B. RHINE, "Estudo confirmador de saliência em experiências de precognição", *J. Parapsychol.*, 6 (1942), págs. 192-219.

Estivemos e ainda estamos perto demais desta primeira prova grosseiramente desbastada da precognição para avaliá-la com a precisão conveniente. Sentíamos estar oscilando muito para cima das antigas paredes convencionais de séculos de ortodoxia científica, distinguindo obscuramente os amplos contornos de mundo fantasticamente novo e estranho aos que vivem sob o teto padronizado das idéias convencionais. De outro modo dificilmente teríamos persistido em experiências tão difíceis por si mesmas e tão seguramente condenadas de antemão à rejeição persistente daqueles que determinam as opiniões dominantes da ciência. Agora, contudo, a questão velha como o tempo da precognição tinha-se apresentado à experiência. Criara-se um processo e obtiveram-se resultados sob condições capazes de enfrentar as hipóteses contrárias da época. Abriu-se o caminho para que outros prossigam e aperfeiçoem o que se fez.

As experiências indicavam que o ESP podia, sob condições controladas, chegar a transcender espaço e tempo. Era tudo quanto se podia concluir. Não se demonstrara ser possível produzir o efeito com qualquer pessoa em qualquer ocasião sob quaisquer condições. Em linguagem de beisebol, tínhamos chegado somente à primeira base mostrando a possibilidade de estabelecer-se relação efetiva entre alguns indivíduos e uma ordem futura de acontecimentos.

Contudo, mesmo a afirmação restrita destes resultados limitados em assunto de tão grande relevância é quase tão revolucionária em relação à filosofia científica estabelecida de hoje como se poderia imaginar. Não somente não existe qualquer teoria física corrente que justifique tais resultados, mas a própria ocorrência constitui fato indisputável e irreduzível que desafia qualquer conceito idôneo de causação física que até agora o homem tenha tido. De sorte que não

pode haver dúvida que quanto se descobriu nessas experiências é novo, realmente, para o mundo científico.

A experiência psíquica mais comum é a da telepatia. Este tipo despertou igualmente maior interesse popular e a ele dispensam mais atenção às sociedades de pesquisa psíquica. E a telepatia tem tido, assim também, a história mais curiosa de pesquisa entre todas as capacidades estranhas de ordem psíquica que até agora têm sido investigadas.

Em parte, a atenção que desde muito se dispensa à transferência espontânea do pensamento é devida ao interesse natural relacionado a tudo quanto une os indivíduos, especialmente quando separados por grandes distâncias. Há, contudo, também os casos do que se afigura contacto entre dois espíritos por sobre as barreiras do espaço, sugerindo, ainda mais do que a clarividência, a existência de algo no espírito que não está sujeito às limitações físicas que restringem as funções sensoriais. Sugerem certo grau de separação entre espírito e corpo, pelo menos em função. Assim sendo, quando, nos meados do século XIX, o choque da ciência materialista fez sentir pesadamente sobre o pensamento espiritual do mundo ocidental, muito intelectual voltaram-se para a investigação da telepatia em busca de provas da própria natureza que refutassem a afirmação de limitarem toda a vida humana as forças vagas da matéria. De fato, foi à telepatia o assunto escolhido para investigação pelos fundadores da Sociedade Inglesa de Pesquisa Psíquica, embora mais tarde as exigências da mediunidade passassem a ocupar o primeiro lugar, repelindo quase inteiramente qualquer outra consideração.

Para muita gente, a telepatia é ocorrência comum na vida diária. Observam-se muitos tipos diversos, mas só precisamos aqui exemplificar alguns. Escolherei um exemplo de um registro que minha mulher faz relativo às experiências de nossos filhos. Verificou que até atingirem as crianças à idade de entrar para a escola, houve freqüentes casos não aparatosos do que se assemelhava à telepatia entre ela e os filhos. Por exemplo, um dia em que estava passando roupa ao ferro, pôs-se a pensar, com certo pesar, que há muito não visitava a Senhora MCDOUGALL. Uma

das meninas, cuja idade regulava de 2 a 3 anos, estava brincando com dados, sentada no chão. Levantou os olhos e disse: "Mamãe, porque não vamos visitar a Senhora MCDOUGALL?" A telepatia manifesta-se mais comumente entre os que sonham. Voltarei mais uma vez para o caderno de notas da minha mulher. Uma noite acordou-a o chamado de uma filha de três anos de idade, que estava em um quarto ao lado, interrompendo-lhe um sonho quase de pesadelo. Minha mulher tinha ficado aterrorizada por perseguição vaga, indefinida e quando perguntou à filha do que se tratava, ela respondeu: "Estou assustada". "Que é que te assustou?" A criança teve de pensar. "Acho que foi um urso". Também não tinha certeza do que a assustara. (Teria minha mulher gritado enquanto dormia, assustando a filha? Em trinta e três anos de casado nunca a ouvi gritar a dormir.)

Há casos de sonhos telepáticos em que parece terem-se comunicado realmente as duas pessoas. Por exemplo, uma mulher cujo filho estava servindo no exército em uma ilha do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial, sonhou uma noite que o vento estava lançando uma palmeira sobre a tenda que ele ocupava. Aterrada, gritou-lhe o nome e acordou. Mais tarde ele escreveu que enquanto dormia naquela noite pareceu-lhe ouvi-la chamar. Levantou-se e correu para fora da tenda para verificar donde vinha a voz. Foi exatamente quando a palmeira caiu, esmagando a cama em que tinha dormido. Estava certo, escreveu-lhe, de que o sonho lhe salvara a vida. Naturalmente ele somente veio a saber que ela o tinha chamado enquanto sonhava com o perigo que ele corria quando dela recebeu uma carta. Em um dos tipos mais impressionantes de telepatia, uma pessoa experimenta o sofrimento de outra como se os dois espíritos fossem um só. Aconteceu o seguinte em uma família que conheço intimamente. Um dia o pai vinha de automóvel para casa por uma estrada de New Jersey. De repente, sentiu uma dor esmagadora através do peito, tão forte que pensou fosse morrer. Procurou parar o carro de qualquer maneira. Depois de algum tempo restabeleceu-se. Não lhe parecendo que houvesse qualquer novidade, dirigiu-se para casa. Quando estava contando à mulher o

que lhe havia acontecido, como nunca antes tinha experimentado (nem, quanto a isto, durante os muitos anos que depois decorreram), e discutindo a necessidade de exame médico, o telefone tocou. Queriam comunicar que o filho, então no Colorado, tinha morrido em um desastre quando o carro que dirigia se chocara com outro. A hora da morte do filho coincidia bastante exatamente com aquela em que sofrera a dor violenta no peito. O filho esmagara o peito contra o volante. Durante a guerra, sob a tensão de ansiedade excepcional que prevalecia, parece que a telepatia rompia mais freqüentemente do que de costume as barreiras da separação. Um dia uma estudante de Duke, filha de um dos meus amigos, veio dizer-me que durante a campanha da Itália tivera um sonho em que vira o noivo, que estava servindo no exército americano naquele setor, sair do trem na estação de Durham. Nada se notava de anormal, exceto o cabelo que estava inteiramente branco. O sonho impressionou-a, sendo levada a contá-lo a progenitora. Esta lhe recomendou que escrevesse a ele a respeito. Mostrou-me alguma linha de uma carta que havia recebido em resposta: "Durante um mês esforcei-me por pensar como poderia escrever-lhe contando o que me aconteceu. Na noite em que saltamos na Praia de Anzio o meu cabelo ficou branco. Não tinha ânimo de dizer-lhe. Deve ser a maneira que Deus escolheu para dar-lhe essa notícia."

Não há qualquer maneira de ter certeza em casos tais que houve qualquer transferência de pensamento diretamente de espírito para espírito. Contudo, é quase inteiramente possível que neste último caso a moça tenha recolhido por meio da clarividência o súbito embranquecimento dos cabelos do noivo. Embora não possa prová-lo, parece-me mais provável que os pensamentos ansiosos dele se houvessem projetado na matriz subconsciente do espírito sonhador dela. Mesmo no caso que se segue da doutora C., fica-se em dúvida quanto à explicação real. Escreveu-me dizendo que, quando estive na China, acordou uma noite durante a guerra ouvindo a mãe pronunciar-lhe o nome. Conforme soube depois, naquele momento mesmo a mãe estava morrendo em a Nova Inglaterra perguntando pela filha. Sem dúvida, não há qualquer maneira de saber se o

pensamento e a emoção da mãe, provindo da outra metade do mundo, introduziu-se na consciência da filha adormecida. A doutora C. poderia, ao invés, quem sabe, ter recebido a mensagem por meio de conhecimento clarividente de chamados objetivos. A tendência geral no passado da maior parte dos indivíduos interessados quando surgia qualquer questão desta espécie era preferir a interpretação telepática ao invés da de clarividência. Contudo, conforme veremos, não há base científica para essa preferência.

Quando se passa a considerar o trabalho experimental sobre telepatia, será prudente ter presente ao espírito que, desde quando FREDERIC W. H. MYERS criou a palavra "telepatia", há mais de cinqüenta anos, tem-se encarado em geral o fenômeno como contato direto de espírito para espírito, sem que compreenda qualquer intermediário físico do corpo de qualquer dos dois sujeitos ou outro elemento qualquer.

O estudo experimental da telepatia já passou por certo número de estádios mais importante e é possível dizer com segurança que deverá passar pelo menos por mais um. Os primeiros experimentadores que trataram da telepatia interessaram-se tanto por ela, com exclusão de qualquer outra percepção extra-sensorial, que não consideraram necessário distinguir entre diversos tipos. Se planejavam uma experiência em que se afastasse a possibilidade de qualquer espécie de percepção sensorial, e, em seguida obtinham resultados positivos, atribuíam-nos à telepatia. Se a pessoa que enviava em uma experiência de telepatia fazia um desenho que o receptor devia experimentar reproduzir, ou se olhava para uma carta ou qualquer outro objeto que o receptor deveria identificar, sem lançar mão dos sentidos, era somente necessário, para atribuir o resultado à telepatia que a resposta do receptor conferisse com os itens do emissor. Evidentemente, contudo, o receptor poderia igualmente com o auxílio da clarividência perceber diretamente o próprio objeto para o qual o emissor estivesse olhando. De tal maneira, não se afastava totalmente a clarividência em qualquer das experiências dos primeiros cinqüenta anos ou mais de investigação. Esta mesma falta de precisão prevaleceu nas pesquisas de telepatia

realizadas nos laboratórios de psicologia de algumas universidades européias e americanas.

Por volta de 1930, contudo, a clarividência já havia atraído suficientemente a atenção para que se fizesse um esforço, quando começaram as experiências no Laboratório de Duke, para distinguir entre os dois processos, telepatia e clarividência. Reconheceu-se que as primeiras experiências de telepatia haviam provado certa forma de percepção extra-sensorial, mas considerou-se necessário utilizar novos processos para descobrir se havia qualquer maneira de se conseguir o tipo telepático de ESP quando se afastasse a possibilidade de clarividência.

Nas novas experiências (para "telepatia pura" como se chamaram) que se realizaram, (6) pedia-se ao sujeito que identificasse um símbolo presente Somente no pensamento do emissor (suprimindo-se cartas ou alvos objetivos em que a clarividência atuasse): símbolo que o emissor ainda não tivesse registrado. O emissor esperava até que o receptor indicasse que havia registrado o palpite. Somente então registrava o símbolo escolhido para a experiência. De todas essas comparações resultou que não existia diferença essencial na percentagem de acertos, seja que se empregasse o processo antigo de ESP não diferenciado, seja que se utilizasse o tipo de experiência de telepatia pura. Verificou-se que os resultados eram aproximadamente idênticos, olhando ou não o emissor a carta.

6. RHINE, Percepção extra-sensorial, pág. 42.

As comparações realizadas com a terceira condição (clarividência) suprimindo inteiramente o emissor também não revelaram ordem diferente de resultados. Naturalmente nestas experiências havia simplesmente uma ordem fortuita para as cartas. Estas experiências revelaram que os sujeitos capazes de telepatia pura ou de ESP não diferenciado das antigas experiências de telepatia eram igualmente capazes de acertar nas experiências de clarividência pura nas quais não havia possibilidade de telepatia. Esta semelhança nos resultados, independentemente da variedade de ESP em que presumivelmente importava, foram descobertas dos

primeiros anos do Laboratório de Parapsicologia. Desde então tem havido sujeitos que não se saem igualmente bem nas experiências de telepatia ou de clarividência, mas tais exceções não contrariam os resultados primitivos. Indicam Somente que outros fatores que não as aptidões podem influir nos resultados, como, por exemplo, as opiniões do sujeito ou mesmo do experimentador com relação às aptidões em causa.

Parecia cada vez mais provável que todas essas operações dependiam tão só de uma única aptidão psi geral e fundamental. Esta sugestão resultou das provas acumuladas de que as mesmas condições gerais parece afetarem o sucesso tanto em uma espécie de ESP como em outra. Assim sendo, a expressão "Percepção extra-sensorial" foi adotada para compreender tanto a telepatia e a clarividência quanto a precognição.

Contudo, mediante as experiências acima esboçadas, a questão da telepatia estava longe de solução. Terceiro estágio de pesquisa para este problema começou quando a questão de saber se uma experiência pura de telepatia era ou não realmente tão pura como se supusera, (7) se suprimia a clarividência fazendo simplesmente com que o emissor retardasse o registro do pensamento até depois do receptor ter indicado que registrara a resposta. E se o receptor tivesse aptidão precognitiva? Era necessário presumir que tivesse, se, conforme agora parecia provável, a precognição fosse exatamente outro aspecto do ESP. O que impediria o receptor de adiantar-se ao momento que se seguisse ao registro por parte do emissor e perceber, por precognição, qual era? Assim fazendo, não teria de basear-se de modo algum nos processos de pensamento do emissor. De tal maneira, a telepatia não teria sido, afinal de contas, estabelecida conclusivamente como tipo de ESP distinto da clarividência. Não havia, de fato, qualquer prova a favor da telepatia em que se excluísse toda possibilidade razoável de clarividência precognitiva.

7. RHINE, J. B., "Telepatia e clarividência reconsideradas", *J. Parapsychol.*, 9 (1945), págs. 176-193.

O reconhecimento dessa falha na prova da telepatia para logo motivou outro projeto de exploração. E, como consequência de certas experiências ainda mais discriminatórias, estabeleceu-se mais uma vez a telepatia sobre nova base destinada a satisfazer a novas exigências. Realizou-se esse trabalho não só no Laboratório de Parapsicologia, principalmente por meio de Elizabeth McMAHAN, (8) como também na Inglaterra, por meio do doutor S. G. SOAL (9) do Queen Mary College da Universidade de Londres. A fim de conseguir esta nova base era necessário planejar a experiência de sorte que o emissor não fizesse nunca qualquer registro objetivo do símbolo escolhido, que a clarividência ou mesmo a clarividência precognitiva fosse capaz de alcançar. Contudo, teria de fazer a escolha do símbolo de maneira tal que alguma outra pessoa pudesse verificar independentemente a ordem do símbolo; de outro modo não haveria verificação independente da fidedignidade dos seus pontos. Exige-se essa verificação independente em virtude dos padrões mantidos para a pesquisa mais decisiva em parapsicologia, uma espécie da qual é possível tirar conclusões em relação a questões discutíveis.

8. McMahan, E. A., "Experiência em telepatia pura", *J. Parapsychol.*, 10 (1946), págs. 224-242.

9. SOAL, S. G., "Situação experimental em pesquisa psíquica", *J. Parapsychol.*, 13 (1949), págs. 92-97

Depois de cuidadosa ponderação do assunto, imaginaram-se várias maneiras que permitissem ao experimentador assistente verificar a ordem dos alvos do emissor sem proceder a qualquer registro objetivo. Tais processos são, porém, demasiado complicados para que possamos descrevê-los aqui, devendo estudá-los nos relatórios originais os que desejarem examinar os processos crítica e profundamente.

Depois dessas experiências coroadas de êxito, verificou-se que a telepatia se tinha submetido à terceira prova. Deve repetir-se, contudo, que desde que satisfaçam as exigências da boa experimentação, todas as provas resultantes de quaisquer experiências de telepatia desde o início das pesquisas sobre o assunto fazem parte do conjunto geral de provas a favor da

percepção extra-sensorial. Pode ser, ainda, ESP geral e não diferenciado, mas é, apesar disso, ESP. Ainda não há grande quantidade de experiências para telepatia apuradamente escolhidas, de terceiro estágio, duplamente refinadas, embora o que existe até agora tenha sido obtido sob condições das mais rigorosas introduzidas neste campo e este é, necessariamente, campo em que os processos tinham de ser rigorosamente controlados.

Mas, infelizmente, apesar de tudo, o problema da telepatia ainda não está inteiramente resolvido. E mesmo difícil ver como será possível fazer algo mais por enquanto; mais cedo ou mais tarde, contudo, terá de haver pelo menos um quarto estágio para que se saiba se algo como a telepatia conforme originariamente concebida é possível ou se, finalmente, será necessário alterar a definição abandonando-se o conceito mais antigo de contacto de espírito com espírito. Nas condições atuais, não há qualquer certeza, nem mesmo qualquer ordem elevada de probabilidade, que tudo quanto de que aqui se tratou seja ou não transferência direta de espírito para espírito. Até que se possa determinar se há ou não espírito que funcione com semelhante independência, nenhuma resposta se poderá dar. E mesmo que se verifique ser tal o espírito que possa atuar independentemente de qualquer maneira, ter-se-á ainda de saber se a telepatia funciona em transferência direta de espírito para espírito.

Talvez a alternativa mais plausível para a hipótese originária (uma dentre várias formuladas pelos drs. R. H. THOULESS e B. P. WIESNER) (10) seria que o receptor atua mentalmente de certo modo com o sistema nervoso do emissor, da mesma forma que se dá com este último quando se lembra de qualquer assunto. Seria uma espécie de clarividência, embora de tipo especial. Ou o emissor operaria de certo modo diretamente sobre o sistema nervoso do receptor, por maneira semelhante à que opera sobre o seu próprio sistema, quando provoca reações motoras.

10. THOULESS, R. H., e B. P. WIESNER, "O processo de psi em psicologia normal e "paranormal", *J. Parapsychol.*, 12 (1948), págs. 192-212.

Na situação atual, só se podem explicar as provas de que dispomos a favor da telepatia como uma espécie geral de troca extra-sensorial de pessoa para pessoa. Teremos de esperar até que alguém apure ainda mais o processo para que possamos passar daí. Provavelmente será preciso esperar até que se conheça mais o que realmente representa o conceito do espírito como inteiramente distinto da pessoa. Muitos psicólogos, como os behavioristas, têm tentado por meio de magia verbal fazer desaparecer o conceito de espírito do palco da realidade científica, como o fizeram já com o de alma. Contudo, o conceito de espírito não se "desvanece". Esta mesma dificuldade com relação ao espírito contribui para manter a importância do problema da telepatia. Se fosse possível descobrir um processo que satisfizesse inteiramente a essas novas questões, para confirmar agora a telepatia, mostrando ser possível à reação intermental direta, dar-se-ia um passo à frente além da fronteira atual das pesquisas psi. O campo da psicologia como um todo tem necessidade deste problema provocador da telepatia para mostrar que ciência alguma tem até agora uma teoria a respeito da maneira pela qual o espírito pode influir sobre o corpo, para não falar como afetaria outro espírito. Conforme se vê, os exploradores da parapsicologia perseguiram o problema da telepatia até o canto mais escuro de toda a ciência do homem, a que diz respeito à natureza fundamental da própria personalidade. Aí estão encaixados por enquanto porque ninguém sabe se, no sentido em que implica, existe espírito.

Todavia, apesar de todas as dificuldades, não há motivo para que se abandone agora a questão da telepatia, como não havia em fases anteriores. Talvez seja vantajoso voltar às experiências espontâneas e consultar série mais ampla de idéias orientadoras em busca da nova maneira de encarar a questão. Seria muito inconveniente ter de esperar para atacar este problema da telepatia, para que o psicólogo conservador e ortodoxo componha o próprio espírito a respeito do espírito, ao passo lento em que, durante décadas, tem estado a dar tratos à bola com relação ao cérebro.

Que dizer, agora, quanto aos efeitos físicos? Que dizer do efeito do espírito sobre o mundo físico? Todos os tipos de experiência psíquica até agora discutidos contribuíram para o Indivíduo com certa espécie de conhecimento ou orientação. As experiências que relatei tiveram efeitos principalmente mentais ou subjetivos. Estes mesmos acontecimentos e as experiências que provocam levam a perguntar se não existem experiências psíquicas que sejam para o ESP o que as reações motoras normais no ser humano são para a experiência sensorial. Haverá qualquer efeito físico de origem psíquica que se possa classificar na parapsicologia, isto é, que desafie explicação em termos de causação física?

Naturalmente, existem efeitos físicos observáveis, embora se notem e refiram muito menos comumente que as experiências psi perceptivas. Ao mesmo tempo, embora menos freqüentemente, as experiências psi que têm efeitos físicos referidas são provavelmente mais impressionantes, e, à primeira vista e sem justificação em apoio, cheguem a se aproximar da incredibilidade.

No meu livro *O Alcance do Espírito*, (*) arrisquei-me a relatar um caso muito impressionante referido pelo psiquiatra suíço internacionalmente conhecido, doutor C. G. JUNG. (*). Ele afirma que quando era moço e trabalhava na tese para doutor em medicina, que tratava de mediunidade, ocorreram na sua residência dois efeitos físicos inexplicáveis, quando não havia ninguém em casa. O primeiro foi a "explosão" de velha faca de aço para pão, ficando a lâmina quebrada em cinco pedaços. O outro consistiu no espedaçamento da tampa de uma mesa redonda. Acompanhou os dois acontecimentos um ruído como de tiro de pistola que se ouviu do lado de fora, no jardim. O médium não estava presente. Não se encontra uma teoria mesmo plausível do agente neste caso, como acontece em grande número de casos semelhantes.

(*) Já publicado no Brasil por esta Editora.

(*) Na ocasião não o identifiquei, fazendo-o agora em vista da posição franca por ela assumida nestes problemas psíquicos, como, por exemplo, no livro recente *Naturerklärung und Psyche*. (11)

11. JUNG, C. G., e W. PAULI, *Naturklärung und Psyche*, (Zurich: Rascher Verlag, 1952).

Muitos dos efeitos físicos relatados associam-se à morte. Um relógio pára, um quadro cai da parede, a cortina de uma janela foge para fora, ou um vaso se quebra, tudo de certa maneira inexplicável ao tempo em que uma pessoa ligada ao objeto morre. A esposa de um dos meus amigos conta que o pai, enquanto ouvia o rádio, morreu repentinamente do coração. Embora o aparelho estivesse fora do alcance e ele não pudesse andar, parou quando o ouvinte morreu. Ninguém estava na sala na ocasião. O rádio estava em boas condições e o programa não tinha sido interrompido mas a parada súbita atraiu a atenção do genro que estava em um quarto ao lado, que veio ver e encontrou o velho morto. Esta associação do acontecimento físico com a morte não explica realmente como se produziu o efeito, se genuíno. Levanta simplesmente a questão e é essa a contribuição que se pode esperar deste tipo de acidente.

Mesmo quando o acontecimento não está associado com o momento da morte, pode atribuir-se muita vez à atuação de um morto. Um professor e a esposa a quem conheci durante muitos anos tiveram a seguinte experiência: uma vizinha havia falecido no dia anterior. As duas famílias interessavam-se pela sobrevivência do espírito e o professor e a esposa tinham pedido à vizinha que lhes desse alguma prova da continuação da existência, se fosse possível. Na noite seguinte ao falecimento acordaram ambos à uma hora da madrugada devido à luz de uma antiga lâmpada de bolso. Há muito tempo não funcionava e estava depositada em uma prateleira próxima. Embora não acendesse novamente quando o professor a apagou, na noite seguinte, ainda à uma hora da madrugada, a luz apareceu novamente e marido e mulher a viram mais uma vez. Pensaram que a amiga tinha algo a ver com isso.

Este tema intencional que parece assegurar sobrevivência continuada aparece em uma série de casos inexplicáveis de efeitos físicos. Uma senhora muito intrigada conta que um dia ela e a progenitora ouviram uma explosão aguda que se localizava em um jogo de cristais colocado na sala de jantar. A jarra e os seis copos estavam rachados. A moça afirma que viu a avó, já falecida, de pé na porta quando ouviu o ruído.

Entretanto, não ocorrem tais fatos somente quando alguém morre ou quando um morto lhes está aparentemente associado. Um quadro pode cair da parede ou um relógio parar dentro de casa quando um homem em serviço recebe comunicação que pode ir para onde mora ou um preso tem mandado de soltura. Ou pode coincidir com algum dano. Uma senhora comunicou que a tia com quem vivia tinha um filho na Coréia que ficou gravemente ferido quando o jipe em que estava bateu em uma mina. Dentro de alguns minutos da ocasião em que se deu o desastre o relógio da cozinha caiu inexplicavelmente do aparador e uma pilha de pratos da prateleira veio ao chão. Cada uma das mulheres presenciou um desses casos. Alguns minutos separaram os dois casos e não houve qualquer movimento ou vibração que os justificasse. A senhora ficou logo preocupada com o filho.

Talvez não tenha ainda repetido suficientemente que não seria de modo algum científico considerar qualquer desses relatos de ocorrências espontâneas como prova aceitável seja lá do que for. Será bastante encará-las como fatos que certas pessoas dizem ter-lhes acontecido; e quando número bastante grande de pessoas diz o mesmo, por mais estranho e incrível que seja, é conveniente examinar os fatos, deixando a interpretação para mais tarde. Há sempre maneiras perfeitamente seguras para considerar tais assuntos. O progresso da ciência resulta dessa consideração e das pesquisas que se seguem. Como seria possível progredir se deixassem de lado os fatos enigmáticos que ocorrem em a natureza e os cientistas recusassem estudar aquilo que não podem desde logo explicar ou o que se chama geralmente de impossível? É concebível ou mesmo provável que os efeitos físicos menos notáveis de origem psíquica passem na maior parte despercebidos e, em consequência, somente os mais impressionantes despertem atenção. Pesquisar o não-espetacular significaria analisar ocorrências do ambiente físico, a começar pelo próprio corpo. Em seguida, seria o estudo dos efeitos que os seres humanos exercem sobre as circunvizinhanças materiais - o comportamento manifesto. Pequenos efeitos inconscientes

ficariam naturalmente despercebidos nessa atividade ampla, não-analisável; seria mesmo difícil descobri-los e identificá-los.

Todavia, ainda há muitos efeitos físicos sem explicação. Revelaram-se muitas observações enigmáticas na medicina, em psicologia e na antropologia. Em todos estes setores têm-se observado efeitos que parece resultarem de alguma espécie de causação psíquica, embora por enquanto não seja possível formular uma explicação. Considere-se, por exemplo, o aparecimento de bolhas por meio de sugestão hipnótica. Neste tipo de fenômeno diz-se ao sujeito hipnotizado que lhe aparecerá uma bolha em certo lugar. Em grande número de casos, mesmo quando existe controle cuidadoso das condições, dizem ter aparecido. A medicina ainda não tem explicação para semelhante efeito.

Igualmente, em medicina psicossomática, tanto ortodoxa como não, assinalam-se muitas ocorrências físicas inteiramente enigmáticas. Tem sido prática estabelecida em muitas clínicas tratar verrugas por meios puramente psicológicos, vendo-se, em geral, o tratamento coroado de êxito. Resta saber como se realiza a cura, mas já há provas satisfatórias do seu uso bem sucedido. O tratamento de queimaduras por sugestão, como o de verrugas, começou entre pessoas incultas que recebiam o "dom" de outros que o possuíam. esse tratamento mágico não só remove a dor, mas a própria queimadura fica grandemente reduzida; por exemplo, em muitos casos, conforme observadores competentes, evitam-se as bolhas. Como no caso de súbito embranquecimento dos cabelos, ocorre fenômeno real, por mais impossível que se afigure. E não há maneira alguma conhecida para o estado mental do indivíduo (em geral medo ou ansiedade) causara mudança física. Provavelmente a questão importa em problema de parapsicologia.

Quando os casos de prática de costumes compreendem animais, a explicação ainda se torna mais difícil por meio de teorias convencionais. Segundo uma das mais respeitadas dentre as minhas relações, senhora responsável e culta, a família possuía em certa ocasião uma novilha puro-sangue que ficou tão cheia de verrugas que era impossível vendê-la. Um indivíduo afamado na localidade

como capaz de fazê-las desaparecer deu ao tratador algumas palavras que deveria pronunciar enquanto alimentava a novilha (insistiu ser essencial que o rapaz acreditasse no poder de cura das palavras) e dentro em pouco as verrugas desapareceram - bastante rapidamente para impressionar a família embora não se tivesse prestado grande atenção ao tempo decorrido. Este é um caso típico, mas não isolado, sugerindo setores em que pode representar certo papel um efeito físico de origem psíquica, embora não se possa ter certeza se assim é. Para o espírito aberto tais casos devem servir para formular uma pergunta, importante, sem dúvida, embora nem sempre fácil de responder.

Para continuar a formular perguntas: haverá algum elemento de ação mental direta atuando por vezes no sentido de influir sobre os resultados de jogos de habilidade ou de azar? Muitas pessoas acreditam que muita vez pensando firmemente em certo resultado ou desejando-o, torna-se mais provável a realização de certo efeito físico. Muitos atletas, inclusive alguns treinadores e certo número de artistas em diversos tipos de atuação profissional acreditam, mais ou menos secretamente, possuírem certa influência mental direta quando acompanham a bola, o dardo ou os dados que deixam a mão do jogador.

Essa crença é mais comum entre os jogadores de dados; talvez seja porque, em um jogo correto, não se suponha que o elemento de habilidade contribua para o resultado. É opinião corrente entre os jogadores de dados que podem exercer influência direta sobre a queda destes. Acreditam ser verdadeiro especialmente quando passam a um estado de grande concentração que em geral se descreve como "quente". Mesmo que não se suponham verdadeiras todas as histórias que se contam dos resultados maravilhosos e constantes obtidos, não se pode deixar de reconhecer que provocam uma pergunta: poderá o espírito exercer ação direta sobre um objeto a sair? Felizmente, é possível transformar o lançamento de dados em técnica conveniente de experiência que responda à pergunta. De fato, foi por essa técnica cômoda que começou o trabalho experimental relativo à influência direta do espírito sobre a matéria.

Conhece-se essa ação como psicocinese ou PC, palavra que tinha emprego corrente antes de começarem as experiências.

A sugestão dessa técnica para provar a capacidade de Pc proveio, acidentalmente, de jovem jogador. esse rapaz tinha visitado o Laboratório de Duke para discutir o papel que achava representasse o ESP na prática dos jogos. Sustentava também obstinadamente a opinião de que era capaz de influir mentalmente sobre a queda de dados em certas condições e prontificou-se se submeter a uma demonstração. Conseguiu perfeitamente bem justificar um exame aprofundado do que sustentava; chamava-o "A Lei do Espírito sobre a Matéria".

Todavia, as experiências com os dados não foram à primeira tentativa para o estudo do problema da "ação do espírito sobre a matéria". Historicamente já havia sido aplicado esforço realmente vasto mas em grande parte não compensado à investigação dos fenômenos físicos da mediunidade - efeitos que se produzem na sala de sessões expressamente como resultado da atuação do espírito. O movimento espiritualista teve início há pouco mais de cem anos. Associou-se desde o início a manifestações físicas misteriosas, com pancadas, luzes e movimentos inexplicáveis de objetos. O movimento de objetos, que se supunha causado por espíritos sem contacto físico por parte do médium, tinha-se chamado de telecinese. Tornou-se um fenômeno de mediunidade mais investigado durante a última parte do século XIX e o primeiro quartel do século XX. Alguns cientistas distintos interessaram-se e certas investigações chegaram mesmo a penetrar, temporariamente, pelo menos, nos laboratórios universitários de psicologia (por exemplo, o de Harvard, na investigação do médium de Boston, MARGERY).

Fêz-se esforço para permitir ao médium liberdade suficiente para que se tornasse possível produzir o fenômeno em estudo, mas procurou-se impor, ao mesmo tempo, condições tais que a origem e natureza dos fenômenos pudesse ter interpretação conveniente. A série de tipos de manifestações era extremamente vasta e variada. Havia efeitos menos impressionantes como ligeiros movimentos de

objetos (supostamente sem contacto) sob luz fraca ou em escuridão completa com feixes luminosos sobre os objetos. Era comum a alegação de terem-se produzido vozes independentes de espíritos. Também houve "fotografia de espíritos". Um dos efeitos alegados mais freqüentes era a materialização do espírito de indivíduos falecidos que se apresentavam com corpos visíveis, que se supunham formados de uma espécie de "matéria-espírito", denominada "ectoplasma".

O exame dessas alegações apresentava problema difícil e delicado. Era necessário aplicar certo controle justamente suficiente mas não demasiado sobre as condições. Poucas pessoas de um ou de outro lado da questão mostraram-se satisfeitas com os controles, e em caso algum das inúmeras investigações na Europa ou na América se conseguiu demonstração suficientemente nítida do efeito telecinético de modo a satisfazer as exigências de julgamento científico bastante sólido. Nenhum grande grupo, mesmo dos que estavam procurando descobrir se tais efeitos eram possíveis, para nada dizer do público em geral, chegou a ficar inteiramente convencido. Assim sendo, embora se investigassem muitos casos de suposta telecinese, a respeito dos quais não é possível agora chegar a qualquer conclusão num sentido ou noutro, o grande volume de tempo e energia dedicado ao esforço de exploração neste setor não foi capaz de firmar a ocorrência da telecinese.

Por outro lado, as experiências de psicocinese realizadas com dados apresentaram muitas vantagens desde o início. Grande vantagem desta técnica reside em poder qualquer pessoa lançar dados. Não era preciso procurar pessoas excepcionais como os médiuns; de fato, eu e minha mulher começamos desde os primeiros dias de 1934 a experimentar a nós mesmos, aos membros da família, amigos, estudantes e até mesmo visitas quaisquer. O jogo passou a ter justificação séria, passatempo social que dispunha de inteira licença intelectual. Prestava-se a controle científico sem concessões injustificáveis aos caprichos ou opiniões dos sujeitos. Não era difícil ao sujeito sentir que era capaz de ter influência sobre os dados; em

geral podia observar os resultados enquanto prosseguia, o que muito contribuía para aumentar-lhe o interesse.

Como as experiências em telepatia, as de psicocinese passaram por diversos estádios. (12) No primeiro, procurava-se influir sobre um ou mais dados desejando que se voltasse para cima certa face ou combinação de faces na queda final. Introduziu-se grande variedade de condições experimentais durante o curso das experiências. Lançavam-se simplesmente os dados da mão ou do copo, ou soltavam-se por meio de certo dispositivo mecânico que os fazia rolar por um plano inclinado sob a ação da gravidade. Colocavam-se em uma caixa ou gaiola rotativa acionada por motor elétrico. Experimentou-se lançar quantidades diferentes de dados de cada vez; o número variava grandemente; começava-se por um dado por lançamento, depois um par; finalmente 6, 12, 24, 48, 96 ou ainda mais de uma só vez. Lançavam-se um dado só, o alvo era uma das seis faces; se um par, podia ser certa face ou certa combinação como 7 ou o total de 8 a 12 ou de 2 a 6.

12. RHINE, J. B., "O efeito psicocinético: revisão", *J. Parapsychol.*, 10 (1946), págs. 5-20 e *O Alcance do Espírito* (New York: Wm. Sloane Associates, 1947), Caps. 6, 7 e 8.

Como não é difícil calcular o número de vezes que se pode esperar apareça uma face ou uma combinação de faces, como resultado apenas do acaso, e como quase todos acham interessante lançar dados, o processo tornou-se bastante popular de sorte que não havia dificuldade em encontrar interessados em cooperar.

Os sujeitos, em grande maioria, conseguiram resultados de certo modo acima da média esperada do simples acaso. Em termos gerais, a maior parte das experiências do Laboratório de Parapsicologia e em outros lugares com certa colaboração do Laboratório, conduziram a resultados suficientemente diferentes do acaso para serem interessantes. Cada vez mais aumentou a convicção que algum outro fator diferente do acaso estava atuando, não parecendo possível atribuí-lo a erros no registro ou a dados defeituosos ou ainda à habilidade em lançá-los. Planejava-se a experiência de sorte que estes fatores não afetassem as conclusões. Contudo, mesmo na base do trabalho exaustivo realizado durante oito anos, não foi

possível tirar qualquer conclusão suscetível de publicação até ter-se alcançado segunda fase da pesquisa, a qual permitiu controle ainda mais definido sobre todas as explicações alternativas e erros possíveis.

A segunda fase começou em 1942, quando eu em companhia da minha assistente de pesquisas, a Senhorita HUMPHREY, começamos a examinar novamente os dados das experiências de PC acumulados, isto é, as folhas de registro em que se haviam lançado os resultados originais das experiências, terminadas, em grande parte, alguns anos antes. Nessa ocasião, certas curvas relativas à distribuição de acertos tinham-se revelado tantas vezes nos resultados de ESP que nos ocorreu a idéia de verificar que espécie de curvas de acertos os dados de PC poderiam produzir. Começava a parecer que PC fosse uma espécie de irmão siamês de ESP, tantos aspectos comuns haviam sido descobertos nas duas documentações respectivas. Os resultados de ESP haviam sugerido a hipótese de PC bastante seriamente para conduzir à sua investigação. Portanto, parecia razoável sugerir-se que se o sujeito derivava em ESP algo de fidedigno do objeto, poder-se-ia esperar em compensação alguma contra-influência do sujeito sobre o objeto. Tal efeito seria simples aplicação da Lei da Reação.

Se ESP e PC fossem fundamentalmente processos intimamente relacionados, argumentavam-se, semelhanças nas condições experimentais poderiam produzir efeitos semelhantes como as curvas de distribuição de acertos nos dados de ESP e PC. Passamos por isso a examinar os registros de PC para curvas de distribuição.

Verificou-se que em geral os sujeitos tendiam a declinar na percentagem de acertos com a continuação da experiência, fossem as séries de 12, 24 ou 36 lanços. Quando se dividiu ao meio a coluna, de sorte a tornar possível a comparação entre as percentagens de sucessos no alto e embaixo, verificou-se haver diferença altamente significativa entre a parte mais alta e a mais baixa. Descobriu-se esse declínio quando se reuniram os resultados de todo o trabalho como um conjunto, isto é, todos os dados disponíveis que fosse possível adaptar a essa análise. Notava-se declínio semelhante na

percentagem de acertos através da página de registro da esquerda para a direita. As colunas na metade à esquerda indicavam médias mais elevadas do que as da direita. Quando se juntaram todos os dados disponíveis (total de 18 séries de pesquisas) era tão constante o declínio da esquerda para a direita e de cima para baixo que, ao se dividir a página em quatro porções iguais de sorte a comparar-se o quarto superior à esquerda com o quarto inferior à direita, observou-se declínio diagonal notavelmente significativo.⁽¹³⁾ Neste estudo da distribuição em quartos da página, a probabilidade contra a ocorrência de acaso de efeito tão grande é da ordem de milhões para um.

13. RHINE, J. B., e B. M. HUMPHREY, "O efeito Pc: prova especial por meio de modelos de golpes. I. Distribuição em quartos da página", 7. Parapsychol., 8 (1944), págs. 18-60; id., "II Distribuições em quartos do grupo", id., págs. 254-271; RHINE, HUMPHREY e J. G. PRATT, "III. Distribuição em quartos do meio grupo", id., 9 (1945), págs. 150-168.

Verificou-se então ser possível aplicar a 12 dentre as 18 séries uma espécie de análise ulterior de comprovação dupla. Consistia na análise do grupo por distribuição em quartos (QD), divisão menor da página de registro. Verificou-se que, se o sujeito fizesse a experiência em pequenos grupos, digamos de seis colunas de seis lanços cada uma, figurando vários grupos na página, via de regra a metade superior do grupo era mais elevada do que a mais baixa, e a metade à esquerda do grupo eram geralmente mais elevadas do que a da direita. Havia exceções, mas eram poucas. Mais uma vez o quarto superior à esquerda mostrava maior número de acertos e, em comparação com o mais baixo à direita, acusava diferença tão significativa como a página inteira. Tínhamos assim confirmação independente deste efeito.

A significação destes dados de distribuição de acertos, encontrada muito tempo depois da realização das experiências, era tão grande que ficamos finalmente convencidos da realidade do efeito PC. Não era possível atribuir as diferenças a fatores dos dados, por serem sempre os mesmos em todo o grupo (e, com exceções secundárias, também na página) em que se encontravam diferenças. O mesmo se aplica ao processo de registro e à maneira

de manusear os dados. O único fator que diferia através da página era psicológico. Compreendia-se a distribuição de acertos em termos da variação do princípio psicocinético, conforme atuara sob as condições complexas da personalidade do sujeito e da estrutura da experiência. Tais efeitos são semelhantes a outros já conhecidos na psicologia geral. Comparem-se, por exemplo, os efeitos de gradiente em experiências de memória e saber.

Não víamos qualquer alternativa a PC como explicação. De algum modo difícil de compreender mas que provavelmente dizia respeito à inversão do mesmo princípio psicofísico exigido por ESP, o sujeito tinha sido capaz de influir sobre o movimento do objeto. Mesmo que o efeito produzido fosse muito sutil, não era mais delicado ou impalpável que os vestígios de atividades perceptuais que as experiências de ESP haviam acusado.

Não havia qualquer indício da maneira pela qual seria possível generalizar este efeito PC, nem ninguém podia afirmar confiantemente quais as condições em que seria possível demonstrar semelhante efeito. As conclusões tinham sido finalmente alcançadas por meio de trabalho longo e enfadonho. Tinha-se lançado mão da colaboração de muitos experimentadores e de grande número de sujeitos. Grande número de pessoas contribuiu com conhecimentos acumulados, experiência e sabedoria. Mas, apesar de tudo, era forçoso reconhecer tratar-se tão-só de um começo, e o seu maior valor estava nas possibilidades que patenteava e no processo que fornecia para ulterior exploração.

Impunham-se maiores controles do que os que mencionamos acima. No capítulo seguinte falaremos mais a esse respeito. E mesmo agora se está realizando mais uma fase do programa de pesquisa de Pc, terceiro período de desenvolvimento. Estamos esforçando-nos nas experiências de re para subdividi-las de sorte a incluir uma série de outros processos. Em geral, tais iniciativas são ainda demasiadamente novas e não confirmadas para figurarem especificamente nesta exposição. Estendem-se quanto ao material segundo a classificação familiar de "animal, vegetal e mineral", chegando mesmo até elétrons e raios cósmicos. Devem mencionar-

se como abandono dos dados, repetido e confirmado, as séries de experiências de PC realizadas pelo doutor R. H. THOULESS (14) da Universidade de Cambridge e pela Senhorita McMAHAM (15) empregando objetos chatos (discos) com duas faces-alvo.

14. THOULESS, R. H., "Algumas experiências em efeitos pc com moedas em giro", *J. Parapsychol.*, 9 (1945), págs. 169-175.

15. McMhan, E. A., "Experiência de Pc com discos", *J. Parapsychol.*, 10 (1946), págs. 169-180, e "Experiências de Pc com objetos de duas faCES, *j. Parapsychol.*, 9 (1945), págs. 249-263

Um dos principais desenvolvimentos novos no estágio atual da pesquisa de PC é a introdução das experiências de "colocação" de Pc. Representam modificação do processo mais do que do objeto-alvo. Diversos investigadores têm realizado bastante trabalho empregando este processo (introduzido pela primeira vez por W. E. Cox) de sorte que é possível considerá-lo agora como processo firmado. (16) Nas experiências de colocação, o sujeito, ao invés de procurar fazer com que o objeto caia com certa face voltada para cima, procura fazê-los cair ou rolar em certa subdivisão designada da área total sobre a qual se podem mover, digamos o lado esquerdo da mesa. Tem-se usado, na maior parte dos casos, uma área dividida em Suas, lançando-se os objetos de um ponto neutro estacionário e de maneira neutra. Utilizam-se as duas divisões como alvo igual número de vezes de sorte a igualar quaisquer diferenças nas áreas-alvo. Certo número de pesquisas já demonstrou ser possível influir sobre objetos para caírem de tal sorte que indiquem efeito de colocação. (Ver especialmente as contribuições na Revista de Parapsicologia, por H. FORWALD, engenheiro sueco que muito tem contribuído para as pesquisas de colocação de PC.)

16. COX, W.E., "O efeito de Pc na colocação de objetos em queda" *J. parapsychol.*, 15(1951), pág, 40-48; Rhine J.B. " As experiências de Forwald com colocação de Pc", *id.* 16 (1952), págs. 59-57

Mostrou-se, portanto, que é possível não só fazer com que faces escolhidas de cubos ou de discos fiquem voltadas para cima quando esses objetos caem, mas também influir sobre a direção que o objeto toma. Esta influência psicofísica é o efeito PC. Verificou-se ser possível produzir tais efeitos em extensão estatisticamente significativa, por meio de longas séries de experiências. Se estas

descobertas limitadas e necessariamente fragmentárias são bem fundadas, como estamos agora convencidos de que são, não há necessidade de perguntar se a descoberta é nova para o conjunto de conhecimentos das ciências naturais. Fora dos salões da ciência a idéia pode ser tão antiga como a própria civilização, mas os processos utilizados trouxeram agora finalmente o fenômeno de PC sob o controle científico, pelo menos até o ponto de estabelecer-lhe a ocorrência.

Em todas as pesquisas descritas acima, tratamos naturalmente de seres humanos normais médios, como sujeitos, e empregamos processos de investigação característicos das ciências. Muitas experiências espontâneas citadas levei simplesmente em conta uma série de fenômenos que dizem ocorrer em a natureza em qualquer parte do globo habitável, ocorrências que a ciência natural deixou no passado que o supernaturalismo explicasse. As hipóteses explanatórias que levei em conta têm sido consideradas até agora como razoáveis sementes no campo da religião. Contudo, sempre que experimentamos tais hipóteses, utilizamos os processos mais rigorosos de investigação experimental. Se, entretanto, este mundo de operações psíquicas tais como ESP e PC é novo para a ciência em virtude de suas descobertas, é igualmente novo para o reino do supernaturalismo em virtude dos processos, por meio dos quais se chegou aos resultados. As idéias fundamentais são bastante familiares às disciplinas supranaturalistas, mas não assim a metodologia, as análises, as avaliações, e as generalizações a que conduzem. A maneira de tratar os fenômenos é inteiramente nova para essas disciplinas.

Estas descobertas, estes lampejos de tudo quanto pode conter-se em ESP e PC são os primeiros contactos, as primeiras ilhas afastadas de novo mundo. O cientista orientado materialisticamente as acompanhará ou mesmo as olhará? Ou continuará convencido pelos antigos mapas do passado que lhe dizem não ser possível existir tal mundo? Interessar-se-á o supernaturalista, o religioso, o teólogo, ou serão estas descobertas, primeiros resultados de pesquisas lentas e difíceis, por demais diminutas para que as considere importantes à fé

ansiosa, não crítica? Se, como será de esperar, for impossível alinhar as observações e interpretações da parapsicologia com qualquer das duas grandes maneiras de explicar os fenômenos - materialista ou supernaturalista - os poucos que trabalham em parapsicologia deverão, em virtude do seu isolamento, mostrar-se tanto mais seguros, tanto mais cautelosos, tanto mais circunspetos. Já é bastante evidente que o que se descobriu e a maneira de descobrir não se ajustam a qualquer das duas ortodoxias dominantes. A um e outro ponto de vista todo o desenvolvimento da pesquisa psi afigura-se radical a ponto de parecer revolucionária; e ao hábito convencional de espírito que se conforma facilmente com os dogmas materialistas ou supernaturalistas, os resultados das investigações psi deverão parecer desnorteadores. Tal seria para eles simplesmente reação normal.

Por esse motivo faremos agora uma pausa para examinar a força da causa a favor de psi, no capítulo seguinte. Os que sabem já algo a respeito da prova talvez fiquem surpresos de ver que ainda é necessário atualmente incluí-lo num livro como este. Porque é necessariamente um dos problemas desse capítulo. Sem dúvida, pouco proveito haveria em continuar a expor a estrutura das relações e do significado que se levantará sobre os alicerces da descoberta de psi se pairar qualquer dúvida sem solução quanto à natureza da prova.

Capítulo 2

Reivindicações, Desafios e Confirmações

Daqui por diante vou supor que o mundo de psi é decididamente novo para a ciência. Mas qual a força da reivindicação que por ele se fez? Qual a solidez da base de fatos que tem de suportar a estrutura de conclusões construídas sobre ele?

Pode ser vantajoso considerar primeiramente como se decidem assuntos relativos à força de reivindicação dessa natureza. Em geral, a solidez de uma causa depende mais da adequação dos meios empregados para a investigação do que de qualquer outro fator. Sob a denominação de "meios" inclui tudo quanto entra na pesquisa, desde a formulação do fraseado da questão às conclusões. Pode-se ver que em grande parte tudo depende de planejar-se o processo experimental de maneira tal que seja possível interpretar os resultados obtidos sem limitação ou ambigüidade. A experiência bem planejada destina-se a eliminar, se possível, todas as respostas possíveis menos uma à indagação que se está investigando. No caso atual é a hipótese da ocorrência de psi que se trata de provar. Se obtiverem resultados sob condições em que somente psi poderia atuar, então e somente então se pode chegar a concluir que a hipótese é aceitável. Definiu-se no princípio do capítulo precedente em que consiste o fenômeno psi.

O valor ou a força global de uma conclusão dependeria, sem dúvida, também do volume de prova que lhe vem em apoio. Qualquer conclusão nova exige confirmação. Se for nova e revolucionária exigirá confirmação ainda maior. A confirmação por investigadores independentes reveste-se de especial importância nos casos em que a conclusão deva ser recebida com ceticismo. Assim é necessário porque em qualquer campo de investigação é possível a existência de certos fatores não controláveis. Se um experimentador deixar de lado qualquer desses fatores, seria de presumir que outros dele cogitassem se houver suficiente repetição independente. Exemplo desse tipo de fator é o caráter ou a competência do próprio experimentador. Certo investigador pode ser incompetente mas a possibilidade de incompetência decresce com o número.

Estas especificações necessárias para a investigação científica são razoavelmente gerais para todas as ciências. O papel

fundamental dos processos e a importância da confirmação independente aplicam-se tanto a uma ciência quanto a outra. Aplicam-se tanto à ciência nova quanto à antiga. A diferença principal para os vários ramos da ciência está nas técnicas específicas de observação exigidas pela experimentação. Pareceria, portanto, que tudo quanto se torna necessário para avaliar a situação em parapsicologia será verificar se os processos utilizados satisfazem aos padrões gerais e se acumularam provas suficientes de fontes independentes para comparar com a que exigem outros ramos da investigação.

Antes de nos voltarmos para ver qual a prova, impõe-se uma palavra com relação ao que não se tem de procurar - pelo menos por enquanto. Por exemplo, não é necessário explicar psi a fim de estabelecer que ocorre. Não é necessário interpretá-la por qualquer maneira dada ou fazê-la operar a pedido ou trazê-la sob controle e uso prático. Nada disso, de fato, é necessário - nem mesmo considerar - nos primeiros passos da investigação. Antes de tudo tem-se de ver se os resultados obtidos em qualquer experiência de psi têm qualquer explicação independente de psi. Se dependem ou não do plano da experiência e das respectivas condições.

De que maneira a pesquisa em parapsicologia tem satisfeito às exigências no que se refere ao volume de provas? É possível responder imediatamente. Depara-se, durante os últimos setenta e cinco anos, com tantas provas de alguma forma de capacidade psi em termos de números de repetições independentes que proporcionaram resultados significativos, que a reprodução interminável do mesmo processo constitui de per si fenômeno a exigir explanação. Por que, perguntarão, devem fazer-se tantas repetições, extensões e variações dessas experiências se parte tão grande do trabalho realizado indica a atuação de certo fator psi?

Nota-se igualmente a contrapartida da pergunta: por que ainda fica de pé qualquer indagação quanto à ocorrência de psi, depois de todas essas experiências repetidas independentemente provando o mesmo? Na realidade, as repetições foram tão numerosas que não é provável se possa fazer algum dia qualquer avaliação apropriada do

volume total de provas de psi registradas até hoje em diferentes partes do mundo. Ter-se-á certa idéia da dificuldade de conseguir avaliação global dessas provas procurando estimar o volume de trabalho registrado tão-só em um periódico, por exemplo a Revista de Parapsicologia durante o prazo limitado (atualmente de cerca de vinte anos) da sua existência. Considerando esta única seção da história da parapsicologia, depara-se com quatro a cinco mil páginas de relatórios científicos. Na maior parte tratam de trabalhos experimentais. Não há maneira alguma de combinar em uma única avaliação global todos os diversos resultados, obtidos mediante uma série de processos e condições e versando grande número de problemas. Para qualquer espécie de medida útil ou fidedigna da importância da causa, desde muito a extensão do trabalho ultrapassou qualquer esforço possível.

Todavia, ninguém fará a avaliação de todo este acúmulo de fatos que provam a ocorrência dos fenômenos psi. Os estudiosos do assunto, em sua maioria, preocupar-se-ão mais com a qualidade da prova e a adequação dos processos de que depende do que com o volume. Provavelmente pensarão que algo deve estar errado nos processos utilizados nessas experiências, visto não se ter conseguido ainda reconhecimento científico geral para eles. Será de fato evidente a quem quer que examine suficientemente o assunto que ou há alguma falha importante, algo de errado que se insinua por todo o conjunto de resultados acumulados ou então deve estar atuando algum outro fator que provoque a rejeição dos resultados dessas investigações. De qualquer modo, não há qualquer necessidade de continuar a considerar a extensão atual da pesquisa de psi registrada.

Contudo, é decisiva a questão da qualidade da prova de psi. Em primeiro lugar, é evidentemente importante verificar se ainda persiste o esforço no sentido de acumular mais provas de psi, por ser de qualidade inferior o trabalho já realizado. É essencial descobrir exatamente qual é realmente a natureza da resistência às conclusões relativas a psi; qual a parte que cabe à prova, e, se a falta não lhe cabe, quais os outros fatores que podem explicar a situação.

O primeiro passo será, portanto, indagar dos que rejeitam a prova de psi qual seja exatamente o erro que encontram nela. Quer dizer que será preciso dispensar atenção ao grupo que se mostrou mais crítico. Conforme seria de esperar, como psi pertence ao campo geral da psicologia, os psicólogos têm sido os que mais se preocuparam com a rejeição geral dos resultados da pesquisa parapsicológica.

Não é difícil descobrir algo de concreto em relação à reação geral dos psicólogos. Publicou-se há pouco o relatório de levantamento recente da reação entre os psicólogos americanos à pesquisa de ESP, realizado em 1952 pelo doutor Lucien WARNER. (1) Ele enviou um questionário a um terço (515) dos membros da Associação Americana de Psicologia. São, naturalmente, os mais conceituados da profissão. Dos 360 que responderam, somente um em seis aproximadamente (16,6 por cento) mostrava-se propenso a aceitar a ocorrência de ESP como firmada ou mesmo como provável. Se este levantamento é representativo, grande maioria dos psicólogos americanos, aproximadamente cinco sextos, não considera aceitáveis as alegações a favor de ESP. Não que o assunto esteja fora do âmbito da ciência. Ao contrário, 89 por cento dos que responderam consideraram a investigação de ESP empreendimento científico legítimo e 78 por cento consideraram-no como devendo estar dentro dos limites da psicologia acadêmica. Não houve, portanto, rejeição da pesquisa como tal; rejeitaram-se, os resultados que indicam ser ESP ocorrência genuína.

1. WARNER L., "Segundo levantamento da opinião psicológica sobre ESP" J. Parapsychol, 16 (1952), págs 284-295.

Poder-se-ia supor que o levantamento entre psicólogos mais moços dessa distribuição um tanto diferente de atitudes. Talvez percentagem mais elevada entre esses profissionais mais jovens aceitasse as conclusões relativas a ESP. Ou talvez se fizessem comparações com psicólogos europeus fosse possível verificar maior grau de reconhecimento de psi entre eles; contudo até agora não existem cifras a respeito de tais comparações, e os fatos do levantamento de WARNER podem encarasse, fazendo-se uma

tentativa para ver onde reside a dificuldade. Estará na prova ou em algum fator de atitude ou ainda em alguma reação de grupo ou filosofia?

O próprio levantamento de WARNER sugeriu uma espécie de indício. Conforme este indício, muitos psicólogos que figuram no levantamento nunca ponderaram a prova. Mais de dois terços não tinham lido qualquer relatório original. É, sem dúvida, grande número. Não será preciso dizer que um cientista somente poderá avaliar o trabalho de outro examinando os respectivos relatórios originais, que fornecem detalhes quanto a condições, maneiras de proceder e processos de avaliação. Mais esclarecedor, contudo, é que, dos cinco sextos que rejeitaram a realidade de psi, um em três declarou ter chegado à conclusão sobre ESP aprioristicamente; isto é, sem que levasse em conta relatórios em segunda mão ou revisões da prova! Em outras palavras, mais de 30 por cento destes psicólogos sabiam que ESP não ocorre sem absolutamente qualquer prova, ou qualquer espécie de prova. Para eles ESP é uma impossibilidade; portanto, não poderia existir qualquer experiência de ESP. Estes membros da Associação Americana de Psicologia, esses psicólogos profissionais têm algum modo de tomar conhecimento de tais assuntos diferente da experimentação.

Esta espécie de reação não é inteiramente nova; anteriormente, o doutor WARNER (com o doutor C. C. CLARK) fez levantamento semelhante em 1938 (2) obtendo percentagens bastante semelhantes.

2 . WARNER L., e C.C. CLARK, “ Levantamento da opinião psicológica sobre ESP” J. Parapsychol, 2 (1938), págs 296-301.

Através dos anos ESP, notaram-se certos de controvérsia sobre os trabalhos de indícios de que algum fator que não a natureza da prova de ESP era a base real para a reação de alguns críticos. É o que evidenciam as reações deles quando as experiências responderam eficazmente às críticas. Considere-se, por exemplo, a questão da matemática. Logo depois do primeiro relatório sobre as experiências de ESP no Laboratório de Duke em 1934, alguns psicólogos publicaram trabalhos críticos (embora nenhum estatístico fizesse qualquer publicação) atacando os processos estatísticos de

avaliação empregados. (3) Por volta de 1937 a questão tinha-se tornado acalorada e o Instituto Americano de Estatística Matemática, quando realizou a reunião anual em Indianápolis naquele ano, publicou o relatório hoje bem conhecido sobre a matemática dos trabalhos de ESP, aprovando inteiramente esse aspecto da investigação. Foi declaração independente por parte da autoridade mais competente, promovida em grande parte pelo professor Edward V. HUNTINGTON, já falecido, da Universidade de Harvard.

3. POPE, D. H., e J. G. PRATT, "A controvérsia sobre ESP", J. Parapsychol, 6 (1942), págs 174-189.

Ora, se a matemática fosse mesmo a questão, os que tinham atacado os trabalhos de parapsicologia pelo aspecto matemático teriam retirado, pelo menos em alguns casos, a oposição, demonstrando interesse por outras fases da pesquisa. Mas, conforme se deu, os que criticaram o processo matemático voltaram a atenção para a crítica dos processos experimentais. Não parecia ter resultado qualquer efeito apreciável da resposta satisfatória à crítica do processo matemático. Não se registraram conversões entre esses críticos.

No ano seguinte as críticas às condições das experiências de ESP mais uma vez se tornaram tão acaloradas que a Associação Americana de Psicologia, na reunião anual de 1938, fez a discussão em mesa redonda dos processos de pesquisa de ESP. (4) Um dos oradores críticos sugeriu que não se haviam tomado medidas satisfatórias no sentido de excluir insinuações sensoriais nas experiências de ESP. Todavia, esse psicólogo, quando confrontado pelos fatos, admitiu franca e lealmente que nada via de errado nos controles experimentais contra insinuações sensoriais nas experiências mais decisivas. Essas experiências decisivas eram naturalmente aquelas que tinham servido de base às conclusões. Uma delas era a experiência PEARCE-PRATT anteriormente descrita. Mas estava esse crítico convencido, quando lhe responderam à crítica, da necessidade de avaliar novamente a prova? Teve de calar-se; sem dúvida, já era certo resultado. Mas ainda está

distribuindo cópias do artigo crítico que escreveu antes da Mesa Redonda da AAP. Não parece que fosse a possibilidade de explicar os resultados pelas insinuações sensoriais que na realidade o preocupasse de qualquer maneira.

4. Simpósio de ESP na Associação Americana de Psicologia, *J. Parapsychol.*, 29(1938), págs. 247-272.

Outro psicólogo, na discussão em Columbus, alegou que a hipótese de registro de erros podia explicar todos os resultados obtidos nas experiências de ESP. O opositor no debate, contudo, demonstrou perfeitamente que em experiências como, por exemplo, a de PEARCE-PRATT, não havia maneira possível de cometer erros de sorte a favorecer a hipótese ESP. Nessa experiência, convém lembrar, procedeu-se ao registro por maneira completamente independente e mesmo em duplicata. O crítico não achou meios de sugerir qualquer motivo para eliminar essa série. Mas acaso esta correção lhe modificou de qualquer maneira a atitude em relação a ESP? Ao contrário, quando não se encontra presente qualquer parapsicólogo para responder, ele ainda repete a crítica anterior, (5) muito embora tal crítica tivesse sido tão completamente refutada em Columbus que esse orador não permitiu lhe publicassem a contribuição juntamente com a série.

5. KENNEDY, J. L., "Avaliação de percepção extra-sensorial", *Proc. Amer. Phil. Soc.*, 96 (1952), págs. 513-518.

Tais fatos indicam com certeza que algo está errado, mas não é a prova. Estará o erro nos próprios críticos? É um pouco difícil para o estudioso idealista de a ciência acreditar que cientistas profissionais sejam nada menos que investigadores da verdade, de espírito aberto, sem quaisquer preconceitos. O rapaz que observou, quando viu uma girafa pela primeira vez: "Não existe tal animal", vinha de sertão muito distante. Não seria de esperar igual reação de psicólogo profissional, dispondo de longa experiência em pesquisa e ensino. Entretanto, existe realmente um que, quando lhe perguntaram o que pensava da pesquisa de ESP, respondeu: "Se fosse em qualquer outro problema, um décimo das provas me convenceria. Conforme é, dez vezes o volume de provas não me convencerá". Esse professor universitário de psicologia conhece um pouco do trabalho sobre

ESP, por estar intimamente relacionado com ele. Um dos seus alunos deu-lhe uma vez uma demonstração satisfatória, em condições fixadas pelo próprio professor. Quando este homem diz: "Não existe um animal assim", deve procurar-se qualquer outra explicação para a opinião dele fora da fraqueza da prova. Não haveria proveito algum em apresentar-lhe melhores provas ou maior confirmação dos resultados.

Assim, parece ter chegado o momento de examinar o próprio psicólogo. Qual o fator oculto que corta a luz, fecha a janela e impede qualquer registro de fatos quando estes têm qualquer relação com psi? Ou mais exatamente: o que tem psi para provocar semelhante "poda"? Que é que os psicólogos estão procurando evitar e estão tão resolvidos a evitar que, como alguns confrades de GALILEU que recusavam olhar pelo telescópio, não querem nem mesmo considerar as provas?

Em investigação dessa ordem sobre motivos é melhor, talvez, não procurar imputar motivos ou atitudes aos psicólogos que se opõem irracional e inalteravelmente à hipótese psi. Felizmente, é possível citar uma auto-análise que se refere exatamente a este assunto, publicada há pouco por um dos mais jovens psicólogos mais conhecidos deste lado do Atlântico. Parece representar grande parte da profissão.

Ele formula a pergunta: "Por que não aceitamos ESP como fato psicológico?" E aqui está como responde: "RHINE ofereceu prova suficiente para nos convencer em quase qualquer outra controvérsia em que fosse possível formular algum palpite quanto à mecânica do processo discutido. Rejeitou-se parte da prova, mas até onde me foi dado verificar, nem tudo se rejeitou. Até que se forneça refutação completa ou até que aceitemos ESP, não vamos falar da ampliação dos nossos conhecimentos de neurologia para ir ao encontro dos "fatos" psicológicos sem dispor de critério externo com relação ao que são tais fatos. Estamos ainda procurando encontrar o caminho para sair da floresta mágica do animismo (o grifo é nosso) em que a psicologia começou historicamente, não podemos deixar de lado o talismã de conhecimento de processos materiais. Pessoalmente, não

aceito ESP por um instante, porque não tem sentido. Meu critério externo, tanto físico quanto fisiológico, diz que ESP não é fato, apesar da prova behaviorial que se tem apresentado. Não posso ver que outra base têm os meus colegas para rejeitá-lo; e se estiverem aplicando a minha base, eu e eles estamos permitindo que a prova psicológica seja condenada por censores físicos e fisiológicos (o grifo é nosso). Pode ainda acontecer que RHINE tenha razão, por menos provável que eu o julgue, e o rejeitar-lhe as opiniões é, literalmente, preconceito."(6)

6. HESB, D. O., "O papel das idéias neurológicas em psicologia", *J. Personal.*, 20 (1951) pág. 45.

Esta análise honesta da situação revela o que é inaceitável tom relação à prova de psi: os fenômenos não se sujeitam a explicação física. O psicólogo que se esforça por sair da "floresta do animismo" combatendo o que suspeita ser somente supernaturalismo disfarçado, tem receio que a introdução das descobertas de psi no campo da psicologia custaria a este ramo do saber a posição docilmente conquistada de ciência natural. Forçaria a psicologia a um dualismo filosófico e a faria voltar à classificação com o oculto, da qual tem procurado há muito tempo fugir com grande esforço.

Pode-se considerar, penso, o psicólogo citado como representativo; representativo, quero dizer, de todos quantos têm predisposição contrária a psi. Na análise que faz representa distintamente não só a atitude de grande parte dos psicólogos mas grande número de cientistas em geral. Nesta explicação direta, em termos simples, da dificuldade que sente em aceitar a prova de ESP disse aos parapsicólogos o que estes há muito tempos precisavam saber. Compreenderão agora porque progridem tão lentamente na profissão psicológica. Poderiam esperar durante muito tempo por explicação mais honesta da rejeição da prova de psi do que lhes proporciona esta citação.

O que torna esta declaração representativa do psicólogo especialmente significativo é que ele não se permite inventar simplesmente alguma queixa frágil com relação à prova a favor de psi. Admite que não se trata propriamente da prova; a dificuldade

origina-se de não ser ESP fisicamente explicável. Conforme a tendência de todos quantos foram educados nas ciências do Mundo Ocidental, o único grão que o moinho mói é o fato físico. Seria grandemente de lastimar que a natureza tivesse deixado de lado esta exigência, produzindo nos fenômenos psi algo que não é físico, algo que atua de tal maneira que produz prova psicológica. Todavia, pode ver-se, ao menos, como é difícil para o partidário extremo do materialismo aceitar certo fator no homem, caracterizado por propriedades não-físicas. Não faria sentido.

A sincera citação acima pode, contudo, alterar realmente a situação. Deixa escapar tão completamente o gato filosófico do saco dos psicólogos em que esteve escondido durante todo esse tempo! O fator oculto acha-se agora solto, onde pelo menos é possível vê-lo. Talvez esta mesma exibição e a clarificação do elemento até agora não reconhecido de preconceito seja tudo quanto é necessário para assegurar audiência eqüitativa aos resultados em discussão. Em primeiro lugar, a declaração do psicólogo representativo pode por si mesma ter certa influência sobre os que pensarem como ele. Afinal de contas, todos os psicólogos podem continuar a rejeitara prova psicológica mesmo quando está acima de crítica, como admite esteja fazendo, porque não faz sentido fisicamente; podem continuar a tornar impossível, de tal modo, descobrir se existe uma ordem não física de processos psicológicos; podem continuar a serrar o galho em que estão sentados; mas parece menos provável que assim o façam logo reconheçam o que estão fazendo.

Este reconhecimento tanto por parte de psicólogos quanto de parapsicólogos do fator metafísico na prevenção contra psi pode ser perfeitamente um ponto decisivo na luta em prol do reconhecimento justo de tudo quanto é novo no campo da parapsicologia. Esta formulação clara da prevenção contra a qual a pesquisa tem lutado podia tomar-se facilmente acontecimento clássico para a parapsicologia. De qualquer maneira, não é possível retirar as palavras esclarecedoras do psicólogo representativo; será necessária somente uma palavra para quebrar o silêncio, um elo para quebrar a cadeia da resistência, um exemplo para expor o erro. Qualquer

psicólogo que tenha lido essas palavras evitará para o futuro, mui provavelmente, racionalizar a prevenção filosófica em crítica apressada, mal informada das experiências de psi.

Nós mesmos poderemos ver melhor a nossa posição em parapsicologia quanto mais compreendermos o ponto de vista da prevenção contra psi do nosso psicólogo representativo. Devíamos saber ser impossível convencer este grupo profissional com simples prova psicológica; pelo menos até que os psicólogos tenham conseguido descobrir maneira de sair da floresta filosófica em que estão metidos.

Neste ponto é útil entregarmo-nos há um pouco de autocritica para reconhecer que o argueiro não estava tão-só no olho do psicólogo mas que também se distingue no olho do parapsicólogo algo de suspeitosamente parecido. Porque agora é possível compreender melhor o motivo da acumulação repetida de experiências independentes de confirmação, na parapsicologia, que se têm realizado durante dezenas de anos. Cada recém-vindo a este campo trouxe consigo um pouco da mesma prevenção filosófica contra tudo em a natureza inexplicável mediante leis físicas, e, de tal maneira, a prova exibida pelos predecessores pareceu-lhe quase tão incrível quanto o foi ao psicólogo representativo. Talvez a maneira única pela qual diferem os que se tornaram finalmente parapsicólogos dos que repudiam esse campo de pesquisas, consista na disposição de olhar, mais certa compreensão da significação dos problemas. A questão é que este preconceito materialista encontra-se em todo o mundo. Para alguns, este julgamento antecipado do problema psi fica de lado quando se descortinam os fatos experimentais. Para outros, aparentemente a grande maioria, este passo científico ulterior que permite corrijam os fatos a pressuposição ainda está para vir.

Depois das reflexões que aí ficam é possíveis ver com maior desprendimento a controvérsia inteira sobre ESP dos últimos quinze anos. Podem compreender-se os extremos apaixonados a que alguns antagonistas de psi levaram as suas atividades no ardor do combate. A atitude de justa indignação que alguns psicólogos assumiram

levou-os a fazer o que de outro modo não teriam feito se evidentemente não houvessem sentido estarem defendendo o campo profissional de um golpe que ameaçava solapar-lhes a posição científica dificilmente adquirida. Não há necessidade nem desejo de expor aqui, agora que tudo passou, os esforços mais descomedidos para evitar o desenvolvimento das pesquisas de psi e a publicação dos relatórios respectivos. Não teria sido de surpreender (embora o fosse) que esses críticos fizessem tentativas para conseguir o objetivo em certos casos mediante ataques pessoais aos operadores parapsicológicos, ataques que nem sempre eram francos. Em alguns casos fêz-se pressão sobre os departamentos em que trabalhavam esses operadores e até mesmo sobre a administração das universidades interessadas. Os redatores de revistas de psicologia e as comissões de programas para reuniões científicas de profissionais sentiram e em alguns casos reagiram contra essa pressão no sentido de restringir o que provavelmente parecia excursão desenfreada nos domínios do oculto, região da qual a psicologia se havia libertado.

Em conjunto, esse período de crítica sincera, com a corrente subterrânea de hostilidade sob muitas formas, não será motivo de orgulho para ninguém. Mas, conforme o psicólogo representativo o interpretaria, tais críticos psicólogos não enxergavam qualquer sentido na prova de psi visto não poderem interpretá-la fisicamente. Para eles era tudo instável, falso - tinha de ser; entretanto, estava empolgando a atenção e a imaginação de um grande público e até mesmo de bom número de profissionais. Conforme disse um psicólogo em artigo: "O público está sendo desviado, as energias de rapazes e moças estão sendo afastadas nos anos de maior vitalidade de treinamento profissional para questões acessórias, e estão-se gastando fundos que podiam sustentar pesquisas em problemas de verdadeira importância para o bem-estar humano. Já fomos tão longe nesse caminho que acaba de fundar-se nova revista de parapsicologia." (7) Lastimando-se, esperava que "fosse desnecessário furar a bolha para que a verdade surgisse finalmente e a mania passasse." Referia-se, naturalmente, ao interesse do público por ESP.

7. KELLOGG, C. E., Nova prova (?) de percepção extra-sensorial", *Sci. Monthly, Out., 1937, pág. 332.*

A bolha, contudo, recusou deixar-se furar; ou antes, parece ter-se transformado em porco-espinho. E a mania passou a interesse sério, inteligente, por parte do público em geral, não só no país como no estrangeiro. Não somente isto, mas esse interesse sustentou, por sua vez, as pesquisas (mesmo com margem reduzida) nas universidades e contribuiu para que se generalizasse a todos os continentes em que se realizam pesquisas. Sombrio como é o quadro da reação entre psicólogos, conforme o indicam os levantamentos de WARNER, esses, contudo, demonstram que mesmo nos setores mais firmes dos psicólogos durante o período que medeia entre os dois, a percentagem de psicólogos que reconhecem ESP como fato estabelecido ou possibilidade elevou-se de 8,8 por cento em 1938 a 16,6 por cento em 1952. Embora lento, é pelo menos prova de progresso em setor em que, conforme agora se pode ver, podia ser menos esperado.

Agora a irritação se acalmou, tornando-se possível julgar melhor. Mais do que nunca deve ser evidente que os processos da ciência natural devem proporcionar a base para a decisão, não só quanto a psi propriamente, mas até com relação à questão subjacente que tem cerceado a atenção dos psicólogos no que respeita a prova Saber se há ou não algo de genuíno nessa prova é assunto que a psicologia terá de resolver no nível da ciência empírica. Não se arriscará a deixá-la à especulação, suposição ou fé para decidir se há qualquer realidade na personalidade além do que se descobriu por meio das ciências físicas.

Toda a dificuldade com os psicólogos resume-se então em uma questão que se pode resolver por meio da experiência. Ainda melhor, já se procedeu à experiência. A resposta à rejeição de ESP pelo psicólogo representativo porque não faz sentido em termos físicos é que agora é de qualquer maneira fato experimental. A suposição metafísica que exige seja física toda prova de lei natural é errada em si mesma. As suposições científicas têm de ceder em face de fatos contraditórios ou a ciência não se ajustaria às realidades da

natureza: não atuariam ou não se aplicariam. Há toda probabilidade de que o psicólogo representativo enxergue este ponto ele mesmo; aqueles que ele representa também o enxergarão, gradativamente. Ficarão sabendo então que era simplesmente hipótese de trabalho dizer que a natureza inteira tinha de ser física, da qual se abusou demais por muito tempo.

Neste ponto há de haver quem pergunte como será possível investigar operações extrafísicas por meios físicos, como pareceria necessário. Todavia, esta questão não precisa preocupar o parapsicólogo. Em muitas ciências fazem-se as pesquisas quase inteiramente por processos indiretos, lançando-se mão de efeitos secundários, transformados, para a investigação de princípios não diretamente observáveis. A onda de rádio fornece exemplo familiar; não se pode percebê-la absolutamente por meio dos sentidos, sendo preciso convertê-la em outra forma de energia para que se revele. De igual maneira, uma operação psi, para que se observe e registre, tem de transformar-se em efeito que os sentidos possam perceber, em ESP a resposta franca do sujeito, em PC a maneira por que os dados caem. Grande parte do mundo da ciência depende da translação de um efeito em outro para registro, na psicologia tanto quanto em qualquer outro ramo. Só se podem observar estados subjetivos em outro indivíduo como comportamento, e aí se dá a transformação de efeitos psíquicos em físicos.

Até aqui temos tratado neste capítulo de abrir o cadeado do preconceito metafísico que impede o caminho do progresso científico para novo setor de investigação. O mecanismo enferrujado profundamente sobrecarregado de pensamentos confusos a respeito da natureza do homem é anacronismo que agora deve colocar-se no museu da história das idéias. Deve ir para a prateleira em que está colocado o conceito da Terra plana. Esta idéia impediu que exploradores e geógrafos descobrissem novos mundos, exatamente como o dogma materialista a respeito da natureza humana está fazendo em relação aos psicólogos, entre outros grupos de cientistas, no século XX. Esta idéia refutada está agora ao lado da longa série de conceitos abandonados que em uma ou outra ocasião restringiram

o pensamento humano; geocentrismo, criação especial, magnetismo animal, mecânica newtoniana, teoria do mau espírito para as epidemias e outras mais.

Se um número suficientemente grande de estudantes das ciências psicológicas viesse ver esta concepção mecanicista do homem como peça de museu, com certeza número cada vez maior de psicólogos, pelos quais fala o nosso psicólogo representativo, viria a reconhecer que o estudo próprio da psicologia é, afinal de contas, a psicologia; não a física, nem mesmo a fisiologia. Naturalmente estas duas ciências tomam parte em problemas de psicologia, mas os respectivos campos têm os seus princípios, como a psicologia também os tem.

Disse anteriormente não ser possível fazer uma revisão compreensiva da prova total a favor de psi. O que é possível e deve ser útil, é passar em revista as linhas de progresso da prova, à proporção que se estendem das praias deste novo mundo em que as pesquisas progrediram. Podem destacar-se algumas experiências representativas em várias direções, mas muitos estudantes desejarão conhecer mais, e pretendo também basear o julgamento final pelo menos em algum relatório original. Assim fazê-lo é necessário se tiverem de resolver da maneira mais sólida possível em relação a esta prova. A justificativa para esboçar aqui a prova reside em parte no valor que têm os panoramas e as perspectivas mais amplas. Agora mesmo precisamos de uma que sirva de intróito ao que se vai seguir. Tal perspectiva pode mesmo ser útil até certo ponto para guiar o estudante de pesquisa ao setor localizado em que talvez deseje entrar mais detalhadamente.

A primeira linha de prova de psi compõe-se dos resultados das experiências realizadas especialmente com o intuito de descobrir se ocorre psi. O objetivo nessas experiências consistia em verificar se ainda era possível obter os resultados acima do acaso quando se estabeleciam salvaguardas contra todas as hipóteses contrárias que haviam sido sugeridas. Uma das mais impressionantes desta série é a de PRATT-WOODRUFF de experiências de ESP, realizada em Duke em 1939. (8) Planejou-se esta experiência com o objetivo

expresso de enfrentar todas as críticas que surgiram durante os anos de controvérsias. Em toda a história da psicologia nunca se realizou qualquer experiência com controles tão esmerados contra qualquer erro possível. Foram necessárias cinco páginas para a descrição completa dessas precauções, mas aqui me limitarei às linhas mestras das cautelas tomadas.

8. PRATT J. G. e J. L. WOODRUFF, "Tamanho de símbolos-estímulo em percepção extra-sensorial", J. Parapsychol, 3 (1939) págs. 121-158

Organizou-se a experiência em torno ao sucesso conseguido pelo doutor J. L. WOODRUFF, que agora faz parte do Colégio da Cidade de Nova York, mas que então se formara em psicologia em Duke, quando conseguiu resultados em experiências de ESP com sujeitos não escolhidos. O doutor PRATT encarregou-se da experiência. Tinha por missão garantir que todas as precauções fossem rigorosamente cumpridas.

Projetou-se a experiência de sorte a controlar erros, conscientes ou inconscientes. O experimentador WOODRUFF tinha na mão um baralho de cartas ESP (cartas-alvo a serem identificadas), com a face para baixo, por trás de um anteparo opaco. O sujeito do lado oposto do anteparo tinha cinco cartas-chave, cada uma de um naipe diferente, pendurados na face do anteparo voltada para ele, de sorte que WOODRUFF não podia vê-las. A ordem destas cartas era arbitrária, mas disposta por JGP, que sabendo naturalmente a ordem das cartas-chave, não manuseava as cartas-alvo. No funcionamento da experiência o sujeito apontava por baixo da carta que julgava ser do mesmo naipe que a primeira carta de cima do baralho que JLW tinha na mão. JLW via a vareta através de uma abertura no anteparo (cujá visibilidade era em um único sentido). Neste ponto o experimentadores sozinho podia, voluntariamente ou não, prona mão) na posição indicada do seu lado do anteparo, conservando-a ainda virada para baixo. Em nenhuma ocasião olhava para as cartas durante a experiência, a fim de que, ignorando qual a carta que tinha na mão ou qual o naipe que a vareta do sujeito apontava, não lhe fosse possível colocar, por fraude ou erro, a carta de acordo com o alvo. O sujeito continuava a apontar as cartas-chave e o

experimentador a colocar as cartas até esgotar o baralho. Em seguida JLW virava a carta para cima e registrava a posição delas antes de saber qual a ordem das cartas-chave. O experimentador JGP registrava a posição das cartas-chave antes de saber qual a ordem em que as cartas haviam sido colocadas. Cada um depositava uma cópia do respectivo registro em uma caixa fechada à chave e somente então, depois de removido o anteparo, faziam a conferência das cartas-alvo com as cinco cartas-chave, a fim de apurar os acertos. Desse modo à localização dos experimentadores e a disposição inteira da experiência eram tais que nenhum dos experimentadores sozinho podia voluntariamente ou não, provocar qualquer espécie de erro que ocasionasse resultados extra acaso. Nem podia fazê-lo o sujeito. Por ocasião da publicação o relatório da pesquisa sofreu revisão por parte de certo número de psicólogos críticos (cujos comentários também foram publicados) (9) e tem sido impresso durante os últimos catorze anos. Até agora não se observou qualquer crítica razoável a esta experiência, nem se exigiu a introdução de qualquer melhoramento.

9. Cartas e Notas, J. Parapsychol., 3 (1939), págs. 246-253.

Quais foram os resultados? Em 2.400 séries completas do baralho, registraram-se 489 acertos acima do número a esperar-se do acaso somente. Pode avaliar-se este resultado em termos de razão crítica que, para aquele número, é aproximadamente 5. Ora a probabilidade de razão crítica tão elevada ocorrer devido somente ao acaso é de uma em um milhão. Portanto, os resultados não foram devidos ao acaso. Não se propôs qualquer explicação que os justifique senão a percepção extra-sensorial. Essa percepção de objetos desconhecidos seria clarividência.

Esta série experimental, conforme referimos acima, realizou-se com o intuito de verificar quais os resultados que éramos possíveis conseguir quando as condições satisfaziam a todas as críticas, razoáveis ou não, formuladas contra o trabalho anteriormente feito. Com toda certeza, não faria qualquer diferença quantas caixas fechadas houvesse, ou quantos experimentadores se observassem mutuamente ou quantas filas de precauções se amontoassem sobre o

processo de experiência dessa natureza se os que julgassem dela fossem suficientemente imparciais para considerar os resultados pelo que valiam. Se a prevenção é demasiado forte, poderá impedir que se dispense atenção à melhor prova. Mas pareceria que, se ponderassem convenientemente os resultados da experiência PRATT-WOODRUFF, fosse necessário indagar porque se tornavam indispensáveis mais experiências para a confirmação da hipótese de ESP

Acidentalmente, não poucos psicólogos teriam interesse em saber que a mais alta percentagem de acertos conseguida por qualquer dos sujeitos da experiência PRATT-WOODRUFF que tomaram parte nesta série foi a de um psicólogo que disse francamente achar extremamente desagradável ver-se forçado a concluir pela existência do que se chama ESP Respondera ao pedido de WOODRUFF para arranjar sujeitos para as experiências antes de tudo porque aquele estava realizando certa pesquisa sob sua orientação.

Outra posição decisiva na linha principal de prova de ESP está representada pelo trabalho de dois investigadores ingleses, SOAL e GOLDNEY, (10) que mencionamos anteriormente. O doutor SOAL matemático do Queen Mary College de Londres, pôs-se a repetir as experiências de Duke, embora se mostrasse inteiramente cético a respeito. Durante mais de dois anos de investigações não tinha sido capaz de conseguir acertos além do acaso em suas experiências e estava finalmente disposto a anunciar a impossibilidade de confirmar os resultados americanos. Contudo, um psicólogo inglês, Whately CARINGTON, que também tinha realizado experiências para o problema de ESP, chamou-lhe a atenção para certo efeito que encontrara nos seus resultados, a que denominara de "deslocamento". Tinha observado a tendência do sujeito a acertar o alvo próximo (para frente ou para trás na série) em relação ao que visava. CARINGTON insistiu com SOAL para que procurasse esse efeito em suas próprias experiências. Soai assim o fez. Estava presente de maneira notável nos registros de dois sujeitos que havia experimentado. Em consequência, ele e a Senhora K. M.

GOLDNEY, funcionária da Sociedade para Pesquisa Psíquica, puseram-se a trabalhar para ver se este efeito de deslocamento continuava. Realizaram nova série de experiências com um dos sujeitos anteriores sob condições muito rigorosas.

10. Soal, S. G., e K. M. Goldney, "Experiências em telepatia precognitiva", *Proc. Soc. Psych. Res.*, 47 (1943) págs. 21-150.

Verificaram que o deslocamento continuava. Depois de dois anos e meio de trabalho e 11.378 experiências com cartas, obtiveram resultados que, uma vez introduzidas todas as correções, forneceram a alta percentagem crítica de 13,6 e uma probabilidade correspondente que exigiria 35 algarismos para se exprimir. O próximo livro de SOAL. (11) trará relatório completo sobre este trabalho.

11. Soal, S. G., e F. BATEMAN, *Experiências modernas em telepatia* (a ser publicado pela Yale University Pres).

É difícil fazer justiça a experiência tão extensa como esta. Somente as pessoas que têm labutado sob a tensão de precauções igualmente complexas podem chegar a apreciar o valor de prova desses resultados. Estas não de perguntar por que ainda se pedem mais provas. Afinal de contas, que mais podem outras provas adicionar à certeza de ocorrer ESP sob certas condições?

Haverá os que achem os resultados mais fidedignos se fizerem mais registros e se utilizarem mais máquinas de calcular. Na glorificação da máquina, que parece caracterizar esta época, muitas pessoas têm a tendência de pensar que, se utiliza uma máquina para obter certo resultado, este se torna realmente autoritário. Sem dúvida, é bem merecida certa confiança nos dispositivos mecânicos, mas muitos são conversa fiada para o pesquisador experimentado. Em todos os casos de emprego de máquinas para verificação de psi, tem sido necessário controlar uma ou duas vezes a exatidão da máquina. Torna-se necessário que um observador veja se a máquina está funcionando convenientemente. Assim sendo, tornou-se indispensável à repetição por processos não mecânicos. Igualmente, quando se empregam máquinas, existem sempre julgamentos de casos excepcionais, interpretação de casos duvidosos, ou leitura e cálculos de certa espécie que dependem sempre do fator humano.

A primeira exigência de um processo seguro é, naturalmente, a completa objetividade do registro e do cálculo. Se for possível realizá-los mais eficazmente por meio de máquinas, tanto melhor. Assim se fará. Mas, como qualquer experimentador qualificado sabe, pode igualmente realizar-se sem máquinas e sem risco para a pesquisa. É possível realizar a pesquisa de maneira tal que não se cometa erro algum para favorecer qualquer teoria ou desorientar qualquer pessoa. Devem introduzir-se todas essas garantias no plano da experiência. Conforme demonstramos anteriormente, nas séries de PEARCE-PRATT e de PRATT-WOODRUFF organizou-se a experiência de tal modo que se levaram em conta essas precauções. Adotaram-se medidas semelhantes contra erros nas experiências de Sons. e GOLDNEY. Tornou-se agora procedimento padronizado no trabalho de psi em que se haja de basear qualquer conclusão importante fazer constar todas as precauções contra erros no planejamento da experiência. Por exemplo, a pessoa que faz um registro ou o verifica desconhece propositalmente o outro registro. Qualquer erro cometido sob esta condição não produziria prova de psi; somente poderia favorecer a hipótese do acaso. Na melhor hipótese diluiria qualquer valor probante que os resultados tivessem. E ao tempo em que se verificam e tornam a verificar os dados, reduzem-se os erros de verificação ou de cálculo a um ponto esvanescente.

Relatou-se recentemente um exemplo de processo mecânico no manuseio de dados experimentais de ESP (12) Dá-se numa série de experiências realizada na Universidade de Harvard por um estudante, S. David KAHN, auxiliado por outro, Ulric NEISSER com alguma colaboração do Departamento de Psicologia. Organizaram-se as experiências de tal maneira que era possível verificar as folhas de registro com a Máquina Internacional de Verificação de Pontos, fabricada pela International Business Machine Corporation. Organizou-se uma folha-alvo que se fez guardar sob chave em um armário no Departamento de Psicologia, distribuindo-se folhas de registro aos sujeitos que deveriam preenchê-las de sorte a corresponder às posições constantes da

folha-alvo. Kahn assinalou ter conseguido um excesso de acertos de 271 sobre um número total de palpites de 43.278, sendo a probabilidade contra desvio tão grande em uma série destas somente por acaso de aproximadamente um em mil.

12. KAHN, S. D., "Estudos em percepção extra-sensorial", Proc. Am. Soc Psych. Res., 25 (1952) págs. 1 -48.

Pode colher-se outro exemplo de meios mecânicos em experiências de uma investigação de PC. Provém este trabalho do Departamento de Física da Universidade de Pittsburgh, tendo sido realizado pelo doutor Robert A. McCoNNELL. e seus associados, utilizando máquina construída no Laboratório de Parapsicologia de Duke. Planejou-se a máquina para lançar dados automaticamente em uma caixa longa, fina e transparente, que gira, e fotografá-los quando caem. Naturalmente o sujeito não tinha qualquer contacto físico com a máquina; pedia-se-lhe que influísse sobre a queda dos dados por meio de ação mental direta. Embora este trabalho ainda espere publicação, já foi anunciado ter fornecido resultados significativamente positivos, aumentando a prova a favor de PC. (13)

13. Relatório da comissão de pesquisa, J. Am. Soc. Psych. Res., 46 (1952) pág. 71.

A segunda linha de resultados de pesquisas consiste em prova dentro da prova. Trata-se de vestígios deixados despercebida e acidentalmente ao longo do curso principal de desenvolvimento.

Um dos exemplos mais comuns deste tipo de prova é o efeito associado à posição da experiência na série. O efeito mais comum de posição consiste no declínio da percentagem de acertos dentro de uma série (ou em qualquer outra parte da experiência) de palpites de cartas, lanços de dados ou outras experiências seriadas. Desde o início das investigações mais antigas de psi observou-se que a percentagem de acertos dos sujeitos tendia a reduzir-se se conservassem por muito tempo em uma série demasiado longa de experiências. O professor Charles RICHET, fisiologista francês, assinalou-o no livro Trinta Anos de Pesquisa Psíquica. O doutor G. H. ESTABROOKS observou declínio semelhante em uma série de somente vinte experiências em ESP em Harvard, (14) como também Miss Ina JEPHSON, (15) investigadora inglesa, mesmo em uma

série curta de cinco experiências. O declínio tornou-se tão evidente desde cedo nas investigações em Duke que se reconheceram quase como aspecto característico de ESP, pelo menos em certo tipo de experiência.

14. ESTABROOKS, G. H., "Contribuição à telepatia experimental", *Bol. n ° S, Boston Soc. Psych. Res.*, (1927), págs. 1-30.

15. JEPHSON, Ina, "Prova de clarividência em adivinhação de cartas", *Proc. Soc. Psych. Res.*, 38 (1929) págs. 223-268.

Neste caso o declínio em acertos constitui por si mesmo boa prova a favor de psi e talvez mais difícil de explicar em outros termos que não psi do que os resultados de acertos em número elevado. Considere-se, por exemplo, a experiência de ESTABROOKS em Harvard. Os sujeitos estavam em um cômodo procurando identificar cartas para as quais ele olhava em outro cômodo perto. A porta entre os dois cômodos estava fechada. Os resultados foram significativamente acima do acaso. Os críticos poderiam dizer (e assim o fizeram) com um grão de razão pelo menos que talvez se ouvisse algum indício sensorial através da porta. Mas aconteceu que os sujeitos de ESTABROOKS declinaram de tal maneira na percentagem de acertos da primeira metade da série para a segunda que a diferença entre elas foi em si fenômeno extra-acaso. Ninguém poderia dizer que essa diferença era de atribuir-se a indícios sensoriais. Se houvesse qualquer base sensorial para os resultados, teria atuado tão bem na primeira parte como na segunda. Assim também, quando ESTABROOKS removeu o sujeito para um cômodo mais distante, e o número médio de acertos caiu a um ponto mais próximo do que se esperava pelo acaso, o declínio continuou, entretanto, tornando-se mesmo mais pronunciado. Não pode haver qualquer explicação razoável para o declínio, baseada em indícios sensoriais, e o trabalho de ESTABROOKS constitui melhor prova da hipótese do que ele próprio sabia na ocasião.

A série PRATT-WOODRUFF já descrita de experiências de ESP oferece ainda outro exemplo de prova dentro da prova. Empregaram-se nesta série símbolos de tamanhos diferentes. Iam desde símbolos grandes e pesados até outros muito pequenos. O objetivo era obter alguma idéia da importância do tamanho do

símbolo. Verificou-se que, enquanto eram novos estes símbolos, de qualquer tipo que fossem, os sujeitos conseguiam acertos médios mais elevados do que mais tarde quando qualquer um havia sido usado durante algum tempo. Quando se comparou a primeira metade das experiências com qualquer símbolo de tamanho dado com a segunda metade, a série inteira PRATT-WOODRUFF revelou diferença tão grande que não se esperaria do acaso uma vez em mil experiências deste tamanho. Aqui estava, portanto, efeito secundário dentro dos dados da experiência de psi que somente se descobriu, quando, meses depois, se percebeu no curso de análises correntes, independentemente verificadas. Não havia mudança possível de condições que fosse capaz de provocar esse declínio comparativamente regular.

Até agora o leitor pode estar bem mais do que saciado de provas da ocorrência de psi. Nada menos que concepção extravagantemente arquitetada quanto à necessidade de ter provas cada vez melhores, evitando-se mesmo as possibilidades mais altamente especulativas de erro, poderia ter conduzido algum dia às pesquisas extensas e intermináveis que importavam em acompanhar esses efeitos de posição em busca de maior prova dentro da prova.

Naturalmente tudo isso significa atualmente para o psicólogo algo mais do que simples prova a favor de ESP. Há muito que tem curiosidade de saber qual a causa dos declínios. Está agora mais interessado em que o tamanho dos símbolos nada significa por si, que a novidade deles fez diferença e que a novidade aparentemente desgastou-se e produziu declínio na percentagem de acertos. Procura agora explicações possíveis.

Há volumes e volumes desta prova proveniente de diferenças internas, na maior parte sob a forma de declínios. Em certas pesquisas o sujeito sabia quando se aproximava o fim da série. Em tais casos o número de acertos elevava-se quase ao termo da série, de sorte que marcava pontos, nos últimos palpites, quase em número tão elevado como no princípio. Tais efeitos iniciais e terminais eram tão gerais que passaram a ser caracterizado como "saliência" e

reconheceram-se como característicos da realização de psi sob certas condições experimentais.

Todos estes efeitos secundários, de prova dentro da prova, produzem-se, sem dúvida, inconscientemente. O sujeito não sabe que o número de acertos está declinando. Pode dizer-se cora certeza que, se soubesse como está conseguindo os efeitos psi, seria capaz de dizer introspectivamente como e quando se realizam os declínios e, de tal modo, não se permitiria à ocorrência desse declínio na percentagem de acertos. Mas psi é inconsciente e ocorre. É preciso encarar esta realidade, e é de esperar que ainda se encontrem outras conseqüências do caráter inconsciente do processo psi.

Outro desses tipos de prova é o efeito de deslocamento. Já o mencionei como o fator que evitou considerasse SOAL a sua obra como fracasso quando CARINGTON lhe chamou a atenção para o caso. Realmente, os primeiros resultados de deslocamento manifestados foram observados pelo astrofísico americano, doutor C. G. ABBOT (16) então Secretário Executivo da Instituição Smithsoniana. Verificou em uma série de experiências de ESP em que funcionou como sujeito que tendia, sob certas condições de fadiga, a acertar na carta ao lado em lugar da carta-alvo. Mas o trabalho mais significativo e extenso a favor do deslocamento proveio de experimentadores ingleses, primeiro Whately CARINGTON e, obedecendo-lhe à sugestão, S. G. SOAL. Em todos estes casos, porém, publicou-se a prova depois de completar-se o trabalho e, no caso de SOAL, conforme dissemos, mesmo quando ele estava disposto a abandonar todos os resultados como explicáveis pelo acaso.

16. ANÔNIMO, "Um cientista experimenta a própria capacidade de ESP", J. Parapsychol., 2 (1938), págs. 65-70.

A prova mais forte de psi que até hoje se haja encontrado nesta linha secundária ocorre na pesquisa de PC. Resulta do que se denominou "QD" ou análise da distribuição em quartos da posição dos dados na folha de registro. Devemos lembrar-nos do capítulo precedente: nessa análise dividiam-se em quartos as folhas de registro de todas as experiências disponíveis de lanço de dados, para

comparar a frequência dos acertos que caíam em seções diferentes da página de registro. O maior agrupamento de acertos ocorria no quarto superior à esquerda e a percentagem mais baixa no quarto inferior à direita. Desse modo formava-se declínio em diagonal através da página, que combinava o declínio de alto a baixo e o da esquerda para a direita. Este efeito prevalece de modo geral através de grande número de séries experimentais. Como todos os dados que eram possível combinar desta maneira haviam sido reunidos quando se fizeram às análises, procedeu-se a essas análises QD muitos anos depois de ter-se completado a pesquisa originária. Somente então acudiu a idéia de examinar se tal prova interna havia ocorrido. Os resultados da análise do efeito de posição, visto suportarem a prova direta, pareciam definitivos em face de qualquer espécie de hipótese de erro até então proposta.

Apesar disso, quando o doutor HUMPHREY e eu terminamos esta análise QD compreensiva, fizemos vir o doutor PRATT, a fim de nos precaver ainda mais contra qualquer possibilidade de ,nos termos enganado a nós mesmos na convicção a que estes dados internos nos estavam arrastando novamente, este tinha passado o verão a algumas centenas de quilômetros de distância, de sorte que nada tinha a ver com a nossa análise. Nem tomara parte no trabalho originário em que se baseava. Pedimos-lhe que examinasse todo o trabalho independentemente, com o intuito de mostrar-nos, para nossa própria informação, tanto quanto uma comissão de inquérito acharia se examinasse a análise que fizéramos. A nova verificação do doutor PRATT (17) revelou termos cometido muito poucos erros - ao todo nenhum bastante sério para exigir a introdução de alteração digna de nota. Os totais dele confirmaram efetivamente os nossos e nos deram a certeza de que o nosso caso resistiria à análise mais objetiva.

17. PRATT, J. G., "Reinvestigação da distribuição em quartos da página de Pc" *J. parapsychol*, 8 (1944), págs 61-63

O trabalho recente de McCONNEL, anteriormente mencionado, no qual se utilizou um dispositivo automático de registro em filme, revelou este mesmo tipo de declínio. Neste trabalho igualmente o

declínio produziu uma diferença que significa matematicamente fator extra-acaso. Tal o melhor tipo de prova da ocorrência de PC.

Existe mais uma linha de prova para a realidade de psi: a terceira. Relaciona-se com os estudos da personalidade em relação à capacidade de psi. Atualmente tem-se dispendido grande esforço a fim de verificar se ESP ou pc estão em correlação com qualquer tipo, aspecto ou condição da personalidade. Os resultados formam sólido conjunto de provas inteiramente independentes de per si. Um dos aspectos mais interessantes desta espécie de prova é ter em grande parte resultado de séries de experiências que não produziram acertos de significação extra-acaso, e, portanto, ter-se-iam afastado como explicáveis por mero acaso.

Considerem-se, por exemplo, os extensos estudos da doutora Gertrude SCHMEIDLER, (18) psicóloga do Colégio da Cidade de New York. A doutora SCHMEIDLER, trabalhando juntamente com o doutor Gardner MURPHY, verificou que, quando submetia os estudantes em aula a experiências de ESP depois de ter-lhes registrado a atitude em relação à possibilidade de ESP (favorável ou não) podia, baseando-se somente nessa atitude, dividir o grupo em dois níveis de acertos. Os "carneiros," conforme se chamavam os sujeitos "favoráveis", tendiam a acertar acima da média do acaso, de cinco por vinte e cinco, e os "cabritos", conforme se denominavam os sujeitos "desfavoráveis", tendiam a média inferior. Durante os últimos dez anos, a doutora SCHMEIDLER acumulou vasto volume de tais dados, mantendo-se a mesma relação em grau notavelmente persistente. Se combinarem todas as diferenças que ela achou entre os dois grupos, resultará prova bastante forte contra qualquer teoria de acaso. As probabilidades são pelo menos de um milhão para um contra a ocorrência de tão grande diferença combinada devida somente ao acaso.

18. SCHMEIDLER, G.R "Separando cabritos de carneiros", J. Amer. Soc.Psych, Res. 39 (1945), págs 47-49.

Gastaríamos muito tempo se tivéssemos de examinar detalhadamente esta pesquisa de carneiros e cabritos da doutora SCHMEIDLER, pois o vislumbre que demos é somente um começo;

de fato, qualquer pessoa que deseje ter conhecimento adequado terá de consultar o livro que descreve a sua obra, ora em preparo. Lançando mão do teste de RORSCHACH e mais tarde de outros mais, ela prosseguiu no estudo das características pessoais dos seus sujeitos. Por meio desses exames ficou em condições de estabelecer maiores e mais claras separações entre os que tendiam a acertar acima da média provável e os que tendiam a acertar abaixo. (19)

19. SCHMEIDLER, G.R. "Correlates da personalidade de ESP conforme revelados pelos estudos de Rorschach" J. parapsychol, 13 (1949), págs 23-31.

Em geral, quando alguém sofrer de amnésia para todos os dados psi ao atacar o trabalho de SCHMEIDLER e tiver de principiar tudo mais uma vez, esquecendo a prova anterior por mim apresentada, será ainda levado à convicção de que somente é possível explicar tais resultados por percepção extra-sensorial, depois de estudar SCHMEIDLER. A doutora SCHMEIDLER e O doutor MURPHY não trabalharam durante todos estes anos somente para acumular mais provas de ESP, mas a prova conseguida quanto à relação de psi e personalidade também serve bastante eficazmente para esse fim.

Podem mencionar-se outros setores nesta questão de personalidade de prova que representam diferentes espécies de estudos de personalidade e diferentes espécies de experiências psi. Por exemplo, o falecido doutor Charles E. STUART do Laboratório de Parapsicologia de Duke verificou a possibilidade de separar o acertar-se muito ou pouco em experiências de ESP na base de certas porcentagens psicológicas. (20) Uma das que introduziu foi à experiência de interesse, em que o sujeito indica o de que gosta ou não em uma longa lista de assuntos apropriados. Com a adição de certos melhoramentos (21) que a doutora Betty M. HUMPHREY

introduziu depois do falecimento do doutor STUART, esta experiência de interesse mostrou-se significativamente valiosa no sentido de proporcionar uma base de separação entre os que acertam muito e pouco no grande número de séries a que se aplicou. A doutora HUMPHREY introduziu ainda outra maneira de separar os que acertam muito ou pouco em experiências ESP. (22) Essa experiência de separação consistia em atribuir valores percentuais a

certos aspectos dos desenhos que o sujeito executava como parte de uma experiência ESP de clarividência. Apresentava-se ao sujeito um envelope opaco fechado contendo uma gravura, pedindo-se-lhe fizesse um desenho do que pensava que fosse. O doutor STUART acumulara esses desenhos, quando Miss HUMPHREY, então estudante diplomada de psicologia, estava trabalhando nesta pesquisa. Ela tivera o cuidado de classificar os desenhos resultantes quanto a certas qualidades 3e forma, como tendência a expansão desordenada ou compreensão indevida (critérios adotados do processo ELKISCH de avaliação de desenhos em um exame de desajustamento de crianças). Por esse modo tornou-se-lhe possível separar os que acertavam muito ou pouco na experiência de ESP. Mais do que isso, verificou que havia diferenças características nos acertos entre os expansivos e os compressivos nas experiências de telepatia e clarividência. Os expansivos acertavam positivamente em clarividência e negativamente em telepatia enquanto com os compressivos dava-se o contrário.

20. STUART, C. E., ., "Relação de inventário de interesse para acertos em ESP", *J. Parapsychol.*, 10 (1946), págs. 154-161.

21. HUMPHREY, B. M., "Novos trabalhos do dr. Stuart sobre percentagens em experiências de interesse e ESP", *J. Parapsychol.*, 13 (1949), págs. 151-165.

22. HUMPHREY, B. M., "Relação de ESP para a maneira de desenhar", *J. Parapsychol.*, 13 (1949), págs. 31-46.

Devo observar que cada um destes parágrafos em que descrevo em poucas palavras certo trabalho de pesquisa representa anos de atividade. Seria necessário consultar grande número de relatórios científicos diferentes para avaliá-lo e apreciá-lo inteiramente. Ainda neste caso, amnésia por tudo que não os estudos de personalidade revelaria que este gênero de prova indicaria também inevitavelmente a atuação do fator que chamamos psi.

Contudo, existe mais um gênero de prova claramente discernível, ainda mais afastado, que devo mencionar agora. De certo modo é ainda o mais técnico. De qualquer maneira é mais difícil resumir-lhe a descrição, e entretanto para qualquer crítico intelectual honesto que tenha um resto de dúvida no espírito é talvez o mais inevitável. Neste gênero se encontra a espécie de prova mais

apurada, esmiuçada e superanalisada possível. Apurou-se por meio de uma espécie de redestilação do filtrado da prova, que se desenvolveu por outros meios de análise.

Um ou dois exemplos bastarão. Considere-se o efeito de reforço descoberto por SOAL no trabalho que realizou em companhia da senhora GOLDNEY. ele e o doutor PRATT, (23) depois de longa série de estudos, extraíram e estabeleceram firmemente a existência deste efeito que é de duplo deslocamento. No deslocamento que SOAL e GOLDNEY encontraram originariamente o leitor deve estar lembrado que o sujeito, trabalhando com um emissor particular, tendia a ir para diante ou para trás em direção à carta imediatamente antecedente ou conseqüente ao alvo. SOAL e PRATT verificaram que quando o mesmo símbolo ocorria na carta anterior ou na carta logo em seguida (digamos, as cartas são estrela, círculo, estrela quando o sujeito chama estrela em oposição a círculo) parecia que a combinação dos deslocamentos para frente e para trás dava ao sujeito não somente o duplo de volume de sucesso de ESP mas algo como cinco ou seis vezes mais. estes resultados são muito significativos, mui distantes de um efeito de acaso. A probabilidade de conseguir-se efeito tão assinalado somente pelo acaso é da ordem de mil para um. Realmente, é um dos efeitos mais notáveis que até hoje se encontraram neste campo de efeitos extraordinários, e, assim sendo exige maiores investigações. Apresenta especialmente problemas psicológicos: Por que certo sujeito produziu este efeito com certo emissor? E como, ficar-se-ia especialmente tentado de saber, o realizou?

23. PRATT, J. G., "Efeito de reforço em deslocamento de ESP", *J. Parapsychol.*, 15 (1951), págs. 103-117.

Análises desta espécie exigem a aplicação hábil e cuidadosa dos instrumentos delicados de exame estatístico, mas o trabalho de parapsicologia tem sido particularmente feliz a certo respeito, pelo qual somos particularmente gratos. Tem chamado a atenção de grande numero dos estatísticos mais capazes, particularmente na América e na Inglaterra. Pode-se dizer que estes especialistas nos têm acompanhado muito de perto quando trabalhamos nestes

problemas durante anos a fio. Não há dúvida que se deve em grande parte a segurança dos resultados a essa generosa colaboração. O efeito de reforço constitui exatamente um exemplo. Tomaria espaço demasiado relatar todos os efeitos curiosos que se encontraram neste gênero durante as análises estatísticas aprofundadas que se têm realizado. Mencionarei, entretanto, alguns dos efeitos psicológicos "subterrâneos" que estão surgindo das análises mais adiantadas. Considerarei, por exemplo, o efeito persistente de omissão descoberto pelo doutor Remi CADORET em trabalho que realizou com o doutor PRATT. (24) Examinando dados antigos, CADORET suspeitou a princípio e, em seguida, estabeleceu pela análise que certos sujeitos, nas chamadas de ESP, formam associações peculiares entre símbolos. Por exemplo, certos sujeitos isolados podem chamar persistentemente uma estrela ou um círculo. Mas não é capaz de inverter necessariamente a associação errada chamando círculo e estrela, e pode não cometer qualquer erro regular com qualquer outro símbolo. Sem dúvida, suspeitamos a existência de algum motivo psicológico profundamente incutido para semelhante relação; de qualquer maneira, sabemos que ocorre significativamente em certos casos para que se atribua o efeito a qualquer resultado real extra-acaso.

24. CADORET, R., e J. G. PRATT, "Efeito de omissão persistente em ESP", *J. Parapsychol.*, 14 (1950), págs. 244-256.

Neste exame de prova vem em seguida certa variedade muito peculiar. Consiste em um tipo de dados que tende a cancelar a prova ordinária ao invés de favorecê-la, este efeito muito tem contribuído para frustrar o esforço do experimentador no sentido de produzir totais elevados de acertos em experiências de psi. Denomina-se o fenômeno de omissão de psi; (25) revela-se nos resultados das experiências sob a forma de desvio negativo significativo produzido por uma percentagem de acertos abaixo da média que o acaso só por si daria. É como se o sujeito estivesse tentando deixar de acertar nas cartas, embora se saiba perfeitamente bem agora não ser esta a explicação. É mais como o caso de um atirador que inadvertidamente desloca as miras e, daí por diante, quanto melhor

aponta mais constantemente deixa de acertar no alvo. O tipo CADORET de omissão constante, mencionado acima, é justamente um caso de omissão psi geral. Faz-se constantemente uma ligação errada entre dois símbolos diferentes.

25. JUNG e PAULI, op. Cit.

A omissão psi enganou a todos grandemente, durante muito tempo, antes de ter-se reconhecido. Agora, porém, que se descobriu, proporciona provas de valor especial. E assim que atua: E assim que atua o sujeito pode estar esforçando-se o mais possível por obter o maior número de acertos, estando igualmente o experimentador interessado no mesmo objetivo. Contudo, algo desvia um pouco o sujeito de algum modo sutil que não percebe e, portanto, acerta constantemente tão abaixo da média do acaso que o matemático diz não ser razoável chamar de realização do acaso. Se tal acontecer repetidamente, como tem acontecido, representa algo significativo além da própria prova de ESP. Sem dúvida, constitui prova tão valiosa e definida de ESP como o seria desvio positivo igualmente grande. A significação do desvio negativo é idêntica ao positivo. Nota-se, contudo, mais um fato quanto a ESP e às condições sob as quais ocorre neste efeito de omissão psi. Voltaremos mais tarde a esta conexão. Por enquanto é bastante observar que, nos resultados de omissão de psi temos prova de psi que não era conhecida ao tempo da experiência, seja por parte do sujeito, seja por parte do experimentador. Esta espécie de apoio inesperado, involuntário, ambíguo, é tão indiscutível como a melhor prova de impressão digital.

Finalmente, ainda existe outro tipo de prova de psi. Se houvesse qualquer interesse restante na espécie de apoio que as alegações a favor de psi receberam ter-se-ia de orientá-lo para o que equivale a quinto gênero de prova - uma espécie de posição de cume que domina uma ordem mais geral de observações e de perspectivas. A revisão já realizada mostrou que qualquer avaliação parcial ou por seções de tão grande conjunto de provas não é capaz de proporcionar qualquer quadro global adequado. Há dados em demasia para incluir em qualquer cena local. Consegue-se melhor

perspectiva pelo exame das correlações entre as pesquisas mais importantes para alcançar uma explicação geral quanto à força, consistência e solidez das alegações gerais.

Antes de tudo, é digno de nota que ESP e PC formem, juntos, unidade funcional que faz sentido. Não é somente que são análogas ao sistema sensorimotor paralelo que funciona por meio de inter-relações físicas conhecidas entre organismo e ambiente. E mais do que isso. O conceito de reação faz parte integral da idéia mais fundamental de causação. Até que se apresente algum motivo para proceder diferentemente, há de continuar-se a pensar naturalmente a respeito dos fenômenos de psi em termos de causação, embora respeitando a sugestão do doutor C. G. JUNG de que nas operações psi a hipótese por ele formulada de sincronicidade chegue a suplantar a causação. (26) Seja qual for à extremidade da relação sujeito-objeto de que se parta, ter-se-á de planejar teoricamente uma ação que exige reação de contrapartida. A interatuação psicofísica em ESP ou em PC deve considerar-se, parece-me, reversível. A mais simples operação de Pc parece exigir a ocorrência de ESP para tornar o processo racionalmente compreensível. E preciso guiar cognitivamente a ação do sujeito sobre o objeto. Para isso a percepção sensorial é insuficiente.

26. JUNG e PAULI, op. Cit.

Inversamente, tem-se assinalado repetidamente que se ocorrer ESP terá de resultar algo de semelhante a PC de acordo com a Lei da Reação. (Cada ação tem uma reação igual e contrária.) A idéia é que deve ocorrer alguma reação à extremidade objeto da ação sujeito-objeto compreendida em ESP, e o sujeito teria de deixar algum efeito sobre o próprio objeto quando atua em uma experiência perceptual psicofisicamente sobre o sujeito. Exigiria, sem dúvida, reação PC.

Há outra dessas relações mais amplas que faz sentido: é ter-se verificado que ESP é independente do espaço e do tempo até onde podem estender-se as investigações. Com toda certeza não faria sentido se verificasse depender de um dos dois e não do outro, ou se tivesse obtido prova de ESP ou PC mas não de ambos. Em qualquer

dos casos seria muito mais difícil de ajustar estes achados fragmentários a ordem natural do que no caso presente.

Nota-se também um terceiro ponto neste apelo à razão. É que a telepatia e a clarividência parece combinarem bem sob um único título compreensivo, percepção extra-sensorial. Embora ninguém saiba ainda o que vai produzir a investigação final da telepatia, seria razoável esperar que uma função psi que atua independente de espaço e tempo gozasse certa liberdade de limitações quanto ao que é capaz de perceber como alvo ou estímulo. A prova de telepatia e clarividência juntas indica ampla diversidade de estímulos. Em outras palavras, mesmo sob a compreensão limitada atual, há consistência racional nessa independência de espaço e tempo por um lado e a independência de limitação específica de alvos que se encontra, por outro lado, nos estudos de telepatia e clarividência.

Há um ponto em relação ao qual é seguro ser enfático: a descoberta de que as funções psi em nível inconsciente fizeram progredir a compreensão racional de psi mais do que qualquer outra observação psicológica que se haja feito a respeito. Desde que se compreendeu que o sujeito em uma experiência de psi não tem conhecimento fidedigno da ocasião em que ocorre a experiência e se é ou não correta, muitos efeitos curiosos e desconcertantes que se apresentaram tiveram logo explicação. O mais desorientador de todos era o efeito de omissão de psi com o desvio negativo dos acertos. A relação das outras conseqüências desta desvantagem de inconsciência é bastante longa, compreendendo declínios, deslocamentos, reforços, omissão constante, saliência e outros mais. Com o reconhecimento da inconsciência de psi tornou-se possível compreender o esquívamento do fenômeno e afastou-se o mistério de muitos fracassos enganadores. Revelara-se não ser suficiente a boa intenção em nível consciente. Psi atua em camada mais profunda e aí também são importantes às condições.

Há mais outro ponto essencial na explicação de psi: os efeitos de psi são legítimos, a seu modo, e tão inteiramente assim como qualquer outra ocorrência em a natureza. Não só pessoas normais os oferecem, mas pode aplicar-se o mesmo cálculo matemático a eles

como às experiências de memória. Pode motivar-se psi pela mesma espécie de esforço intencional e neles interferir por meio dos mesmos tipos de distração ou inibição. Em uma palavra, psi não é ilegítimo, artificial, supernatural ou algo de parecido. Atua por maneira bastante semelhante a outras funções mentais para indicar que pertence ao domínio da personalidade. O que o distingue claramente é não ser físico, independentemente de tudo quanto possa haver em uma pessoa que o seja. A racionalidade característica desta legítima integração de psi na personalidade como um todo vem responder a uma porção de dúvidas ansiosas quanto à sua realidade.

Aqui está também um acontecimento natural que não é físico em si, mas que é capaz de atuar sobre o mundo físico. É o que se vê ocorrer nestas mesmas experiências. Assim tem de ser. Não seria possível nunca descobrir um efeito psi se a parte psi da operação não se registrasse finalmente em algum aspecto físico da natureza que os sentidos possam apreender. É muito parecido com o que acontece com a radiação cósmica; os terminais sensoriais não são capazes de interceptá-la e ficaria inteiramente desconhecida se não dispuséssemos de instrumentos que a convertam em algo que se registra nos órgãos humanos de recepção. Poder-se-ia dizer que o ser humano é construído de tal maneira que contém em si certo tipo de mecanismo de conversão destinado a transformar efeitos psi em efeitos sensoriais perceptíveis ou equivalentes sensoriais em experiências (alucinações, sonhos, etc.) O homem possui contador Geiger próprio para essa tarefa de conversão de energia.

Mas tentar amarrar dualismo metafísico ao processo psi só porque se verificou constituir elemento não-físico em a natureza importa somente em criar dificuldades desnecessárias, absurdo forçar tal conexão tomando por base os fatos registrados a respeito deste novo mundo de operações psi. Existe ação recíproca evidente entre sujeito e objeto, se algo existe de qualquer maneira. E se tem significação a ação recíproca, deve existir alguma base comum para ela nos dois sistemas. Esta necessidade lógica é o bastante para afastar a possibilidade de qualquer dualismo absoluto. Exatamente agora a ênfase sobre a unificação e sobre a base da ação recíproca é

ainda mais importante, visto ter-se estabelecido a distinção entre o que é físico e o que não o é.

Pode chamar-se esta última correlação de dualismo relativo (como podia chamar-se monismo relativo). Encontram-se muitos dualismos relativos em a natureza, que não precisam ser desconcertantes. Se houvesse dualismos absolutos ninguém poderia chegar a conhecê-los. A ação recíproca é indispensável para conduzir à prova, e a mais leve ação recíproca refutaria de per si o absoluto. É tempo de menos contra-senso quanto a dualismos imputados e mais ênfase com relação à maneira de descobrir o que é que transpõe a brecha que representam e a que profundidade se estendem.

Sem dúvida, há limites definidos e ainda está longe a possibilidade de atingir as metas principais. A ciência da parapsicologia ultrapassou atualmente o estágio de aglomerado confuso de resultados não-coordenados, característico de qualquer setor de exploração em início. Mesmo assim, ainda não se conseguiu compreender fundamentalmente a natureza de psi nem lhe dominar de maneira útil o funcionamento. Contudo, quanto à compreensão fundamental o novo campo não está em piores condições que o conjunto da psicologia geral; esta ciência mais antiga está ainda longe de compreender mesmo a natureza do entendimento.

Quanto ao outro problema, o de conseguir controlar o exercício da capacidade de psi, a dificuldade é muito grande. Ainda não se alcançou o ponto de poder repetir rigorosamente experiências que permitam a demonstração de efeitos psi em qualquer ocasião. Na situação atual tal questão não está nem mesmo ainda em ordem. Do retrospecto que fizemos verifica-se que a ocorrência de psi ainda é em grande parte espontânea. Existem tantas variáveis fora de controle sobre as quais o experimentador não pode ter certeza de exercer domínio suficiente que se vê obrigado, na situação atual, a trabalhar sob incerteza considerável todavia, deve ter a certeza - e pode tê-la - de que, quando obtém resultados, têm de ser devidos a psi e a nada mais senão psi. Tal o critério, o nível, do período atual

de pesquisa de psi. Sem dúvida será diferente mais tarde, quando o explorador de psi for capaz de produzir o fenômeno sob pedido.

Entretantes, que ninguém venha dizer sem contestação que, como ainda há muito que aprender a respeito de um fenômeno, nada, em conseqüência, dele se conhece; que, como não é possível produzir certo eleito a pedido, nunca foi produzido. Desde que se compreenda convenientemente o que indicam os resultados conhecidos, e juntamente com isto parte do grande volume que ainda está por descobrir, não se esperará de pesquisa pioneira a consecução imediata do domínio completo e do controle antes que se mencione o assunto.

É de imaginar-se que a tarefa intelectual de reajustamento aos achados de psi será salto demasiado grande para se realizar durante a vida de um indivíduo, para a grande maioria dos profissionais; o resto deste livro destina-se, porém, aos que estiverem dispostos a fazer o esforço, aos que o desafio intelectual se afigure digno de aceitação. Parece natural prosseguir agora, nestas páginas, conforme se fez na pesquisa, segundo a suposição de que existe base firme de fatos experimentais em confirmação de algumas hipóteses, pelo menos, sugeridas pelas experiências psíquicas espontâneas.

Chegou agora à ocasião de levantar um pouco os horizontes para incluir na perspectiva a relação destes fatos para com as árvores vizinhas da ciência. Era necessário, conforma explicamos anteriormente, antes de atacar este esforço mais amplo, mostrar que a base fornecida pelos resultados da pesquisa nas praias do novo mundo é inteiramente segura. E agora que assim o fizemos, resta ainda mais um passe preliminar. Antes de atacar essa perspectiva mais vasta de relações, considerarei no capítulo seguinte o que se sabe a respeito desse novo mundo e especialmente quanto às suas relações internas. Tal revisão dos fatos será fundamental para os capítulos posteriores da discussão.

Capítulo 3

As Fronteiras Atuais da Pesquisa

Que revelam os primeiros mapas desenhados dos contornos deste novo mundo? Agora que examinamos a prova a favor de psi, a questão que mais nos exige a atenção diz respeito aos tipos fundamentais de fenômenos psi: Que são eles e como se podem distinguir fundamentalmente? Estas perguntas fundem-se com o problema do objetivo e do caráter da própria função psi, e, para além destes, surge à questão do lugar ocupado por psi na personalidade total do homem e no cenário geral da natureza.

Tem-se experimentado certa dificuldade em distinguir entre os tipos de psi. Conforme discutimos anteriormente, impõe-se ainda a necessidade de experiências que discriminem mais conclusivamente entre telepatia e clarividência. Há os que não se mostram satisfeitos por terem as experiências de precognição e psicocinese sido conduzidas de maneira a tornar-lhes as respectivas explicações mutuamente exclusivas. Há alguns anos havia certa controvérsia de bom humor dentro do campo da parapsicologia com relação a tais questões, embora, enquanto escrevo este livro, pareça ter cessado quase inteiramente.

Tem sido prática comum classificar todos os fenômenos psi, e isto significam todos os fenômenos psíquicos, nos que conduzem a efeitos físicos (psicocinese) e os que resultam em certa forma de experiência (percepção extra-sensorial). Parece, porém, lógico pensar que estes dois amplos tipos de psi representam simples aspectos escolhidos arbitrariamente da mesma ação recíproca psicofísica fundamental (sujeito-objeto), sendo aqueles apenas produtos finais. O efeito medido na experiência de PC é o que se realiza sobre o objeto; em ESP é sobre o sujeito. (Provavelmente há combinações de ESP e PC em ocorrências naturais de psi, e mesmo

outras modificações ou formas intermediárias.) Desse modo, o plano e o objetivo da experiência determinam qual a extremidade que se deva salientar na relação sujeito-objeto. Como no indivíduo esta relação fundamental ESP-PC é paralela à relação sensório motor entre sujeito e objeto, torna-se aceitável o conceito de unidade básica dessas operações psi. Contudo, será preciso lembrar que este conceito de unidade é ainda em grande parte mais questão de lógica do que de experiência.

A precognição apresenta problema mais sério de classificação. Tem-se acentuado a prática de falar de ESP de acontecimentos futuros como fenômeno que merece nome próprio, enquanto ESP de acontecimentos muito distantes no espaço ainda se considera ESP não determinada. Tal uso reflete provavelmente as normas do pensamento da época mais do que distinção fundamental entendendo com diferenças no processo, e impossível dentro dos conceitos atuais compreendera maneira pela qual um sujeito pode perceber um acontecimento objetivo do futuro, que ainda não ocorreu. É mais fácil imaginar possa o sujeito perceber objeto distante somente em dimensão geográfica. Mas a simples imaginação mostrou significar muito pouco ou mesmo nada no estudo do mundo físico. Contudo, tem-se de conceder certa parte à conveniência a expensas de consistência em muitas ciências mais antigas do que a parapsicologia. Pelo mesmo motivo é provável que continue o emprego do termo precognição simplesmente como medida prática, para designar categoria psi distinta.

Apresenta-se dificuldade mais fundamental quando se procura distinguir entre telepatia e clarividência; na realidade, o esforço que se tem dispendido no sentido de encontrar completa distinção entre as duas não parece conduzir a qualquer resultado. Superficialmente o problema não parece apresentar dificuldade. Afigurar-se-ia tratar-se somente da ordem de estímulos ou alvos de que ESP pode tratar. Os primeiros pioneiros denominaram bastante convenientemente os fenômenos na base do que parecia estar-se passando. Se o alvo era o pensamento ou a experiência de outro sujeito, dizia-se que a experiência era de telepatia. Se o alvo era objeto que na ocasião

outro sujeito não experimentava, chamava-se clarividência. Todavia, agora que se sabe atuar ESP igualmente bem em experiências com tipos objetivos ou subjetivos de alvos, afigura-se que a classificação originária talvez não tenha importância para o processo real compreendido. Partindo novamente do que se conhece hoje, provavelmente ninguém pensaria em afirmar que há duas espécies de ESP Conjeturaria, de preferência, que, como ESP compreende na série de materiais de alvo o que está extremamente perto ou longe, o pequeno e o grande, o visível e o invisível, o presente e o futuro, também pode compreender o objetivo e o subjetivo.

Contudo, mesmo assim, a conveniência e a familiaridade não deixam de ser fatores importantes. Por este motivo, os termos clarividência, telepatia e precognição continuarão provavelmente em uso se tiverem realmente significado fundamentalmente diferente. Devem considerar-se provavelmente, contudo, estas três subdivisões de ESP como linhas traçadas a giz na superfície para conveniência de uso. Fundamentalmente esta questão de tipos implica relação entre psi, o sujeito e o resto do universo. Será impossível decidir se existe qualquer diferença fundamental entre telepatia e clarividência como formas de ESP até que se saiba um pouco mais a respeito do que é realmente o alvo subjetivo (se é mesmo subjetivo) nas experiências de telepatia. Em outras palavras, a resposta às perguntas depende da natureza do pensamento. Até que se possa determinar alguma distinção experimental entre a experiência do sujeito e o acompanhamento neurofisiológico da respectiva experiência, não há maneira de saber que espécie de realidade básica está representada no "espírito" de que se trata na situação da experiência.

Mesmo superficialmente, estas distinções de tipo acarretam uma série de dificuldades, como, por exemplo, na questão dos processos das experiências. Conforme tivemos ocasião de mencionar no primeiro capítulo, as experiências de telepatia já progrediram a ponto de mostrar que o pensamento do emissor constitui estímulo suficiente para o sucesso da percepção telepática. Não há necessidade de alvo objetivo de qualquer espécie conhecida. O

problema chega assim a um ponto morto porque não se conhece a natureza do alvo telepático. Até hoje os pesquisadores acham-se francamente na impossibilidade de sugerir qualquer maneira de suprimir toda associação objetiva com o "pensamento" alvo. A tarefa de isolar a telepatia para estabelecê-la como tipo não-clarividente de ESP está, portanto, pelo menos por enquanto, em ponto morto.

A situação quanto à clarividência é, contudo, mais clara do que para a telepatia. Em certos setores da parapsicologia tem-se notado certa tendência filosófica contra a admissão da possibilidade da clarividência e a favor da explicação de qualquer prova por meio da telepatia. Daí resultaram esforços vigorosos para a justificação dos primeiros resultados das experiências de clarividência em termos de telepatia precognitiva. É a contrapartida da hipótese discutida anteriormente, que lançava mão da clarividência precognitiva para explicar a telepatia. Os que propunham esta hipótese contrária de telepatia precognitiva argumentavam que, quando o sujeito conseguia em uma experiência de chamada de cartas em clarividência identificar a ordem das cartas, poderia realizá-lo adiantando-se telepaticamente ao tempo em que o experimentador olhasse para as cartas a fim de registrá-las. Nada além de telepatia seria necessário se lhe déssemos a possibilidade de ser também precognitiva. Tal explicação aplicar-se-ia na maior parte da prova a favor da clarividência.

Contudo, ainda não se apresentou um caso experimental inteiramente satisfatório em confirmação da ocorrência real de telepatia precognitiva. (1) Um ponto tecnicamente fraco com relação ao único estudo controlado de telepatia precognitiva que se realizou até agora (SOAL e GOLDNEY) (2) é que (para considerar uma alternativa) os resultados poderiam ter sido causados por uma espécie de inversão do processo de telepatia precognitiva. Nestas experiências, o sujeito, B. S., identificava a carta alguns segundos antes de ter apanhado o experimentador (dentro um grande número) o índice colorido que decidiria qual deveria ser o alvo. Isto parece telepatia precognitiva, mas o experimentador poderia ter sofrido a

influência na escolha suposta ocasional do índice por ESP do que o sujeito já havia dito deveria ser o alvo. Não há meio algum de ter certeza quanto à direção em que psi atua neste caso. A fim de realizar uma experiência adequada de telepatia precognitiva seria necessária uma condição que limitasse a transferência a uma direção única. Seria possível conseguir uma condição destas, mas importaria em todas as dificuldades adicionais do problema de telepatia. Por outro lado, a telepatia precognitiva não é possibilidade desarrazoada, se supuser ter-se estabelecido a ocorrência tanto da telepatia quanto da precognição. A hipótese é sem dúvida suficientemente razoável para justificar a realização de experiências como hipótese contrária à clarividência.

1. RHINE J.B. "Reconsideração da precognição" *J. Parapsychol.*, 9 (1945), págs. 264-277

2. Soal e GOLDNEY, art.cit.

Felizmente, contudo, essa alternativa particular quanto à clarividência já havia sido satisfeita, de maneira inteiramente acidental, ao tempo em que surgiu a questão. Algumas experiências de clarividência já realizadas quando esta questão se apresentou pela primeira vez satisfaziam convenientemente as exigências para estabelecer-se a clarividência em termos que a telepatia precognitiva não era capaz de explicar. Já mencionamos anteriormente uma das experiências de clarividência: é a de emparelhar. Ainda aí, as séries de experiências já familiares de PRATT-WOODRUFF servirão de exemplo. Nestas, o leitor deve estar lembrado, o experimentador colocava as cartas-alvo no lugar e na ordem indicados pelo sujeito. Este o fazia apontando para a posição da carta-chave que achava dever emparelhar com a carta-alvo. Ora, se o sujeito tentasse fazer uso de telepatia precognitiva adiantando-se ao tempo em que a carta seria observada pelo experimentador, o sujeito entraria em conflito com a própria resposta que, por essa ocasião, já estaria formulada. Em outras palavras, poderia adiantar-se tão-só à consequência da própria resposta, e, portanto, teria de comprometer-se antes de pôr em ação a telepatia precognitiva. Em consequência, afastava-se esta eficazmente da experiência por motivos lógicos.

Conforme se verificou, várias outras experiências haviam sido acidentalmente planejadas de tal maneira que excluía automaticamente a possibilidade de telepatia precognitiva. Há diversos outros tipos de experiências de clarividência que, de maneira semelhante, parece que afastam muito eficazmente a possibilidade de telepatia precognitiva. Assim sendo, a clarividência, no que se relaciona com o exame crítico a que se procedeu até agora, afigura-se constituir aspecto bem estabelecido da função psi.

Verdade é que a telepatia está, por enquanto, numa categoria de espera. Mas, enquanto aguarda a inspiração de nova maneira de encarar-se, será conveniente ter presente ao espírito a importância da questão que os progressos experimentais fizeram surgir na pesquisa telepática, que se estende, na verdade, a todas as ciências do homem. Trata-se da natureza da experiência subjetiva do homem na sua relação para com o cérebro físico - que exige resposta científica segura antes de qualquer das ciências que tratam principalmente da personalidade humana possa estar certa dos seus princípios fundamentais.

Vem em seguida o problema provocador da precognição. E é exatamente este o tipo de fenômeno do qual se deva esperar naturalmente surgir o maior número de controvérsias. Na realidade, a hipótese da precognição deverá ser, provavelmente, um dos grandes campos de batalha da ciência. Nada em toda a história do pensamento humano - heliocentrismo, evolução, relatividade - foi mais verdadeiramente revolucionário ou radicalmente contraditório para o pensamento contemporâneo do que os resultados da investigação de psi precognitiva. Mesmo os que acompanharam as investigações de psi até certo ponto sem demonstrar convulsões intelectuais, reagiram com violento ceticismo ao tomarem conhecimento das descobertas em precognição. Mesmo dentro do campo da parapsicologia verificou-se desde o início vigoroso esforço para explicar os resultados das experiências de precognição em termos de alternativa mais racionalmente aceitável. Terem poucos experimentadores de psi atacado o problema deve-se, em parte, talvez, à incredibilidade inerente à idéia.

A explicação alternativa mais plausível dos primeiros resultados que sugeriam precognição era a possibilidade de produzir a percentagem significativa de pontos que revelavam a atuação de ESP clarividente. Seria de imaginar tal possibilidade nos casos em que o experimentador baralhasse as cartas à mão. Pesquisa colateral no que se veio a chamar de "baralhamento psíquico" mostrará a possibilidade de utilizar-se ESP de maneira a colocar as cartas no processo de baralhamento de sorte a se emparelharem com as de outro baralho a tal ponto que excluísse o acaso como explicação.

Depois da descoberta desse efeito surpreendente, abandonou-se o baralhamento à mão substituindo-o por máquinas, a fim de evitar o efeito psíquico de baralhamento. Desse modo eliminou-se a explicação alternativa dos resultados por meio da clarividência.

Em seguida ofereceu-se a hipótese de pc como explicação oposta à precognição. Enquanto se fizesse o baralhamento por meio de máquina, ainda haveria, como desde cedo se reconheceu, a possibilidade de sofrerem as cartas a influência de pc de sorte a virem a cair emparelhadas com a ordem de predição. Isto é, o sujeito ou o experimentador talvez pudessem ter influído psicocineticamente sobre a ordem das cartas. Assim sendo, no processo que então se adotou, o baralho, depois de embaralhado, cortava-se de maneira tal que afastava a hipótese de pc como explicação razoável. Realizava-se o corte tomando por base as leituras de temperaturas constantes de certo jornal para certa data futura estabelecida. Mas mesmo então ainda havia alguns indivíduos que sustentavam a possibilidade de PC explicar suficientemente os resultados obtidos.

Farei por alguns momentos uma digressão sobre essa alternativa, para quem quer que deseje encará-la seriamente. O leitor deve estar lembrado de que os resultados obtidos por mim e pela doutora HUMPHREY nas experiências de precognição com crianças provinham de experiências em que se empregavam cortes pela temperatura. Reconhecíamos, sem dúvida, a alternativa aparentemente fantástica de que os experimentadores, ou alguém que os auxiliasse, influísse sobre a temperatura real ou sobre o

instrumento registrador ou sobre as pessoas que fizessem a observação, de tal maneira que se cortasse o baralho de modo a produzir mais do que um número de coincidências devidas ao acaso entre elas e a distribuição de símbolos em grande número de folhas de registro até então acumuladas. Contudo, esta operação hipotética complicada afigurou-se tão fantástica que se resolveu deixá-la de lado nesse ponto. Mui comumente, a ascensão na ciência ao resolver um problema complexo toma o aspecto de escada. A realização completa, como o Céu, "não se consegue de um salto".

Não se encontram na ciência soluções absolutamente finais de qualquer maneira. O melhor processo para melhor focalizar experimentalmente a questão da precognição consiste em continuar a aumentar as dificuldades para a explicação alternativa por pc. Os que não estiverem satisfeitos têm liberdade para prosseguir com o assunto e sua solução. Realizaram-se ultimamente experiências com um acréscimo ao dispositivo de corte pela temperatura. Trata-se de uma espécie de barricada intelectual destinada a impedir que qualquer forma de psi exceto precognição produza resultados na experiência. Atua da seguinte maneira: as leituras das temperaturas não são aplicadas simplesmente ao corte do baralho. Ao invés, utilizam-se como base para operações matemáticas complicadas realizadas por meio de máquina de calcular. Regras fixas limitam essa operação de sorte que não cabe ao experimentador escolher o que tem de fazer com a máquina. Sem dúvida, a própria máquina não realiza qualquer escolha nem está sujeita à influência de Pc. Portanto, quando surge finalmente a resposta, e dela se faz uso, então, como base para o corte do baralho, algo ocorreu entre a leitura da temperatura e o corte do baralho tão remoto dos poderes intelectuais de qualquer pessoa que fica excluído qualquer uso possível de PC para que as cartas venham a emparelhar com as predições.

Embora este processo ainda não tenha sido descrito em qualquer publicação, os resultados obtidos até agora, mesmo em experiências limitadas em que se tem aplicado, são grandemente sugestivos. O dispositivo de precaução adicionado não alterou a percentagem de

acertos, mas até agora não foi possível completar trabalho suficiente para tirar-se uma conclusão.

Apresentou-se também argumento inverso para esta questão de precognição-psicocinese. Também se ofereceu a precognição como hipótese contrária a PC. Há os que, bem representados pelo zoologista doutor C. B. NASH, sustentam ser a precognição explicação possível para os resultados das experiências de psicocinese. (3) Para muitos leitores isto parecerá forçar uma conclusão já forçada; mas será preciso lembrar sempre que em uma ocasião ou outra quase tudo quanto se aceita na ciência agora parecia a certo grupo profissional demasiado forçado para merecer crédito.

3. NASH C. B., "Reconsideração da psicocinese", J. Amer. Soc. Psych. Res, 45 (1951) págs 62-68.

O argumento do precognicionista (chamemo-lo assim por enquanto) é que, na experiência de PC ou o sujeito ou o experimentador pode ter percepção precognitiva de todos os dados conforme cairão na experiência a ser conduzida e, na base dessa percepção, ficará em condições de julgar qual a face-alvo mais vantajosa para escolher. Se concedêssemos a possibilidade de o sujeito ser capaz de conseguir tal impressão precognitiva auxiliar, e concedêssemos também que lhe fosse permitido escolher a face-alvo ou a ordem em que se utilizassem às faces-alvo, é de imaginar que poderia, mesmo em série de puro acaso, escolher certa ordem favorável de faces-alvo ou combinações de faces e, portanto, produzir desvio significativo sem precisar de PC. Em algumas experiências de PC permitiu-se, na verdade, ao sujeito que escolhesse a ordem de alvo para aumentar-lhe o interesse.

A face do argumento do psicocinetista poderia apresentar-se da seguinte maneira: para fazer uso com êxito da precognição, o sujeito teria de prever e juntar mentalmente os resultados de milhares de lanços diferentes de dados. Importaria em uma ordem gigantesca de cálculo mental, que, para começar, exigiria a suposição de uma ordem de precognição tal que experiência alguma até hoje demonstrou. A tarefa do cálculo aritmético mental compreendido

especialmente dentro do tempo disponível, estaria certamente além dos poderes normais de qualquer um. Mas o precognicionista poderia responder: "Como sabemos quais os limites do inconsciente em assuntos dessa espécie? E, afinal de contas, a psicocinese é também bastante grande; não podemos igualmente explicá-la".

A melhor experiência para exclusão da precognição em uma experiência de psicocinese é a do psicólogo doutor R. H. THOULESS, da Universidade de Cambridge. (4) Em uma experiência de PC em que experimentou a si próprio, utilizou um processo padronizado conhecido como técnica do Quadrado Latino para assegurar que se obedecesse a uma ordem ocasional de alvos. Os resultados significativos que conseguiu não podem atribuir-se razoavelmente a qualquer espécie de hipótese de precognição sugerida até agora. Esta leva pelo menos o argumento muito à frente a favor do aspecto Pc da questão.

4. THOULESS, R. H., "Relatório a respeito de uma experiência em psicocinese com dados e discussão dos fatores psicológicos favoráveis ao sucesso", Proc. Soc. Psych. Res., 49 (1951), págs. 107-130.

Realizou-se certo número de outras experiências de pc em que o experimentador obedeceu a uma ordem fixa de alvos determinada por meio de alguma consideração racional, e outras em que se escolhia o alvo por meio do lançamento de um dado. Outro tipo de experiência também se relaciona com a questão. Pode-se exemplificá-lo pelas experiências de PEGRAM de dados altos e dados baixos, em que o sujeito lança dois dados e força-os a cair com uma combinação elevada ou baixa de faces viradas para cima. (5) Nesta série de experiências o número de sucessos acima da média esperado do acaso era significativo. Tal resultado seria reivindicado pelo precognicionista como tendo sido produzido pela precognição, que guiou o sujeito para decidir-se a tomar como alvo combinação alta ou baixa para certa sessão. Mas, na análise realizada anos depois destes dados de PEGRAM, encontrou-se algo que acarretou muitas dificuldades à teoria da precognição. Essa análise mostrou que as experiências forneciam, tanto para as combinações altas quanto para as baixas, distribuição de acertos semelhante e legítima na folha de registro. Tinham-se registrado os

dados em grupos de três colunas por folha. A primeira coluna do grupo, não só para combinações altas como para as baixas, apresentava em muito o maior número de acertos. Seguia-se um declínio na percentagem de acertos sobre a segunda e a terceira colunas. Esta distribuição estatisticamente significativa era, só por si, prova suficiente a favor da conclusão que PC atuava para a produção dos resultados. Ora, se o sujeito tivesse escolhido o alvo (combinação alta ou baixa) na base de precognição, cabia-lhe tomar a combinação que desse não só total de pontos acima do "acaso" mas também tal distribuição de acertos sobre o grupo que conduzissem a esses declínios notáveis encontrados anos mais tarde.

5. Reeves, M. P., e J. B. Rhine, "Efeito Pc: II. Estudo em declínios", *J. Parapsychol.*, 7 (1943), págs. 76-93.

Mas ainda aí não é o fim. O sujeito também teria de fazer a precognição de maneira tal que obtivesse outra distribuição de acertos igualmente notável, porque, quando se analisaram os acertos na coluna verificou-se que, tanto nas experiências de combinações altas como nas baixas, observava-se declínio bastante notável na percentagem de acertos, quando o sujeito descia a coluna, com uma elevação na percentagem de acertos no fim da coluna. E ainda uma vez, esta distribuição só por si sustentaria a conclusão a favor da presença de Pe nos dados experimentais.

Poder-se-ia juntar ainda mais em espécie a esta discussão; mas talvez já tenha ido bastante longe para mostrar que o emprego da precognição para produzir os resultados nesta pesquisa PEGRAM seria tarefa muito além do intelecto humano conforme o conhecemos; isto é, a precognição poderia ter ajudado o sujeito a escolher as melhores combinações de alvo somente se, durante os meses da experiência, tivesse podido fazer esses levantamentos precognitivos do grande número de faces de dados que teriam de cair. Teria sido preciso resumir e analisar mentalmente os resultados desses levantamentos, tanto para desvio total como para distribuição de acertos, e esta teria de ser analisada para a distribuição no grupo bem como na coluna.

Prosseguindo ainda mais, acontece que estas mesmas curvas de distribuição são de certa maneira características dos resultados de experiências de Pc, chegando mesmo a apresentar maior semelhança com as curvas dos dados de ESP. Esta semelhança se estende mesmo além do campo de investigação de psi, a outros dados experimentais psicológicos. Em uma palavra, algo de geral e legítimo ocorria no progresso do sujeito de experiência a experiência. Não é possível explicá-lo supondo que a escolha precognitiva do alvo o produza. Esta escolha dificilmente daria origem às várias curvas de distribuição dentro do grupo ou da coluna, causando, ao mesmo tempo, o desvio total.

Parece, sem dúvida, que desenvolvi excessivamente este ponto. Os resultados de THOULESS foram certamente, para muitas pessoas, o suficiente para resolver a questão. Mas os pesquisadores têm de mourejar quase indefinidamente sobre essas ramificações enfadonhas de interpretações alternativas, e ouvir pacientemente inúmeras reivindicações em contrário, para que não se deixe passar pontos importantes. O que aqui fica dito exemplifica em parte o terreno difícil que se tem de atravessar para atingir as fronteiras discutíveis de um problema desta espécie. Constitui amostra do que se passa na zona de análise. Todavia, a questão passa finalmente do racional para o experimental, como as experiências de THOULESS.

Examinamos até agora os tipos principais dos fenômenos psi. Como se situam, em um resumo da situação atual, em relação uns aos outros? Em conjunto, a prova, conforme se distingue pelas operações experimentais, revela casos decididamente claros a favor da clarividência, precognição e psicocinese.

Outra questão será saber se essas aptidões são idênticas em algum nível básico. Suspeito que são. E não poderemos dizer ainda por algum tempo se na verdade a telepatia é o ESP de algo diferente de estados objetivos no cérebro ou efeito psicossomático iniciado pelo emissor e exercido sobre o sistema nervoso do receptor. Como cessou a onda de discussão quanto a tal distinção, não é provável que surja novamente até que se formulem novas questões.

Será preciso salientar um ponto quanto a estes tipos de distinção. As alegações favoráveis a psi não ficam reforçadas ou enfraquecidas pelo sucesso ou fracasso de tais esforços na separação decisiva dos tipos de psi. O valor dos dados sobre o problema básico da ocorrência de psi não fica afetado, seja qual for a maneira por que se responda à pergunta com relação à distinção dos tipos psi.

Psi é, por definição, conceito muito amplo, mas as duas subdivisões principais, ESP e Pc parece incluírem todas as possibilidades concebíveis. Contudo, os tipos familiares de manifestação ESP com os quais a pesquisa tem-se ocupado não precisam ser reconhecidos como os únicos possíveis. Suspeitamos da existência de outras formas de reação psi ou de variantes que poderão chegar a merecer denominações distintas como os que "se conhecem já por nome". Estas outras possibilidades constituem parte do assunto de parapsicologia ainda não terminado, que espera o dia em que possam atingi-las as facilidades de pesquisa e o pessoal necessário.

Que dizer, por exemplo, da questão de retrocognição? uma das questões correlatas a respeito da qual quase nada se sabe. Ainda está para se responder se ESP pode alcançar o passado que não deixou vestígios bem como o futuro ainda não existente. Será necessário antes de tudo criar a maneira de investigar essa possibilidade. Deve-se achar um processo em que o alvo fixado para a experiência de retrocognição possa eliminar-se sem que, ao mesmo tempo, se destrua qualquer possibilidade de verificar a resposta à experiência. Um meio de consegui-lo consiste em fazer uso de filme fotográfico exposto mas não revelado no qual estaria o registro que se teria de usar para a verificação. Já se aplicou certo ponto com resultados longe de desanimadores. A dificuldade, porém, está em evitar a alternativa da possibilidade de atuação da precognição em semelhante experiência. Seria percepção precognitiva da situação quando se revelasse o filme. Além disso, seria necessário saber se a clarividência ESP pode ou não atuar com produtos químicos invisíveis como alvos, porquanto é esta a espécie de alvo que representa um filme fotográfico exposto mas não revelado.

Apresenta-se também a indagação de saber se a percepção precognitiva das experiências futuras de qualquer um é uma possibilidade. Um tipo seria exatamente a percepção precognitiva sensorial. Nada há que exclua a possibilidade desta experiência antecipada das próprias sensações. Há mesmo casos espontâneos que a sugerem. Mas, ainda uma vez, nenhum esquema proposto até agora permite investigá-lo sob controle adequado em oposição à alternativa conhecida, como, por exemplo, a clarividência precognitiva. Pode-se conceber contudo que, dispondo-se de livre amplitude para criar aparelhos mecânicos e esquemas experimentais engenhosos, poder-se-á reduzir esta hipótese a provas eficazes e solução final. Esta e muitas outras boas questões terão, contudo, de esperar até que se disponha de maiores recursos de pesquisa, tempo e pessoal para os problemas deste setor.

Há quem pense que a "psicometria" é uma espécie particular de psi. Este efeito absurdamente denominado - visto como nada há de métrico a respeito - parece nada mais ser do que "livre associação" clarividente em relação a um objeto- índice. Dá-se o objeto ao sujeito com o fito de estimulá-lo a extrair do seu contato informações associadas à história do objeto ou de pessoas a que pertence. Tem-se de atribuir, sem dúvida, a informação procurada a fontes extra-rationais ou extra-sensoriais, a fim de satisfazer as exigências da "psicometria". É, ao que parece, uma espécie de experiência de objeto-índice frouxa e inestimável. Sabemos agora, porém, ser possível aplicar controles e medidas a tais experiências, se houvesse bons motivos para realizar este tipo de experiência de preferência a outros.

A alegação da descoberta de água subterrânea apresenta igualmente um problema que recebeu denominação própria. Constitui efeito familiar o giro da vara na mão do adivinho, quando procura localizar água subterrânea a fim de se abrir um poço. BARRET e BESTERMAN (6) têm razão quando dizem que a vara gira devido à ação muscular inconsciente, e que, se realiza a localização conveniente da água independentemente de orientação sensorial racional, o princípio cognitivo teria de ser clarividência

ESP Nada mais seria preciso. O grau em que esta prática merece fé e se vê coroada de êxito é questão que ainda não está resolvida, por falta de suficiente esforço sistemático de pesquisa. Contudo, a arte de adivinhar a existência de água não está à espera de comprovação científica. A prática passou a novas aplicações, não se limitando mais à descoberta de água. Estão-se procurando petróleo e minérios com o auxílio de varas ou de diversos substitutos. A especialização mais recente da arte geral de rãdomancia consiste em achar a localização esquecida de tubulações, canalizações, cabos e outros semelhantes em áreas urbanas e industriais. A rãdomancia invadiu as cidades! Dúzias de companhias de serviços públicos equipam trabalhadores com varas que vibram com facilidade, conforme tem de acontecer no serviço de um automatismo. O metal suplanta convenientemente a vara de aveleira. Todo esse interesse utilitário pode forçar (e mesmo financiar!) pesquisa adequada do problema da rãdomancia, estendendo-se talvez a todo o grande ramo de pesquisa psi, do qual parece simples divisão.

6. Barret, W. F., e T. Besterman, *A vara divinatória* (London, Methuen & Co., 1926).

Há outro problema esperando a atenção da pesquisa que pode ser sensível. Consiste em saber se é possível a intrusão telepática ou a transferência coerciva do pensamento, e, se as sim for, em que extensão. Poderá o emissor influir sobre o receptor com o qual não entrou em contato prévio? Se puder, qual o efeito (se algum existe) da experiência comum, conhecimento, amizade, amor, barreiras lingüísticas, dúvida e muitos outros fatores e estados? O problema apresenta considerável significação para muitos campos, relacionando-se especialmente com o campo da saúde mental. Os parapsicólogos ainda não estão prontos para atacá-lo. Contudo, não é possível adiar indefinidamente a questão. Pode assegurar-se ao indivíduo mentalmente doente que nunca ninguém fez uso da telepatia para perseguir ou prejudicar qualquer pessoa. Contudo, inúmeros psiquiatras sugeriram que existem possibilidades construtivas e benéficas que se devem explorar no interesse da psicoterapia e da higiene mental.

Em seguida, devemos passar a considerar o lugar de psi na personalidade. Será conveniente começar por perguntar se psi faz parte da personalidade normal ou se é uma espécie de aberração. A resposta a tal indagação é já bastante clara e adequada. Psi não é sintoma para o psiquiatra ou para o psicólogo clínico. Sem dúvida, até o ponto em que as investigações de psi progrediram até hoje, nada se encontrou que encadeie as funções psíquicas à moléstia mental ou a desvios anormais de qualquer espécie. E interessante observar também que nenhuma teoria geral dos fenômenos psi ou das moléstias mentais encadeou as duas até agora.

Não queremos dizer com isso, sem dúvida, que não existam interligações. Como função normal do indivíduo, psi pode atuar em conexão com processos anormais exatamente como qualquer outra capacidade. Nem quero dar a entender que, como psi não é sintoma patológico, não apresenta interesse para o clínico. De fato, a sua significação para o psicólogo e a psiquiatria abre-lhe títulos para capítulos posteriores deste livro.

Verdade é que muita vez se confundem os fenômenos psi com os anormais. A semelhança superficial entre os dois é muitas vezes impressionante, conforme neste caso relatado por um médico amigo. Mais ou menos ao tempo em que terminou a Segunda Guerra mundial, uma mulher na Flórida despertou certa noite gritando entre soluços que tinha visto o filho soldado cair em um avião em chamas. O marido não pôde convencê-la de que se tratava de um pesadelo, mesmo quando lhe lembrou que a guerra estava acabada e o filho não servia na Força Aérea. Chamaram um médico que lhe aplicasse um sedativo. No dia seguinte receberam uma carta jovial do filho, e a mulher conseguiu controlar-se. Cinco noites depois, contudo, ocorreu-lhe o mesmo pesadelo; desta vez foi impossível controlar-lhe a convicção, o sedativo não teve eficácia e levaram-na a seção psicopatia do hospital para repouso e tratamento, supondo-se que, como estava inteiramente enganada a respeito do filho, o comportamento dela não era razoável. Segundo me foi dado saber ela nada fez que se não considerasse razoável se realmente houvesse testemunhado a morte do filho, mas não conseguia fazer com que

qualquer outra pessoa lhe partilhasse do horrível conhecimento. No dia seguinte ao segundo pesadelo chegou um telegrama que confirmou o sonho. O filho, que tinha servido no Extremo Oriente, viera para casa em um avião que se incendiara e caíra na noite do primeiro pesadelo.

Este sonho clarividente da tragédia tomou uma forma que é bastante comum entre experiências anormais. A personalidade instável que se tortura com um conflito sem solução pode manifestar algo parecido com este mesmo tipo de pesadelo que essa mulher teve na experiência verídica da morte do filho. As duas experiências poderiam afigurar-se idênticas conforme um relato superficial. Quando não é possível qualquer verificação, uma experiência espontânea genuína de ESP pode, pelo menos por algum tempo, ser tomada por sintoma de desordem mental.

O que vem complicar ainda mais a questão é que em certos estados patológicos, especialmente os que se associam com ilusões de perseguição, uma pessoa faz uso muita vez de uma crença em alguma forma de processo psi como mecanismo ou artifício para tornar a ilusão racionalmente aceitável. Talvez a mais comum dessas crenças ilusórias a respeito de psi é aquela em que o paciente se acredita vítima de alguém que está influenciando telepaticamente sobre ele, inculcando-lhe maus pensamentos ou causando-lhe mal por uma espécie de ação PC. De acordo com o que se tem registrado, nunca se encontrou base alguma para qualquer dessas alegações de psi de perseguição; e, além disso, estão geralmente também presentes certos sintomas característicos de reações paranóicas em apoio do diagnóstico de ilusão. Precisamos definitivamente de melhor preparo a fim de, por um lado, tratar das anormalidades e, por outro, compreender as experiências psi como ocorrências normais, espontâneas, na vida individual. Com toda certeza não há necessidade de temê-las ou considerá-las doentias em si mesmas.

Os pesquisadores de ESP já levaram as suas experiências ao hospício de alienados, tanto na América quanto na Europa, (7) tendo-se procedido a experiências suficientes com pacientes para conseguir base razoável de julgamento. Pelo menos pode dizer-se

que não há qualquer motivo especial para procurar entre os doentes mentais a realização excepcional de psi. Encontrou-se neles prova de aptidão ESP no mesmo nível geral aproximado do que revelam grupos da população normal não escolhidos. Alguns experimentadores encontraram diferenças notáveis nas percentagens de acertos de ESP, entre as diversas classes de desordens mentais, mas podem atribuir-se tais diferenças ao grau de cooperação ou a outros estados da personalidade associados ao tipo de moléstia. Não indicam qualquer conexão da aptidão ESP com qualquer tipo psicopático ou aspecto estudado até agora.

7. BATES, E. K., e M. NEWTON, "Estudo experimental de aptidão ESP em doentes mentais", *J. Parapsychol.*, 15 (1951), págs. 271-277; RHINE, J. B., "Fenômenos de psi e psiquiatria", *Proc. Roy. Soc. Med.*, 43 (1950), págs. 804-814; SHULMAN, R., "Estudo de adivinhação de cartas em sujeitos psicóticos", *J. Parapsychol.*, 2 (1938), págs. 95-106.

Vem em apoio a esta conclusão a impressão que resulta de estudos mais gerais. Entre a população normal que foi examinada quanto à aptidão psi e à qual se deu alguma forma de inventário pessoal ou exame em relação à saúde mental, às indicações são de preferência que, quanto melhor ajustado o indivíduo, tanto mais favoravelmente marcará pontos nos exames de psi (por ex., no trabalho de SCHMEIDLER pelo processo de RORSCHACH) (8). Mas, ainda neste caso, ninguém deverá considerar que esta associação está diretamente ligada ao volume de aptidão psi; ao contrário, é mais provável que quanto melhor for o ajustamento do indivíduo, tanto mais será ele capaz de adaptar-se à situação necessariamente artificial da experiência.

8. SCHMEIDLER G. R., "Correlatos da personalidade da ESP conforme revelados pelos estudos de Rorschach", *J. Parapsychol.*, 13 (1949), págs. 23-30.

A subnormalidade, como a anormalidade, não parece relacionar-se significativamente com a aptidão psi. De fato, em relação à inteligência subnormal e ESP, pode formular-se quase o mesmo julgamento como no caso da anormalidade da personalidade. Por enquanto os resultados ainda não são bastante extensos para qualquer conclusão definitiva, mas já há prova suficiente aceitável que nos impede alegar que ESP seja dom só dos normalmente inteligentes ou que seja qualquer dom especial do subnormal. (9)

Obtiveram-se algumas indicações bastante claras de ESP, descendo pela escala da inteligência até a subnormal. O melhor julgamento conjecturado seria agora que a inteligência demonstrou servir principalmente de auxílio no ajustamento da experiência, mas se o experimentador exercer inteligência suficientemente superior que compense o déficit por parte do sujeito subnormal, este último será capaz de acertar acima do nível do acaso.

9 . BOND, E.M., “Percepção geral extra-sensorial com um grupo de crianças atrasadas do 4º e 5 grau” J. Parapsychol.,1 (1937) págs 114-122; DRAKE R.M. caso extraordinário de percepção extra-sensorial “J. Parapsychol., 2 (1938) págs 184-198 HUMPHREY, B.M.”mais um estudo de ESP e inteligência” J. Parapsychol., 12 (1948), págs 213-217.

O psi, portanto, é normal. Esta conclusão contribui para situá-lo na estrutura geral psicológica. Mas a característica de psi mais significativa e reveladora consiste em que a sua atuação é inteiramente inconsciente. Até onde nos seja dado saber, o sujeito não tem nunca consciência da ocorrência de psi. Este fato só por si nos diz mais a que categoria psi pertence, o que esperar dela, e, acima de tudo, o que não esperar de qualquer outro. Na verdade, uma vez fixado firmemente este fato no espírito, liberta-se psi de grande parte de mistério. Em uma palavra, a atividade psi é bastante natural quando compreendida como função inconsciente da personalidade.

Devo sublinhar também que psi é profundamente inconsciente. Não é simplesmente um desses processos subscientes passageiros que se realizam praticamente em qualquer ocasião em todos os indivíduos, atividades mentais que se podem recuperar conscientemente se experimenta e se sabe como fazê-lo. Nem mesmo é uma dessas atividades mais ocultas que o psiquiatra pode trazer à superfície se, devido à situação doentia, se perde o controle sobre elas. Nem a experiência psi é semelhante à seção submersa ou dissociada do consciente que se pode permitir atuar por si mesmo durante o sono, como nos sonhos; ao contrário, não é simplesmente possível arrastar-se psi à consciência direta e não transformada. Tal a situação conforme aparece hoje. Nem mesmo se encontram indícios favoráveis para o controle consciente.

Consideremos os próprios achados experimentais. São conformes neste ponto que o sujeito não sabe simplesmente com inteira confiança quando se realiza o ato na experiência de ESP ou se a resposta que dá é certa ou errada. O célebre sujeito de ESP de RIESS (10) sentia-se exatamente de igual maneira quando obtinha somente resultados de acaso nas séries curtas secundárias, como quando estava atingindo médias superiores a dezoito acertos por vinte e cinco cartas nas séries principais. Somente em ocasiões muito raras o sujeito em experiências de ESP tem um vislumbre de convicção ou certeza de que está certo quando acertou.

10. RIESS, B. F., “Caso de alta percentagem de acertos em adivinhação de cartas a distancia” “, J. Parapsychol., 1 (1937) , págs. 260-263”.

Todavia, nos casos espontâneos, nota-se grande diferença, conforme Louisa E. RHINE já assinalou. (11) Examinou 1.600 desses casos exatamente sobre o ponto de saber se a pessoa que tinha a experiência estava convencida da verdade da impressão recebida. Mais de metade dos que a ela se reportaram mostraram convicção definida, e dentre estes, grande porção estava tão fortemente convencida que fizeram em consequência algo de radical e resolutivo, como, por exemplo, interromper uma viagem de férias, levantar-se alta noite e tomar um trem de volta para casa, ou fazer uma chamada telefônica de longa distância em ocasião inoportuna.

11. RHINE, L.E. “Convicção e condições associadas em casos espontâneos”, J. Parapsychol., 15 (1951) págs. 164-191.

Neste particular, os casos espontâneos estão chamando a atenção para certo ponto que os estudos experimentais tendem a deixar de lado. Qualquer experiência é, por natureza, limitadora e restritiva; entretanto, mesmo nestes casos espontâneos, o sentimento de certeza que se torna consciente juntamente com o quadro ou significado ou mensagem não proporciona ao sujeito qualquer percepção introspectiva verdadeira de como recebeu a mensagem, nem identifica o ponto de recepção no mundo mental.

A base da convicção do sujeito é inconsciente, também. O que acontece - e chego a esta conclusão também pelo estudo dos casos há pouco mencionados -, é que, seja qual for a maneira por que comece a operação psi inconsciente, tem de atravessar a fronteira

para a consciência utilizando um dos dispositivos, mecanismos ou funções conscientes. Se o sujeito está acordado, o significado essencial mais simples pode filtrar-se, parcial ou completamente, sem elaboração. E simples impulso: "Devo ir para casa", ou temor elementar: "Algo de terrível aconteceu", ou um pensamento telegraficamente curto: "Dan não voltará". Este tipo de experiência é comum como intuição.

Ou então, talvez dependendo da personalidade do indivíduo, haverá experiência mais vívida, mais dramática e o perceptível projetará o teor da mensagem em alguma forma que lhe pareça sentir. Verá uma aparição que simbolize o fato ou significado, ou ouvirá uma voz que lhe avisa, ou, se tratar de um mal penoso, experimentará a mesma sensação que está afligindo um ser amado nessa ocasião. De qualquer maneira, lança-se algo na tela da alucinação sensorial. Parece certa maneira de "lançar a mensagem através da linha divisória", para a consciência. Talvez seja possível utilizar esta maneira por ser uma avenida que se apresenta aberta para o indivíduo interessado, mas será preciso realizar um estudo psicológico dos indivíduos para confirmar esta sugestão. Constitui primeiro passo apenas para descobrir os dispositivos de entrada de que se prevalece a função psi. Este segundo tipo de experiência que psi desperta depende, portanto, do dispositivo de alucinação.

Se o perceptível está adormecido e, portanto, se possa suspeitar menos provavelmente mantenha as fronteiras mentais contra a invasão por parte de fontes inconscientes, pode projetar na tela da consciência do sonho uma elaboração bem trabalhada da mensagem essencial de psi, cheia de dramatização, rica em simbolismo e fantasia. Então, quando despertar (e parece que muitas vezes a significação da mensagem é suficiente para tornar o drama por demais agitado para conciliar-se o sono), terá o trabalho de interpretação. Quando uma experiência genuína de psi se encerra na fantasia da dramatização e simbolização complicada e saia dançar pela porta, denominamo-la tipo de sonho não-realista.

Mas, sonhadores diferentes, devidos sem dúvida a diferenças de personalidade, não dramatizam ou simbolizam as experiências psi,

vendo somente a cena distante ou futura de maneira material, descolorida, como se houvesse tirado uma fotografia ou feito um filme. Mais tarde experimenta-se novamente, quando desperto, o quadro do sonho, literalmente conforme ocorreu no sonho. Quando o sonhador acorda, pode dirigir a turma de pesquisa ao lugar em que o corpo está; ou pode, ao voltar uma esquina, deparar com a cena; ou talvez seja no dia seguinte ou no ano seguinte. Experimenta-se esta experiência psi fotográfica, conhecida como tipo de sonho realista, embora ocorra às mais das vezes durante o sono, mesmo quando se está mais ou menos acordado ou se pensa estar.

Nestas quatro categorias principais de experiência psi espontânea, depara-se com o problema fundamental de fazer chegar uma idéia à área da personalidade onde se realize a reconhecimento consciente. Não será de admirar, portanto, que, quando o experimentador procura fixar funções psi no laboratório, depare com muitas dificuldades e muito poucos efeitos peculiares.

Estes efeitos são, porém, menos peculiares quando se tem presente ao espírito que a função psi essencial atua na escuridão completa da inconsciência. O sujeito não tem qualquer percepção introspectiva como experimenta comumente em relação ao mundo sensorial a todo instante da vida desperta. É fácil localizar muitas das sensações quando se está desperto. Percebe-se quando começam e quando terminam. Estão, dentro do respectivo alcance, quase inteiramente a serviço do que se chama atenção, introspecção, e volição consciente do indivíduo. Existe, de fato, ligação tão íntima entre as funções sensoriais e o conjunto da experiência consciente que se fizeram esforços para construir um conceito de estrutura mental por meio desses elementos sensoriais e seus derivados. Sem adotar inteiramente essa Escola Sensacionista de Psicologia, pode-se, pelo menos, levantar a questão se o próprio estado de consciência não será o exercício ou de processos sensoriais ou de processos derivados originariamente sensoriais. Repito, é uma pergunta que resulta da inconsciência da percepção extra-sensorial.

Concedamos agora que essas operações psi estejam sujeitas a todos os fatores que influem normalmente sobre a vida mental do

indivíduo. A vontade individual as guia, até certo ponto. Se assim não fosse, a experiência direta (compreendendo a motivação do sujeito) como aquela pela qual se conseguiu o maior volume de prova a favor de psi, nada teria produzido. Em certo tipo de experiência o sujeito esforça-se por identificar certa carta de certo baralho em certa ocasião. Em outro se esforça por influir sobre a queda de um grupo particular de dados em certa ocasião e em direção a certo objetivo. Provavelmente em termos de volição não existe diferença entre a atividade psi nessas experiências e a utilização de funções sensoriais. A diferença nos resultados deve encontrar-se em outras características. Em uma palavra, psi é inconsciente mas de modo algum função completamente involuntária.

Muitas vezes as experiências espontâneas de psi parecem involuntárias no que respeita ao indivíduo perceptivo. Ele parece representar papel simplesmente passivo, receber uma impressão sem qualquer indício de esforço. Contudo, o grau de propósito consciente em tais casos é bastante semelhante ao da percepção sensorial. O aspecto volitivo muita vez não é manifesto, mas parece seguro inferir que está sempre presente por certa maneira rudimentar. A percepção é intencional por natureza, importando sempre em impulso ou ação direta em algum grau, e estes conceitos são todos volitivos. Em ESP espontâneo a experiência ocorre a certo indivíduo por dizer respeito a ele, sendo, presumivelmente, uma espécie de presteza ou receptividade por parte dele que não seria de esperar de qualquer um. Chegar-lhe a mensagem que lhe é trazida por certa maneira de que não tem consciência significa somente não ter havido volição consciente por parte dele.

A volição inconsciente é, sem dúvida, conceito corrente. Tudo quanto tem sido revelado pelos psicólogos de profundidade com relação às operações da vida mental inconsciente atribuir-lhe caráter tão verdadeiramente volitivo e intencional como o das operações mentais conscientes.

Os resultados experimentais refletem em muitas maneiras o nível inconsciente em que psi atua. O efeito mais desconcertante

desta inconsciência do processo psi é, sem dúvida alguma, a de omissão, mencionado anteriormente. Foi o verdadeiro demônio da pesquisa psi, tendo-se pago caro por ele! Antes de se lhe descobrirem os efeitos, acumulou dificuldades em muitas pesquisas e inutilizou o objetivo das experiências. Em algumas das primeiras experiências de ESP em Duke, verificou-se que sob certas condições o sujeito acertava constantemente abaixo da média. Quando se manifestava tal tendência, ia abaixo do "acaso" tanto quanto normalmente passava acima. Como essa tendência negativa cancelava a margem positiva, naturalmente os experimentadores, se reconheciam a tempo o efeito, procuravam evitar que o sujeito entrasse em estado que produzisse essa tendência de omissão de psi.

Conhecem-se alguns dos estados que produzem comumente a omissão de psi. A tensão (ou outros efeito) de corridas excessivamente longas, a condição de situar-se em posição saliente para demonstrar capacidade sob circunstâncias de pressão social ou conflito intelectual quanto à possibilidade de psi - tais algumas das condições em que o sujeito passa do lado positivo para o lado negativo da média do acaso nos acertos.

Todavia, este efeito não é o mesmo como o que produz a volição consciente. Sem dúvida os sujeitos podem produzir, se o experimentarem conscientemente, número baixo de acertos. Foi interessante observar que quando se pediu aos sujeitos que propositadamente procurassem evitar acertar, o desvio negativo do "acaso" assim produzido foi aproximadamente igual ao que o mesmo sujeito obtinha quando experimentava acertar positivamente. Esse fato lançou alguma luz acidental sobre a espécie de processo relacionado com o acerto de ESP, conforme discutirei um pouco mais adiante. Fornecia, contudo, igualmente alguma idéia do que se estava passando na omissão psi; em geral, era possível considerar-se o desvio negativo persistente de certo número de acertos como prova do mesmo volume de capacidade psi como positivo da mesma magnitude, muito embora houvesse uma probabilidade de um para cinco de acertos e de 4 em 5 de omissões. (E preciso manter os

acertos na mesma base; isto é, número de acertos, não de omissões, ao fazer tal comparação).

A princípio pensou-se que essa omissão psi era totalmente devida a negativismo inconsciente. Parecia muito razoável supor que os sujeitos que omitiam realmente os alvos a um ponto extra-acaso eram inconscientemente negativos seja para com a experiência, seja para com o experimentador ou ESP, embora pudessem todos conscientemente ter desejado conseguir número alto de acertos. Houve séries experimentais em que parecia especialmente plausível supor a existência de negativismo inconsciente. Dá-nos um exemplo a pesquisa da doutora SCHMEIDLER, a que nos referimos anteriormente, em que verificou que os sujeitos orientados favoravelmente, os "carneiros", tendiam a acertar positivamente, enquanto os "cabritos" se colocavam do lado negativo da média do acaso. Alguns "cabritos", pode supor-se, teriam talvez desejado conscientemente ter poucos acertos, a fim de corroborar o ponto de vista próprio. Era fácil supor serem inconscientemente negativos.

Contudo, à proporção que se acumulava à prova da omissão de psi, tornou-se cada vez mais imprópria à explicação de que a causava o simples negativismo. Em primeiro lugar, notava-se grande volume de provas em que simplesmente não fazia sentido. Tomem-se, por exemplo, as diversas séries em que uma parte, em geral a primeira, está acima da média enquanto a outra está abaixo, sendo os desvios ou as diferenças bastante acentuados para serem significativos. Em casos tais, não seria possível supor que o sujeito tivesse mudado apreciavelmente a motivação entre o começo e o fim da série, passando de "carneiro" a "cabrito" e depois voltando à primeira posição para a série seguinte.

Ao contrário, agora parece que a maior parte da omissão psi é uma espécie de ilusão psi. O sujeito obedece constantemente ao mesmo sistema ou dispositivo errado nas tentativas de acertar alto. Nesta cegueira, aplica mal, sem se aperceber mas persistentemente, o próprio processo pelo qual poderia obter êxito, e, como não tem consciência do que está fazendo, persiste no erro. Temos provas de muitos artifícios destes, mas um que já demonstramos ocorrer, tende

a produzir o efeito de omissão de psi (embora duvide que este efeito particular seja largamente aplicável). É o "efeito consistente de omissão" observado por CADORET e já mencionado. Neste caso, o sujeito forma uma espécie de fixação de caráter ilusório em certo tipo de símbolo de sorte que quando procura identificar aquele símbolo, digamos um "quadrado" responde constantemente com outra espécie, digamos "ondas".

Outro efeito esquisito resultante da inconsciência de psi é o do "deslocamento", acertar em um símbolo em outra posição na série que não o alvo visado. Na maior parte, o deslocamento encontrado tem sido simplesmente mudança para a carta adjacente na série, a que se encontra exatamente adiante ou exatamente atrás. Até agora esse efeito disperso tem sido mais acusado em experiências em longa distância que se estendem por muito tempo e compreendem ESP geral e uma série livre de material de alvo. (12) Esta relação sugere maior exploração do que até agora se tem feito.

12. CARINGTON, W., "Experiências com cognição paranormal de desenhos", J. Parapsychol.,4 (1940), 4 (1940) "Parapsicologia na Universidade Rodes, África do Sul" Parapsychol. Bull, nº 25 (1952) dissertação de M.C. MARSH para o grau de doutor em filosofia, encadeamento em percepção extra-sensorial, apresentada a Universidade de Rodes, 1953.

Todavia, nas experiências de chamada de cartas, o deslocamento fica bastante limitado à primeira ou segunda carta para frente ou para trás do alvo central. O exemplo mais impressionante deste fato nas experiências de cartas foi o trabalho de Soar. e mais tarde o dele em companhia de GOLDNEY. Conforme disse anteriormente, esse deslocamento era não só desconhecido aos sujeitos nas primeiras experiências de cartas de SOAL mas o próprio SOAL não o conhecia até que a sua atenção se voltou para a possibilidade de um efeito destes, o que o levou a investigá-lo.

Poder-se-ia supor que, como Soai e GOLDNEY continuaram com um dos sujeitos (B. S.) que SOAL verificou ter produzido efeitos significativos de deslocamento, este, tendo conhecimento do achado anterior, ter-se-ia esforçado mais ou menos conscientemente para manter a ordem elevada de deslocamento que lhe tinha distinguido o trabalho, tendo esta nova atitude alterado o efeito ou

mesmo abolido. Contudo, o deslocamento continuou a atuar em experiências posteriores com este sujeito, embora se interrompesse com o outro sujeito mais importante de SOAL (a Sra. S.). As reações inconscientes são, de fato, de difícil interpretação.

Será provavelmente necessário muito tempo para reconhecer e avaliar todas as conseqüências da inconsciência de si. A omissão psi e os efeitos de deslocamento são somente as conseqüências mais conspícuas. Descreverei alguns dos outros tipos e, ao fazê-lo, lançarei mais uma vez mão do trabalho de Soar. e seus associados, visto como demos já a formação.

SOAL e PRATT encontraram um desses efeitos na reação do sujeito do primeiro, a Sra. S. a "duplos". Os duplos são os casos de duas cartas-alvo sucessivas do mesmo símbolo. Enquanto seriam de esperar 20 por cento somente do acaso, a Sra. S. conseguiu 28 por cento em "singelos" e somente 17 por cento em duplos. Ora, é natural que haja algum "motivo" psicológico para essa diferença de percentagens. Não é possível explicar os resultados pelo acaso, mas até agora os experimentadores não foram capazes de descobrir qual o motivo. É quase certo, contudo, que um fator é a inconsciência de ssp. Ninguém pensa um momento sequer em que a Sra. S. tivesse consciência do que estava fazendo ou que tivesse acertado como o fez se a tivesse.

Um dos efeitos psi mais provocadores até agora descobertos é o do reforço, mencionado anteriormente. Soar, descobriu este fenômeno nos resultados do sujeito B. S., vindo confirmá-lo análises posteriores realizadas por PRATT (13) conjuntamente com o doutor T. N. E. GREVILLE. (14) Neste efeito, conforme expliquei, o sujeito deslocava os acertos às vezes à frente e às vezes para trás para as cartas adjacentes ao alvo nominal. Quando o mesmo símbolo aparecia em duas posições adjacentes (por exemplo, círculo, quadrado, círculo), o sujeito tendia a dar uma resposta (círculo) que representava duplo acerto no deslocamento e a percentagem de acertos elevava-se ao nível mais alto alcançado em qualquer ponto da série inteira.

13. PRATT J. G., "Efeito de reforço em deslocamento de ESP", *J. Parapsychol.*, 15 (191), págs. 103-117.

14. GREVILLE T. N. E., "Método para avaliação do efeito de reforço", *J. Parapsychol.*, 15 (1951), págs. 118-121.

O mistério ainda é embaraçoso quanto ao motivo por que em tais casos a percentagem de acertos se elevava a algo como cinco ou seis vezes no desvio de uma média de acaso conforme havia sido na seqüência ordinária de alvos. Poder-se-ia esperar, no máximo, quase o dobro da percentagem pela adição dos dois efeitos de deslocamento. A solução deste mistério pode ser o único indício necessário que conduza ao controle e aplicação da aptidão psi. Mas a investigação deste problema, como a própria operação psi, está sujeita às limitações do estado inconsciência - e de tal inconsciência que impede qualquer exploração satisfatória por meio de qualquer das técnicas desenvolvidas até agora em toda a série de psicologia de profundidade. Este setor da psicologia ainda não está preparado para tais profundezas.

Que é que indica essa inconsciência em relação a psi? Talvez o que há de mais importante, à parte as dificuldades práticas que se atravessaram no caminho do pesquisador, é o seguinte: para que os fenômenos sejam tão profundamente inconscientes como se apresentam, o processo deve ser extremamente primitivo - ou, talvez, diria eu, fundamentalmente perto dos processos básicos da vida, tendo emergido muito cedo no esquema evolutivo. Fica-se a imaginar, portanto, se não precedeu a origem não somente da linguagem e da razão, mas até mesmo das próprias funções sensoriais. Poderia associar-se, sente-se a vontade de perguntar, às forças fundamentais de organização da vida, com as energias que dirigem a estruturação da célula e a forma e o modelo de crescimento do organismo complexo através do reino inteiro da natureza viva?

Francamente, ainda se ignora a resposta a tais perguntas. Juntar simplesmente as áreas de dois problemas desconhecidos porque parecem contíguos pode servir pelo menos para fazer surgir perguntas. Com toda certeza, se fizesse recuar o psi ao estágio pré-consciente na evolução do espírito, seria fazê-lo recuar bastante, sem

dúvida! Mas seria também torná-lo um tanto fundamental, identificando-o (hipoteticamente) com o sistema diretivo de longo alcance dos processos vitais tão eficazmente descritos pelo doutor Edmund W. SINNOTT no livro *Célula e Psique*.

A consciência parece associada somente com a experiência sensorial; talvez toda a vida mental consciente - até mesmo a que menos tivesse pensamento e sentimento - compõe-se de derivados do que foi originariamente sensação. Conforme disse, ninguém o sabe a favor ou contra. De qualquer maneira, uma opinião destas levou ARISTÓTELES a dizer: "Nada entra no espírito exceto pelos canais dos sentidos". Atualmente, reconhecendo-se que psi é inconsciente, pode-se compreender melhor como ARISTÓTELES, encarando a natureza do espírito conforme o fez introspectivamente, pôs inteiramente à margem o psi. Para que ESP entrasse na consciência no ponto em que ARISTÓTELES o reconhecesse, seria necessário que persistisse através de experiência consciente sob alguma forma ou aspecto característico. Realmente, como se sabe, tem de converter-se primeiramente a um derivado sensorial em consciência, uma alucinação, uma fantasia sonho, se tiver de alcançar de qualquer maneira o estágio de percepção. O processo psi, em si, não deixa qualquer vestígio identificador no espírito do sujeito para torná-lo conhecido como experiência psi. Entra na correnteza da consciência somente sob forma disfarçada ou convertida.

Suponhamos, porém, que a função psi é, ao contrário, primordial por natureza, talvez primitiva na origem evolutiva. Suponhamos que tenha sido sufocada e a sua ação impedida, ou pelo menos modificada, pela evolução das estruturas cerebrais complicadas associadas às faculdades intelectuais mais elevadas do homem. Só se poderia esperar compreender a função pondo-a racionalmente no lugar conveniente e procurando descobrir, tendo em mente a origem evolutiva e o nível de organização, as suas relações para o resto da personalidade. Tentarei esta maneira de ver (quando menos seja em falta de melhor) verificando como se ajustam logicamente os resultados da pesquisa ao conceito de psi

como função submersa e sufocada pelo desenvolvimento da rede de associação derivada das funções sensoriais da qual depende a consciência.

Pode reconhecer-se no sistema sensorimotor o meio pelo qual o organismo mantém as inter-relações com o mundo físico mais eficaz e familiarmente, o mundo do espaço, tempo, massa, substância, movimento e todas as diversas energias sensíveis. Pode considerar-se conjuntamente na função psi ser necessário um mundo de causalidade novo para a ciência. As suas operações, embora imperceptíveis para os sentidos, nem por isso deixam de ser energeticamente reais, desde que se descubrem os resultados produzidos. Este mundo de psi, conforme disse anteriormente, deve sem dúvida produzir efeitos capazes de se converterem em equivalentes, direta ou indiretamente apreciáveis por meio de alguma forma de experiência consciente, ou seria impossível perceber-lhe a presença.

Esta área inteira ficou oculta às ciências dominantes, não porque não lhes fosse possível investigá-la, mas porque ergueram naturalmente as respectivas estruturas do conhecimento utilizando os produtos dos sentidos, tendo orientação sensorial que não conduziria nunca à descoberta de efeitos extra-sensoriais. É natural que os sentidos somente possam dar conhecimento do mundo físico. Desse modo, as limitações do equipamento cognitivo humano poderiam perfeitamente ter continuado a restringir indefinidamente todo pensamento a este mundo físico, se não fosse o desafio dessas experiências espontâneas de psi e não houvesse alguns investigadores não-ortodoxos dispostos a estudá-las e a pôr em dúvida o dogma que os sentidos são a única porta para o conhecimento.

Voltemos agora para a pesquisa. Supor que a função psi seja de caráter primitivo e neurologicamente submerso contribuirá, penso eu, para a interpretação do grupo seguinte de achados, o que se refere aos efeitos de posição. Conforme o leitor deve estar lembrado, esta questão correlaciona-se com o efeito produzido sobre a percentagem de acertos pela locação específica da experiência na

série, na página de registro ou na sessão ou séries. Conforme assinalai, os efeitos de posição observados consistem na maior parte de declínios na percentagem de acertos dentro de um bloco ou unidade de experiências (séries, página, sessão, etc.) tomados para análise.

Os declínios, já mencionados anteriormente, são, de fato, a manifestação mais comum de psi nos dados de experiências. Somente poucas séries de certa extensão deixaram de revelar certa espécie de declínio na percentagem de acertos com a continuação da experiência. Essa tendência a decréscimo nos acertos tem, infelizmente, muito que ver com o trabalho ascendente de pesquisa psi. O declínio representa interferência com a atuação ótima da função psi e reduz o número total de sucessos em que se baseia geralmente a prova. Contudo, os efeitos do declínio cedo ficaram tão bem estabelecidos que se tornaram quase característicos de psi na situação da experiência, tornando-se habitual medir a extensão do declínio como prova da significação ou do caráter de extra-acaso dos resultados.

Seria empreendimento demasiado extenso rever aqui todos os diversos tipos de declínio e de outros efeitos de posição que aparecem em pesquisas específicas. Já oferecemos alguns exemplos em outras ocasiões nos capítulos precedentes e a outros nos referiremos de tempos em tempos mais para diante. O leitor deverá estar perfeitamente lembrado do declínio da percentagem de acertos que se revelou nas séries de PRATT-WOODRUFF, quando se esgotou a novidade dos símbolos-alvo (de tamanhos diferentes) em seguida à introdução de cada novo tipo de material de alvo. Igualmente, há o caso notável de declínio na distribuição em quartos dos acertos nas pesquisas de PC, para a direita através da página e de cima para baixo na coluna. O declínio diagonal da esquerda superior à direita inferior tornou-se a base da avaliação para os dados de pesquisa de PC.

Que é que produz essa distribuição peculiar de acertos? Que é que a torna elevada em um lugar e baixa em outro, com constância suficiente em tantas séries totalmente independentes de sorte a

tornar-se questão legítima e significativa? Qual o efeito paralelo conhecido que contribua para uma explicação?

Quando se procuram manifestações semelhantes é sempre melhor voltar-se primeiro para as mais comuns. Essas curvas de declínio assemelham-se grandemente às curvas de realização que se encontraram em experiências de memória e saber. Por exemplo, os psicólogos verificaram a existência de curvas de sucessos na recordação de itens em longa lista de sílabas sem nexos a que se expusera o sujeito. (15) Em termos do número de exposições necessárias, o sujeito mostrará o maior sucesso (neste caso exigência do menor número de repetições) no primeiro item declinando o sucesso (aumentando o número de repetições) com o segundo e assim por diante por toda a lista. Na experiência de recordação nota-se para o fim da lista aumento na percentagem de sucessos. Essas saliências terminais aparecem também muitas vezes na distribuição de acertos na experiência de psi, se o sujeito souber que está se aproximando o fim da série.

15. PRATT, J. G., "Significado das curvas de realização em dados de experiências de ESP e PC, *J. Parapsychol.*, 13 (1949) págs. 9-23."

A curva é semelhante em experiências de labirinto em que se aprende longa série de unidades equivalentes. Sejam os sujeitos ratos ou homens, a primeira encruzilhada da experiência é a mais fácil de aprender, a segunda mais difícil e assim por diante, mas com a mesma saliência para o fim. Estes efeitos de saliência (de primazia e de finalidade) em seqüências psicológicas em que se salientam as extremidades da série, são bastante semelhantes aos das experiências de psi. Neles se encontra a mesma tendência geral para os declínios. Sugerem pelo menos a existência de algum princípio comum.

Entretanto, duvido que experiências de memória e saber contribuam suficientemente para explicar o que se passa em uma série de experiências psi, mesmo quando à primeira vista assim pareceria acontecer. As questões são diferentes, pelo menos sob certo aspecto importante. Nas experiências de memória e saber o sujeito tem a tarefa mental primária de manter os itens separados, distintos um do outro por meio de certa estruturação mental própria

que se torna mais complexa à proporção que a relação aumenta. Mas nas experiências de ESP e Pc cada experiência pode ser unidade distintamente separada para o sujeito. Quando solta os dados em certa experiência não tem de preocupar-se de modo algum com as outras experiências. Cada experiência constitui ato independente. Supostamente não há necessidade de procurar distingui-la do resto das experiências da série - isto é, organizar a série inteira - como se dá no caso de experiências de memória e saber.

Porque, então, não é para ele cada experiência psi tão separada e distinta como a primeira e a última? As curvas não o indicam. Se uma experiência de saber ou de memória fosse conduzida na mesma base que as de ESP, isto é, permitindo a mesma individualização da experiência, acho que não haveria os declives e as curvas produzidas. De sorte que acho ser necessário nas experiências de psi procurar mais do que o simples obscurecimento que acompanha a locação no interior da série ou da lista como nas experiências de memória e saber. Todos nós sabemos que na percepção sensorial os pontos terminais salientam-se em qualquer espécie de campo estrutural devido ao efeito de acúmulo dos itens interiores das séries. Estou agora convencido que nas experiências psi não é assim, embora anteriormente julgasse o fosse.

Ao contrário, penso agora que é a atividade consciente progressivamente complicada que se passa no sujeito à proporção que se estende o número de experiências que obscurecem a função psi e com ela interferem seriamente, chegando mesmo em certas ocasiões a impedi-la. Em alguns casos deforma o processo psi acarretando a omissão psi ou a invalidação do alvo. Em geral, a primeira experiência do sujeito na série é a mais aproximadamente espontânea de todas que realize. Poderão, sem dúvida, existir para certos indivíduos condições inibidoras especiais, talvez resultantes da maneira por que encaram, que primeira resposta esteja longe de ser verdadeiramente espontânea. Suponhamos, porém, que o sujeito está bem preparado e bem ajustado e possui certa aptidão psi. É provável, então, que a segunda experiência tenha um certo fator de associação em que os hábitos de pensamento venham para o

primeiro plano interferindo com a espontaneidade. Quanto mais avançar, tanto mais fará entrar em funcionamento o sistema-hábito associado ao julgamento cognitivo na escolha dos símbolos a colocar na folha de registro. Quase com toda certeza tomará conhecimento do símbolo que se acaba de chamar. Poderá perguntar a si mesmo se deve repeti-lo ou considerar se o que se apresentar em seguida ao espírito assim o faz por simples associação no pensamento. Se assim for, considerará rejeitá-lo e assim por diante. Alguns sujeitos serão mais bem sucedidos do que outros em evitar a acumulação sobrecarregada desses modelos de hábito. O sujeito mais fidedigno, o que evita o declínio sério, é o que é capaz de manter na série inteira algo da espontaneidade originária da primeira experiência.

Uma das melhores indicações de que existe algo de que cogitar aqui, diferente das curvas de memória e saber é que, em grande número desses casos de declínio o sujeito vai diretamente a certo desvio negativo significativo antes de terminar a coluna ou a série ou a unidade, seja qual for, dentro da qual ocorre o declínio. Esta circunstância revela a existência de um fator que não é da natureza da acumulação (por ex., má possibilidade de distinguir os alvos) visto como assim se produziram somente acertos de acaso. Ao contrário, este efeito altera realmente o modo de julgamento e deforma consistentemente os resultados em efeito de omissão psi.

Conforme disse anteriormente, não se pode considerar razoavelmente este efeito de omissão como mudança da motivação de positiva no começo da experiência para negativa no fim. Ao contrário, afigura-se que a acumulação de tipos associativos de pensamento que aumentam à proporção que continua a série experimental, impele o indivíduo a certa alteração da operação psi - inconscientemente, sem dúvida - até que passa a utilizar sistematicamente a capacidade psi para rejeitar o alvo. Para o fim da série na última ou nas duas últimas experiências, provavelmente nas três, pode acontecer que ele, sabendo que é o fim, dê a si próprio um salto espontâneo antecipatório para frente, dando, dessa maneira, ao

fim a virtude e a vantagem do princípio, donde o resultado saliente final.

Considerando psi como processo submerso que tem de realizar-se através de quaisquer fogos cruzados e complicações da atividade consciente a que o sujeito se entregue, pode compreender-se que esta condição tornar-se-ia normalmente mais pronunciada à proporção que a série continua. Passando-se de uma sessão a outra ou mesmo de uma série a outra, nota-se certa volta para cima do ponto terminal da unidade precedente, novo começo acima do nível em que se deixou a unidade anterior. Desenvolvem-se associações que se tornam mais complexas pelas contribuições da memória. É, portanto, compreensível que embora acarrete certa novidade passar para nova série ou nova página de registro ou nova sessão, nenhuma unidade posterior poderá ser idêntica à primeira, a menos que fosse possível fazer com que o sujeito esquecesse inteiramente tudo quanto tivesse feito ou pensado anteriormente.

Este conceito da causa dos efeitos de posição pode conduzir a compreensão mais clara do que se passa nas experiências de psi. Se for correta, dará melhor idéia da espécie de pessoas que se devem procurar para sujeitos, seja que se pretenda encontrá-las no estado natural seja para desenvolvê-las por meio de alguma técnica.

Há mais um ponto final quanto aos declínios. O investigador de psi que tem de lutar freqüentemente com a filosofia, "Suaves são os usos da adversidade" procurou encontrar uma pedra preciosa na cabeça do "sapo feio e venenoso" do efeito de declínio. Deixem-me explicar primeiramente que o objetivo imediato realmente grande da pesquisa atual de psi consiste em saber como será possível conseguir certo controle sobre a aptidão, sendo qualquer vislumbre do que se assemelhe a controle verdadeira pepita de animação para o explorador. Considere-se, então, que nesses declínios parece que o esforço consciente do sujeito para escolher cuidadosamente e fazer com que se exerça pressão sobre a função psi está produzindo efeito considerável, mesmo quando contrário. Se é verdade que o esforço consciente é capaz de interferir com a percentagem de acertos, pelo menos em sentido negativo, tem-se o direito de esperar que melhor

controle consciente, esforço mais esclarecido, poderá conseguir a produção de desvios positivos.

Acontece muita vez na ciência que se consegue um passo avante por meio da interpretação conveniente de um fracasso ou frustração. Pode acontecer que a verdadeira legitimidade ou regularidade desses declínios ofereça um ponto de partida para o projeto importante de conseguir controle. Se assim for, ter-se-á aproveitado a adversidade. Só recentemente apresentou-se esta idéia e será necessário tempo para que se expanda. Contudo, é mediante idéias dessa ordem que se atraem exploradores a galgar montanhas.

Tem preocupado bastante os investigadores a questão da espécie de personalidade que se encontra mais intimamente associada a realizações notáveis de psi. Atualmente, contudo, a aptidão parece tão geralmente distribuída que este próprio fato salienta-se agora como o mais notável. Esperava-se que alguma raça ou grupo talvez de adivinhos ou praticantes psiquicamente dotado de certa espécie ou de algum povo primitivo demonstrasse resultados constantemente significativos em experiências controladas. Ainda é muito cedo para dizer se tal não poderia acontecer e naturalmente a busca continuará. Contudo, já decorreu bastante tempo e se procedeu a suficiente exploração de campo para que pareça mui pouco provável a existência em qualquer lugar de um grupo da raça humana de realizadores notavelmente dotados de psi.

Não é possível alegar que todas as provas a favor desta hipótese tenham sido derivadas das experiências comparativamente padronizadas, realizadas sob condições igualmente boas mas, ainda neste caso, se reconhecer que este julgamento é necessariamente conjectural, é pelo menos seguro dizer que nenhuma classe, raça ou nação parece salienta-se especialmente nos registros. As experiências com crianças ameríndias (16) produziram aproximadamente os mesmos resultados que as com caucásicos; os resultados com negros americanos mostraram aproximadamente o mesmo nível de realização como os dos brancos; o que se obteve na Austrália com aborígenes (17) é idêntico ao que se conseguiu com a população geral dos Estados Unidos ou da Europa Ocidental. Os

alunos de uma escola para cegos (18) acertaram quase o mesmo que os de escola semelhante de crianças dotadas de vista na Carolina do Norte. Os melhores resultados de experiências controladas, obtidos na Índia são, pelo que se pode julgar, comparáveis aos que se obtiveram em países ocidentais.

16. FOSTER, A. A., "Experiências de ESP com crianças ameríndias", *J. Parapsychol.*, 7 (1943), págs. 94-103.

17. ROSE, L. e R. Rosa, "Experiências de psi com aborígenes australianos", *J. Parapsychol.*, 15 (1951), págs. 122-131.

18. PRICE, M. M., "Comparação entre sujeitos cegos e dotados de vista, em experiências de ESP", *J. Parapsychol.*, 2 (1938), págs. 271-286.

Notam-se algumas condições gerais relacionadas às realizações psi; idade do sujeito, por exemplo. Conforme indiquei anteriormente, as crianças se adaptam mais rápida e facilmente às condições da experiência do que os adultos e é provável que consigam acertos significativos em maior percentagem. Contudo, isto não significa necessariamente que tenha maior aptidão psi; poderia resultar de melhor adaptabilidade. Nota-se igualmente menos inibição na mulher média não-profissional quando vem participar de experiências do que entre os homens. Esta diferença também se reflete até certo ponto na realização da experiência; contudo, não será provavelmente diferença de aptidão. Ao contrário e provável uma espécie da relação carneiro-cabrito, conforme mencionado anteriormente, descoberta pela doutora SCHMEIDLER. O adulto em comparação com a criança e o homem profissional médio em comparação com a maior parte das mulheres adultas, mostram mais inclinação à crítica ou à hesitação na aceitação da idéia de experiência; esta atitude de "cabrito" é capaz de deprimir a percentagem de acertos em uma experiência psi.

Conforme dissemos igualmente, não se encontrou qualquer correlação significativa da aptidão psi em relação à anormalidade, subnormalidade ou qualquer outro desvio da personalidade. São, sem dúvida, importantes diferenças em grau de cooperação e outros estados associados com essas anormalidades, conforme seria de esperar. Seria experiência psicológica estranha de qualquer espécie a que não se deixasse afetar de qualquer maneira por esses fatores.

Mas, em geral, ainda está por encontrar um grupo que não revele algum indício de aptidão psi quando experimentado ponderada e convenientemente. Igualmente, não se encontrou qual quer classe de pessoas de qualquer natureza que, em virtude da classe (profissional, cultural, étnica ou política) pareça dar provas de mais aptidão psi do que outras. Devemos lembrar-nos, sem dúvida, que até agora somente pequena parte de tudo quanto é necessário para formular tais julgamentos validamente em escala generalizada se realizou. Tudo quanto se pode dizer é que as afirmações até agora são verdadeiras, não tendo havido tempo ou recursos para ir mais longe. Tal a questão: acumulou-se volume bastante suficiente de dados que, se algo houvesse de muito importante, seja na falta ou na presença da aptidão psi, seria provável que se houvesse observado e investigado.

É verdade que se verificou ser a percentagem de acertos em psi correlata a certas medidas de aspectos, atitudes e estados da personalidade de uma ou de outra espécie. Na maior parte, essas correlações se relacionam não com o volume de aptidão psi evidenciado pelos resultados das experiências, mas com a questão muito diferente de saber se o número de acertos está acima ou abaixo da média esperada tão só do acaso. Em outras palavras, baseiam-se em saber se ocorre o acerto ou a omissão em psi. Para exemplificação conveniente, voltemos primeiramente às experiências dos "carneiros" e "cabritos" da doutora SCHMEIDLER. Os acertos dos "carneiros" indicam desvio positivo global e o dos "cabritos" negativo. Os "cabritos" precisaram de tanta aptidão ESP para produzir o desvio negativo quanto os carneiros para o positivo. De fato, parecia existir considerável associação entre a atitude do sujeito em relação a psi e o sinal do desvio.

O mesmo se aplica à separação de HUMPHREY para os sujeitos de ESP. O leitor deve estar lembrado que neste caso baseava-se a separação em desenhos feitos pelos sujeitos nas experiências. Julgavam-se os desenhos na base de certas qualidades de forma indicadas como expansividade ou compressividade. HUMPHREY conseguiu diferenças bastante significativas entre os

dois grupos, os sujeitos expansivos acertando positivamente nas experiências de clarividência e os compressivos negativamente. A característica da personalidade indicada pelo tipo de desenho associava-se, então, como se dava na atitude carneiro-cabrito das experiências de SCHMEIDLER, não com o volume mas com o sinal do desvio. Em outras palavras, o estado ou a característica mental poderá ter determinado se resultava acerto ou omissão psi.

Dispomos agora de bom número dessas separações bem sucedidas de sujeitos acertando alto e baixo, e os diversos grupos revelam volume favorável de correlação consistente. Mas até aí não é possível ter certeza se qualquer dessas discriminações feitas na base de diferenças de personalidade se relacionam com a extensão da aptidão psi, porque podem relacionar-se apenas à tendência de omissão. Embora esta circunstância seja importante em si mesma, é questão diferente da extensão ou volume da aptidão. Por exemplo, quando SCHMEIDLER pôde ampliar empregando a experiência de RORSCHACH ainda mais o intervalo da média de acertos entre "carneiros" e "cabritos", poderia estar somente assinalando ainda mais a associação entre a atitude do sujeito e a tendência a acertar ou omitir.

O falecido doutor STUART do Laboratório de Duke conseguiu fazer separações significativas de sujeitos que marcavam alto e baixo em experiências de ESP na base de padrões de sujeitos e intensidade de interesse. HUMPHREY conseguiu separação inteiramente eficiente na base do Inventário de Personalidade de BERNREUTER utilizando a escala de introversão e extroversão, havendo outras separações devidas a estes e outros operadores. Contudo, mesmo a revisão em grande escala do todo este trabalho não conduziria a qualquer generalização diferente ou qualificação séria para esta; isto é, ainda não se encontrou qualquer elo seguro entre uma característica mensurável da personalidade e o volume de aptidão psi que o indivíduo possui.

Constituiu um passo à frente alcançar a compreensão da relação entre certos correlatos da personalidade e a omissão psi. Em virtude do esclarecimento na interpretação dos resultados que nos

proporcionou, torna-se agora possível atacar o problema originário e mais fundamental da correlação entre as diferenças da personalidade e o volume da aptidão potencial de psi (inteiramente à parte da omissão psi, das condições da experiência de estados mentais passageiros capazes de afetar a realização); isto é, se tais relações existirem.

Existe, contudo, um ponto importante nesta busca dos correlatos da personalidade de psi que não precisa esperar por maiores desenvolvimentos. Os resultados que passamos em revista parece indicarem novamente que estamos tratando de algo não localizado, não recentemente adquirido, não qualquer aspecto superficial, mas algo de muito fundamental, surgindo de muito debaixo do tronco das origens psicológicas. Seria de esperar de conformidade com a hipótese de psi esboçada acima que se encontrasse exatamente o que esses estudos dos correlatos da personalidade de psi revelaram. Psi parece compreender uma ordem submersa de atividade encoberta pelos desenvolvimentos posteriores do progresso evolutivo. Não se deveria esperar dessa situação deparar com diferenças notáveis na realização, que se atribuíssem à própria aptidão nativa. Poder-se-ia esperar que as variações de êxito na realização das experiências conforme se encontram resultassem de elementos mais superficiais da personalidade, afetados pelas condições experimentais. Assim também, será preciso não antecipar o encontro de grupos naturais dentro da espécie humana que tivessem certo "monopólio" sobre psi. Ao contrário, o problema está patenteado quanto ao que possam ser a base biológica inteira, a origem e a base do processo psi.

O passo seguinte a dar é para cruzar a linha da espécie. Provavelmente já agora todos estão prontos para perguntar se psi é função exclusivamente humana. Pode afirmar-se bem precisamente que não, embora não seja possível ainda assinalar grande acumulação de provas semelhantes às que se tem reunido indicando a ocorrência de psi em seres humanos. No passado encontram-se os relatórios por demais isolados das experiências de BECHTEREV de telepatia com cães (19) e os relatórios de minha esposa (L. E. R.) e meus de nossas experiências com a égua Lady, em Richmond, na

Virgínia. (20) Contudo investigações recentemente iniciadas de psi em animais já começam a produzir frutos experimentais. O doutor Karlis Osis (21) do Laboratório Duke chegou à conclusão que as suas experiências demonstraram certa espécie de relação psi entre gatos e seres humanos. A natureza real do psi em causa está sendo ainda submetida a maiores experiências.

19. BECHTEREV, W., *Influência direta de uma pessoa sobre o comportamento de animais*, J. Parapsychol., 13 (1949), págs. 166-176. 3.

20. RHINE, J. B. e L. E. RHINE, "investigação de um cavalo que lia o espírito", J. Ab. Soc. Psychol., 23 (1929), págs. 449-466 e "Segundo relatório sobre Lady, a égua que lia o espírito", id., 24 (1929), págs. 287-292.

21. OSIS, K., "Experiência de ocorrência de efeito psi entre o homem e um gato", J. Parapsychol., 16 (1952), págs. 223-256; segundo memória em preparo.

Nas suas experiências, Osis, tendo o cuidado de controlar todos os fatores sensoriais do animal procurou influir-lhe sobre a escolha de um de dois pratos de alimentos por meio de psi. Embora menos dramática que a experiência do profeta DANIEL com os gatos maiores (procurando igualmente evitar que os gatos comessem no lugar errado!) os resultados de Osis são bastante significativos e foram suficientemente bem controlados para constituírem novo ponto de partida no estudo de psi em animais.

Neste momento, quase tão impressionante é o resultado de um levantamento (22) a que se procedeu do comportamento natural não explicado de animais, que se pode atribuir a ESP. Consideremos alguns exemplos: O longo vôo migratório anual de certas espécies de pássaros sobre milhares de quilômetros de mar alto em direção a minúscula ilha no meio do oceano, onde procriam; o conhecimento da volta para casa de centenas de mimalhos, principalmente cães e gatos, transportados, muitas vezes, em veículos fechados como vagões ferroviários, a distâncias que chegam a milhares de quilômetros; e mesmo alguns casos em que se conta terem os animais acompanhado os donos ou os companheiros de diversão quando deixados para trás por ter-se mudado a família para território inteiramente desconhecido ao animal. ESP poderia explicar todos esses casos. Atualmente não se pode dizer que os explique. Mas o desafio para encontrar explicação é por demais forte e a acumulação de material demasiado abundante para que se permita que tais tipos

de comportamento continuam desprezados e não sujeitos a investigação científica.

22. RHINE, J. B., "Situação atual da questão de psi em animais", *J. Parapsychol.*, 15 (1951), págs. 230-251.

Um dos desafios mais notáveis no comportamento não explicado de animais fornecem-nos os feitos impressionantes dos pombos-correio. Este comportamento ainda não tem qualquer hipótese física aceitável. O problema do pombo-correio (23) oferece, contudo, ponto de ataque muito conveniente, devendo ser possível brevemente, depois de estudo experimental concentrado, dizer se, juntamente com o equipamento sensorial de que dispõe, conhecido ou não, ele faz uso de ESP.

23. PRATT, J. G., "O problema da volta dos Bombos-correio", *J. Parapsychol.*, 17 (1953), págs. 34-60.

As investigações de psi no reino animal, embora ainda preliminares, já serviram para chamar a atenção para a grande promessa que encerra. Será importante saber se o animal revela qualquer relação entre simplicidade do sistema nervoso e volume de aptidão psi. Formulou-se interessante hipótese que assim é. Destes estudos comparativos das diversas espécies deverá resultar alguma base para verificação da origem evolutiva da aptidão psi. Resultarão, igualmente, algumas orientações importantes para a compreensão das bases neurológicas de psi.

O estudo comparativo do psi em animais revelará qual tem sido o efeito sobre a função psi resultante do desenvolvimento das áreas de associação do cérebro humano. Poderia fornecer também a verificação da hipótese que essas áreas sufocaram e inibiram o funcionamento dessa aptidão, sem eliminá-la; que psi está oculto, mas não vestigial. Que exploração não seria!

Agora é possível tornar a examinar com proveito as dificuldades. A luz do que se conhece agora, seria sem dúvida de surpreender se psi não fosse esquivo e difícil de trazer a controle. Atuando, conforme o faz, em nível inconsciente, obscurecida via de regra pelos processos de pensamento consciente mais dominador, e extremamente difícil de converter-se em forma expressiva, reconhecível, a função psi deverá raramente esperar-se que se exerça

eficientemente em seres humanos e ainda mais raramente se observe em ação quando se exerça.

Além disso, como os fatos relativos aos fenômenos psi eram de tal ordem que lhes impediam a inclusão na psicologia ortodoxa da época, não seria de esperar que tais fenômenos fossem fáceis de captar experimentalmente. Se o fossem, teriam sido captados e aceitos de há muito. Assim sendo, a aceitação em data tão tardia deve esperar-se sobrevenha dificilmente, mesmo quando se captaram os fatos. Sobrecarregados desses obstáculos, é notável que as ocorrências de psi tenham vindo afinal até o laboratório.

Mas embora todas essas dificuldades tenham retardado não só a pesquisa como o reconhecimento da sua contribuição, o fato é que houve progresso. Mais importante ainda é que houve progressos na compreensão do fenômeno sob investigação. Se, por enquanto pelo menos, não é possível erguer psi à consciência a partir do estágio profundamente submerso no esquema total da personalidade, pode-se agora, de qualquer maneira, compreendê-lo melhor. E por sinal, os experimentadores podem agora ficar sabendo melhor como enfrentar os inúmeros problemas experimentais e práticos a ele associados. Poderão também compreender melhor muitos resultados experimentais que foram enigmáticos durante muito tempo.

Verdade é que ainda não se pode formular conceito hipotético global da natureza de psi. Não se pode mesmo dizer muito das bases energéticas de psi; como será possível certa relação entre sujeito e objeto sob as condições de boa experiência de psi. (Embora a física e a fisiologia tenham fornecido volume razoável de compreensão da extremidade objetiva da percepção sensorial, a psicologia geral não tem ido longe com a extremidade subjetiva da relação sujeito-objeto na percepção por meio dos sentidos.) Igualmente, não se sabe muito das bases neurológicas e biológicas gerais de psi, embora se saiba que essa aptidão é tão geral, tão independente de segregação, e tão fora de especialização que parece algo de fundamental, parte da herança biológica geral do organismo, algo que atravessa a linha das espécies. Ainda será preciso decidir se os efeitos dos narcóticos, conforme referidos nas primeiras pesquisas, (24) manifestam-se

sobre a própria função psi primária ou são somente o resultado de efeitos exercidos sobre outros processos mentais essenciais à experiência. Quando, como aconteceu nas experiências de ESP no Laboratório de Duke com sujeitos que receberam amital sódico, resultou queda sensível na aptidão de acertar, poderia muito bem ter sido, como parece agora, devida a uma diminuição da acuidade geral do sujeito para julgar. Seria de espirar semelhante efeito prejudicial em operação comparável que compreendesse delicada discriminação sensorial. Agora, quase todas as experiências que compreendam psi que se fizerem com sujeitos dependerão da aplicação de julgamentos delicados e complexos. Por exemplo, exigir-se-á que se conservem simplesmente todos os alvos disponíveis por igual ou se excluam interesses contrários perturbadores do centro de atenção, questão aberta se o indivíduo é capaz de distinguir entre a função psi própria e a operação global de julgamento da qual faz parte. Todavia, questões comparáveis ainda causam perplexidade ao psicólogo geral com relação à percepção sensorial. A parapsicologia precisa de mais tempo.

24. RHINE, J. B., e outros, *Percepção extra-sensorial depois de 60 anos* (New York, Henry Holt, 1940), págs. 287-290.

O que dizer então sobre a natureza de psi? De modo geral, se omitirmos considerações físicas, a operação de psi sugere funções cognitivas familiares mais elevadas como raciocínio, humor, invenção, e outras semelhantes. (Contudo, esta semelhança talvez seja devida à presença de fatores cognitivos mais elevados na experiência psi; talvez psi não seja o elemento variável que produz essa aparência de semelhança. O estudo de psi em animais, entre outras provas, oferece conceito diferente do nível a que psi pertence, o que põe uma pergunta para o futuro.) Mencionei anteriormente que as drogas experimentadas parece afetaem psi pela mesma forma que afetariam qualquer julgamento delicado. Há ainda os resultados experimentais sugerindo que certo número de condições, como distração, aborrecimento, monotonia e motivação reduzida atuam contra a operação do processo psi. De todo o lado da motivação, a reação em uma experiência de psi parece muito

semelhante a qualquer tarefa difícil que importasse em experiências repetidas de natureza delicada. A compensação e o castigo revelam quase o mesmo efeito, e o resultado da excitação devidos o forte interesse por parte do sujeito é idêntico tanto em realizações psi quanto em não-psi.

O julgamento perceptivo em experiências psi obedece, de várias maneiras, a princípios bem conhecidos no campo dos julgamentos sensoriais. Isto é verdade não só quanto à condição necessária ao julgamento perfeito, como, por exemplo, a proteção aos sujeitos contra perturbações externas ou internas, mas na operação do próprio julgamento. Mencionei os efeitos de posição, especialmente a tendência de se salientarem os objetos terminais em uma série, bem como a possibilidade de declínio de percentagem de acertos em longa lista ou durante longa experiência.

Psi dá também provas de reagir a conjuntos ou modelos, parecendo obedecer a princípios figurativos ou de Gestalt. A prova a esse respeito é, contudo, somente accidental. Por exemplo, nota-se a reação a modelo representada pelo efeito de reforço já mencionado algumas vezes em relação ao trabalho do doutor SOAL. Igualmente em experiências de emparelhamento, há muito se sabe que um sujeito consegue emparelhar duas cartas semelhantes independentemente de identificação real, como pode identificar uma única.

Neste caso pode supor-se, como em percepção normal pelos sentidos, ser necessário no ato de emparelhamento julgamento perceptivo menos completo do que na indicação de uma carta isolada. Estabeleceu-se este ponto quando se verificou que a aptidão ESP de certo sujeito era capaz de produzir quase o mesmo volume de desvio total do lado negativo, se recomendasse evitar acertos em lugar de realizá-los, conforme aconteceria normalmente do lado positivo. Se normalmente tivesse uma média de seis quando cinco fosse "acaso" e depois passasse para a média de quatro ao procurar produzir acertos baixos, querer dizer que para conseguir o mesmo desvio do lado negativo ele revelava julgamento perceptivo menos

preciso de perto de quatro vezes tantas cartas deste lado como havia revelado do lado positivo.

Em uma palavra, o tipo psi de percepção gradua-se parcial ou relativo tão bem quanto modelado, conforme também se dá a percepção sensorial.

Por assim dizer, nada existe em psi que se possa indicar como fundamentalmente diferente do processo psicológico ordinário, exceto que é antes de tudo sempre inconsciente. Funções sensorimotoras e outros processos mentais podem atuar abaixo do nível de consciência, embora ordinariamente tal não aconteça. Em segundo lugar a diferença fundamental está em que psi não se relaciona com as propriedades de espaço-tempo-massa das energias físicas de que se ocupa o mundo sensorimotor. Conforme disse, acho que estes dois pontos estão intimamente ligados. Talvez tenhamos simplesmente atingido camada inconsciente situada mais profundamente da vida mental - que teve de esperar para ser descoberta até que se despertasse interesse suficiente pelas operações mais peculiarmente psicológicas (isto é, não-físicas) da personalidade humana.

No momento, acima de qualquer outra consideração, é necessário voltar a examinar os problemas e as dificuldades de trazer psi sob certo grau de controle a fim de facilitar tanto quanto possível o trabalho do experimentador. A utilização completa de tudo quanto se sabe a respeito de psi, combinada com os pontos de vista resultantes, deveria contribuir para que os investigadores de psi vencessem os obstáculos da maior parte da frustração passada.

A luz dos conhecimentos atuais, pode esperar-se agora se achar difícil fazer surgir e manter motivação suficiente para levar a função psi a romper a herança sobrejacente de processos conscientes. O simples reconhecimento desta ênfase necessária implicará em toda a diferença na maneira de atacar o problema do controle de psi. Em primeiro lugar significa que a tarefa de colocar psi em base experimentalmente produtiva é ainda reconhecidamente uma arte de relações humanas nada fácil. Exigirá a melhor habilidade para treinar e aconselhar. Quer dizer que a fim de produzir situação

experimental conveniente será preciso manter certa ordem de interesse suficientemente elevada para concorrer com êxito com os diversos outros interesses resultantes da própria personalidade do sujeito e do ambiente da experiência.

Sem dúvida não é possível reproduzir as situações altamente motivadas, muitas vezes trágicas que contribuem, em experiências psi espontâneas, para que irrompa através de todas as barreiras. Não será mesmo fácil encontrar experimentadores que disponham de reservatório suficiente de entusiasmo para os objetivos e o dom de características pessoais indispensáveis à comunicação do próprio entusiasmo e desafio. Nem sempre é possível também lhes proporcionar situações felizes que os liberem inteiramente de muitas restrições capazes de interferirem normalmente com o sucesso, dando-lhes acesso a grupos de sujeitos responsáveis cooperadores, de boa vontade com os quais possam trabalhar com suficiente liberdade e por bastante tempo.

Torna-se agora claro que a experiência de psi provavelmente não o será se o processo não for suficientemente inspirador para o sujeito, de sorte a libertar-lhe a função psi para que se eleve acima de todas as dificuldades intelectuais e motivadoras que se lhe levantam pela frente. Houve um tempo em que a atenção dos experimentadores concentrava-se inteiramente no controle de indícios sensoriais e outros semelhantes. Agora devemos pensar em primeiro, segundo e terceiro lugar no controle contra a apatia, resistência consciente ou inconsciente, distração, esforços mal colocados, ou maneira por demais racional de encarar - estes e muitos outros fatores.

Mas a motivação não é tudo. As pessoas diferem ampla e profundamente na facilidade com que a função psi emerge do lugar em que se oculta no fundo do sistema cerebral na inconsciência do sujeito. Seria fácil afirmar que a psicologia geral devia ser capaz de dizer-nos como evitar essas resistências superficiais e incrustações do hábito. Talvez algum dia o consiga. Por enquanto, contudo, o explorador parapsicológico terá de tatear o caminho para o objetivo, e, ao fazê-lo, poderá escolher uma de duas direções.

Uma delas será procurar encontrar pessoas cuja personalidade seja por natureza formada de tal maneira que permita à função psi operar com relativa espontaneidade. Pode realizar-se a descoberta e seleção de tais indivíduos trabalhando com os que tiverem experiências excepcionais e freqüentes. Esta maneira de agir precisa, contudo, de dose muito maior de circunspeção cuidadosa do que se lhe dispensou no passado. Não é de esperar que tais indivíduos fiquem sentados simplesmente à mesa de pesquisa para realizarem uma experiência de psi simplesmente porque tiveram experiências psíquicas. Provavelmente terá de ser grande o ajustamento que tiverem de fazer à experiência - maior mesmo do que imaginem.

Pode acontecer que a própria motivação forte seja mal dirigida ou se torne prejudicial. Há, por exemplo, a experiência de J. M. BEVAN, (25) em que utilizou um grupo de pessoas em ESP as quais ou tinham tido experiências psíquicas ou se mostravam favoráveis à hipótese ESP. Compararam-se a outras que não tinham tido tais experiências. Verificou que as que tinham tido experiência tendiam a principiar em sentido contrário: em outras palavras, produziam desvio negativo. Contudo, nas últimas sessões, os acertos eram mais elevados do que os do grupo com que se comparavam. Trazê-las à altura da situação, dando-lhes o sentimento de que "Agora que você pensa ser psíquico aqui está uma experiência que o revelará" é, estou perfeitamente seguro, uma das maneiras de fazer surgir a característica perversa da personalidade responsável pela omissão de psi (e talvez também por uma porção de outros efeitos).

25. BEVAN, J. M., "Relação da atitude para o sucesso em acertos de ESP", J. Parapsychol., 11 (1947), págs. 296-309.

Tudo indica que as pessoas que tiveram experiência psi de natureza espontânea são as que precisam de maiores cuidados. Muitas se mostram sensíveis com relação a essas experiências, especialmente quanto à maneira pela qual outras pessoas a elas reagiram. Assim, também, as experiências são tão novas para elas como para qualquer outra pessoa, e não têm a mais leve idéia de como realmente ocorreram as experiências espontâneas. Se pensam que têm, estão quase que certamente enganados. Todavia, tratadas

cuidadosamente, pode esperar-se que produzam resultados valiosos, talvez porque tenham barreira menos rigorosa de hábitos intelectuais conscientes que psi teria de penetrar do que os que não experimentaram qualquer vislumbre espontâneo de psi. Assim também, é mais provável que tenham interesse mais sustentado devido à forte convicção com relação a psi, derivada da experiência própria.

São carneiros genuínos e não é provável que se transformem em cabritos sobre um ou dois acertos baixos descobrindo uma veia de omissão psi.

Agora pode fazer-se alguma coisa, igualmente, quanto à omissão psi (tendência de não acertar o alvo, produzindo desvios negativos). Será possível prosseguir com o estudo dos correlatos da personalidade até o ponto de saber quais os estados mentais que a ele conduzem, e, ainda melhor, quais as características ou condições que o impedem. Com o tempo, pode identificar-se aquele que tende à omissão psi, separando-o de antemão. Mesmo com o que se sabe agora, contudo, pode exercer-se controle, em grande parte, sobre este elemento perturbador na experiência psi; acumulou-se número considerável de indicações dos estados mentais relacionados com a omissão psi. Podem incluir-se todos no desenvolvimento de um processo de trabalho visando a proporcionar condições ideais para máxima realização psi.

Por enquanto, alguns experimentadores serão capazes de fazer maiores progressos acompanhando indivíduos que manifestam mais ou menos naturalmente facilidade para realização de psi, favorecendo-os com certas condições para a experiência que se associaram no passado com alto rendimento de resultados.

Mas a segunda direção também tem possibilidades. De muitas maneiras é mais provocadora e convidativa. É esta a maneira geral de procurar transformar o indivíduo em bom sujeito. Já a seguiram, em certa extensão, como a anterior. Quero referir-me a todos os esforços que se tem feito para tornar o indivíduo bom realizador psi por meio de hipnose. Juntamente com estes podem ir, na maior parte, os esforços exploratórios sobre o emprego de drogas. Tende-

se facilmente a pensar que deve haver alguma droga que realizaria exatamente o que se deseja nesta situação particular, impedindo a operação das áreas de associação do cérebro sem perturbar as de origem evolutiva mais antiga, permitindo desse modo que as funções mais primitivas de psi entrem em operação mais livre. Naturalmente está claro que as próprias experiências se estabelecem de tal maneira que importam em julgamentos delicados, e o esquema total da experiência, segundo o encara o sujeito, importa em certo volume de apreciação intelectual. Provavelmente é pedir demasiado neste passo da tentativa discriminar por meios farmacológicos entre julgamento experiência-psi e as áreas de associação geral capazes de inibirem psi.

Meios psicológicos, além da hipnose, têm sido experimentados e, sem dúvida, se experimentarão repetidamente; mas estão surgindo idéias novas que se devem incluir nas novas maneiras de atacar a questão. Trances e outros estados subjetivos auto-induzidos (que, acidentalmente, devem experimentar-se sob supervisão profissional, de preferência no próprio laboratório) poderão conduzir a um processo para liberação de capacidade psi latente. Quanto ao emprego da hipnose para melhorar a realização psi, tudo quanto se pode dizer é: promissor mas ainda não convincentemente produtivo. Em todos estes processos psicológicos para ajudar o indivíduo no sentido de maior autoliberação, há necessidade de meios mais hábeis e de melhor compreensão dos tegumentos mentais inibidores que é preciso penetrar.

Na pesquisa o indivíduo derrota facilmente a si próprio quando adota demasiada rigidamente qualquer maneira única, simplificada demais, meio boa de resolver problemas. Por outro lado, há também o perigo de estender demasiadamente esforços e energias de início tão limitado, mas é mais seguro conservar certa maneira de encarar suficientemente compreensiva para colocar psi em base de realizações mais sólidas e, talvez, acima de tudo, animar certas maneiras de atacar a questão por parte de exploradores diferentes. Além disso, como a Natureza se abandona ao observador ponderado se ele conseguir uma visão suficientemente compreensiva das

ocorrências naturais, valerá a pena estudar todo o material espontâneo disponível de meios (e tudo quanto os leitores possam enviar-nos) para sugestões que talvez surjam quanto à melhor maneira de permitir a psi entrar em pleno funcionamento.

Nos estudos do Laboratório já voltamos a essa maneira de proceder. E de predizer que a pesquisa parapsicológica dos próximos dez anos se orientará em grande parte pelos estudos que resultarem destes vários milhares de experiências humanas classificadas de psi. Depois, lançando-se mão de tudo quanto se puder fazer para escolher sujeitos promissores por meio de todos os dispositivos seletivos que haja vantagem em utilizar, o objetivo deve ser aplicar o que se aprendeu nas experiências para ajudar estes sujeitos escolhidos a realizarem o mais possível sob condições experimentais controladas. Será possível desenvolver um curso de preparação instrutiva para sujeitos de experiências psi com o fito de conseguir a melhor combinação de atitudes e de orientação em relação à pesquisa. Será também viável recuperar por meio de um programa de reeducação, alguns dos sujeitos mais notáveis do passado. Estes objetivos parecem, pelo menos, eminentemente razoáveis à luz do que se conhece.

Se basear semelhante programa no conceito atuante que o sujeito deve ser bem motivado, dando-se-lhe a melhor experiência possível e experimentador e ambiente que o ajudem a captar e recaptar a espontaneidade que libera para ele a aptidão psi, e se então se encarar a circunstância que provavelmente somente poucas pessoas poderão admitir-se como experimentadores capazes em experiências psi e, finalmente, se nos lembrarmos que psicologicamente experiência alguma é de psi até que tenha as condições psicológicas que se sabe agora serem necessárias para a liberação dessa função profundamente oculta, inconsciente e facilmente desviada, será possível, em futuro previsível, romper este anel de dificuldades.

Este programa encena uma provocação para esta década. Entretanto, mais do que isto, é empreendimento que o experimentador fatigado pode aguardar com imenso alívio; porque

já agora é evidente que as principais dificuldades são, pelo menos em parte, próprias à natureza de psi e suas relações com a vida e a personalidade. A culpa de ter sido tão lento e difícil o progresso não cabe inteiramente ao pesquisador; e até esse ponto, o papel do pesquisador tornou-se mais compreensível. É possível dirigir agora o esforço para os elementos suscetíveis de serem remediados.

PARTE II

RELAÇÃO COM OUTROS MUNDOS DA CIÊNCIA NATURAL

A ciência de psi não é ilha. Embora nova para o explorador, tem ligações com a terra firme; é na realidade tão-só uma seção de ordem muito maior que possui muitas e variadas partes. De fato, grande parte do trabalho de descoberta deste novo mundo do espírito consiste em estabelecer as relações entre a parapsicologia e as partes adjacentes do domínio nacional a que pertencem.

Os três capítulos que se seguem tratam do campo da parapsicologia em relação às ciências principais com que está intimamente relacionada: física, biologia e psicologia. Nestes capítulos desenvolve-se certo conceito de parapsicologia como ciência natural. Não queremos dizer, naturalmente, que estes três ramos formam o total da ciência natural, mas sim que são os que estão mais perto da parapsicologia. Qualquer esclarecimento sobre a relação da parapsicologia para com elas contribuirá para situá-la

mais exatamente no esquema do conhecimento, tornando-se mais inteligível.

A relação de psi para campos de prática e aplicação discutir-se-á na Parte III; tais relações dizem respeito principalmente aos frutos da parapsicologia. Por enquanto daremos atenção às raízes.

Capítulo 4

Realidade não-física em a Natureza

É a relação singular da parapsicologia para a ciência da física que contribui para identificá-la. Conforme indiquei anteriormente, a sua significação também reside grandemente na relação que se verifica terem os seus fenômenos com o universo físico. Mas como esta relação é aquela mesma que torna a parapsicologia assunto discutível para todos quantos o mundo físico é o único a compreender a realidade, parece impor-se à necessidade de um capítulo especial em que se reúna e avalie o que se sabe a respeito das relações (ou falta de relações) entre a parapsicologia e a física.

Em primeiro lugar, a formulação geral do conceito da psi como processo não-físico é comparativamente novo; e, sendo nova, exige se examine cuidadosamente. Como questão de história, somente nos últimos anos definiu-se expressamente o campo da parapsicologia com relação à física, ou, a tal respeito, em termos gerais quaisquer. Anteriormente fora identificado tão-só pelos seus problemas específicos. Chamavam-se estes problemas de psíquicos, metapsíquicos ou parapsicológicos, mas durante os primeiros cinquenta anos de existência das sociedades de pesquisa psíquica, não se havia definido claramente a significação desses termos.

Quando, na década de trinta, fizeram-se esforços para distinguir e caracterizar a área da parapsicologia, verificou-se que os problemas são, sob alguns aspectos, antes de tudo psicológicos. Todos se relacionam com fenômenos que parecem associados a um certo órgão pessoal, vivo ou morto, visível ou invisível, humano ou animal. Em segundo lugar, são fenômenos que não se prestam à explicação por meio de qualquer das leis naturais conhecidas e aceitas.

Dentro desses anos mais recentes sugeriu-se maneira ainda mais precisa de definição. Tornou-se perfeitamente claro que os fenômenos psi se identificam pelo desafio de explicação física, exigindo, ao invés, explicação psicológica. Ocorrem sempre a pessoas (ou animais) ou dependem de algum órgão ou experiência pessoal que pelo menos se suspeite; mas, ao mesmo tempo, não obedecem a princípios físicos convencionais.

Ora, no que respeita à física, esta definição é simplesmente negativa. O caráter positivo dos processos que fazem parte do campo da psicologia reside em serem pessoais ou psicológicos. Estão separados do resto do campo da psicologia (ciência que trata das pessoas e seu comportamento) por parecer que desafiam decisivamente explicação por meio de princípios físicos.

Que porção do funcionamento da personalidade - à parte psi - é não-física? Boa pergunta mas ninguém sabe como respondê-la; até mesmo a maneira de procurar a resposta constitui problema em si. Certo é que em psicologia quase não se assinalou qualquer progresso no sentido de descobrir se as operações mentais mais comuns cabem inteiramente, em parte ou não ao domínio da física. Antes de tudo, preconceitos metafísicos contra qualquer sugestão mesmo remota de dualismo impediram o psicólogo de considerar seriamente qualquer questão que tenha aparência não-física.

O fato fundamental é que os processos mentais mais comuns não se prestam a estudos quantitativos relacionados à física, de qualquer maneira ainda não conhecidos pela ciência. Cada um desses processos está envolvido em ambigüidade neste ponto, da qual psi está livre. (É o que o faz psi.) É comparativamente fácil

realizar experiência, por exemplo, com a memória. Mas de que maneira seria possível responder à pergunta se opera ou não por princípio rigorosamente físico? Escolha-se à vontade qualquer processo mental, saber, emoção, imaginação, raciocínio, volição - nenhum deles é mais fácil de pôr à prova do que a memória quanto às suas relações com processos físicos. Na percepção sensorial o sujeito, sem dúvida, reage em relação ao ambiente físico. Há muito se sabe que a força da experiência sensorial varia conforme certa legitimidade de relações para com o volume de energia de estímulo físico (por ex., a Lei de Weber-Fechner). Todavia um século de psicologia experimental em grande parte concentrada sobre esta questão, não conseguiu transpor a brecha psicofísica por meio de princípios puramente físicos do estímulo e excitação nervosa à experiência subjetiva. Igualmente, não lhe foi possível mostrar que a conversão da energia estimulante em experiência perceptiva é de transição para efeito não-físico.

Será necessário que a explicação de psi como fenômeno não-físico seja bastante convincente e bem fundado, por isso que muito dela depende. A própria situação da parapsicologia como campo distinto de pesquisa dela depende; dela deriva-se novo conceito de psicologia; e, conforme demonstraremos mais adiante, a sua significação tem alcance ainda maior. Assim sendo, será preciso fornecer neste ponto alguma idéia da prova, mesmo que fosse somente a que resultasse de rápida revisão. (Encontra-se revisão mais antiga em Percepção extra-sensorial depois de sessenta anos. (1) Só nos referiremos aqui a certos tipos de prova e outros desenvolvimentos posteriores).

1. RHINE e outros, op, cit., págs. 291-310.

Três tipos principais de prova dizem respeito à questão de ESP e física. Em primeiro lugar, a natureza e a ordem dos alvos ou objetos-estímulo ou a variedade de fatores que psi pode compreender e a ordem de condições de alvo sob as quais é capaz de operar. Em segundo lugar, depara-se com a questão das relações espaciais entre o sujeito e o objeto-alvo. E em terceiro lugar encontra-se o problema da relação de tempo para os sucessos ESP (isto é, se psi pode

penetrar no futuro). Pode levantar-se a mesma ordem de questões quanto à física de PC. Até agora, contudo, a maior parte das pesquisas de PC tem compreendido a comparação de propriedades físicas dos objetos-alvo.

Em geral, os resultados dos exames realizados quanto à ordem dos objetos-alvo utilizados com resultado nas experiências de ESP não só não conduz a qualquer hipótese que seja física a relação sujeito-objeto, como não permite a aplicação de semelhante hipótese. Considerem-se os dois tipos principais de ESP, telepatia e clarividência, do ponto de vista de possível hipótese física. A verdade que ainda ignoramos qual a natureza do objeto-alvo no caso de telepatia pura, mas mesmo que se adote o ponto de vista conservador que uma operação de pura telepatia é tão-só percepção clarividente da cerebração do emissor, ainda se encontra o problema de construir uma hipótese que justifique a ordem de estímulos em que se demonstrou funcionar ESP. Qual a teoria física que compreendesse a série inteira de materiais de alvos objetivos que se têm utilizado em experiências de clarividência (símbolos, cores, luzes, etc.) compreendendo ainda as atividades cerebrais delicadas e complexas do emissor telepático?

O segundo tipo de prova diz respeito aos resultados da comparação de distâncias diferentes. Mesmo as experiências de ESP realizadas antes de 1940 apresentavam boas alegações contra qualquer relação fidedigna entre distância e sucesso. Desde então se conduziram muitas experiências de longa distância, que forneceram resultados bastante notáveis. Desafiam qualquer aplicação da lei do quadrado inverso do declínio do efeito com a distância. Já nos referimos à experiência de SOAL e BATEMAN (2) com o Senhor STEWART, e ao fato mencionado que a distância de 200 milhas entre sujeito e experimentador em certa fase da experiência não acarretou diminuição na percentagem de acertos.

2. BATEMAN F., e S. G. Soal, "Experiências de longa distância em telepatia", *J. Amer. Soc. Psych. Res.*, 44 (1950), págs. 21-33.

O Senhor Maurício MARSH (3) do Departamento de Psicologia da Universidade de Rodes, em Grahamstown, África do Sul,

realizou uma experiência em ESP utilizando provas de desenhos em que a distância entre emissores e receptores era aproximadamente de 500 milhas. Embora não fosse fácil avaliar em termos de cifras familiares, em parte porque o trabalho se realizava com desenhos, os resultados foram suficientemente além do "acaso" para demonstrar ter havido ESP.

3. Parapsicologia na Universidade de Rodes, África do Sul, loc. cit.; Maxsx, op. cit.

Há ainda distância mais longa nas experiências realizadas entre Zagreb, na Iugoslávia e o Laboratório de Parapsicologia da Universidade de Duke, em Durham, na Carolina do Norte. (4) Nesta experiência, o sujeito principal foi o Doutor Carlo MARCHESI de Zagreb, que procurou identificar cartas montadas como alvos no Laboratório de Duke, a umas 4.000 milhas de distância. Estas longas séries de experiências conduziram igualmente a resultados que acusaram um desvio da expectativa média do acaso tão grande que só se poderia esperar tão-só do acaso em 500 séries destas. Mais tarde, porém, quando o Doutor MARCHESI visitou a Universidade de Duke e procurou identificar cartas à distância de alguns metros, colocadas em um cômodo ao lado, os resultados não excederam a média esperada do acaso. Certamente, a situação psicológica do Doutor MARCHESI, quando veio para Duke, onde deveria sentir-se até certo ponto "marcado", contrastava com o que sentia em Zagreb, procurando pela primeira vez demonstrar aptidão de ESP. Vemos aí um exemplo da observação geral de que (pelo menos dentro dos limites que temos experimentado) condições psicológicas mais do que físicas da experiência determinam a percentagem de acertos do sujeito.

4. RHINE, J. B., e B. M. HUMPHREY, "Experiência transoceânica em ESP", J. Parapsychol., 6 (1942), págs. 55-74; McMAHAN, E. A., e J. B. RHINE, "Segunda experiência Zagreb-Durham", J. Parapsychol., 11 (1947), págs 244-253.

Se o tipo do alvo e a distância entre ele e o sujeito não afetam o resultado, que dizer das barreiras? Até agora não se encontrou qualquer barreira capaz de excluir a operação de psi. É verdade que ainda não se procedeu a qualquer exame completo e exaustivo de todos os tipos de barreiras que se poderiam inventar, mas penetrar

formidável barreira de quatro mil milhas de atmosfera seria, só por si, pesada exigência para qualquer espécie de energia que tomasse parte ativa nas operações psi. Ou, se considerarem as cordilheiras de montanhas ou mesmo a própria terra, que acidentalmente faz parte do terreno intermediário entre emissor e receptor em algumas das experiências que se realizaram no passado, poder-se-á dificilmente pensar seja lá no que for para interpor que servisse como barreira física mais eficaz à onda hipotética capaz de transmitir os símbolos das cartas. Seja o que for que concebivelmente penetrasse barreiras como centenas ou milhares de milhas de atmosfera e cordilheiras de montanhas teria ainda de ser a espécie de energia física que transmitiria uma impressão do estado delicado do cérebro do emissor em telepatia ou a ampla série de tipos de objetos que se podem utilizar como alvos em clarividência.

A tarefa de explicação segundo normas físicas torna-se muito mais difícil porque, juntamente com as grandes distâncias e as barreiras, há ainda a circunstância de estarem em muitas experiências os alvos extremamente próximos no espaço. Por exemplo, na experiência de Zagreb, como em muitas outras de clarividência, as cartas instaladas na Universidade de Duke estavam tão intimamente justapostas (aproximadamente 25 em um quarto de polegada) que para separar as impressões recebidas das cartas isoladamente, pareceria impossível em qualquer espécie de teoria física aceita. Com toda certeza o efeito resultante de radiação de tal baralho seria um borrão geral confuso.

Todavia, em algumas experiências, utilizaram-se às cartas quando deitadas com as margens voltadas para o sujeito. A percepção dessas cartas no sentido das margens daria somente impressões de linhas retas de todos os símbolos, se tratasse de energia radiante diferencialmente absorvida pelas cartas ou delas emanada.

Em resumo, não há simplesmente qualquer explicação baseada em princípio físico que satisfaça, e conveniente considerar tão-só a física atual, exatamente como só se deverá tratar da parapsicologia dos nossos dias. Algumas pessoas interessadas nos fatos relativos a

psi antecipam persistentemente uma explicação final dentro da estrutura geral da teoria física corrente. Mas isto pouco mais é do que afirmação de fé, visto como nenhuma hipótese capaz de explicar os fenômenos psi em conjunto, baseada na física, foi oferecida por qualquer um até agora. De tempos em tempos alguém sugere uma explicação de um ou outro aspecto da aptidão psi, mais comumente telepatia, mas quando se consideram todos os outros fenômenos psi e todas as condições que é preciso levar em conta o físico mais dedicado encontra-se nos esfacelos de dificuldade intelectual insuperável.

O aspecto mais difícil da explicação de psi pela física é a relação de tempo. Ninguém até hoje ofereceu explicação plausível da precognição que se baseasse em teoria física estabelecida. Não se conseguiu fazê-lo para a precognição a prazo curto correspondente aos poucos segundos que implicam os resultados do deslocamento para frentes obtidos por SOAL e GOLDNEY com o sujeito B. S. O leitor deve lembrar-se que neste deslocamento para frente o sujeito continuou a identificar, não a carta que estava focalizando conscientemente, mas a que vinha em seguida, mesmo quando se adotava um processo à aventura para escolher as cartas, escolhendo-se a carta seguinte depois de ter dado o sujeito à resposta.

À proporção que se acumularam as provas a favor da precognição, quase todos os que a acompanharam abandonaram qualquer esperança de uma hipótese que a explicasse convenientemente a partir da física. Alguns insistem em que a prova a favor da precognição ainda não é suficientemente abundante ou ainda não se tornaram completamente lógicas as condições eliminadoras das diversas alternativas, de sorte que evitam enfrentar a solução. Reagindo aos dados da precognição há várias espécies de atitudes pessoais, mas ninguém foi capaz de oferecer qualquer sugestão de uma teoria física que explicasse os fatos ora em nosso poder.

Até agora a discussão de psi e física limitou-se inteiramente a ESP. Mas as experiências de PC oferecem também a possibilidade da hipótese de explicação física. Há várias maneiras de instituir a

experiência para mostrar que PC obedece ou não às leis da mecânica. Podem fazer-se comparações de dados de pesos e tamanhos diferentes para verificar se a massa dos objetos afeta o resultado nas experiências de re; ou compara-se a distância entre o sujeito e o objeto ou de diversos graus de arredondamento dos cantos dos dados. Sem dúvida ainda não se realizou volume tão grande de pesquisa em PC como em ESP. Mas na medida em que se têm realizado experiências comparativas que implicam na hipótese da causação física para Pc, concordam inteiramente com o que se achou para ESP: as leis físicas não se aplicam.

Realizaram-se somente poucas experiências para comparar os efeitos de distâncias diferentes entre o sujeito e o objeto a sofrer influência nas experiências de PC, e estas têm compreendido somente distâncias curtas de pouco menos de dez metros: a experiência do Doutor C. B. NASH (5) é a melhor a tal respeito. ele verificou que os sujeitos a dez metros de distância dos dados acertavam tão bem como quando a pouco menos de um metro, dando resultados significativos em um e outro caso. Nas pesquisas de PC fizeram-se comparações de diversas condições físicas das características dos objetos utilizados, como número de dados por lançamento, tamanho, densidade ou forma. Realizaram-se pesquisas suficientes compreendendo números diferentes de dados por lançamento, (6) para mostrar que o sucesso obtido não declina com o aumento do número de dados lançados de cada vez. Um dado não é regularmente melhor sucedido do que dois por lançamento ou dois mais eficazmente influenciados do que seis de cada vez. De fato, não se achou qualquer relação quantitativa fidedigna.

5. NASH, C. B., "Efeitos de posição em experiências de PC com 24 dados", *J. Parapsychol.*, 10 (1946), págs. 51-57.

6. RHINE, J. B., "O efeito psicocinético: revisão", loc. cit., e *O Alcance do Espírito*, loc. cit.; RHINE, J. B., e B. M. HUMPHREY, "Efeito Pc: A série de um dado de McDougall", *J. Parapsychol.*, 7 (1943), págs. 252-263, "Experiências de Pc com 6, 12 e 24 dados por lançamento", id., 8 (1944), págs. 139-157 e "Efeito re com 60 dados por lançamento", id., 9(1945), págs. 203-218.

Além disso, em experiências comparativas de tamanhos e pesos diferentes, nada indica serem melhores os resultados com dados menores e mais leves. (7) Quanto a esta questão, a prova é

moderadamente boa e extensa. E, finalmente, embora este último ponto exija estudo confirmativo, há indicação que o arredondamento dos cantos dos dados, de modo a tornar mais fácil o rolamento, não melhora a percentagem de acertos. (8)

7. HILTON Jr., H., G. BAER e J. B. RHINE, " Comparação entre dados de três tamanhos em experiências de Pc", J. Parapsychol., 7 (1943), págs. 172-190; HILTON e RHINE, "Segunda comparação de dados de três tamanhos em Pc", id., págs. 191-205; HUMPHREY, B. M., e J. B. RHINE, "Experiências de Pc com dados de dois tamanhos lançados mecanicamente", J. Parapsychol., 9 (1945), págs. 124-132.

8. RHINE, J. B., e L. E. RHINE, trabalho não-publicado.

Em conjunto, justificam-se mais plausivelmente as diferenças obtidas em todas essas comparações por meio de princípios psicológicos do que físicos. Os dados que o sujeito acha mais interessantes ou provocadores ou de que mais gosta são aqueles com que provavelmente marca o maior número de pontos. O trabalho experimental ainda não progrediu a tal ponto que seja possível dizer quais os limites desses fatores mentais. Não se deve supor que sejam ilimitados ou que o alcance de PC só encontra limites no que o sujeito acredita. Caberá às pesquisas futuras descobrir até onde alcança o PC e quando as condições físicas se tornam eficazes. Infelizmente dispomos agora somente das pesquisas de alguns operadores esparsos, embaraçados - excêntricos isolados, parecerão - que acham importantes descobrir se o espírito humano é capaz de influir diretamente sobre o movimento de objetos materiais.

Para repetir, portanto, somente podemos afirmar até o ponto a que chegou a pesquisa, que PC revela tanta independência da massa quanto ESP revelou das limitações de espaço e tempo. Mas salientar agora esta diferença não importa em pôr de lado as perguntas que faz surgir ou generalizar além dos fatos em mão. Por enquanto será bastante dizer que dentro da área agora razoavelmente extensa compreendida pelas investigações de psi, nota-se tanto falta definida de qualquer relação regular da função psi com critérios físicos que só se pode concluir serem áreas mui diversas de princípios causais. E a parapsicologia, seja o que for que se possa dizer quanto ao resto da psicologia, é uma área em que as leis da física, pelo menos a

física de espaço, tempo e massa (haverá qualquer outra?) ainda não encontraram aplicação.

Poderia concluir esta seção com o fato curioso mas interessante que, na maior parte, os que protestaram mais fortemente contra a conclusão da transcendência de psi em relação à explicação física não foram os físicos mas os psicólogos. Grande número de físicos concorda ser impossível explicar os resultados das experiências de psi por meio da física. Na verdade, estão simplesmente afirmando os próprios fatos da pesquisa. Esta impossibilidade de psi se conformar com as relações de espaço-tempo dos processos físicos representa resultado experimental confirmado, mas é muita vez difícil de ver e difícil de afirmar novo fato. Falando comparativamente, os físicos atacaram os fatos da pesquisa psi com o espírito relativamente aberto.

Deve considerar-se igualmente a relação do ponto de vista da física. Este ramo da ciência expande-se rapidamente e os limites conceituais do campo alteram-se consideravelmente com o progresso das descobertas. Observam-se alguns desacordos importantes entre os físicos, até mesmo escolas teóricas, e seria difícil dizer quanto da teoria física corrente está suficientemente fixado para aceitação. A tarefa de traçar limites ao campo da física que a todos satisfizessem seria difícil senão impossível.

Todavia, seja qual for à incerteza que prevalecer nas fronteiras da teoria física corrente, não se observa até agora qualquer amplo abandono dos critérios das relações de tempo-espaço-massa, que são os relacionados com a interpretação das experiências psi. Ainda não se sugeriu qualquer motivo para que não se obedeça a estes critérios confiantemente, ao tratar dos problemas de psi, desde que continuem a serem fundamentais para a descrição da operação física do universo.

O entusiasta especulativo é quem na maior parte das vezes exprime relutância em concordar com o limite especificado entre parapsicologia e física, por estar já olhando à frente para a física de amanhã. Um tanto intoxicado, sem dúvida, pelos magníficos progressos deste ramo da ciência, em que os problemas foram tão

perfeitamente dominados por processos matemáticos, opor-se-á a que se denomine seja o que for de não-físico até que o domínio inteiro da física tenha sido mapeado. No extremo, esta atitude pode reduzir-se ao absurdo de afirmar: "Não vamos fazer nada até que se tenha feito tudo, de sorte que saberemos exatamente o que fazer". Não é possível esperar, naturalmente, por maiores progressos em física, em parapsicologia ou em outro ramo qualquer de investigação. Impõe-se tomar o conhecimento atual, estruturá-lo da melhor maneira possível, lançar mão dos melhores conceitos disponíveis e fixar-se em qualquer hipótese que explique os fenômenos da maneira mais segura e mais simples.

A conclusão atual, portanto, é que algo há nos resultados das experiências psi que exige certo tipo de ordem de realidade além do que é físico - seja extrafísico. Que cuide de si o futuro da física, tanto como o futuro da parapsicologia!

De qualquer maneira, é importante a diferença entre os processos psi e as operações físicas, e não as palavras empregadas para descrevê-los. Não haveria diferença na significação se chamássemos a área de problemas psi "Física Desconhecida" ou simplesmente "Física-X". Conforme mostrarão discussões posteriores, seguir-se-iam as mesmas conseqüências, sendo a única diferença que a significação da palavra "física" teria de ampliar-se para compreender essa área exterior que dificilmente teria qualquer significado útil.

Em qualquer campo de pesquisa deve-se estar preparado para acrescentar ou substituir critérios melhorados e conceitos melhorados de ação quando e como se encontram. Ninguém está em condições de dizer que a atual concepção de psi e os limites da parapsicologia são permanentes. Não é possível formular tais julgamentos mesmos em campos mais antigos do que este. Será admissivelmente vasto programa de pesquisa, embora necessário, que prosseguirá para a determinação da extensão em que as operações de psi estão livres de limitação física e, portanto, para o esclarecimento da natureza dos limites.

Todavia, evidentemente, a divisão entre a parapsicologia e a física é somente metade da relação. Igualmente importante agora e finalmente ainda mais importante, são as interoperações subjacentes que transcendem estes limites entre psi e o mundo físico. Embora conveniente e filosoficamente significativa, esta divisão em física e não-física é relativa e artificial no que diz respeito às operações naturais. É razoável supor exista continuidade de causação (*) em todas as ações recíprocas sujeito-objeto, sejam sensório-motores ou parapsicológicas. A distinção objeto, sejam sensório motor ou parapsicológico. A distinção.

(*) C. G. JUNG apresenta a hipótese de sincronicidade no livro *Naturerklarung und Psyche* (com W. Pauli como co-autor, Zurich, Rascher Verlag, 1952). Esta modificação de paralelismo psicofísico substitui a causação em certas áreas de ação, mas como desafia conceito tão arraigado terá naturalmente de suportar o ônus da prova.

Caberá à biofísica e à psicofísica descobrir se existem influências desconhecidas, imperceptíveis, extrafísicas em a natureza, que funcionem na vida e no espírito, que tenham ação recíproca com processos físicos que se possam perceber, convertendo assim a energia em efeitos suscetíveis de registro científico. Esta fronteira comum psicofísica é tanto física como parapsicológica, e poderia ser descoberta tão grande para um campo como para o outro encontrar essa base inferida de ação recíprocos entre psi e processos físicos. Embora tenha sido necessário reconhecer primeiramente o caráter distintivo da função psi, será igualmente urgente salientar que a distinção não é absoluta, e que sem ação recíproca integradora entre sujeito e objeto nunca conheceremos nada do próprio processo psi; sem qualquer espécie de ação recíproca objeto-sujeito que compreenda o pensamento e o cérebro, jamais será possível conhecer algo.

Desse modo, a espécie de dualismo absoluto que a princípio arrastou a psicologia para os braços da física é, antes de tudo, impossível de defender logicamente; e, em segundo lugar, não teve nunca prova empírica. Nem mesmo é concebível a possibilidade de dois sistemas inteiramente diferentes agindo reciprocamente e, entretanto, ao mesmo tempo, constituindo um todo tão

manifestamente unificado como a personalidade humana - sem que tenha algo de fundamental em comum. Ao invés, parece lógico esperar que qualquer dualismo dentro do universo deve ser relativo. Podem ver-se perfeitamente bem novas divisões e diversificações dentro da personalidade humana sem ir até a bifurcação cartesiana extravagante que não permite às partes trocar relações umas com as outras. Os que se preocupam excessivamente com a integridade do universo quando se menciona a parapsicologia, poderiam, repito, colaborar no trabalho de descobrir as conexões causais dos fenômenos psi até qualquer base de unificação que exista, seja qual for.

Certamente, se tivermos de explicar os fenômenos psi, o conceito atual de realidade terá de ser ampliado. Tem sido ampliado, sem dúvida, repetidamente e ninguém será tão leviano que venha dizer já acabamos de ampliá-lo (mesmo que reajam desse modo diante de cada nova alegação que se formule). Na realidade, tanto os filósofos quanto os físicos teóricos conjecturara repetidamente diversos substratos de realidade sotopostos aos próprios fenômenos físicos, embora se suponham especulativamente ficarem para sempre além do alcance da observação e da medida. Tais substratos hipotéticos ficariam, naturalmente, além do alcance sensorial do homem; mas nem por isso seriam menos reais. Quanto a isto, grande parte do que se conecta à física moderna está, por igual, além dos sentidos.

Se tivermos de nos ater, como acho que pelo menos devemos procurar fazê-lo, ao conceito tradicional de causação, o estabelecimento de psi exigirá a hipótese de influência ou força determinante especial, capaz de produzir os resultados obtidos nas experiências de psi. Precisa-se realmente de outra energia. Seja que se registre o efeito direta ou indiretamente, ainda importaria em "capacidade para realizar trabalho", palavras com que se define a energia. Ter-se-á de supor que semelhante fator ou determinante de psi possa converter-se em uma ou outra das energias conhecidas suscetíveis de serem percebidas, desde que somente assim poder-se-ia descobrir a operação e medir-lhe o efeito. Mas não precisará ter

muito em comum com as energias em que se possa converter para que a ciência seja capaz de estabelecer-lhe a presença e descobri-lhe as propriedades. Utilizam-se constantemente sistemas de energia diretamente perceptível (medidores, etc.) para revelar outras imperceptíveis. E de maneira grosseiramente análoga, a fantasia mental dos símbolos das cartas evidentemente derivada de ESP fornece a forma por meio da qual se registram os efeitos ESP na consciência do sujeito. Os que projetam experiências empregam regularmente inferências racionais dos dados de operação de certa espécie para alcançar outra intangível. A análise científica atravessa os limites do estudo da natureza que se encontram nos manuais com facilidade quase mágica. Contudo, o próprio êxito de semelhante inferência implica em algum denominador comum de convertibilidade recíproca, alguma base permutável de causação.

Por trás de psi, portanto, e de todo o resto da natureza deve haver certa espécie de realidade energética comum. Deve existir tal fonte de energias físicas conhecidas, algumas das quais afetam os órgãos dos sentidos sob certas condições, produzindo efeitos mais ou menos limitados pelas relações de tempo-espaço-massa; assim terá de ser se o conceito de causalidade tiver qualquer validade. Essa base comum deve ser ao mesmo tempo a fonte dessa energia psíquica que, dentro do alcance das condições investigadas, não afeta os sentimentos, não produz efeitos diretamente relacionados ao tempo, espaço e massa e, entretanto, produz resultados que se podem observar indiretamente quando convertidos em formas de registros subjetivos ou objetivos capazes de se perceberem ou de outra forma se experimentarem.

Sem dúvida não será de supor que, à proporção que continuem as explorações de psi, não se encontre qualquer limitação nas suas relações com tempo, espaço e massa. Quando a isto, sem dúvida, não se sabe ainda até que ponto as próprias operações físicas estarão isentas de uma ou outra limitação usual de tempo, espaço ou massa. Têm-se descrito certos fenômenos físicos como exceções às leis comuns que governam os corpos físicos. Sob certas condições, pode haver partículas sem massa; sob outras, um fenômeno pode não estar

sujeito ao tempo; e sob outras ainda, uma função não tem espaço. Que saibamos, contudo, somente o fenômeno psi parece desafiar todos os critérios de operação física e, ao mesmo tempo, demonstrar propósito inteligente no processo.

Como a física, tanto quanto a parapsicologia tem de achar ainda as raízes causais respectivas no universo natural, e como os seus limites e critérios são mais fluidos do que os de muitos campos da ciência, podem esperar-se nos venham em auxílio na pesquisa de um terreno comum de troca de energia na personalidade, que torne possível a realização de operações recíprocas psicofísicas. Poderá ser proveitoso tanto para a física quanto para a parapsicologia levar mais adiante a pesquisa da precognição no setor mais difícil do tempo, visto como este ainda é problema em física e em psicologia.

Apresentamos finalmente uma reflexão temerária: parece justificável a expectativa de encontrar sotoposta à superfície de nossas distinções acadêmicas um tanto arbitrário (física, psicologia, biologia, etc.) realidade menos definível mas mais fundamental do que se tem conhecimento até agora na ciência natural. Em certo ponto do desenvolvimento nas suas diversas formas de manifestação, um processo qualquer pode ser indeterminado, não se mostrando suscetível de definição psíquica ou física mas tão-só não especificamente energia psicofísica ou biofísica ou simplesmente não diferenciada, não convertida. Como poderão algum dia saber os cientistas que existe tal realidade não específica por desenvolver? Como todas as hipóteses que se tornaram depois teorias firmadas, se esta passar a ser motivo de especulação ativa durante algum tempo, poder-se-á pensar em alguma espécie de armadilha experimental decisiva para captar a realidade, seja qual for. Mas tal não ocorrerá nunca a menos que se realize especulação ativa com relação ao que está por trás dos efeitos observáveis, procurando formular hipótese verificável a respeito.

Todavia, a natureza não deu início à tarefa de planejar o universo tendo em mão um bom manual científico moderno, com as divisões em cursos e tudo mais. O estudioso que procura descobri-lo o plano fica em situação desvantajosa por ter de começar por

estas distinções profundamente impressas no pensamento. Talvez não representem a verdade, conduzindo-se erradamente. Contudo, se os físicos, os parapsicólogos e outros se esforçando por atacar o grande desconhecido comum - a natureza fundamental da personalidade - tiveram presente ao espírito o fato primário que a manifestação em causa constitui sistema global, integrado, em funcionamento, poderão trabalhar a partir dos vários pontos iniciais para qualquer realidade radical não-diferenciada, profundamente sotoposta, seja qual for. Deverá ser a mesma, pouco importando de que lado se ataque. E muito provavelmente serão as picaretas dos físicos que o parapsicólogo encontrará primeiro no processo de escavação, fazendo convergir os túneis como parece que deva acontecer.

Capítulo 5

O lugar de psi na Ciência da Vida

As pesquisas de psi situam-se para o campo da biologia em relação bastante diversa da que têm para com a física. É preciso traçar profunda distinção entre a parapsicologia e o mundo físico mesmo que atuem naturalmente um sobre o outro, mediante alguma base comum de ação recíproca ainda não conhecida e integrada. Contudo, a parapsicologia pertence, de maneira geral, ao domínio da biologia. Para a física o problema da parapsicologia é de coordenação, enquanto que para a biologia geral, na sua significação mais ampla, a parapsicologia é inquestionavelmente problema de

subordinação. Ninguém põe em dúvida que, sejam quais forem os fenômenos de psi, relacionam-se com seres vivos de certa maneira, forma ou estrutura; e a biologia é, naturalmente a ciência dos seres vivos. Muito há, nessa relação, de que se discorde; muito, igualmente, que ainda ignoramos demasiadamente para formular julgamento acertado. Pode-se, entretanto, considerar como certo que a parapsicologia e a biologia geral possui extensa fronteira comum, limite de subdivisão do todo maior do qual faz parte.

A comparação atual, como a que compreende a física, é necessariamente muito desigual. Tão pouco se conhece ainda neste novo ramo, a parapsicologia; e, por outro lado, a biologia é já ciência relativamente antiga e enormemente ampla e ramificada. À proporção que a ciência progride, tem sido imensamente útil e bem sucedida; mas, para contrabalançar a comparação, é importante lembrar que, mesmo assim, grande parte das questões mais importantes da biologia ainda não teve resposta satisfatória. Não só a própria vida é um mistério, mas todo o campo da biologia está atravancado de problemas fundamentais ainda por resolver. Quais são, por exemplo, as forças que organizam as substâncias que constituem os organismos vivos e criam a forma que eles tomam? Como se originaram as características das espécies e como se conservam realmente e se transmitem potencialmente através dos estádios da reprodução? Muitas perguntas como estas ainda estão esperando resposta.

É embaraçoso até mesmo explicar os processos mais simples, como a subida da seiva nas árvores, a produção da lágrima, o impulso da fibra nervosa, ou a distinção final entre a célula viva e a morta. O conhecimento acumulado a respeito dessas várias questões é vasto e opressivo para que o estudioso jovem as domine, mas ainda está muito longe do perfeito entendimento da maneira pela qual funciona a natureza viva, tão necessária se os homens tiverem de viver sensata e eficientemente como parte de um todo. Porque o menos que têm de saber é em que ponto o próprio homem, como pessoa, tem de apresentar-se: que espécie de papel representa.

Assim, do lado do desconhecido os dois campos estão menos igualmente equilibrados do que do lado conhecido. De qualquer maneira, estes desconhecidos da biologia devem estar presentes ao espírito nesta comparação com a parapsicologia, quando menos for porque estão mais perto dos limites do campo de psi do que de qualquer das áreas mais conhecidas e exploradas da biologia. Se, conforme deve acontecer, psi deve ajustar-se em algum ponto no esquema completo das ciências da vida, terá de ser com certeza em alguma parte do campo geral que ainda está em grande parte por explorar. É exatamente este ponto que deve tornar as descobertas da parapsicologia mais significativas para o campo mais vasto; isto é, prometem não só ampliar o domínio em extensão, mas acrescentar nova qualidade aos seus princípios.

Sem dúvida, será preciso contar com os biólogos neste assunto. Como encararão esta recém-vinda, a parapsicologia, que lhe deixa à porta problemas que parecerão, pelo menos a alguns de legitimidade duvidosa? Serão tão pouco hospitaleiros como os psicólogos? Terão também receio das implicações de psi para a filosofia deles? Há, neste gênero de pensamentos, algumas comparações interessantes a formular.

A biologia, como a psicologia, teve no crescimento um estágio de insegurança com relação à respeitabilidade científica. esse estágio, porém, na biologia, está pelo menos recuado de meio século, não conforme se dá com a ciência mais nova, experiência recente senão correntemente ativa. Na biologia foi o temor ao vitalismo, hipótese de força vital especial não-física, que se mostrava contrapartida próxima da reação da psicologia ao dualismo psicofísico. Seria suicídio profissional se um jovem biólogo americano tentasse, durante o primeiro quartel do século, construir carreira bem sucedida que se baseasse na teoria vitalista da vida, a qual sustentava a existência de fator vital distinto acima e além das forças e substâncias que pertencem ao mundo da matéria. A hipótese da entelúquia de DRIESCH, o élan vital de BERGSON e o "horme" de MCDOUGALL não foram bem aceitos, pelo menos nos círculos biológicos do hemisfério ocidental. Ao contrário, o cenário

americano nas ciências biológicas era dominado pela filosofia rigorosamente mecanicista, do organismo, representado pelas idéias de Jacques LOEB.

Igualmente, a biologia nas suas origens representava rompimento com o supernaturalismo, e como os primeiros pioneiros da biologia procuraram as plagas da explicação naturalista, o primeiro ponto acessível de desembarque que encontraram foi o das ciências físicas. Encontraram naturalmente os aspectos físicos da natureza mais facilmente captados por instrumentos e medidos pela matemática. À proporção que as ciências e as tecnologias mais materiais cresceram e prosperaram, desenvolveu-se a opinião entre os cientistas de que o universo físico e a natureza eram um só e idênticos. Quanto aos organismos vivos, eram simplesmente máquinas mais complicadas que, para melhor compreensão, exigiram tão só maiores estudos em direção mecanicista. Assim sendo, como a biologia rejeitava qualquer espécie de teoria espiritualista (ou não física) ao tornar-se ciência, estabeleceu-se como lei não-escrita que qualquer manifestação nessa direção seria imperdoável retrocesso. Qualquer hipótese que introduzisse o não-físico - isto é, qualquer hipótese vitalista - seria inteiramente subversiva para a filosofia científica dominante.

Hoje a diferença, cinquenta anos mais tarde, consiste em ter-se firmado tão completamente a biologia que os seus inúmeros cientistas seguros e confiantes não se sentem mais nervosos em relação ao resultado. Não há mais DRIESCHES, BERGSONS e McDOUGALLS ameaçando acentuadamente a segurança da filosofia física do organismo. E toleram-se melhor as poucas vozes que se erguem em protesto antimaterialista. Faltando-lhe alegações experimentais provocadoras, tais vozes não perturbam a paz de espírito do biologista nem lhe prejudicam o equilíbrio filosófico.

Chegou agora à parapsicologia, tendo alguns fatos experimentais. São fatos duros também, porque tiveram de resistir a provas mais rigorosas do que quaisquer outros fatos já aceitos pela biologia. É ainda muito cedo para dizer qual será o progresso que o conceito desse novo mundo não-físico realizará face à biologia

geral, mas as perspectivas são pelo menos mais animadoras do que foram com a profissão de psicologia. Talvez seja somente questão das idades e estádios relativos desses dois campos científicos. De qualquer maneira não se observaram ataques escorchantes e denúncias por parte de biólogos, grandes ou pequenos. Talvez não se sintam suficientemente na defensiva, considerando que o assunto interessa mais à psicologia do que à biologia, como se deu pelo menos no passado.

Ao invés, atualmente, bom número de biólogos demonstrou certo interesse no trabalho da parapsicologia. Muito tempo antes que houvesse qualquer inclinação semelhante por parte da psicologia geral encontraram-se biólogos, tanto na América como em outros países, que estavam dispostos a levar em conta a hipótese de psi, para explicar os problemas desconcertantes do comportamento animal. Vários naturalistas instaram seriamente pela consideração de um sentido desconhecido, um "sexto sentido" ou sentido de direção que não fazia parte das faculdades sensoriais reconhecidas do animal. Esta maneira de ver quanto ao sentido desconhecido é muito comum entre os que estudam as migrações dos pássaros. Outros, porém, propõem certa maneira extra-sensorial de percepção como necessária para a explicação do comportamento observado.

Talvez sejam interessantes alguns exemplos, quando menos para mostrar a grande diversidade representada. N. J. BERRIL de MCGILL, nos volumes de leitura muito agradável, *A Onda Viva e Viagem no Maravilhoso*, encaram seriamente a possibilidade de fatores telepáticos nas viagens migratórias enigmáticas de espécies como pingüins e focas. A. C. HARDY (1) de Oxford impressiona-se com a necessidade de levar em conta a telepatia como fator evolutivo. Edmund W. SINNOTT, de Yale, nos livros *Célula e Psique* e *Dois Caminhos para a Verdade*, reconhece ESP como algo que se tem de levar em conta quanto se procura alcançar as forças desconhecidas que guiam a atividade orgânica desde o desenvolvimento da célula mais simples até o comportamento humano mais complicado. G. V. T. MATTHEWS, (2) da Universidade de Cambridge, embora ardente estudioso dos fatores

sensoriais desconhecidos no vôo dos pombos-correio, está de acordo em que é preciso agora levar em conta os fatores parapsicológicos. E C. A. NAETHER, (3) observador prático dos pombos, propõe em um livro que a telepatia é possível fator no vôo. Rudyerd BOULTON, antigo e encarregado da Seção de Pássaros do Museu de História Natural de Chicago, há muito está disposto a encarar a hipótese de ESP como fator da orientação dos pássaros migratórios, especialmente no vôo da Lavandeira Dourada. F. B. SUMNER, (4) que faz ultimamente parte do Instituto Scripps de Oceanografia, salienta a necessidade de considerar-se a possibilidade de fatores extra-sensoriais no movimento migratório do salmão.

1. HARDY, A. C., "Zoologia fora do laboratório", *Advancement of Science*, 6 (1949).

2. MATTHEWS, G. V. T., "Investigação experimental de navegação com pombos-correio", *J. Exp. Biol.*, 28 (1951), págs. 508-536.

3. NAETHER, C. A., *Livro do Pombo* (Filadélfia, David McKay Co., 1939),

4. SUMNER, F. B., "Psicologia humana e certas ações dos peixes", *Sci. Monthly*, 49 (1939), págs. 245-255.

Outros há que, menos explicitamente ou por ligações mais remotas, vêem significação biológica nas investigações de psi, sendo bastante independentes da filosofia corrente em biologia para se permitirem tomar conhecimento das investigações de psi. Na América do Norte G. E. HUTCHINSON de Yale, demonstrou interesse tão generalizado como Julian HUXLEY da Inglaterra, o fisiologista Hans SCHAEFER de Heidelberg, na Alemanha e na Austrália o neurologista J. E. ECCLES levou em conta as descobertas de psi nas Preleções Waynflete da Universidade de Oxford em 1952 sobre o problema do cérebro-espírito. Na Inglaterra, a Sociedade de Biologistas Experimentais realizou em Londres um simpósio em 1950 sobre as descobertas da parapsicologia. O biologista J. B. S. HALDANE do Colégio Universitário de Londres leu uma das memórias e poder-se-ia continuar a relação se necessidade houvesse. (5)

5. ECCLES, J. C., *Base neurofisiológica do espírito* (Oxford: Clarendon Press, 1953); HUTCHINSON, G. E., *Obra de ensaios em via de publicação* (New Haven: Yale University Press); HUXLEY, J. S., "Seleção natural e progresso evolutivo", *Nature* (London), 138 (1936), págs. 571-573, 603-605; SCHAEFER, H., "Telepatia e

clarividência", *Die Umschau*, 19 (1952), págs. 577-578, e "Telepatia e clarividência" - a luz da ciência", *id.*, 20 (1952), págs. 611-614.

Parece, portanto, que haverá bastante consideração por parte dos biólogos. Pode conservar-se comparativamente aberta à fronteira "parapsicobiológica" com vantagem para todos. Que vantagem? Depende, sem dúvida, do ponto de vista. Será mais conveniente aqui encarar a questão do ponto de vista do parapsicólogo.

Os parapsicólogos têm agora necessidade de baixar às bases. Sem dúvida a biologia é necessariamente fundamental para a investigação; a função psi tem de ter uma história natural - a biologia. Em algum ponto do organismo deve existir o que em certo sentido pode chamar-se "locus", lugar mais identificado com psi do que qualquer outro. Não quer dizer que deva haver um receptor específico ou área localizada do cérebro; de fato, a localização pode significar qualquer coisa no sentido de centro de recepção ou ponto de conversão, não necessariamente uma estrutura anatômica volumosa ou grupo de tecidos especializados. Seria de grande importância saber se há qualquer porto de entrada localizável ou se não é possível encontrar algum.

Assim também, deve haver certa base hereditária. O simples fato da conservação da aptidão psi de certa maneira e grau indica a existência de alguma base genética de qualquer espécie que a leva de uma geração a outra. Que alternativa pode haver senão a noção fantástica que a aptidão se origina novamente em cada indivíduo que a demonstra?

Assim também, logo se pense em hereditariedade, o pensamento passa à questão da origem evolutiva de psi, o que constitui só por si problema com muitas ramificações.

Um dos melhores aspectos dessas questões é poder-se fazer algo a respeito. Mencionamos no Capítulo 3 o começo que se realizou já na questão geral de psi em animais. Esse começo pouco mais é que um passo preliminar para os problemas mais vastos acima citados, e se iniciou somente há pouco. Tal como é, contudo, representa um passo em direção importante.

Antes de tudo, quando se pensa na localização da função psi no organismo pergunta-se logicamente quanto à distribuição dessa aptidão entre as diversas espécies de animais que possuem sistemas nervosos largamente diferentes e outros sistemas anatômicos. Pode esperar-se por boa indicação para resolver a questão verificando qual a espécie que revela aptidão psi e qual a correlação, se existir alguma, que se encontra entre a estrutura anatômica e a aptidão. Por exemplo, se a aptidão se estender a uma espécie que não apresente grande desenvolvimento cerebral, não será de esperar que se encontre localização da aptidão psi no cérebro da espécie em que esse órgão não se desenvolveu. Ao mesmo tempo, o levantamento da presença de psi no reino animal, se for possível fazê-lo adequadamente, fornecerá alguma idéia da sua origem evolutiva.

Assinalamos no Capítulo 3 que os resultados das pesquisas de psi na espécie humana sugerem ser a aptidão aquisição de origem evolutiva primitiva. Devemos lembrar que esse conceito conjectura a respeito resultou de certo número de considerações. Em primeiro lugar, observa-se que o sujeito não tem consciência de quando e como psi opera. O efeito inibidor de psi das faculdades intelectuais mais recentemente adquiridas parece também que sustenta este ponto. Junte-se a impossibilidade de descobrir qualquer grupo de indivíduos que tenha o monopólio da aptidão psi e não se ter encontrado até agora qualquer peculiaridade ou tipo de personalidade que se relacione com o volume da aptidão psi (em oposição ao sinal do desvio da média do acaso). Tudo isso sugere que psi constitui modo elementar de reação do organismo, representando provavelmente o começo da orientação na adaptação inicial ao ambiente. (Esta tentativa de hipótese biológica da maneira pela qual psi entre na ordem dos seres vivos é apenas começo conjectura). Servirá para começar e contribuirá para chamar a atenção para a necessidade da teoria.

Por outro lado há muito que se suspeita ser talvez psi dom humano recentemente desenvolvido. Em um ponto anterior da investigação sugeri (Percepção Extra-sensorial, 1934) que ESP revelava alguns aspectos dos processos mais elevados do

pensamento. Esta opinião baseava-se em grande parte no efeito de drogas na realização de experiências de ESP. É verdade que a ministração de certos narcóticos como o amital sódico exerce ação sobre a realização de sujeitos em experiências de psi. Assim também, o efeito depressivo na percentagem de acertos foi contrabalançado pelo emprego da cafeína. Tais resultados seriam de esperar de funções mentais mais altamente evoluídas.

Apresenta-se, entretanto, uma hipótese que vem complicar a questão. Talvez essas drogas, apesar de tudo quanto se sabe, não atinjam diretamente o processo de ESP; poderão afetar somente certos processos diferentes de que depende a realização bem sucedida do sujeito na experiência.

De igual maneira, pode justificar-se toda interferência com acertos positivos elevados em experiências de psi associadas a outros estados mentais como ceticismo, aborrecimento ou distração como efeitos sobre elementos na reação às experiências diferentes da própria psi. Não pode haver certeza de ter-se realmente atingida a própria função psi nesses estudos comparativos de condições, mentais ou físicas, que afetam a realização da experiência. Dispõe-se de muita informação em contrário. Estas circunstâncias são favoráveis à hipótese que a função psi seja muito primitiva nas suas origens evolutivas.

Como será possível verificar esta hipótese? A primeira maneira de considerá-la parece dever consistir em fazer um levantamento completo e aprofundado do comportamento animal não-explicado, mais especialmente o que pudesse prestar-se à interpretação como possível efeito de psi. Realizou-se tal levantamento, que está revelando já grandes áreas de comportamento inteiramente inexplicável, ultrapassando de muito o reino animal. Em grande parte destas áreas psi poderia tornar-se hipótese suficientemente explicativa. Felizmente o assunto é suscetível de submeter-se à prova experimental e se realizar a experiência adequada e eficazmente, ficará resolvida qualquer dúvida com relação a psi.

Entre os fenômenos ainda não explicados, os que se salientam mais decisivamente são, talvez, as migrações a longa distância e o

vôo dos pombos-correio, já mencionados. Estão sendo dados os primeiros passos para reunir os fatos principais de observação. Sem isto seria dificilmente provável que se empreendesse qualquer trabalho experimental destinado a focalizar a hipótese de psi ou, se o fosse, que se empreendesse segundo diretrizes que correspondessem suficientemente ao fenômeno a estudar. Todavia, é inteiramente necessário o segundo passo para o prosseguimento das experiências para que se consigam conclusões válidas. As observações resultantes de realizações espontâneas, mesmo quando referidas por observadores competentes, não têm a significação de demonstrações experimentais.

No problema dos pombos-correio, por exemplo, existe grande coleção de registros de comportamento animal bastante enigmático. Em grande parte deles, o animal voltou para casa depois de perdido ou solto em algum ponto distante sob condições que não lhe proporcionariam qualquer indício orientador reconhecível. Evidentemente é de grande interesse como explicar tal comportamento. Ou terá de dizer-se que anedota alguma tem valor para a ciência, devendo-se restringir todas as observações ao laboratório, independentemente do que acontece do lado de fora?

Tome-se como exemplo típico o caso do gato pertencente a um sargento do exército, residente em Kokomo, na Indiana. Quando transferiram o sargento para Augusta, na Geórgia, mandaram-lhe o gato por trem expresso de Indiana a Geórgia. O animal era, conforme contam, grande gato amarelo facilmente identificável, de hábitos definidos de caça e alimentação, bem conhecido nas vizinhanças. Quando, pouco depois de chegar a Geórgia, o gato deixou o sargento em Augusta, para empreender a viagem de 700 milhas de volta à fazenda em Kokomo (em cerca de três semanas) a família e os vizinhos o reconheceram quando se apresentou para a rotina habitual de vir em busca da ração diária de leite, saindo em seguida para as aventaras das caçadas. Temos de supor que o animal encontrou o caminho para casa por meio de algum processo de orientação desconhecido da biologia convencional. A maneira mais fácil para os biólogos de resolver o enigma seria achar uma

desculpa que pusesse de lado a história. Mas tal rejeição torna-se muito mais difícil quando se colecionam e lêem centenas de outras histórias semelhantes e se entrevistam inúmeras pessoas interessadas. Entre estas últimas contam-se com certeza relações pessoais, colegas e amigos. Em muitas ocasiões não é possível encontrar maneira, dentro dos limites da razão e da honestidade, de rejeitar a história.

Muito embora o cientista não chegue a tirar conclusões do estudo destes casos e imagine o perigo da identificação errada, de relatos errôneos, de embustes, da procura de sensação, contudo, quando o número de casos inexplicáveis se multiplica suficientemente, chega-se a um ponto em que será preciso fazer algo a respeito. Chega uma ocasião em que o julgamento científico e o bom senso passam a exigir completa investigação, não só para verificar a própria aptidão de voltar para casa mas para determinar a natureza do princípio orientador. Logicamente, o passo seguinte tem de ser a experimentação.

Que ninguém afirme, desprezando o valor do material anedótico para a ciência, que estes casos de comportamento animal já foram convenientemente examinados e rejeitados pelo biologista profissional. Não se sabe de qualquer grande coleção de casos representativos de vôo espontâneo de volta analisado e avaliado sistematicamente. Não que tais casos tenham passado despercebidos por serem obscuros e dispersos ou ficarem fora de alcance da ciência. Tome-se como exemplo notável uma história de volta para casa que circulou largamente nos jornais, revistas e livros alguns anos depois de 1920. Referia-se a um cão chamado Bobbie, que voltou para Silverton, no Oregon, seis meses depois de ter-se perdido em Indiana, quando fazia uma viagem de automóvel. Conforme as provas coligidas pela Sociedade Humana de Oregon, o cão não voltou pelo caminho que percorrera para o Leste mas ao invés tomaram umas direções para o Sul várias centenas de milhas fora da estrada para o Leste. A família voltara via México. Os fatos parecem bem razoavelmente estabelecidos para o objetivo atual de formular perguntas. Como "navegou" ele por território tão vasto em

viagem que teria sido para ele façanha tão grande como a viagem de Colombo?

Um zoólogo sugeriu-me que o cão talvez tivesse a faculdade de determinar a latitude e a longitude por meio do Sol, hipótese também formulada por G. V. T. MATTHEWS de Cambridge para explicar a volta dos pombos-correio. Contudo, Bobbie levou seis meses para chegar em casa, e a correção para todas as mudanças nos ângulos para o Sol se torna bastante complicada. Até agora não há prova alguma que qualquer animal seja capaz de fazer a determinação da sua posição geográfica absoluta por meio do Sol. Entretanto, por mais artificial que seja esta hipótese, merece a prova completa a que a submeteram MATTHEWS e Gustav KRAMER (6) do Instituto Max Planck de Wilhelmshaven. Seria indesculpável que se continuasse a deixar de lado estes dados acumulados de realizações há muito inexplicadas de animais, já conhecidas da zoologia antes da época de Charles DARWIN.

6. KRAMER, G., "Será a altura do Sol utilizada pelos pombos-correio?" *J. fur Orn.*, 94 (1953).

Contudo, no caso de ESP já dispomos de hipótese firmemente estabelecida para a espécie humana; há agora, conforme indiquei anteriormente, até mesmo prova de que ESP não se limita ao homem. Somente forte prevenção contra qualquer modo extra-sensorial de percepção poderia ter impedido que os cientistas por mais de um século ficassem surpreendidos e depois investigassem se Bobbie e o gato de Kokomo e centenas de outros animais não tivessem utilizado essa aptidão (juntamente com outras) para se orientarem em direção a casa.

Tem havido alguns estudos experimentais da questão, mas até agora os resultados só têm contribuído para aprofundar o mistério. Quer dizer que, como deixam a questão aberta, tornaram mais razoável manter-se o espírito aberto para ESP como explicação possível. Por exemplo, o zoólogo F. H. HERRICK (7) da Universidade da Reserva Ocidental realizou experiências com gatos. Primeiro levou o gato de casa em um bonde dentro de um saco da residência ao escritório, perto de cinco milhas através da cidade de

Cleveland. ele fugiu e voltou em uma noite. Neste caso não se poderia tratar de qualquer ângulo para o Sol; a distância era curta demais. E ninguém há de supor que o gato guiou-se pelo faro em cinco milhas através da cidade de Cleveland. Havia razão para HERRICK ficar intrigado. Numa série de outras experiências ele soltou este gato (bem como outros) depois de transportá-los em receptáculos fechados de uma a três milhas de casa. Realizou a experiência sob grande número de condições em pontos diferentes do horizonte sem que o vissem; entretanto, o gato achou sempre o caminho para voltar até que, depois de soltá-lo a 16 1/2 milhas de distancia, não mais voltou.

7. HERRICK, F. H., "Faculdade do gato de voltar para casa", *Sci. Mon.*, 14 (1922), págs. 526-539.

As experiências de volta de cães, realizadas por Bastian SCHMIDT (8) da Universidade de Munich deram resultados que até hoje estão por explicar nos manuais. Dois dentre três cachorros experimentados voltaram para casa duas vezes sob condições bem registradas quando levados a pontos de três a cinco milhas de distância de casa. Soltaram-nos em lugares que se sabia perfeitamente nunca terem antes visitado. Registraram-se cuidadosamente as condições do tempo, como direção dos ventos, sombreamento e outras. Pessoas que os cachorros não conheciam tomaram nota do caminho que o animal seguiu. Soltou-se cada um dos dois cachorros uma segunda vez no mesmo lugar e cada um tomou caminho de volta parcialmente diferente do que seguira da primeira vez.

8. SCHMID, B., *Interviewing Animals* (Boston: Houghton Mifflin Co., 1937).

Nada há, contudo, no estudo experimental da volta para casa que se compare com o trabalho realizado em relação aos pombos-correio. De há muito se sabe que o pombo-correio volta para casa seguramente dentro dos limites do treino recebido; nas corridas se soltam a distâncias até de mil milhas ou mais, embora sempre em uma direção em que foram treinados para voltar.

A interpretação dos resultados, porém, é difícil e embaraçosa. E será bom notar que se previa essa dificuldade devido a inúmeros relatórios a respeito de pombos que haviam voltado

espontaneamente fugindo de pombais para os quais tinham sido enviados e tomando direções em que não haviam recebido treino. MATTHEWS mostrou agora por meio de experiências bem controladas ser possível soltar pombos a distâncias de 70 a 100 milhas do pombal em outras direções ou mesmo opostas ou em ângulo reto, em relação às que tinham sido treinados, voltando em percentagens suficientes para que os resultados fossem concludentes. Além disso, observando a direção da partida dos pombos quando soltos, MATTHEWS verificou tendência suficientemente marcada para orientação no sentido de casa logo de início o que se pode considerar demonstração de aptidão para voltar voltassem ou não os pássaros realmente. Mediante diversos controles MATTHEWS foi capaz de eliminar as diferentes explicações oferecidas anteriormente para a volta dos pombos. Apresentou então a hipótese que mencionei anteriormente, dispor o pombo de certo mecanismo fisiológico que lhe permita reagir ao ângulo do Sol em relação à vertical. MATTHEWS supõe que mesmo quando só dispõe de alguns minutos para observação o pássaro, embora voando em círculo, pode medir precisamente as diferenças desse ângulo, devidas ao movimento relativo da Terra e do Sol. É necessário supor que é capaz de fazê-lo com tal exatidão que determine efetivamente a própria posição geográfica. Reconhece que tal julgamento exigiria apreciação precisa da hora e do efeito das variações sazonais na posição do Sol. A hipótese de MATTHEWS é que, conhecida a posição geográfica por meio do ângulo solar e da hora do dia e dispondo de recordação precisa da posição da casa, o pássaro fica em condições de determinar igualmente para que lado se voltar no princípio do vôo, seguindo então direção correta de volta.

KRAMER havia mostrado anteriormente por meio de experiências extremamente hábeis que certos pássaros selvagens se orientam para encontrar alimento pela observação da posição do Sol, sendo mesmo capazes de corrigir para a hora do dia. O mesmo KRAMER, juntamente com Ursula Von ST. PAUL (9), como MATTHEWS, também demonstraram que os pombos voltam para

casa sem terem tido qualquer treino na direção em que se soltam. Utilizaram com êxito pombos que não haviam sido treinados para voltar para casa em qualquer direção especial sabendo simplesmente como achar o pombal de casa a distâncias curtas. PRATT, do Laboratório de Duke, verificou serem desnecessárias mesmo solturas de treinamento a distâncias curtas.

9. KRAMAR, G., e U. Von Sr. PAUL, "Heimkehrorientierung Von Brieftaubem ohne Richtungsdressur", *Verhandlungen der Deutschen Zoologischen Gesellschaft* (1951), págs. 172-178.

KRAMER foi ainda mais longe; e o que ele descobriu cria dificuldades à hipótese de MATTHEWS, pois verificou que é possível soltar os pássaros com experiência somente de trinta segundos de luz do Sol, e, em número suficiente para ser concludente, partem imediatamente em direção de casa. Contudo, o movimento Terra-Sol em 30 segundos apresentaria tão só ligeira alteração do ângulo pelo qual o cômputo do pássaro deveria realizar-se. Estes resultados levaram KRAMER a considerar necessário procurar alguma explicação diferente da hipótese de MATTHEWS para explicar a aptidão do pássaro em tomar a direção certa quando se solta. Reconhece a importância do ângulo do Sol como fator de orientação permitindo ao pássaro sustentar a direção tomada. As próprias experiências pioneiras a que procedeu quanto ao efeito da posição do Sol sobre o comportamento do pássaro vêm em apoio deste aspecto da hipótese. Mas alcançou o ponto em que nenhuma das hipóteses propostas o satisfaz quanto à justificação da volta em direção à casa do pombo solto - capacidade de começar a voar na direção conveniente.

Todas as hipóteses que se submeteram a experiências são de natureza sensorial. E como se verificaram falhas todas elas, tem-se de encontrar a explicação em termos ou de algum sentido não reconhecido ou então em algum modo extra-sensorial de percepção. Em tal situação, há dois passos possíveis a dar para prosseguir. Um é procurar planejar uma experiência que seja, para a espécie em causa, mais positiva e menos ambígua de ESP. O outro consiste em ir eliminando, tanto quanto possível, todas as explicações sensoriais hipotéticas. Estão-se seguindo estas duas orientações. Por um lado,

KRAMER continua a ver se é possível uma experiência ainda mais decisiva da hipótese do ângulo do Sol, formulada por MATTHEWS. Este, por sua vez, procura ver se a hipótese por ele formulada resiste a experiências cada vez mais rigorosas. Outros farão, sem dúvida, tentativas para repetição dessas experiências. PRATT já acumulou provas que confirmam alguns resultados de KRAMER. (10)

10. PRATT J. G., "O problema da volta dos pombos", loc. cit.

Poder-se-á fazer ataque ainda mais direto à questão de saber se os animais possuem aptidão ESP? Seria possível planejar um tipo de experiência na qual a questão de prováveis sentidos, até mesmo a hiperestesia, conhecida ou não, não pudesse simplesmente surgir? Há, na realidade, um tipo de comportamento anunciado, e anunciado por demais freqüentemente, em torno do qual seria possível arquitetar semelhante projeto experimental. A idéia é pelo menos bastante relevante para merecer que se discuta, embora talvez demasiado relevante para que se manuseie desde já. Certa discussão, talvez, de fato, contribua para remover a dificuldade.

Há um caso de certa espécie, que conjuntamente poderíamos descrever como rastejo de psi, em que o animal acompanha alguém a território novo para ele, e o faz em condições que parece exigirem psi como aptidão orientadora. Para começar por um exemplo, seja o caso de Tony, cão mestiço pertencente à família DOOLEN, que se mudou de Aurora, no Ilinois, para Lansing, no Michigan, há alguns anos. A família DOOLEN não levou o cão, tendo-o dado a amigos em Aurora. Seis semanas mais tarde Tony correu ao encontro do Senhor DOOLEN em uma rua de Lansing. Incapaz de acreditar a princípio o Senhor DOOLEN convenceu-se da identidade de Tony ao examinar-lhe a coleira. Reconheceu-a imediatamente por tê-la comprado e cortado no tamanho conveniente em Aurora. Lembrou-se de mais um furo que tinha feito na coleira por meio de um corte em ângulo reto. Visitei os DOOLENS para ver Tony. É cachorro de aspecto bastante esquisito que dificilmente constituiria qualquer problema de identificação, mesmo sem o auxílio da coleira. Não só os quatro membros da família o reconheceram, mas outros parentes do Ilinois que o haviam dado aos DOOLENS vieram especialmente

a Lansing para vê-lo, tendo-me escrito uma carta assegurando que não podia haver engano. Reconheceram a linha branca, longa e delgada como um traço, do peito ao queixo do animal. Se Tony encontrou os seus companheiros humanos a 250 milhas de distância, não haveria qualquer espécie de orientação sensorial para explicar o fenômeno.

Tantos casos desse tipo de rastejo foram colecionados até agora, muitos se referindo a cães e gatos mas alguns a pombos e outros pássaros mimalhos, que se deverá dispensar séria atenção a este tipo de comportamento. Com isto não quero dizer que se estabelecesse alegação conclusiva a favor da ocorrência do comportamento de rastejo. Há, contudo, probabilidade mais do que suficiente que em alguns dos exemplos citados o animal seguiu e encontraram os seus associados humanos. É o bastante para justificar a instituição de experiências para verificar se algo de semelhante pode demonstrar-se fidedignamente. Reconheceu-se finalmente a necessidade de investigação e isto já é alguma coisa. Muita vez mais difícil é dar o primeiro passo.

Observam-se outros tipos de comportamento animal não explicado citados freqüentemente que merecem investigação experimental. Seria cientificamente indesculpável continuar a deixar de lado essas informações porque não é possível convertê-las imediatamente em prova absolutamente estanque. A investigação científica começa rigorosamente com a formulação de perguntas. Que importa mesmo como se formulam as perguntas? A experiência cuidadosamente controlada e a conclusão alcançada estão muito distantes do estágio inicial das perguntas. Quando os cientistas têm receio até mesmo de escutar aquilo que se sentem incapazes de provar diretamente de imediato, fazem uma caricatura do método científico. Estão-se revestindo de armaduras tão pesadas para a defesa que ficam sem forças para avançar. Não peço desculpas, portanto, por escutar qualquer relato de comportamento animal não-explicado.

Há outro tipo de história de cachorro que tenho encontrado relatada com surpreendente freqüência e que sou agora levado a

considerar digna de juntar à nossa coleção. Há casos em que dizem soltar o animal uivo esquisito, lamentoso na ocasião em que um ser humano a que ele está ligado morre, embora a morte ocorra em algum hospital distante. Os casos de maior interesse são aqueles em que nenhuma pessoa presente sabia da hora da morte, sendo levadas a investigar devido ao comportamento do animal. Naturalmente, não se fica tão impressionado pela primeira dúzia de casos como quando o número deles sobe e aumenta a coleção de casos em que havia ampla distância entre o cão e o falecido. Não é fácil imaginar uma experiência para verificar esta espécie de comportamento. Não se pode começar dispendo de pessoas para verificar se os cães de estimação uivarão; mas pode acudir uma idéia quanto à maneira de fazer estudo mais controlado à proporção que vamos coligindo material de casos. Isto é, se mantém o problema à vista, se conserva atenção de espírito aberto, e se não se permite que qualquer convenção farisaica mantenha o mundo satisfeito com as ortodoxias atuais.

Há ainda outro tipo de comportamento animal enigmático que se presta a experiência pronta, tendo-se mesmo dado início a algumas experiências preliminares. Este tipo é o comportamento antecipatório do cão ou do gato quando o dono está para chegar em casa. Pode acontecer que o animal vá sentar-se perto da janela, saia para o portão ou até o fim da alameda, ou mostre, de qualquer outra maneira, comportamento expectativo bastante típico para despertar a atenção. Neste caso, com suficiente variação no tempo da volta e tomando o cuidado de ser impossível qualquer explicação sensorial, estabelecem-se as bases da experiência.

Têm-se referido ainda outros tipos de comportamento animal que merecem estudo. Mesmo as artimanhas de animais que representam devem manter-se sob as vistas. Embora, falando geralmente, tenham-se treinado estes animais para reagirem à orientação sensorial, tem havido alguns casos em que as provas indicam talvez tenha sido fatos a ESP. O caso registrado mais bem conhecido é o de dois cães de circo, estudados pelo neurofisiologista russo W. BECHTEREV (11) antes da Primeira Guerra Mundial.

DOROW, famoso treinador de animais, tinha treinado os cães para responderem (pelo número de latidos) a perguntas aritméticas simples escritas por um membro da audiência. Quando consultaram o professor BECHTEREV a respeito da realização dos cães, ele conduziu algumas experiências. Em algumas se eliminava o treinador e BECHTEREV dirigia em pessoa os cães; substituiu a experiência por outra que não dependia do número de latidos. Em novas experiências deram-se ao cão questões ou tarefas mais complicadas. Mandavam-no silenciosamente, por exemplo, (pelo pensamento) que trouxesse um livro que estava em cima da mesa - ou latisse para um animal empalhado ou apanhasse um pedaço de papel - ou fosse ao cômodo ao lado e pulasse sobre uma cadeira e outras mais. Eliminando uma hipótese após outra, BECHTEREV e seus associados chegaram à conclusão (exploratória) da ocorrência de telepatia entre homem e cão.

11. BECHTEREV, *op. cit.*

À volta da publicidade a respeito de Lady, a égua "educada" de Richmond, na Virgínia, em 1952-1953, lembra as experiências de aptidão ESP realizadas com esse animal vinte e cinco anos antes. (12) Minha mulher e eu, com o auxílio e orientação do professor William McDOUGALL, submetemos esta égua de três a cinco anos de idade a algumas experiências nos anos de 1927 a 1929, procurando descobrir por que meios ela reagia nas demonstrações públicas. O ato comum consistia em soletrar respostas a perguntas de visitas, tocando com o nariz blocos de letras em uma mesa em frente. Eliminamos sucessivamente uma fonte de orientação após outra à proporção que impúnhamos controle à égua e à dona, a Sra. C. D. FONDA, até que, no ponto em que nos foi possível julgar, não havia hipótese razoável de orientação senão a telepatia. Conseguimos que o animal respondesse bem (isto é, tocasse o bloco certo) quando a dona ignorava completamente quais haviam escolhido, somente o professor McDOUGALL e eu o sabendo. Encobríamos os olhos e conservávamos o corpo perfeitamente imobilizado. Mais tarde, depois de prolongados espetáculos diários, verificamos que o animal se acostumara a obedecer ao leve

movimento desprevenido do corpo da Sra. FONDA. Nessa ocasião não obtivemos resultados que sugerissem telepatia. No primeiro estádio (1927-1928), Lady passava a uma situação de transe depois de certo período de ordens reiteradas, e era então que dava resultados que atribuíamos a telepatia. Em 1929 já havia perdido esse tipo característico de ação.

12. RHINE e RHINE, "Investigação de um cavalo que lia o espírito" e "Segundo relatório sobre Lady, a égua que lia o espírito", loc. cit.

Portanto, em certo período a égua, à semelhança do cão de BECHTEREV, trabalhava de maneira a sugerir teoria de telepatia. Não atribuiria grande importância a qualquer desses estudos, se estivesse isolado. (Por que tais estudos têm de ficar tão isolados?) Se as conclusões fossem seguras, haveria provavelmente outros cães e outros cavalos em algum lugar que, se examinados convenientemente, confirmariam aqueles fatos. E se encontrariam se alguém se interessasse suficientemente na busca. De qualquer maneira, impõe-se programa de pesquisa para psi animal (anspi) que vá à procura de provas mais variadas e melhor controladas, sob condições em que se tornem possíveis controles ainda mais aperfeiçoados.

É exatamente o que agora se está procurando fazer. É, sem dúvida, campo muito difícil, exigindo novos processos, aquisição de novas áreas de perícia, e o desenvolvimento de novas precauções. O caminho mais seguro, o único seguro, consiste em lançar mão de qualquer indício natural, a fim de arquitetar qualquer projeto experimental em torno de um tipo de comportamento que tenha sido observado anteriormente. Tal a base experimental do trabalho do Doutor Osis, (13) que apresentamos no Capítulo 3. A maneira de conseguir, por meio de processo de psi, provavelmente telepatia, influir sobre um gato para a escolha de uma taça contendo alimento teve por base a observação que, em grande parte, o comportamento inexplicado referido sugerindo psi importava em relação entre o animal e a pessoa a quem estivesse ligado. Osis começou procurando desenvolver ligação íntima entre ele e o animal. Conseguiu, conforme dissemos, provas significativas de certa

relação psi. As condições estavam bem controladas quanto a erros e os resultados justificaram a continuação.

13. Osis, op. cit.

Enquanto escrevo este volume, as experiências com o gato entraram em nova fase. Chamar-se-ia a nova experiência de prova de clarividência. Até mesmo o experimentador ignora o alvo real. Osis obteve agora, com o auxílio da Senhora Ester FOSTER, prova suficiente para indicar que em séries curtas os gatos fornecem resultados extra-acaso em experiências de clarividência ESP. Exclui-se a telepatia ordinária dessas experiências, o que não se fizera em experiências anteriores. A telepatia pre-cognitiva é ainda alternativa possível mas tal questão é, por enquanto, em grande parte acadêmica. De qualquer maneira, vem em primeiro lugar o passo atual.

Este projeto de ESP com o gato deixou no limiar da porta da parapsicologia messe inteira de problemas novos e especiais demasiado atraentes para que se ponham de lado. Contribui para justificar investigações de ESP em outras espécies, faz surgir esperanças de estudo mais ambiciosas de psi nos gatos, justifica maior interesse pelo comportamento espontâneo dos gatos dos quais já surgiram novos problemas. O programa de psi em animais ou a psi como um todo já se transformou em ramo ativo e proveitoso da parapsicologia.

A descoberta de psi em animais embora ainda sem sólida base, alarga grandemente a fronteira da parapsicologia; ou antes, traz-lhe em contribuição algo como nova dimensão. As perspectivas de comparação e evolução sugeridas crescem para logo profundidade de significação mais do que mera extensão. Dispondo desta perspectiva grandemente ampliada não demorará muito para que se formulem novas hipóteses e vislumbres à proporção que novos pensadores e novas maneiras de pensar entrem em cena.

Podem imaginar-se estas espécies, como diria, menos instruídas fornecendo algum indício para a solução dos inúmeros problemas de parapsicologia. Se a jovem ciência deixou-se prender em caverna ciclópica com o monstro de um olho só do materialismo impedindo-

lhe a fuga, é de imaginar-se que, com o auxílio de espécie mais humilde, como Ulisses e seus homens empregaram os carneiros, se consiga dominar o inimigo.

Seria conforme a história da biologia comparada antecipar uma série de novas possibilidades a partir das descobertas de psi nos animais. Seria na realidade equivalente ao passo triunfal na pesquisa da medicinal que proporcionaria a descoberta de outra espécie animal sujeita a moléstia importante ainda não conquistada no próprio homem.

É compreensível, portanto, que mesmo um grupo de indivíduos tão independente e diversificado como os parapsicólogos tenham quase universalmente aprovada a recente incursão no estudo de psi em animais. Mas o aperfeiçoamento de perspectiva e o alargamento das fronteiras não é tudo quanto importa nesse sentimento de satisfação. Existe, conforme disse de início, filiação lógica definida das pesquisas parapsicológicas com a vasta área das ciências da vida. Observa-se igualmente razoável antecipação de encontrar-se nessa conexão natural menos antagonismo do que se oferece em psicologia.

Talvez não seja em vão esperar que a parapsicologia contribua com algo de significativo para as ciências biológicas. Elas experimentaram também subserviência ao materialismo. Limitação filosófica que ninguém ouse romper é empecilho imensurável para qualquer ramo de investigação. À proporção que a biologia acentuou a maneira física de encarar o próprio domínio, parece-me que também recuou um pouco das suas fronteiras mais avançadas, encurtou o alcance em direção aos problemas mais importantes, reduzindo-lhes de certo modo a visão. Os problemas mais vastos têm certa maneira de esquivar-se à ciência quando atacados tão só do lado mais conservador.

Descobriram-se em parapsicologia operações energéticas que não parece se conformem com a lei física. Todavia, na biologia repeliram-se os que experimentaram introduzir o conceito de forças ou influências não-físicas. Mas talvez em nenhum caso do passado houvesse base experimental sólida adequada em apoio. Entrementes,

a vida ainda constitui mistério e fenômenos importantes como crescimento, adaptação, memória, secreção, ação nervosa, morfogênese e muitos outros ainda aguardam explicação e compreensão científica. Agora estas leis parapsicológicas revelam a existência de elemento não-físico, pelo menos em uma espécie. A biologia está atualmente suficientemente afastada do supernaturalismo para admitir operações e energias naturais não-físicas, sem perder prestígio ou integridade. Pode confiar seguramente em processos científicos para experimentar qualquer novo terreno a atravessar. Não precisa mais levar os problemas somente até a fronteira da física e aí deixá-los cair sem solução porque o não-físico está tradicionalmente fora dos limites.

Na própria história, a biologia teve de enfrentar controvérsias e empecilhos sobre resistências devidas a preconceitos filosóficos entrincheirados; todos conhecem a batalha relativa à evolução. Muitos biólogos compreendem já igualmente ser mais difícil vencer as barreiras erguidas pelo próprio homem, e que as pessoas tendem a sentirem-se mais certas e mais emotivas com relação às noções errôneas que adotam do que acontece geralmente com o que vieram a conhecer como fato bem estabelecido. Um grupo profissional assim amadurecido deve esperar-se esteja preparado, melhor do que qualquer outro, para compreender as dificuldades da parapsicologia, considerando distintamente o papel possível da função psi na vida e na atividade do organismo.

Seria difícil medir a significação potencial das implicações de psi em relação a campo tão vasto como a biologia; talvez não haja real necessidade em fazê-lo. Mas, se pedisse a alguém para avaliar as perspectivas por meio de alguma regra arbitrária, o método da incongruência talvez fosse tão bom como outro qualquer. De conformidade com esta medida, psi é tão significativo para a biologia como são incongruentes as suas descobertas para com o conjunto de conhecimentos dominante nesse campo; em uma palavra, quanto menos se ajusta e tanto mais provocação intelectual oferece, tanto mais importante deverá ser. Por desafio intelectual não pretendo significar a espécie de contestação arrasadora que

alguns psicólogos formularam contra a parapsicologia há alguns anos. Refiro-me, ao contrário, à troca esclarecedora de idéias que trazem ao assunto em causa as questões pertinentes e os fatos disponíveis até resolver-se satisfatoriamente o problema científico. A incongruência de psi com a biologia física afigura-se, realmente, muito grande; tão grande como o é com a psicologia mecanicista. É de se esperar, entretanto, que este pequeno ramo da biologia possa, pela contribuição que trouxer ao campo geral, justificar a pretensão a membro em ciência tão útil e complexa.

Capítulo 6

Psi, Psique e Psicologia

Não pode haver dúvida alguma de que toda a área do problema da parapsicologia pertence à psicologia. Grande maioria dos psicólogos entrevistados por WARNER concordou em que a investigação de ESP era assunto psicológico legítimo. A dificuldade real com a psicologia surgiu, conforme mostrei, não em relação ao problema ou à pesquisa; nem mesmo quanto à descoberta de psi; mas por ter-se tornado operação extrafísica ao invés de exatamente um "sexto" sentido não reconhecido capaz de interpretação física. Os psicólogos, em sua grande maioria, ainda não estão preparados evidentemente para este fato.

Mas onde colocar psi dentro do domínio da psicologia? Esta outra pergunta enfrenta uma dificuldade que surpreenderá a muitos leitores, isto é, que muito pouco se sabe ainda com relação ao campo da psicologia para tornar possível a localização deste conceito novo

com alguma precisão dentro desse campo. Em primeiro lugar considere-se a maneira pela qual se define o assunto da psicologia, se na realidade existe alguma definição sobre a qual esteja de acordo a grande maioria dos psicólogos. O conceito de cada um do campo da psicologia teria muito que ver com a resposta que dessem à indagação do lugar que cabe a psi. E com relação ao conceito do que é a psicologia há, provavelmente, muito menos acordo do que quanto às definições gerais em qualquer outro ramo importante da ciência.

Originariamente a psicologia era a ciência da psique ou alma (isto é, do espírito como realidade distinta), mas depois de muitos anos de incerteza a psicologia americana passou a posição diametralmente oposta tomando-se, conforme a expressão popular, ciência sem alma. O espírito como entidade real (isto é, que tenha propriedades distintas e faculdades que não se possam atribuir à física do cérebro) ou se definia como fora da existência ou se deixava de lado, impossível de atacar cientificamente porque não era passível de observação direta do exterior. Durante uns dez ou vinte anos o behaviorismo tornou-se a escola dominante da psicologia na América e o comportamento tornou-se o assunto principal exclusivo da psicologia. O conceito de pessoa ou sujeito ou ego, que seria central para todo esse comportamento, recuou para o fundo, quase desaparecendo da ciência.

Mas o comportamento objetivamente observável tem de consistir, naturalmente, somente de ação física. Assim sendo, definindo-se simplesmente como ciência do comportamento, a psicologia veio formar no campo das ciências mais antigas, mais estabelecidas e mais bem sucedidas. Os únicos princípios fundamentais de que se cogita nessas ciências são naturalmente, físicos.

Mais recentemente, um grupo de psicólogos reconheceu que o behaviorismo "deixa Hamlet fora da cena", permitindo que o conceito de espírito volte novamente a considerar-se. Estão inclinados a transigir e chamam a psicologia ciência do comportamento e da experiência, embora alguns se apressem a

acrescentar que não se faz qualquer distinção real entre espírito e matéria; não se aspira a qualquer dualismo. Contam-se poucos que sejam francamente dualistas.

A contribuição mais recente à incerteza dominante é igualmente a maior. Neste momento, a psicologia não é a ciência da alma, ou do espírito, ou do comportamento, ou da experiência, ou de tudo isto combinado. Retirou-se para um ponto extremo de abstração sem compromisso - ciência da relação entre o organismo e o ambiente. E aí está definição tão neutra como se poderia desejar. (Esta é, igualmente, a definição do ramo da biologia conhecido como ecologia - grande distância, de fato, da psicologia.)

Que vem a ser, realmente, psicologia? Será, pelo menos, um princípio para a definição, aliás seguro, dizer que é o que fazem os psicólogos. Evidentemente, os psicólogos trabalham com seres vivos, como pessoas ou indivíduos isolados (não como espécimes anatómicos, nem a fisiologia deles, nem as culturas, como na sociologia, etc). O objeto generalizado do trabalho e estudo dos psicólogos é a pessoa em comportamento ou a personalidade. Mesmo no estudo da vida animal são as propriedades ou aptidões semelhantes à personalidade destes organismos que apresentam maior interesse para o psicólogo. Não é simplesmente o comportamento da pessoa, não é simplesmente a sua relação para o ambiente, nem a sua experiência subjetiva, mas ele próprio como personalidade distinta do que é impessoal ou não-pessoal e dos processos e relações que constituem o objeto final de interesse. Naturalmente, o comportamento, a experiência e o ambiente e suas correlações fornecem os dados, a matéria-prima necessária ao estudo das pessoas e dos seus problemas. De tudo isto surge o conceito da psicologia como estudo das pessoas como tais - ou das personalidades, se assim se preferir.

Por que definição tão clara não se tornou aceita desde muito? Provavelmente porque falar da pessoa como alvo de estudo faz surgir à pergunta: o que é exatamente a pessoa? Especialmente, qual a diferença entre pessoa e o que não é pessoal? Mas esta pergunta é por demais profunda para a psicologia no estágio atual. Alguns

grandes líderes da psicologia como William MCDUGALL e William STERN conservaram pelo menos viva esta pergunta enquanto viveram; mas, em conjunto, a psicologia não se desenvolveu a ponto de procurar seriamente dar-lhe resposta. Em consequência, os psicólogos nunca souberam exatamente onde situar a personalidade no plano mais amplo da natureza. Muitos, como os behavioristas, foram tão longe que excluíram do tribunal da realidade todo o conjunto da experiência consciente, muito embora o simples funcionamento da ciência própria - qualquer ciência - se baseie no pensamento consciente. Podemos supor que não tinham consciência de estar serrando o galho em que se sentavam.

Aí está, portanto, o primeiro ponto para ligar psi à psicologia. É exatamente neste ponto do que distingue a pessoa do que não é pessoal que as investigações de psi trouxeram até hoje a maior contribuição. Proporcionam, na formação das ciências naturais, algo de cientificamente tangível, suscetível de avaliação quantitativa, capaz de tratamento matemático, que faz experimentalmente a diferença entre o mundo pessoal e o não pessoal, entre seres vivos como personalidades por um lado e objetos impessoais por outro.

As pesquisas de psi estabeleceram a ocorrência de um modo de reação do ser vivo que é pessoal e não físico ao mesmo tempo. O resultado é fornecer à psicologia o primeiro instrumento claro de domínio distintamente mental da realidade. Conseguem-no as experiências sobre a função psi como nada mais o conseguiu. Nenhum argumento filosófico, nenhum pronunciamento autoritário, nenhuma revelação mística define este campo de realidade para a psicologia que lhe é próprio peculiarmente. Ao contrário, se tal realidade existe, será preciso provar-lhe o título pelos métodos da ciência natural! Acho que a descoberta de psi forneceu essa prova à psicologia.

Qual o resultado para a psicologia? Pode, sem dúvida, permitir-se a este campo que prossiga comparativamente indefinido, continuando na esperança de tornar-se uma espécie de pseudociência. Mas, embora por trás da Cortina de Ferro fosse possível fazer por decreto essa imitação da física pelos psicólogos,

tal processo não se está mostrando inteiramente satisfatório no mundo ocidental. O esforço para fazer com que a psicologia marche em cadência com a física manteve os psicólogos limitados simplesmente à orla do respectivo campo, elaborando timidamente certa tecnologia nas fronteiras da fisiologia, neurologia e outros campos vizinhos mais objetivos. De fato, as grandes necessidades da vida e das relações humanas, em sua maior parte no sentido da felicidade, moralidade, saúde mental, paz e outras mais, foram abandonadas por essa ciência não empreendedora a instituições sociais cujos princípios orientadores derivam de fontes autoritárias e tradições. Se a medicina e a agricultura dependessem hoje da biologia, não mais fundamental para os seus problemas do que tem sido a psicologia para os campos principais das relações humanas, voltaríamos à Idade Média nesses ramos como, na verdade, tenho receio de nos encontrarmos em grande parte da prática das relações humanas.

A descoberta do fator psi não-físico introduz, portanto, a psicologia em nova área a explorar-se em busca dos princípios que levem os indivíduos a fazer o que fazem; para poderes e processos pessoais, não-físicos; para propriedades dos seres vivos psíquicas, não materiais. Esta descoberta é um convite aos psicólogos para que abandonem o esforço de tornar o respectivo campo em uma espécie de prática secundária de planejamento humano baseada em princípios de mecânica de segunda mão e tomem conta deste novo mundo singularmente psicológico como lhes pertencendo efetivamente.

Todavia, por mais não-física que seja, a parapsicologia é decisivamente um campo da ciência natural. A extensão da psicologia que indica não é mais super ou pretor ou sub ou extranatural do que seja o que for com que algum dia se haja deparado na ciência. Até mesmo o prefixo para desaparecerá logo que os psicólogos deixem de se mostrar sensíveis a respeito de psi. Foi simplesmente conveniência lingüística para este primeiro período de desenvolvimento. Nenhum fenômeno que se encontre em toda a série de ocorrências psi parece de qualquer maneira menos

natural do que, por exemplo, os que se encontram no princípio de um curso de química. As realidades versadas em psi são menos evidentes, mais sutis, e, portanto, mais difíceis de captar e medir do que as realidades da química, mas são igualmente realidades. Estou dizendo simplesmente que é contra-senso tenha qualquer pessoa receio de estudar e procurar integrar um fenômeno psi no resto do que conhece a respeito da natureza. Tomar-se-á corriqueiro e legítimo logo que a sua história natural seja revelada pelo estudo continuado.

Psi é, portanto, central em relação a este conceito mais amplo da psicologia, central em relação a uma área que ainda está em grande parte por explorar, central para um mundo de funções e influências, forças e relações, que teremos de investigar se o homem quiser descobrir o que é realmente como ser conscientes, pensantes, intencionais, perceptivos. Ter-se-á de explorar esta área se o homem quiser descobrir o que lhe serve de base ao sistema de valores, qualquer que seja, e lhe permite construí-lo e a ele ater-se, o que é que torna a vida significativa. Uma vez libertado da clausura que se impôs a si próprio, o psicólogo terá à disposição esta grande região para explorar. A descoberta de psi abriu uma brecha nessa área. Que seja grande ou pequena é menos importante do que constituir uma brecha.

Psi relaciona-se intimamente a outra questão central de psicologia, o velho problema ainda não resolvido de corpo-espírito. Embora seja o mais fundamental dos problemas, não houve qualquer progresso para a sua solução durante um século. Os psicólogos o abandonaram irremediavelmente à filosofia e à religião. Poucos chegam mesmo a mencioná-lo como projeto científico para a psicologia. A maioria adota a vaga noção de que os dois sistemas, corpo e espírito, unificam-se de certo modo fundamental em alguma base física desconhecida complexa mas global. Supõe-se que a combinação dos dois ocorre de certo modo na organização misteriosa do sistema nervoso. Adota-se a idéia de que, quando o cérebro ficar suficientemente bem compreendido, achar-se-á toda a história da vida mental implicitamente nos princípios psicoquímicos

da neurologia. Se Aceita sem discussão este materialismo meio formulado, sem sujeitá-lo a experiências.

Do lado oposto do problema corpo-espírito vêm-se neurologistas eminentes que admitem francamente a existência de completo hiato no que se sabe das relações entre os processos do pensamento e do cérebro e que não têm qualquer idéia da maneira pela qual um atua sobre o outro, nenhuma concepção mesmo de qualquer maneira de investigar para resolver o problema.

Qual, então, a contribuição para o problema do corpo-espírito por parte da parapsicologia, que essas ciências mais antigas, mais firmes, mais bem organizadas, dispendo de milhares de pesquisadores e de milhões em fundos de experiências, não são capazes de descobrir para si? Traz alguns fatos novos, alguns novos processos e até mesmo certa maneira de encarar que até então não experimentaram os que estudam o espírito ou os que estudam o corpo. Repetidamente na história da ciência, somente a introdução de novidade de método modificou todo o caráter de certo campo científico. Muitas vezes conceito novo revoluciona a maneira empírica de encará-lo. O principal fator, contudo, com que as pesquisas de psi contribuíram para o problema do corpo-espírito é o veículo por meio do qual é possível trazê-lo à ciência. Realizá-lo não tiraria, sem dúvida, o problema das mãos da filosofia mas poria fim à era em que ficou, sem qualquer tentativa para descoberta de fatos por método científico, inteiramente entregue à filosofia e à religião. Só se introduz novo estádio quando se mostra existirem certos acontecimentos humanos que não se prestam a explicações físicas. Já agora não é simplesmente questão de raciocínio especulativo sustentar que as operações mentais têm realidade, eficácia causal ou existência objetiva - chame-se como quiserem. De agora em diante, quem desejar resolver o problema pelos processos mais razoáveis de investigação pode deixar de lado grande coleção de teorias filosóficas complicadas para formular a pergunta de maneira que permita pesquisa experimental para encontrar resposta. Semelhante passo seria apenas um princípio, mas nunca nem mesmo um princípio foi mais necessário.

Por meio de experiências de psi já se estabeleceram certas relações entre sujeito e objeto de maneira e em grau que não seriam possíveis nunca por meio de qualquer dos processos mais comuns de ação recíproca entre corpo e espírito. Poderá acontecer que grande parte do que se passa em uma pessoa possua as mesmas características não-físicas de psi. Contudo, a questão é que é possível provar as atividades de psi quanto às relações físicas, mas, até o ponto em que se sabe atualmente, tal prova não é possível em qualquer outro lugar em toda a vasta série de comportamento e experiência não-psi.

Os cientistas dependem sempre dos métodos que adotam. Os métodos da parapsicologia, mesmo neste estágio da ciência, não só captam os fenômenos de psi, esquivos como são, mas tornam também possível manusear tais efeitos quantitativamente, revelando dessa maneira a falta de correlação com a lei física.

Ter conseguido prova do fenômeno psi não é o ponto crucial da contribuição à psicologia. Mesmo ter achado a possibilidade de medir os efeitos de psi grosseiramente por meio das complicações enfadonhas do processo estatístico ainda não é o ponto principal, embora ambos esses passos sejam essenciais. Como essas operações psi entre sujeito e objeto podem ser verificadas quantitativamente em comparação com as funções comuns, mais conhecidas, regidas pelas leis das energias conhecidas, consegue-se nova luz sobre o problema até agora enigmático da natureza do homem em relação ao universo físico.

Deverá, portanto, ser esta a orientação a que deverá obedecer a exploração da natureza da personalidade em relação à matéria. Atualmente, não há qualquer outro roteiro a seguir. Sabe-se agora, pelo menos, que existem ações recíprocas demonstráveis entre o sujeito ou espírito e o mundo objetivo. Além disso, não são simplesmente ações recíprocas independentes do mecanismo sensorio-motor reconhecido por meio do qual se realiza a maior parte dos contatos com o ambiente; são contatos sem qualquer intermediário físico conhecido que sirva de estímulo ou instrumentação. São até operações que se realizam

independentemente de qualquer espécie familiar de relação para com o tempo, o espaço ou a massa.

Neste caso o ponto importante que não se verificou anteriormente é que, desde a descoberta de psi, os psicólogos dispõem, quando ataca o problema de corpo-espírito, de ponto de partida, posição sólida baseada em causalidade distintamente mental. Abriu-se caminho, a partir deste ponto inicial, para atacar o problema da relação entre corpo e espírito por processos científicos. No capítulo sobre a física indicou-se que as operações psi são necessariamente de caráter energético mesmo que não compreendam qualquer energia descrita nos manuais de física atuais. Sugere-se que nos processos de psi se verifica certa forma de energia ativa peculiarmente psicológica. Todas essas considerações apontam para a seguinte pergunta: não será agora razoável esperar que o psicólogo (seja o parapsicólogo ou o simples), seguindo o indício fornecido pela relação corpo-espírito resultante das experiências de psi, seja capaz de chegar a descobrir nessas operações mais excepcionais os princípios que também servem de base ao intercâmbio fundamental cérebro-pensamento, inacessíveis a um ataque direto?

Pode acontecer que as conseqüências mais importantes das pesquisas de psi tanto para a psicologia quanto para a humanidade consistam na luz que lançam sobre o problema há muito perdido do livre arbítrio? Que indagação se deixou desaparecer de vista no baralhamento acadêmico! A opinião geral do bom senso de todos - mesmo das "máquinas" que se chamam "mecanicistas" - que são mais ou menos livres na vida volitiva. Acreditam, naturalmente, que tem liberdade para realizar certos atos conforme os objetivos ou desejos que alimentam. Esta concepção da liberdade deriva grande parte da sua significação da circunstância de ser fundamental para todas as outras liberdades por meio das quais os homens avaliam a vida pessoal e social. Tudo isso se presume comumente.

Evidentemente, a questão do bem-estar pessoal e da felicidade individual está intimamente conjugada às diversas liberdades sociais e cívicas. Não há qualquer necessidade de discutir a importância de problema que é, conforme supomos, tão fundamental. A questão do

livre arbítrio tornou-se tão importante nas controvérsias filosóficas e na doutrina religiosa em diferentes estádios da história humana que seria de supor se convertessem em tópico de relevo no mundo da ciência moderna. Mas tal não se dá. Ao contrario, ficou inteiramente desprezada, completamente de lado. E a que campo ocioso pertence o processo de volição e sua e sua natureza? Sem dúvida, à psicologia.

Não se veja aqui acusação aos psicólogos por não se interessarem pela liberdade da volição. É simplesmente razoável dizer que nada souberam fazer a respeito - nem mesmo como lhe atacar o estudo. A verdade é que a questão não surge logicamente do ponto de vista da psicologia física, da mesma forma que não se revela em laboratório de física. Um psicólogo que disponha de filosofia materialista não estaria mais preparado para tratar do problema do livre arbítrio que um engenheiro mecânico.

Todavia, as descobertas da parapsicologia fornecem base da qual se pode partir em busca da resposta a essa pergunta e abrem caminho à continuação de maiores estudos.

O primeiro ponto a considerar é se definiu precisamente a própria questão. Quando alguém pergunta se é livre o julgamento volitivo, que quer dizer? Livre de quê? Podem eliminar-se muitos fatores a que não nos referimos quando perguntamos se somos livres, muitos de que não desejamos libertar-nos. Não queremos dizer sermos livres da sabedoria, das vantagens da instrução, do adestramento, das recordações, e da valiosa experiência que adquirimos em geral. Não pretendemos indagar se estamos livres do sistema psicofísico, da unidade cérebro-pensamento que realiza o nosso próprio pensamento e maneira de viver. A legitimidade fundamental de todos esses reinos de operação é, ao contrário, algo em que queremos nos basear mais do que pretendemos nos libertar.

É então a liberdade nada mais do que questão enganadora? Nada haverá de verificavelmente real com relação a essa vontade de ser livre na escolha ou ação do indivíduo? Será esta noção de ação voluntária, que se fixou em nossa vida intelectual como exigência do

indivíduo normal de personalidade saudável, apenas ficção sem significado?

Muito ao contrário, a questão do livre arbítrio é real e existe, pelo menos, uma resposta digna de levar-se em conta. Onde provém o nosso desejo de liberdade na ação volitiva? O livre arbítrio para o homem comum significa certo grau de independência da grande ordem material da natureza a que pertencem o próprio corpo e o ambiente; ordem que aflora por meio do sistema sensório motor e a respeito da qual se esclarece na escola como o mundo da física. O homem sempre se esteve opondo ao mecanismo inexorável do ambiente físico e, por meio das forças interiores da vida mental, procurando fugir ao ambiente ou planejar conquistá-lo. Reconhece na vida subjetiva tipo diferente de princípio legítimo dos que se aplicam ao mundo material ambiente.

Ora, será perfeitamente evidente que, se adotar a opinião de que a física do cérebro humano pode, quando perfeitamente compreendida, explicar-lhe toda a vida pessoal, se todo o universo, inclusive toda a vida, é físico, segundo empregamos hoje a palavra, esta noção de liberdade, como muitas outras do nosso passado primitivo, terá de ser abandonada.

Se, por outro lado, o homem dispuser de qualquer escolha volitiva verdadeira, se a vida não é seqüência inteiramente determinada de acontecimentos, terá então de haver certa diferenciação dentro da personalidade a fim de que uma divisão fique em condições de operar até certo ponto independentemente da outra. Tal diferenciação exigiria certo conceito da personalidade como tendo leis próprias, poderes causais peculiares; sim, energia mental única. Dificilmente poderia ter de dizer que não se tem de supor que a concepção mais antiga de universo dual concorda necessariamente com isto. Contradizem esta concepção os fatos evidentes da ação recíproca de corpo-espírito e da integração natural de todas as interoperações causais do universo.

Pode ver-se, portanto, que psi proporciona ao homem diagrama para a liberdade pessoal; primeiro, mostrando que existem dois tipos ou ordens comparativamente distintos de legitimidade dentro dele, o

do espírito, pelo menos nas operações de que tratam estas pesquisas, não atua segundo os princípios mecânicos do ambiente. É o suficiente para pôr abaixo a alegação de determinismo. É bastante abrir um caminho pelo qual a investigação psicológica atinja novo domínio de investigação. Ante as pressões de ideologia deterministas ativas na civilização atual, pode acontecer que alguns pesquisadores psicológicos precisem somente voltar à atenção para este caminho, a fim de realizar pesquisas sobre a liberdade humana. Se existem pedras angulares para a felicidade humana, ou talvez se pudesse mesmo dizer marcos, não é exagerado dizer que o conceito de liberdade está muito perto de merecer esta caracterização. Quem seria capaz de conceber a felicidade humana sem supor a volição livre? Entretanto, quem descobriria qualquer esperança para semelhante liberdade, se adotasse a filosofia de que somente princípios físicos explicam tanto o homem quanto o universo?

A psiquiatria forneceu à psicologia o conceito do inconsciente. Os psicólogos ainda não o utilizaram suficientemente, mas aí está ele, mais ou menos aceito, depois de mais de meio século de demonstração prática da sua significação no mundo das moléstias mentais. Contudo, os instrumentos experimentais por meio dos quais se devem manusear quantitativamente os processos inconscientes foram e estão sendo desenvolvidos por meio de investigações de psi. A inconsciência de psi é o que há de mais importante, psicologicamente, conforme caracterizamos. Pode salientar-se ainda mais que a operação de psi é realmente inconsciente. É inconsciente em grau ou maneira diferente das experiências meramente esquecidas ou reprimidas ou deixadas fora da consciência pela mudança de atenção ou de preocupação com algum objeto de interesse concentrado. A operação da função psi é irrevogavelmente inconsciente, tanto quanto as pesquisas indicam até agora.

Conforme assinalou Louisa E. RHINE (1), as experiências espontâneas têm séquito grande, preponderante mesmo de convicção ou sentimento de certeza. A pessoa que passou pela experiência que em exame ulterior parece psi genuína tem quase sempre forte sentimento de convicção que a experiência é significativa,

verdadeira, ou genuína. Todavia, isto não quer dizer que lhe tenha ocorrido à experiência de maneira que seja capaz de descrever fidedignamente, ou que qualquer número de perguntas contribua para que se lembre exatamente como foi que recebeu a impressão de acontecimento recuado ao tempo em que se deu ou talvez mesmo antes. Na realidade, torna-se agora evidente que, conforme sugerem os estudos dos casos já mencionados, algo se passa no processo de psi em relação ao sujeito em um nível inconsciente e o resultado desse processo inconsciente converte-se ou traduz-se em experiência consciente, de sorte que a significação total ou parcial fica à disposição dele. Os tipos de experiência consciente utilizado na transferência são comuns na experiência humana: alucinação, intuição, sonhos, explosão emotiva, ou impulso para agir.

1. RHINE, L. E., "Convicção e condições associadas em casos espontâneos", J. Parapsychol., 15 (1951), págs. 164-191.

Resultou, porém, de recentes estudos de ESP espontânea que muito mais do que se suspeitava se passa nessa área inconsciente de operação, inclusive julgamento, seleção e conversão da reação ESP em forma consciente. E tudo isso até agora fica fora do alcance dos processos de pesquisa; ficou mesmo fora de atenção.

Nas experiências de psi verificaram-se muitos fatos como produtos de influências peculiares, inconscientes. Fizemos uma relação de alguns deles no Capítulo 3, o mais importante sendo o caso de evitação constante do alvo ou omissão psi, mas com deslocamento, reforço e diversas espécies de declínio, como outros de exemplos mais comuns.

As pesquisas de parapsicologia penetraram, portanto, agora, por meio de processos experimentais, o nível inconsciente da personalidade a uma profundidade de inconsciência além daquela que as explorações clínicas da psiquiatria já haviam atingido. Se tal for verdadeiro, acresce nova profundidade ao sistema com que a psicologia terá finalmente de haver-se. Seria naturalmente insensato supor que psi é a única função que opera neste baixo nível de consciência. Muito mais deve passar-se nesta área. E quando se considera que esta vasta área de atividades diretivas, a qual

compreende as forças da organização da célula, o funcionamento do organismo e o comportamento geral na saúde e na moléstia, ainda está em grande parte por explorar, devemos concordar que é conveniente à psicologia ortodoxa tomar conta desse nível de embasamento, procurando descobrir o que existe ainda nessa vida mais profunda do homem da qual foi possível captar agora estes poucos vislumbres.

Se tornar evidente que a psicologia tem realmente direito a uma área experimental de natureza não primariamente material, gostaria de dar mais um passo à frente. Até agora, o progresso da parapsicologia realizou-se tão-só pelas trilhas rudes, difíceis de percorrer da pesquisa experimental. Todavia, as experiências são tais que na melhor hipótese podem oferecer-se confiantemente, mesmo orgulhosamente, para comparação com os melhores trabalhos experimentais algum dia realizados na história da psicologia. Não será preciso pedir concessões. As alegações são boas, não só quanto à ocorrência de psi, mas quanto à ocorrência sob uma série de condições que desafiam explicação física. Portanto, se assegurarmos à psicologia que não mais precisa ter receio de romper a estacada da física para cultivar ousadamente algum terreno que lhe pertença sem que tenha de temer perder o couro cabeludo, pode-se fazê-lo partindo de descobertas realizadas em resultados de experiências penosas, provadas no cadinho de controvérsia acalorada.

Agora, contudo, proponho realizar outra espécie de esforço. Torna-se necessário olhar para frente e muito além do alcance, para ver o que se encontra para lá dos instrumentos e das viagens. Esta perspectiva orientadora é capaz de afetar-lhe a ciência e a vida.

Se, depois, o indivíduo senta novamente e olha para o universo com tanto desprendimento quanto lhe é possível, o que se salienta como importante acima de tudo - pelo menos para o meu julgamento - é certa realidade, influência ou fator que qualquer pessoa pode compreender melhor como espírito humano. Não sou espírita ou espiritualista, em qualquer sentido destes termos. Mais uma vez, não sou nem mesmo dualista. Falo como cientista natural; mas quero referir-me ao que aprendi no Corpo de Fuzileiros Navais Norte-

Americanos a chamar "esprit de corps" e todo marinheiro sabe o que isso significa. É força que produz milagres em orquestras sinfônicas ou time de futebol, em nação que esteja às voltas com os horrores da guerra ou com as austeridades da depressão econômica. É a espécie de fator que o médico perspicaz procura despertar para que o inválido lute pela própria vida. É a espécie de realidade que sustenta o indivíduo corajoso no meio de tensão prolongada, de provações e desânimo.

Seria de supor que se houvesse escrito bastante claramente a respeito das realizações dos homens através da história e em volta do mundo, para que as ciências do homem tivessem hoje em dia base suficiente para uma hipótese de ação, no sentido da existência de algum agente real ou força ou determinante que a palavra espírito representasse. Seria de supor, além disso, que entre as ciências que dizem respeito à humanidade este deveria ser um dos grandes objetivos da pesquisa. Não é possível deixar de lado a circunstância de que esse espírito humano é algo que opera em a natureza. Provavelmente a maior parte concordará em que é, pelo menos, do ponto de vista humano, o principal componente.

Muito bem. Suponhamos que exista e seja o fator mais importante. Que dizer ao verificar que não se têm feito estudos ou pesquisas experimentais para descobrir o que é realmente? Não se fez nenhum esforço para sustentá-lo, desenvolvê-lo, educá-lo, corrigi-lo ou seja lá o que for que se devesse fazer a respeito. Apresentou-se em primeiro lugar, na psicologia, os pequenos fatores periféricos. Ratos numa confusão de saber elaboram planos melhores, mais fáceis, do que os homens em uma confusão de possibilidades do espírito-matéria. Os seixos e as conchas na praia impediram que se prestasse atenção ao oceano.

Mais uma vez, suspeito, a resposta é que os homens, formados pela maneira por que o têm sido, não souberam o que fazer a este respeito. Mas agora, afinal, deram-se os primeiros passos nos processos da parapsicologia, e este talvez sejam os processos necessários para esse grande empreendimento. Na realidade, pode ser que esse poder do espírito humano se esteja realmente provando,

de maneira diminuta, quase infinitesimal, no laboratório de psi. Se assim for, suspeito que a experiência seja muito precária. Sem dúvida é necessário proceder a uma porção de experiências precárias para descobrir como fazer as melhores. E se, como talvez se afigure ao recém-vindo ambicioso, despercebido das dificuldades, as experiências do passado se assemelham a um montículo de formigas e se há os que se julgam capazes de realizações da ordem de montanhas, o campo de exploração está inteiramente patenteado e mais preparado agora para ordem mais ampla de realizações. É concebível, embora admissivelmente visionário, pensar que uma psicologia que desperta venha a ser captado pelo espírito para descobrir a natureza do espírito - o determinante natural nos homens que os impele e sustenta, e lhes permite saber apreciar e realizar. E provavelmente serão induzidos, para realizar esta descoberta, a olhar para os homens e não para os tratados de física.

PARTE III

SIGNIFICAÇÃO DE PSI PARA A VIDA HUMANA

Chegou agora o momento de perguntar: Qual a importância dessas pesquisas de psi? Qual a importância que têm para a humanidade? Qual o valor que têm para justificar todo o esforço, tempo, custo? Correspondem à alegação de terem descortinado novo mundo? Naturalmente, os pesquisadores de parapsicologia formularam estas perguntas, pelo menos intimamente, em cada estágio das investigações. Sem dúvida, cada um tem resposta própria, mas há também apreciações partilhadas por grupos. Seria de

esperar que o próprio explorador de psi encare a tarefa que lhe cabe com grande seriedade. Nada menos poderia sustentá-lo em campo tão incerto, tão pouco reconhecido, tão difícil. O que é mais de surpreender, contudo, é a extensão em que partilham desta apreciação, em grande número, os leigos de toda parte do mundo. Provam concreta desse interesse generalizado se encontra na presteza com que os jorrais, revistas e editores aceitam informações sobre as pesquisas para publicação. E esta presteza tornou-se, por sua vez, fator importante para a conservação do interesse e, desse modo, para apoio à pesquisa. Estes órgãos de publicidade têm sido, de fato, o meio principal para divulgação entre o público, dos resultados das pesquisas.

Que é que há, então, nesses estudos de fenômenos psi que provoca em relação à pesquisa este interesse e apoio decisivamente necessários por parte do público? É que, parece-me, o conceito de psi amplia ao invés de contrair os limites da vida humana; dilata mais do que restringe a visão do lugar do homem em a natureza; sugere potencialidades mais vastas do que mais estreita à personalidade humana e, finalmente, vem em apoio com a própria ciência ao conceito de uma força espiritual no homem, e tal é, sem dúvida, o conceito em que se baseiam os valores e as instituições sociais.

É a significação de psi para a compreensão da natureza humana que forma o âmago do interesse que o público tem revelado. Provavelmente este interesse não se manifesta muito explicitamente com a maior parte dos interessados em parapsicologia. Para muitos será, talvez, impressão obscura, meio inconsciente, sugestão moderada, esperança tênue, débil palpitação de animação para contrabalançar a concepção deprimente do homem, inerente à atmosfera desta época mecanicista. Mas para a maior parte destes indivíduos, explicitamente ou não, acho que é esta preocupação com a natureza fundamental dos seres humanos que inspira a reação da audiência parapsicológica ao desenvolvimento das respectivas pesquisas.

Em uma palavra, o impulso motivador do público interessado parece do mesmo gênero, em termos gerais, que o que incentivou os pesquisadores, desde o início do estudo científico de psi. Deve descobrir-se no assunto grande significado potencial para a compreensão e orientação da vida humana.

É verdade que a descrição acima não se ajusta a todos; há sempre algumas vozes discordantes. Ouvem-se até quanto à possibilidade de se manifestarem os parapsicólogos, nesta fase, com relação ao significado dos resultados adquiridos. Um dos pesquisadores mais conservadores insiste em que se deixem os "fatos falar por si". "Por que não", insiste ele, "deixar qualquer especulação ou interpretação até sabermos melhor o que conseguimos? Sobrecarregando o que temos neste estádio conjecturas com alegações de significação para isto ou aquilo, os grupos científicos que de outro modo prestariam séria atenção com certeza serão repelidos."

Palavras sinceras, sem dúvida, mas conselho dificilmente praticável. É pouco provável que a atitude do conhecimento pelo conhecimento, por mais que possa inflar a vaidade de erudição, algum dia tenha dado início e sustentado empreendimento pioneiro realmente difícil na ciência. Mesmo que os fatos relativos a psi falassem por si, é o significado, o valor possível que justifica o interesse do público com que se tem de contar para apoio e animação. E tal apoio se impõe para a continuação do trabalho ainda por fazer. Se tivéssemos de classificar esta significação como secreta até reunir todos os fatos, seria difícil ver como existiria qualquer grupo de apoio, quaisquer amigos que sustentassem o novo ramo que se debate. Dizer: "que os fatos falem por si" equivale a dizer, "que a pesquisa se faça a si mesma!"

Claro é, contudo, que os fatos não falam por si. Todos os fatos exigem interpretação. É provável que todos eles tenham significado diferente para pessoas diferentes, porque naturalmente as pessoas variam e possuem graus diversos de compreensão e preparo para entendê-los. O amigo acima citado está de acordos que as pesquisas de psi têm importância. Mas são importantes para quê? A

importância tem sempre referência a certo ponto de vista, a certo contexto mais amplo.

Serão estas descobertas nada mais do que outros tantos dados estatísticos, ou de comportamento, que se têm de considerar à parte de qualquer influência sobre a situação humana? Se assim fosse, a maior parte dos pesquisadores não se interessaria.

No começo da parapsicologia, não foi qualquer entusiasmo difuso com relação a quaisquer assim chamados fatos por causa de fatos que inspirou os fundadores. A mais vasta significação dos fenômenos psi (por exemplo, para a religião), lhes estava clara no espírito e nos escritos. Leia-se, por exemplo, o Capítulo I de Personalidade Humana de FREDERIC MYERS. Ele e seus associados, confrontados pelo materialismo ameaçador, pretendiam descobrir se era a teoria certa da vida humana. Esta necessidade muito real levou-os a investigar as alegações relativas a ocorrências de psi pela simples razão de que tais fenômenos parecia transcenderem os princípios comuns da ciência, dos quais se derivara o materialismo. Atualmente, ainda é a apreciação desta mesma influência mais ampla de psi sobre o conceito da natureza humana que provocou o apoio do público leigo e, de tal maneira, manteve as pesquisas durante anos. A questão é, portanto, que na realidade os fatos que surgiram dessas pesquisas eram solicitados de antemão há muito tempo. Não se esperava que falassem por si.

Existe, geralmente, uma necessidade do tipo intelectual ou prático por trás das investigações sistemáticas da ciência. Os campos científicos, em grande parte, são francamente utilitários nas pesquisas objetivas, como se dá, por exemplo, com os ramos da ciência que têm ligação com a medicina. Atualmente, uma descoberta na medicina é quase sempre anunciada enquanto ainda se realizam as experiências em confirmação, e os médicos aguardam ansiosa a sua introdução para uso corrente. Como seria ridículo dizer a essa ciência: "É proibido procurar interpretações e explicações. Que os fatos falem por si para que se evite contrariar alguém."

O motivo real para se continuar com as pesquisas de psi é que os fatos são atualmente necessários à humanidade. Se não se sentisse

fortemente tal necessidade, estou certo de que os pesquisadores de parapsicologia, em sua grande maioria, não teriam tempo nem vontade de continuá-las, dada a incerteza que implicam. Se houver, porém, boa perspectiva de que as descobertas, passadas ou futuras, desse ramo de investigação venham a ajudar a humanidade nos problemas esmagadores e causticantes da vida atual, poucos dentre os pesquisadores desejarão que se ocultem. Ao contrário, todos desejam vê-las tão acessíveis, tão compreensíveis e tão úteis como será possível torná-las. E, finalmente, se falar a respeito do valor potencial dessas investigações aumenta o interesse e provoca a cooperação indispensável dos que partilham desse interesse, será de lastimar não seja possível falar mais, ou mais eficazmente, a respeito de psi do que se tem feito até hoje. Com toda certeza não há qualquer necessidade de manter-se silêncio. Cautela, sim; mas sempre cômico da necessidade de aplicar logicamente a verificação empírica essencial. Todavia, quaisquer descobertas concretas relativas a problemas tão fundamentais para o homem, que satisfizeram as provas e sobreviveram aos ataques formulados contra as experiências de psi, devem proclamar-se em lugar de esconder-se.

Contudo, se os fatos relativos a psi são necessários à humanidade, existem certas áreas mais evidentes do que outras. Compreende-se melhor a importância de conhecer a própria organização humana nas relações mais profundas e mais importantes do homem. Na consideração do ajustamento mais amplo da pessoa à vida e à sociedade, moral e religiosa - aspecto espiritual - é que reside a verdadeira importância de saber qual a sua verdadeira natureza. Neste ponto terá a maior importância saber se a personalidade humana é, conforme a psicologia supõe, sistema físico e nada mais. Consideraremos três dessas áreas mais vastas de ajustamento, em relação à pesquisa de psi. Destas três áreas de relações deriva-se à inspiração que sustenta a maior parte do interesse que serve de base às investigações.

Capítulo 7

Importância do Mundo da Religião

Fundaram-se todas as religiões sobre certo conceito da verdade, sobre aquilo que os seus fundadores julgavam ser a verdade. Seja o que for que implique essa verdade, versa a natureza da relação do homem para com o universo - passado, presente e futuro. Todas as religiões proporcionam, por meio da doutrina, o que os seus fundadores e seguidores acreditam ser a resposta às grandes indagações do que cabe ao homem fazer com relação ao próprio destino, e relativamente à maneira pela qual é capaz de viver melhor a sua existência. Os que seguem qualquer religião ou mesmo os que nenhuma adotam provavelmente estão de acordos sobre estes pontos, muito embora não concordem com as respostas específicas fornecidas pelas diversas religiões.

Na realidade, é aspecto comum de todas as religiões, inclusive a do autor e a do leitor, o terem de haver-se com problemas humanos reais. Tais problemas não são somente reais; são igualmente de grande importância. São as soluções conjecturas destes problemas, a descoberta das respostas conforme se formularam, que originaram os diversos conceitos da verdade a que me referi. São evidentemente de grande importância as maneiras pelas quais se resolveram tais problemas, e os meios pelos quais se firmaram as verdades.

De modo geral, as verdades da religião resultaram de formas excepcionais de experiência, que se acreditam inspiradas. Os indivíduos por meio dos quais se canalizaram as verdades religiosas receberam-na em geral como revelação de sabedoria e ensinamento, derivado supostamente de órgãos exteriores e fora dos próprios recipientes. Tais experiências, geralmente denominadas místicas, poderão ter-se verificado sob a forma de visão ou sonho,

assemelhando-se de modo geral às formas mais características de experiência psíquica, e, por igual, geralmente espontâneas. Esta maneira de chegar à verdade é radicalmente diferente daquela pela qual se obtêm geralmente os conhecimentos. Não é possível verificar essas experiências místicas; não há maneira alguma de controlá-las; e variando como variam, resultou grande variedade de crenças largamente diferentes quando essas experiências se tornaram doutrina firme e verdade para os que as aceitam como conhecimento divinamente revelado.

Ora, natural que a segurança do que se considera como fato aceitável depende inteiramente dos processos empregados para descobri-lo. De fato, o processo seria tão importante na religião como os próprios grandes problemas de que trata. Em geral, quando os homens concordam quanto à adequação dos processos em qualquer investigação, podem em geral concordar sobre os resultados. Em conseqüência, o processo seguro é essencial; e tanto mais decisivamente importante quanto maiores os problemas. E como se conhece bem a segurança comparativa dos processos de procura da verdade desenvolvidos nas ciências, surge à questão de saber se não haveria necessidade de processos igualmente poderosos e seguros para problemas tão significativos como os que dizem respeito à religião. Quanto mais se está familiarizado com o firme progresso da investigação nos diversos campos em que a maneira científica de pensar penetrou, tanto mais prontamente é de perguntar: Não haverá investigação possível no campo do conhecimento religioso? Será preciso acreditar que tudo quanto há para saber a respeito da natureza espiritual do homem e do mundo espiritual já foi descoberto pelos antigos processos que precederam a ciência?

Os que estudaram o progresso da religião durante toda a história escrita verificaram ter sido sistema crescente, em expansão de conceitos. A adaptação progressiva da doutrina às necessidades e ao saber dos tempos indica ter sido a religião viva e fluida e não morta e congelada. Os fundadores das religiões eram exploradores, pioneiros, revolucionários! E utilizavam os meios de investigação da

época. Seria possível imaginá-los vivendo e trabalhando em nossos dias sem fazer uso dos processos atuais de investigação, os processos científicos por meio dos quais se construiu o grande sistema de conhecimentos tão útil às outras necessidades dos homens?

Se hoje, portanto, fosse possível captar o espírito daqueles fundadores e equipar-nos com os processos atuais para a descoberta da verdade, poderíamos, por exemplo, fazer avançar os aspectos espirituais da contribuição de Jesus, tanto quanto o aspecto benéfico de sua missão se adiantou por meio desses mesmos processos. Este espírito é importante; a própria medicina ainda estaria onde estava no primeiro século antes de Cristo se não fossem os indivíduos progressistas, inquiridores da profissão que prevaleceram sobre os membros conservadores, atrasados. Processa-se a mesma luta em todos os departamentos dos negócios humanos. O espírito, à vontade de descobrir, a força impulsora vêm em primeiro lugar. Mas os processos, as maneiras pelas quais os problemas encontram solução, são as rodas do progresso no conhecimento e na compreensão. Têm de ser bem provados e seguros, mas, especialmente, devem ser adequados aos fatores e fenômenos de que terão de tratar.

Indagarei agora da religião do ponto de vista da parapsicologia. Em *O Alcance do Espírito* sugeri ser a parapsicologia para a religião o que a biologia é para a medicina ou a física para a engenharia. Será razoável semelhante sugestão? Se a parapsicologia trata de todas as manifestações da personalidade que não se explicam por meio da física, então, por definição, deverá reivindicar toda a ordem de realidade espiritual. Quaisquer problemas que surjam em a natureza ultrapassando os limites das operações físicas deverão ser de alçada dos "instrumentos" dos processos parapsicológicos. Adaptar-se-iam naturalmente às necessidades específicas deste setor de investigação; os processos das ciências físicas não seriam suficientes.

Embora a maneira geral de considerar um problema e tratar de resolvê-lo seja em grande parte a mesma em qualquer campo, psicologia, agricultura, bacteriologia ou astronomia, as técnicas e

processos de experimentação devem ser tão diferentes como os próprios assuntos. O mesmo espírito humano raciocinados é, em cada caso, o principal instrumento de investigação, mas as ferramentas específicas que se devem conjugar ao instrumento fundamental são tão diferentes como a Natureza em seus diversos aspectos. Não se deve permitir, portanto, que o conceito de ciência se limite aos campos mais familiares como química ou física. Estas são simplesmente as ciências mais populares e objetivas. O método científico é a forma generalizada do que os investigadores fazem para resolver os respectivos problemas, seja qual for o campo. Se transportarem ao reino da realidade espiritual, as técnicas terão de ser mui diversas das que utilizam as ciências físicas mais familiares. Entretanto, não deixará de ser empreendimento científico se a lógica e os padrões de provas forem igualmente tão bons como os que produziram resultados em outros campos.

Não é de esperar, porém, que as organizações religiosas estabelecidas iniciem semelhante pesquisa. O principal papel das organizações humanas de qualquer espécie é a conservação e a perpetuação. Estas funções são, sem dúvida, tão necessárias como o próprio progresso, mas estarão sempre combinadas com o progresso? É de notar que os grandes progressos religiosos surgiram como heresias, reformas ou cismas sob a pressão de grande necessidade e manifesta impropriedade da situação existente. Não vale a pena perder tempo a meditar no possível começo de qualquer movimento progressista em qualquer religião sob a própria orientação dela.

A experiência que a parapsicologia já teve com a religião organizada é, em si mesmo, exemplo, embora pequeno. Nos 75 anos de atividade pesquisadora em parapsicologia o mundo religioso oficial não lhe prestou a menor atenção. Algumas pessoas religiosas se interessaram, mas em proporção relativamente muito pequena. Todavia, conforme disse, as revoluções religiosas do passado não foram devidas à ação oficial do corpo dirigente. Se, portanto, as descobertas da parapsicologia tiverem qualquer valor para o progresso da religião, não será de esperar que as organizações

estabelecidas o reconheçam rapidamente. À luz da história das idéias, claro que qualquer reconhecimento dessa espécie teria de resultar de compulsão de acontecimentos exteriores.

Além disso, é de concluir-se que enquanto parecer que a religião está sendo bem sucedida na sua missão de salvar o mundo e que não se sinta qualquer necessidade geral de algo de melhor do que existe já, não se deve esperar qualquer mudança de atitude ou de ação. Somente se existir sentimento forte de impropriedade da verdade religiosa existente e de situação realmente crítica, se considerará seriamente qualquer implicação não-mecânica de psi. Entretanto, sou de opinião que agora mesmo a religião precisa, e precisa desesperadamente, de todo auxílio que puder conseguir dos melhores meios de descobrir a verdade, provenientes dos diversos setores correlatos de investigação limítrofes. Um deles e o mais lógico é o aliado natural, a ciência da parapsicologia.

Seria preciso perguntar se existe tal crise atualmente na religião? Pensaria alguém que a religião está mesmo sendo bem sucedida em salvar o mundo? Sei que inúmeras pessoas tudo vêem Somente como desejam. Muitas também, talvez a maioria, tudo vêem pela maneira por que lhes dizem que as vejam. Contentam-se em ler ou ouvir versões deformadas da perspectiva mundial. Naturalmente tais pessoas não compreendem o estado crítico das circunstâncias que confrontam a religião atualmente. Mas para os que vêem com clareza e independência, deve ser evidente de maneira demasiado constrangedora o fracasso das religiões do mundo em conseguirem o grande objetivo social de produzir a paz, a fraternidade e a inteira realização das potencialidades do homem. Para tornar este julgamento severo ainda mais acentuado e específico, perguntarei se o colapso das vastas organizações religiosas em país após país em que o comunismo se estabeleceu não é só por si indicação da incapacidade dessas religiões para os povos e para os tempos?

Costuma-se dizer que o comunismo surge Somente onde o povo tem fome. Mesmo que fosse verdade e não parece que o seja rigorosamente, confronta-nos indagação ainda mais difícil: Seria o povo faminto, miserável e desesperado em qualquer país em que

lhes guiasse os pensamentos e a vida religião adequada? Em outras palavras, está tendo êxito a religião em sua grande missão quando, depois de ter dominado a vida de uma nação por muitos séculos, permite criar-se uma situação favorável ao comunismo? Ou antes, não se verifica em semelhante sistema religioso exatamente a mesma espécie de frustração ou manifestação de fraqueza que exige melhoramento mesmo à custa de revolução?

Todavia, a expansão do comunismo é tão-só uma das muitas provas atuais que se podem citar como apontando para a necessidade de orientação religiosa mais forte entre os homens. A paz na Terra ainda está longe da realidade. A guerra se apresenta como calamidade mais do que nunca. O domínio religioso sobre a moralidade é menos completo do que nunca. Não será realista supor precisar a religião de reforço e apoio de alguma fonte por mais despercebidos que os seus seguidores estejam?

Antes de passarmos a considerar a influência dos resultados do estudo de psi sobre a religião, será preciso primeiramente afastar séria dúvida: contribuiu para impedir o progresso neste assunto por muito tempo. Consiste em saber se a ciência poderá tratar de problemas tão intangíveis como os espirituais, operações que se situam para além do alcance direto dos instrumentos da física.

Pode responder-se, contudo, facilmente, uma vez por todas. É o mesmo que perguntar se pode existir ciência da psicologia. Exceto para alguns poucos behavioristas extremados, quase todos os psicólogos reconhecem agora, pelo menos pela metade, que estão tratando, como parte dos dados, das experiências conscientes das pessoas com quem trabalham. Muito embora suposição física exija se encarem esses estados subjetivos como certa espécie de emanções cerebrais físicas, compreende-se serem intangíveis aos instrumentos físicos por meio de medidas diretas. Os psicólogos sabem ser impossível medir diretamente as operações mentais de uma pessoa sob a observação de outra. Apesar de tudo, já existe a ciência da psicologia. E sejam quais forem às realizações ou fracassos, está agora estabelecida e seu pessoal se expande em enormes proporções.

Mas como deverão os psicólogos estudar a experiência mental do indivíduo? Tem-se de responder: É preciso antes convertê-la em ação. Tem-se de escrever, falar ou converter em alguma forma objetiva qualquer processo subjetivo de sorte a registrá-lo e avaliá-lo. Afinal de contas, é dessa maneira que se alcança a maior parte do mundo físico de hoje. A física, por exemplo, começou por observações realizadas diretamente pelos sentidos, mas em breve se descobriram à existência de operações além do alcance dos sentidos e mesmo além do alcance dos instrumentos que ampliam os sentidos, o telescópio, o microscópio e outros. Em seguida, o físico teve de descobrir maneiras de converter os efeitos de atividades imperceptíveis em efeitos suscetíveis de percepção. Atualmente, a luz que olhos humanos não podem ver e os sons que os ouvidos não escutam são captados por instrumentos capazes de convertê-los em leituras que se vêem e ouvem.

O mesmo se dá com a parapsicologia. Nunca se saberia da existência de processos psi se não se tivessem convertido suas operações em outros efeitos. Em PC é possível observar os objetos influenciados. Em ESP o sujeito obtém conhecimento que de outro modo lhe seria inacessível, que se converte em respostas significativas mensuráveis.

Por igual maneira, a atuação pessoal de qualquer espécie, se for possível converter em efeitos suscetíveis de serem vistos e estudados, podem captar-se e a atuação que os produziu se determina exatamente como o cientista atinge indiretamente as causas ocultas dos efeitos registrados em qualquer ciência que trate de efeito fora do alcance dos sentidos. Assim sendo, no que entende com a metodologia, seria possível aplicar os processos da ciência natural para saber se existem seres invisíveis como os espíritos, como se fez para saber se há genes invisíveis ou raios cósmicos intangíveis. Qualquer efeito que atinja qualquer homem, proveniente de qualquer fonte, que revele qualquer relação regular seja qual for, revela-se pela própria operação quando um observador capaz de interpretar-lhe os resultados procede convenientemente ao estudo. Devido à própria natureza do universo, especialmente seu caráter

causal, não se consegue efeito sem causa; e a causa é suscetível de descobrir-se por meio do estudo de suas conseqüências e das condições sob as quais ocorre.

Nada de real na religião, portanto, ou em qualquer outro setor da experiência está fora do alcance da investigação. Somente uma ocorrência que não deixasse indício ou efeito capaz de, embora indiretamente, trazê-la sob o foco do homem e seus instrumentos, poderia dizer-se estar fora do alcance do espírito inquiridor. A existência de elemento assim inobservável ficaria, sem dúvida, fora do alcance da descoberta e, portanto, seria motivo de especulação sem significação. Alimento profundo suspeitas, com todo o ceticismo de minha natureza, de qualquer alegação de verdade inacessível. A própria parapsicologia, como muitos outros campos, se estendem bastante além dos reinos dos sentidos. As razões humanas, armadas dos processos de planejamento experimental e dos instrumentos matemáticos, têm, de fato, longo alcance. Pode alcançar em torno ao Universo.

A influência que a parapsicologia é capaz de exercer sobre a religião é atualmente tão-só um começo. Ao contrário, é grande a necessidade que a religião tem de auxílio. Este começo, ou o que existe dele, pode dizer-se que tem duas componentes, uma das quais é um novo meio de ataque muito necessário aos problemas da religião. Por essa meio a religião seria capaz de expandir-se e reforçar as bases da verdade aceita, conforme o fizeram muitos outros campos em que se procura a verdade com o seu auxílio. Realmente, se no momento as investigações de psi nada mais pudessem fazer senão chamar eficazmente a atenção para a circunstância de não estar fora do alcance de investigação segura o problema da religião, estando, ao contrário, à mão de processos de investigação científica de fácil planejamento ou adaptação, trariam finalmente o Renascimento ao próprio campo da religião.

Já se conseguiu, porém, progresso importante e este são a segunda componente da contribuição de psi. O reconhecimento desta deve servir para exemplificar o que pode fazer a ciência de maneira concreta em prol da religião. Tal progresso consiste em ter-

se estabelecido por meios científicos que existe elemento extrafísico no homem.

Deve reconhecer-se naturalmente que o principal inimigo da religião, pelo menos no mundo ocidental, tem sido a filosofia do materialismo. Seja que se volte ao materialismo da Revolução Francesa e seu predomínio da razão, seja que se concentre a atenção no surto do materialismo marxista da revolução bolchevista russa, ou se procure interpretar o afrouxamento atual da influência da religião sobre a filosofia da vida, a mesma orientação do pensamento se mostrará responsável. Com essa orientação, a natureza, inclusive o homem, veio cair cada vez mais sob o domínio de causa e efeito, ficando fora de alcance do sobrenatural. Passou-se a considerar a lei natural como sinônima de lei física.

Ora, mediante a aplicação de método rigorosamente científico, o mesmo que serviu para estabelecer as leis físicas, atacou-se o problema velho como o tempo de se o homem é inteiramente mecânico. Não só isto, mas deu-se resposta completamente contrária ao que prevalecia na ciência atual, por isso que se revelou a realização de processos mentais, em certos sujeitos sob condições favoráveis, que não se explicam por meio da lei física segundo se entende presentemente. É inevitável concluir que algo há funcionando no homem que transcende às leis da matéria e, portanto, por definição, lei não-física ou espiritual tornou-se manifesta. Portanto, o universo não se conforma ao conceito materialista dominante o conceito em relação ao qual é possível ser religioso; possível, pelo menos, se a exigência mínima de religião for filosofia da posição do homem no universo baseada na atuação de forças espirituais.

O que pode estar por trás desses efeitos fugazes já descobertos o cientista deve, por enquanto, evitar afirmar, mas ao mesmo tempo pareceria absurdo supor que esses vislumbres descobertos experimentalmente representam a soma total dessa espécie de operação em a natureza. Por analogia com as descobertas em outros campos, estes vislumbres devem conduzir somente a suspeita da existência de grande sistema oculto de operações por trás desses

fenômenos passageiros. Se tal for o caso, este novo mundo do espírito, representado e talvez somente sugerido pelas operações de psi já identificadas, talvez venha a expandir-se, por meio de maiores explorações, em significação para universo espiritual muito além dos sonhos dos profetas e místicos religiosos. Assim se deu com outros setores de explorações. Ninguém algum dia previu nas fantasias mais exageradas a abundância de revelações que a ciência nos tem feito em qualquer domínio.

O trabalho em parapsicologia vai, porém, mais longe do que a simples refutação do materialismo. É mais, também, do que nova maneira de resolver problemas. Existem ainda pelo menos outras implicações e possibilidades definidas. Visto que esta nova ciência rompeu a barreira física que ocultava dos cientistas a verdadeira natureza do homem, tornou-se literalmente a ciência do aspecto espiritual da natureza. Além desses limites situam-se algumas das grandes indagações com respeito às faculdades espirituais do homem, indagações fundamentais para os problemas do mundo religioso. Por exemplo, o que representam as faculdades espirituais no homem? Isto é, quanto no indivíduo é transfísico? Certa espécie de duplo espírito ou personalidade incorpóreo, capaz de sobrevivência após a morte, tem figurado nas crenças comuns da humanidade através das idades. Haverá prova suficiente de algum ego espiritual que justifique formular a pergunta seguinte quanto à possibilidade de conceber-se personalidade espiritual separável?

Esta questão da sobrevivência do espírito, difícil embora de atacar no estado presente de ignorância em relação à psicologia da personalidade viva, é problema científico perfeitamente aceitável. Conforme muitos pesquisadores da parapsicologia têm reconhecido ultimamente, a solução final desta indagação da possível sobrevivência da personalidade aguarda maiores conhecimentos psicológicos do aspecto espiritual do homem vivo. Infelizmente, a direção segundo a qual se tem conduzido a psicologia no passado com a preocupação pelo comportamento animal e pela fisiologia sensorial é tal que parece pouco provável chegue algum dia a atacar o problema do que é realmente a pessoa, sob os seus aspectos mais

importantes; do que existe nela capaz de transcender ou mesmo sobreviver à destruição do sistema nervoso.

Todavia, será provavelmente possível responder à semelhante interrogação em tempo e pelos meios apropriados. Não é possível deixá-la eternamente à fé. Não há qualquer motivo para que não se admita ser atualmente desconhecida a resposta. Se tal se admitisse, certamente far-se-ia alguma tentativa no sentido de saber a verdade; a fé constitui barreira à investigação. Conforme mostraremos mais adiante, ainda está de pé, em parapsicologia pelo menos.

Existem outros assuntos religiosos que constituiriam bons problemas para estudo experimental, se para eles se voltasse o espírito inquiridor. Um deles é a questão da oração. Se a oração é eficaz e se os pensamentos do homem alcançam outras personalidades no universo além do que os sentidos atingem, deverá ser por meio de percepção extra-sensorial. Se, originando-se em qualquer indivíduo em qualquer lugar, celeste ou mundano, houver algum efeito produzido sobre o mundo físico em resposta à oração, terá de ser psicocinético, fenômeno de psi. Psi seria, então, o conceito científico das operações subjacentes a qualquer manifestação espiritual demonstrável compreendendo efeitos cognitivos ou cinéticos. Se tal for verdade, seria sensato estudar o "mecanismo", as condições que afetam a operação e os objetivos a que fosse possível ampliar-lhe o emprego. Naturalmente existe a crença em um órgão divino a que se dirige a oração. Seria natural incluir no plano de pesquisa a cooperação de tal órgão. De fato, as religiões mais antigas foram fundadas com o auxílio de milagres, isto é, demonstrações cooperadoras dos órgãos divinos.

Estas considerações conduzem à pergunta que os espíritos devotos, em sua maioria, consideram a mais importante de todas: existe algum espírito universal ou personalidade divina? Assim como qualquer negativa universal, provar concludentemente o contrário seria de fato difícil. Seria indispensável programa de pesquisas extremamente longo e exaustivo para estabelecer a probabilidade razoável contrária ao semelhante espírito universal.

Contudo, se existe tal personalidade universal, os que julgarem razoável a hipótese estarão perfeitamente bem em condições de planejar um programa de pesquisas que lhe estabeleça a presença e a atuação. Semelhante projeto para provar cientificamente aquela tese é a única que se mostra coerente com a maneira de estudar o universo adotado no passado e a que conduziu à descoberta de todas as leis naturais e princípios que hoje representam os tesouros da ciência. Tudo quanto se manifesta no universo, até mesmo Deus, revela a causação nos efeitos produzidos. A ciência passa de causas a efeitos, interpretando as primeiras pelos últimos. Estudando as condições sob as quais ocorrem os efeitos, os cientistas ficam sabendo como produzi-los quando se alcança descobertas e compreensão suficientes, se for possível reproduzi-los; ou esperam que se reproduzam, procurando explicar-lhes a falta de ocorrência se, à semelhança dos macaréus ou idades glaciais, estiverem fora do alcance do controle do experimentador.

Naturalmente os teólogos, em sua maioria, de qualquer religião, dispõem de ponto de vista preparado de antemão inteiramente diferente quanto à maneira de descobrir a verdade em comparação à maneira científica que esboçamos. Assim também, como é humano não admitir dúvidas em relação às próprias crenças, talvez prefiram continuar a pensar e a ensinar certas questões que estão fora do alcance da investigação humana. Todavia, esse ensinamento, embora sirva para crianças e para a infância da raça, não é mais suficiente na época atual, visto como, depois de terem os homens adquirido o costume de tudo verificarem por si mesmos e quando compreendem toda a inconsistência e incerteza que acompanha a cega aceitação de alegações não verificadas, cada vez mais exigirão que as grandes questões da religião sejam examinadas pelos mesmos processos que dominaram com tão grande êxito os mistérios dos aspectos físicos do universo.

Não será de esperar que os pequenos fragmentos produzidos pelas investigações de psi sejam impressionantes só por si. Ao contrário, podem muito bem ser tão-só pequena orla de ilhas que representem um continente de realidade espiritual.

LEUWENHOEK, quando pela primeira vez fez uso do microscópio, viu somente diminuto fragmento do vasto mundo da microbiologia. Era tão-só parte infinitesimal do universo elétrico que GILBERT ou FRANKLIN descobriram. Que pequeno fragmento do novo mundo da energética foi o que BECQUEREL descobriu naquele primeiro elemento radiativo! A analogia deixa qualquer um aterrorizado. Que dizer se esses indícios do efeito de psi se podem comparar aos indícios mais antigos que patentearam novos mundos no passado, sendo somente questão de tempo e de pesquisas continuadas a revelação do continente que parece escondido por trás dos recifes da nova realidade já descoberta. Talvez a própria imaginação não esteja à altura de tal esforço de conjectura.

Ao escrever estas palavras estou perfeitamente cômico do aspecto visionário de que se revestem para muitos leitores. Sabendo, como todos nós, quão lenta e apática é a reação às possibilidades acima referidas, por parte de grupos profissionais, como não sentir que toda esta questão de novo apoio para a religião - pelo menos neste século - nada mais é do que pura divagação?

Há, contudo, motivo para considerá-la seriamente, motivo forçoso - uma crise. Existem, felizmente, inúmeras pessoas que não esperarão inertes o choque esmagador da onda de destruição alimentada pelo materialismo que avança e porá termo a qualquer investigação ou esperança de investigação. Muitos já despertaram, compreendendo que os instrumentos de defesa, ou mesmo de prevenção, já se encontram à mão, prontos para se desenvolverem. A questão fundamental subjacente ao choque de ideologias no mundo atual é uma teoria a respeito da natureza do homem. A maior parte das pessoas pensantes sabe que a fé cega na religião dogmática revelada não é capaz de opor-se às alegações e promessas do comunismo. É perfeitamente evidente pela história dos sucessos do comunismo que ele progrediu mais onde a religião autoritária dispôs de controle mais longo e mais forte sobre a vida das populações.

Nem há mesmo esperança de que a psicologia física que ora prevalece no país reaja à ameaça da filosofia comunista à maneira de viver americana. Porque, conforme assinalei, a psicologia ainda se

atém timidamente à mesma filosofia materialista que, no século XIX, proporcionou ao comunismo o grande impulso intelectual e ainda o sustenta, sancionando-o com a autoridade da ciência e emprestando-lhe dignidade equivalente ao que significava para o antigo monarca a doutrina do direito divino.

O comunismo, portanto, está forçando a solução. E o faz por maneira que nunca poderia realizar a descoberta comparativamente tranqüila, não-espetacular de psi. Já exerceu pressão sobre a cultura americana por maneiras que não simplesmente ideacionais. Contribuiu para modificar as tendências isolacionistas, forçou certo "altruísmo" internacional em relação a povos menos afortunados a fim de evitar que se tornassem comunistas, e melhorou apreciavelmente a tolerância racial na América! Não será, portanto, pretender esperar demais que essa mesma pressão leve a compreender que o comunismo tenha raízes nas deficiências ideológicas, tanto quanto na fome física. Forçará talvez a compreensão da necessidade de levar a pesquisa ao armamento espiritual contra o comunismo até os limites científicos lógicos. Depois de terem compreendido quantas batalhas perderam contra o comunismo os que estavam armados tão-só de fé cega, os responsáveis pela liderança da religião, em maior número, sentirão a necessidade de se armarem de fatos firmemente estabelecidos em lugar de dogmas autoritários.

A pressão do comunismo é capaz de realizar a prazo curto o que o progresso vagaroso da instrução talvez levasse um século a conseguir. Se assim for, o mundo religioso, perseguido pela ameaça do comunismo em relação à influência sobre a humanidade, talvez venha a aceitar a exortação de TENNYSON de há um século, levando a religião à "armar-se com os instrumentos da época". Isto significaria apelar para o método científico. Estou certo, porém, de que somente será possível vencer as resistências internas da religião estabelecida à investigação e o seu temor à mudança e desconfiança para com a ciência em questões espirituais por meio de influências exteriores, como a pressão que está sendo exercida pelas idéias invasoras comunistas.

Poderia a humanidade, mesmo sob pressão, ser levada a dar um passo que importasse em semelhante mudança na filosofia religiosa? Haveria a perspicácia, o senso prático, a resolução de realizá-lo? Há motivos para esperar que sim. Encontrar-se-á, com certeza, rígida resistência baseada em lealdade mal orientada e outros sentimentos. Tais sentimentos mal orientados sempre dificultaram qualquer progresso importante. Seria preciso mostrar que esta aceitação da contribuição de psi para nova maneira de encarar a religião seria passo construtivo. Não constituiria ataque mas, sim, defesa. Não seria solapamento mas alicerçamento da estrutura espiritual da vida humana. Que esperem pelos resultados os que forem capazes de seguir; abandonarão então tudo quanto tiver de ceder à nova compreensão como abandonaram o carro puxado a cavalo ou à vela de sebo. Todavia, devo repetir, não há razão para se antecipar este grande progresso na busca da verdade religiosa, a menos que ou até que se imponha ao mundo finalmente à inteira realidade da terrível verdade dos males que causará aos seus seguidores liderança religiosa não progressiva, muito embora benevolente.

É de imaginar que seria possível, na verdade, provocar tal mudança por maneira mais satisfatória. Não seria necessário que o comunismo forçasse a religião a dar tal passo se formulassem as perguntas convenientes às religiões e se insistisse pelas respostas apropriadas. Quais seriam essas perguntas? O ponto de partida deveria ser: Qual a base segura de conhecimento que tem qualquer religião para servir de base a qualquer princípio dado? Todas as doutrinas importantes precisam, uma a uma, ser meditadamente reexaminadas quanto às suas bases. Alguém sabe realmente até hoje, por exemplo, qual o auxílio extra-humano que o indivíduo pode evocar e em que confie para orientação da vida? Qual o ensinamento firme e verificado que prepare o homem para o fato final da morte? De que espécie de provas depende tal ensinamento? Se alguém formular estas e outras perguntas e insistir em respostas francas e definidas, revelar-se-á situação aterradora. O que ninguém sabe ou pretende saber, de maneira que possa provar, as respostas a estas ou a qualquer outra questão importante de religião.

Finalmente, desponta a verdade de que a liderança erudita mais consagrada em todos os sistemas religiosos não tem, para estas perguntas fundamentais, respostas que satisfaçam os padrões comuns de prova da vida cotidiano na tribuna, no tribunal, ou no mercado, para não falar das ciências. Ante semelhante verificação, a religião dogmática passa a assumir a forma e as proporções de gigantesca ilusão de grupo, isolando-se deliberadamente das experiências da realidade por meio das quais seria possíveis verificar-lhe a situação e que serviriam para orientá-la no sentido de maiores conhecimentos positivos. Nessa velha atitude depara-se com o abandono quase completo da realidade, a capitulação a sistema de fantasias não verificadas que, em um indivíduo isolado, se diagnosticaria como psicótico.

Como povo, não estamos tão fora da realidade em outros assuntos. Não deixariamos os nossos entes queridos nas mãos de cirurgiões que operassem segundo a autoridade não-verificada de antigos manuscritos, decidindo por adivinhação quanto à localização dos órgãos a operar. A humanidade já progrediu muito mais do que isso na medicina veterinária, ou na agricultura ou mesmo na canalização de água. Que encantamento mágico nos manteve entravados por tanto tempo na religião? Que encantamento conserva o mundo a entoar fórmulas que na quase totalidade serão asneiras afinal de contas? Pense-se em todas as boas horas-homem de oração gastas através dos séculos pelos bilhões de pessoas por toda parte do mundo, sem que ninguém durante todo esse tempo tivesse a precaução evidentemente sensata de verificar! Porque ninguém nunca experimentou eficazmente responder se a produção global correspondeu ao esforço. Entretanto, durante essas mesmas idades em que se deixou à religião relativamente estática, com a atenção fixa na autoridade antiga, o homem progrediu eficientemente em outros setores de menor interesse, utilizando os processos científicos para adquirir a base do conhecimento necessário.

Interessa a tantos milhões de pessoas, envolve parte tão grande dos valores mundiais que o desfecho se torna estupendo. Se se tiver de fazer algo a respeito, será necessário encará-lo na enormidade

global. Haveria qualquer espécie de escravidão mais monstruosa no mundo independentemente da estúpida benignidade com que se praticasse, do que a que restringisse as pessoas à crença religiosa primitiva estreita, através de anos sem fim de tateamento cego, que as conservasse para sempre privadas da vida mais rica, mais conveniente que poderiam desfrutar se fosse possível tão-só libertá-las de teoria atemorizante respeito ao mundo em que vivem? Se for bom e fraterno e abençoado alimentá-las e salvá-las da malária e da cólera, haveria palavras para descrever que nobre dom seria abrir-lhes os olhos à maneira de viver mais feliz, mais completa; maneira mais sã, mais corajosa de encarar os problemas e resolvê-los, de imediato, ao invés de projetá-los de modo irreal para além do próprio alcance em outro mundo prometido que talvez fosse, apesar de tudo quanto qualquer pessoa tenha tido a preocupação de descobrir, ficção vã, desorientada, escravizados.

Estes pensamentos não são negativos, anti-religiosos. São desafios positivos, construtivos de fatos impessoais. Há razões para esperanças. A religião ainda poderá salvar o mundo, salvá-lo da miséria, do temor e da confusão e da luta, se puder salvar a si próprio de tornar-se completamente relíquia do passado; se puder captar e manter a liderança no conhecimento do lugar do homem como ser espiritual em universo que não é, sabemos agora, baldo de forças espirituais. Tal desafio não é para os que não são capazes de mudar, nem para os que não pensam por si mesmos. O mundo seria, porém, dificilmente digno de salvação se também não existissem os que desejam ver a religião igual a todas as necessidades dos homens, que estão dispostos a esperar e a trabalhar com todas as suas forças, ao invés de simples fé crédula na autoridade, para ajudar a desenvolver tal força salvadora para si e para o próximo.

Resumamos. Esforço-me por dizer que olhar com espírito inquiridor para os grandes problemas da vida humana grupados sob a égide da religião é progredir realmente na solução deles. Adiantamo-nos bastante agora para sabê-lo. Tudo quanto se descobrir por meio de processos seguros de investigação constituirá parte do mesmo universo natural a que todos pertencemos, e não

teremos de nos preocupar com relação a distinções antigas (e até certo ponto inúteis) de supernaturalismo e outras semelhantes. O importante é que seja sólido o conhecimento aceito. Exige-se certeza com relação às ninharias da vida diária como a engenharia ou a medicina, certamente não se pode pedir menos da disciplina que importa na paz e boa vontade e felicidade duradoura dos homens.

A liderança intelectual do Ocidente terá de esclarecer estas questões se quiser segurar com firmeza a roda de direção dos negócios humanos, e mesmo dos seus. O bem-estar do homem em qualquer parte é problema para a humanidade em geral; surgiu finalmente o ponto de vista global. Na América do Norte estamos agora dilatando (com certo elemento de sinceridade, sem dúvida, além do interesse político) o auxílio aos menos felizes, que sofrem fome, catástrofes ou epidemias ou outro mal qualquer. Como não seria inteiramente incoerente se, agora, na questão mais importante da filosofia religiosa da vida, compreensão do próprio mundo tão essencial para a esquematização de maneira de viver, viéssemos dizer: "Tal assunto não nos interessa."

Há centenas de milhões de indivíduos por toda parte, cuja perspectiva da vida, cuja visão restrita e deformada do mundo é guiada, limitada e controlada por uma fé que é, segundo os padrões dos estudiosos, agrupamento não verificado de contos antigos da carochinha. Entretanto, é mais obrigatório para a vida, mais determinante da alegria ou miséria total de viver que lhes caberá por sorte do que qualquer outra coisa poderá ser para eles.

O que será possível fazer por eles? O que sabemos nós mesmos que seja tão mais seguro, melhor e mais útil a que nos dediquemos? O primeiro problema, portanto, começa em casa. Ao mesmo tempo, sabendo em quanto importa o resultado, que empreendimento mais nobre pode o homem tomar para si senão descobrir o que é verdadeiro, o que é fidedigno, o que é útil e seguro e inspirador e sustentador e embelezador como o conceito do homem e da natureza?

Se realizarem as descobertas por processos seguros, não serão necessários missionários para divulgá-las. Não se restringe

facilmente o conhecimento verificável; atravessa irresistivelmente quaisquer fronteiras e, quando os fatos se tornam firmes e conhecidos, cruzam até mesmo as cortinas de feno. Se for exploração verdadeiramente segura de toda a estrutura pessoal do homem, das forças que atuam dentro dele e nas suas relações com o universo, o resultado será suficientemente bom para suplantar não só a filosofia materialista do comunismo mas igualmente as construções decadentes das velhas organizações religiosas que o próprio comunismo tem suplantado.

Ninguém pode ainda dizer o que sobreviverá a tal busca dos princípios fundamentais sotopostos a todos os problemas da religião. É bastante evidente que as ações ideológicas, em grande parte adquiridas pelo homem, não têm qualquer valor. Não há vantagem alguma em continuar a agarrar-se a elas, sentimentalmente, porque alcançou um dia alta cotação. Se a devida investigação não encontrar provas de qualquer ou de todos os "outros mundos", céus, edens, paraísos, nirvanas e outros que tais, que têm afastado o espírito humano do mundo real através das idades, conduzirá a um desvio extremamente saudável do esforço humano e da atenção para problemas da vida atual. A vida ocuparia área maior se tivesse definidos os seus limites.

Se, por outro lado, for possível descobrir alguma espécie de mundo de órgão espiritual independente, como há motivos de pensar que seja possível, sua instituição traria manifestamente à vida religiosa significação e potência incomparavelmente mais amplas. A descoberta seria para a religião algo de parecido com as das bactérias para a medicina. Patentearia ao alcance da exploração religiosa horizontes além de qualquer concepção atual. Sempre assim aconteceu com a descoberta de novos setores.

Mas se refletir na direção que tomaram outros campos de pesquisa no passado, não será de esperar que a Natureza se mostre nesse novo mundo do espírito muito parecida com o que a tradição e a especulação a representaram. Ao contrário, tem-se revelado ordinariamente muito mais interessante, muito mais útil aos homens quando convenientemente compreendida, e sempre, sem dúvida,

mais "razoável" do que as sugestões especulativas antecipadas aos fatos.

Naturalmente não há motivo para ansiedade neste caso. Sem que importe como se apresentem grosseiros e inexplicados os resultados brutos das pesquisas, quando saem do poço de exploração, o processamento eventual das novas contribuições ao conhecimento sempre permitiu emergissem as "leis da natureza" triunfalmente. Nesta afirmação da história está a promessa de novo mundo ordenado de realidade espiritual, seja o que for com que se pareça de outro modo. Tal certeza é confortadora quando se penetra nas vastas áreas desconhecidas que restam.

Todavia, podemos esperar mais do que ordem. Se esse novo mundo a emergir tiver de fazer sentido para o nosso espírito racional com o pouco que conhecemos até agora, terá de revelar-nos alguns novos princípios mui estranhos que ainda não compreendemos até mesmo para os identificar. Nada absolutamente familiar vai explicar fenômenos como a consciência, o amor, a perspicácia, a precognição - para citar somente alguns grandes mistérios. Grandes surpresas esperam-nos então. E deixarão de ser revelações pelo fato de termos bons motivos de estar seguros a respeito delas? Será o valor delas para orientação na vida diminuído pela falta de certeza? Afinal, até mesmo na religião, poremos em primeiro lugar o que deve vir primeiro; problemas de primeira ordem com processos de primeira ordem para resolvê-los.

Capítulo 8

Relação com a Saúde do Espírito

Ao considerar a relação de psi com a saúde mental, a discussão volta ao terreno da ciência natural indiscutível. Mas embora não haja qualquer complicação com questões de supernaturalismo em psiquiatria profissional (que ampliarei para que compreenda igualmente a higiene mental em geral) tem muito em comum com a religião. Por igual à religião, também, possui base de verdade aceita mais ou menos geralmente, embora tal se consiga por maneira mui diversa dos processos de descobrir fatos. E nota-se igualmente em ambos o mesmo objetivo social geral, o que se poderia denominar imparcialmente a meta de aperfeiçoar o ajustamento a prazo longo da humanidade ao ambiente com a vida mais completa, equilibrada e satisfatória que todos possam alcançar. Fundamental para ambas, portanto, é também a questão da estrutura básica da personalidade humana. Para o psiquiatra, bem como para o conselheiro pastoral, é de real importância saber que espécie de criatura é aquela a que presta serviços. Tem de dispor de resposta à seguinte indagação: "Que é que há no paciente que o torna infeliz, funciona mal, perturba-lhe a vida e tem de ser modificado? Estará inteiramente dentro do campo da lei física ou unicamente mental ou espiritual tendo princípios peculiares próprios?" A resposta deverá afetar toda a maneira de atacar a questão por parte do psiquiatra, como por igual aconteceria com o pastor.

Os problemas da parapsicologia não são totalmente estranhos à psiquiatria. Alguns deles têm estado historicamente associados em grande parte com o estudo das moléstias mentais. Mesmo ao tempo de Franz MESMER e seus seguidores, fenômenos que atualmente fazem parte da percepção extra-sensorial encontravam-se comumente por acaso nas clínicas de tratamento. O próprio MESMER, bem como alguns dos seus seguidores, como: PUYSEGUR, ESDAILE, ELLIOTSON e LIEBEAULT, mencionam poderes excepcionais que eram simplesmente considerados no século XVIII como fazendo parte do feito mesmérico. Cem anos ou mais depois de MESMER, no último quartel do século XIX, período identificado com as investigações de Pierre JANET, Charles RICHET e outros médicos europeus, o mesmerismo tornara-se

hipnotismo, e a telepatia e a clarividência haviam começado a isolarem-se como fenômenos distintos do transe hipnótico; deixavam-se às sociedades de pesquisa psíquica que se constituíam então para estudá-los.

Agora, novamente, desta vez no século XX, isolada completamente de associação com a hipnose, à telepatia encontrou lugar na nova psiquiatria das escolas psicanalíticas. O mais notável dos analistas que dispensaram atenção à telepatia foi Wilhelm STECKEL, embora Sigmund FREUD e muitos dos seus seguidores, mais ou menos acidentalmente em suas teorias, se houvessem interessado pelo assunto. Entre os psiquiatras analíticos, contudo, foi C. G. JUNG que prestou mais atenção aos fenômenos de psi, embora somente nos últimos anos essa atenção tivesse surgido claramente nos seus escritos. Todavia, o seu livro mais recente, *Naturerklärung und Psyche* (com W. PAULI), coloca JUNG na linha de frente dos psiquiatras que dispensam atenção à parapsicologia.

Todavia, o interesse entre os psiquiatras pela telepatia é amplo. Torna-se evidente a atenção ativa aos fenômenos da telepatia por parte dos psicanalistas nas publicações de Jan EHRENWALD, Jule EISENBUD, E. SERVADIO, Geraldine PEDERSON-KRAC, Nandor FODOR, e grande número de outros. (1) Tal interesse, entretanto, não se limitou a analistas ou psiquiatras de determinada escola. Entre os psiquiatras independentes que escreveram sobre o assunto nas últimas décadas, estão, para escolher somente alguns da Europa Ocidental, os falecidos T. W. MITCHELL, William McDOUGALL e William BROWN, e, entre os vivos, Hubert URBAN, Laurence BENDIT, Alfred Von WINTERSTEIN, Alice BUCK e John BJOERKHEM. Na Sociedade Americana para Pesquisa Psíquica existe uma seção médica constituída em grande parte por psiquiatras.

1. EISENBUD, J., "Contribuições psiquiátricas à parapsicologia: revisão", *J. Parapsychol.*, 13 (1949), págs. 247-263.

Há outras indicações de interesse profissional pelo setor. Entre elas contam-se os inúmeros convites formulados por grupos de psiquiatras e parapsicólogos para apresentarem as descobertas das

pesquisas, a presteza das publicações de psiquiatria em publicar trabalhos sobre parapsicologia, e a participação geral da profissão na discussão de psi. Em geral, tudo indica que as pesquisas de psi têm recebido audiência comparativamente favorável pelo menos por parte desta profissão.

Pode-se mesmo citar uma votação de opiniões sobre o assunto. Em 1948, um neuropsiquiatra americano de New York, o Doutor Russel MACROBERT, (2) procedeu a um levantamento das atitudes correntes dos colegas americanos e relatou os resultados na edição de dezembro do *Jornal de Parapsicologia* daquele ano. Nas 723 respostas ao questionário que enviara a 2.500 psiquiatras, o Doutor MacROBERT encontrou distribuição de respostas inteiramente diversa das que WARNER obtivera de psicólogos. 31 por cento alegavam familiaridade com resultados de pesquisas de ESP, 68 por cento consideravam que era preciso apoiar as pesquisas de ESP, e 23 por cento consideravam mesmo que haviam observado pessoalmente ocorrências de ESP na própria prática ou experiência; 17 por cento estavam incertos.

2. MACROBERT, R. G., "Atitudes correntes dos neuropsiquiatras americanos para com a parapsicologia levantamento", *J. Parapsychol.*, 12 (1948), págs. 257-272.

Esta distribuição de atitudes afigura-se inteiramente diversa da dos psicólogos. Por que tal diferença? Em primeiro lugar, os psiquiatras, confrontados com a urgência de ter de encontrar a cura para os pacientes, foram sempre mais ousados do que os psicólogos. Viram-se forçados, em muitos casos, a tornar-se pesquisadores de psicologia, a fim de descobrir em estudos próprios grande parte do que precisava saber da estrutura psicológica das pessoas a quem procuravam servir. Examinando a história da psicologia é possível verificar que a maior parte das suas grandes realizações, especialmente as que dizem respeito à estrutura mais profunda da personalidade e a maneira de estudá-la, provêm de tais pioneiros da fronteira da psicologia. Evidentemente, a ortodoxia não é tão rígida no ramo psiquiátrico como nos outros ramos das ciências humanas. Seja qual for o campo em que a exploração ainda se mostra ativa, o

pesquisador provavelmente encontrará menos resistência às próprias descobertas.

Até onde vai a relação entre a parapsicologia e a psiquiatria? Será somente histórica, associação acidental? Ou repousa em laços mais fundamentais? Houve tempo em que os efeitos de ESP estavam tão intimamente associados ao hipnotismo que se consideravam dele derivados. Naqueles tempos, por sua vez, pensava-se que a hipnose estava intimamente conjugada à histeria. Assim sendo, implantou-se no pensamento do século passado à sugestão (que até certo ponto ainda persiste) da existência de algo de anormal com relação às experiências de telepatia e clarividência, devendo as pessoas propensas à histeria apresentá-las mais provavelmente.

A parapsicologia e a psicopatologia têm muito em comum. Os fenômenos de ambas são, na realidade, desvios do normal no sentido de serem excepcionais. Além disso, conforme assinalei no Capítulo 3, muitas ocorrências típicas dos dois campos são, superficialmente, quase idênticas. Por exemplo, certos tipos espontâneos de experiências psi afastam-se da classificação como patológicos somente por serem verídicos, querendo dizer que o sujeito recebeu de algum modo conhecimento real que normalmente não deveria ter. Pode considerar-se mórbida a experiência de pessoas que têm sonhos sucessivos da morte de um amigo, a menos que, conforme o caso citado anteriormente, se verifique que a morte realmente ocorreu sob circunstâncias bastante semelhantes em suficiente detalhe para afastar-se a hipótese de coincidência.

Ou, então, um indivíduo que vê uma aparição perto do leito talvez pense em consultar um psiquiatra. Se, contudo, outra pessoa vê a mesma aparição, o problema passará para logo do campo psiquiátrico ao da parapsicologia, pelo menos para maior investigação.

É possível colher nos dois campos série considerável de casos que revelam pequena dessemelhança ao nível das experiências do sujeito. Na verdade, é comum que a pessoa ao relatar uma experiência psíquica comece dizendo: "Não sei se estou de juízo perfeito" ou então, "Meu marido crê que estou um pouco amalucada

por ter tido estas experiências", ou a afirmação mais indireta: "Não tive nunca qualquer indício de desordem mental em minha vida." Até mesmo o público em geral não deixou de observar a semelhança do aspecto subjetivo de certas experiências de psi com alguns casos anormais. Na análise de experiências (3) de psi a que procedeu Louisa E. RHINE, verificou-se que as formas subjetivas em que comumente ocorrem são características de experiências que as pessoas têm ordinariamente, sejam psíquicas ou não, ou anormais ou não. São simplesmente formas comuns a uma e outra.

3. RHINE, L. E., "Formas subjetivas de experiências espontâneas de psi", *J. Parapsychol.*, 17 (1953), págs. 77-114.

Tais semelhanças, contudo, são na realidade superficiais. O único aspecto claramente conjuntivo de que partilham a parapsicologia e a psiquiatria não superficial é o envolvimento com a vida mental inconsciente. Esta circunstância constitui característica identificadora desses dois campos e, talvez, somente deles.

Todavia, é igualmente importante. Se as aptidões de psi não fossem obscurecidas pela inconsciência, seriam, sem dúvida, tão fáceis de reconhecer que teriam sido registradas na história desde a psicologia de ARISTÓTELES. Do lado da psicopatologia, conforme FREUD teve o gênio de apreciar, é a rejeição dos desejos mal ajustados a níveis inconscientes que lhes permite perdurem e cheguem finalmente a prejudicar o ajustamento individual. Reconhecê-lo foi, sem dúvida, de primordial importância para a psiquiatria.

E é esta vasta psicologia do inconsciente, acompanhada de todas as suas propriedades peculiares, artifícios e funções, muitas ainda a descobrir, que constitui a principal característica do fundo comum desses dois ramos do estudo do homem, a psiquiatria e a parapsicologia.

Contudo, a relação entre psi e a psiquiatria é ainda definitivamente limitada. A questão mais importante é: haverá qual quer correlação causal essencial entre os dois campos, entre ESP e os dispositivos patológicos do espírito de que parece aproximar-se? Serão os fenômenos de psi anormais? ou, por outro lado, são as

moléstias mentais produzidas por psi? É possível começar a responder esta importante pergunta em dois sentidos revendo as maneiras de atacar o problema que até agora produziram resultado.

Em primeiro lugar, realizaram-se estudos de aptidão ESP por meio de experiências com cartas em hospícios. Nenhum deles, contudo, revelou até agora conexão causal entre a patologia e ESP. Embora muitos paranóicos aleguem perseguição telepática, não existe qualquer documento que prove possuir qualquer deles aptidão ESP especial. Longa série de casos espontâneos nem mesmo sugeriu qualquer relação de ESP com as desordens mentais. A impressão que se tem, de preferência, é que as pessoas capazes de experiências ESP são, por igual a outras, indivíduos normais, saudáveis.

Os estudos de personalidade de STUART, SCHMEIDLER e HUMPHREY tendem à sugestão, com certa reserva, de que quanto melhor ajustado o indivíduo, tanto mais provavelmente revelará desvios positivos das médias do acaso nos dados de ESP. (4) Nos trabalhos de SCHMEIDLER de ESP, combinados às experiências de RORSCHACH, os sujeitos bem ajustados salientaram-se como o grupo que produzia os maiores desvios, tanto positivos quanto negativos; e o tamanho do desvio da média do "acaso" devia ser a melhor medida do volume do efeito ESP.

4. HUMPHREY, B. M., "Novos trabalhos do dr. Stuart sobre percentagens em experiências de interesse e ESP", *J. Parapsychol.*, 13 (1949), págs. 151-165 e "Percentagens de introversão-extroversão em relação a acertos em experiências de ESP", *id.*, 15 (1951), págs. 252-262; SCHMEIDLER, G. R., "Variáveis de Rorschach em relação a acertos em ESP", *J. Amer. Soc. Psych. Res.*, 41 (1947), págs. 35-64.

Sem dúvida alguma, se existisse qualquer conexão fundamental entre a moléstia mental e a aptidão psi, os primeiros psiquiatras teriam encontrado fenômenos de psi em muito maior número do que se deu, e provavelmente a parapsicologia não teria passado nunca a ramo independente de pesquisa. Assim também, se houvesse quaisquer ligações causais comuns, os investigadores de psi teriam já agora aprendidos a se concentrarem nos hospícios como o setor mais proveitoso para a continuação das investigações. A revisão dos resultados de experiências em hospícios feitos por meio de processos padronizados e garantias (esperando publicação, por

Esther FOSTER) revelam que, enquanto se demonstrou ESP em diversos grupos de pacientes, não houve realizações salientes ou de indivíduos ou de qualquer outro grupo classificado.

Em conjunto, não há motivo para julgar que os fenômenos de psi são anormais ou que as desordens mentais favorecem a manifestação de efeitos de psi. Embora as duas espécies de ocorrências tenham muito em comum para inúmeras correlações importantes, até agora nenhuma delas parece determinante; nem qualquer uma produz a outra. Da mesma forma que qualquer outra aptidão, psi pode fazer parte do pensamento patológico ou mesmo tornar-se aspecto saliente. Igualmente, a semelhança entre certas experiências de psi e as alucinações puras leva muita vez a erros graves de julgamento por parte do sujeito que realiza a experiência, erros esses que podem, quando demasiadamente salientados, tornar-se seriamente prejudiciais.

Há, por exemplo, o caso de uma senhora que, em seguida à morte trágica de uma filha, começou a ouvir-lhe a voz assegurando estar viva. Pouco depois a senhora começou a receber conselhos orientadores e premonições que a impressionaram e ao marido cientista como genuinamente psíquicos por natureza. (Também fiquei impressionado, embora não me fosse possível tirar conclusões). Aumentando as experiências que ela referia, não havia meios de saber até onde seria prudente deixá-las ir. Finalmente, contudo, tornou-se evidente que a saúde mental da senhora estava sendo prejudicada, sendo então necessário tratar do caso como se fosse psiquiátrico. Tornou-se evidente, finalmente, que, se psi tivesse tomado parte, ter-se-ia utilizado como dispositivo neurótico. Mas não há motivo para que não fosse mal usado, exatamente como a visão, a memória ou qualquer outra função normal pode utilizar-se em forma ou grau patológico. É raro, todavia, que psi apareça em mistura tão anormal.

Apesar de tudo, impõe-se a necessidade de colaboração entre o psiquiatra e o parapsicólogo. Mesmo que não se descubra qualquer conexão fundamental entre os fenômenos mais importantes dos respectivos campos, existem outros setores de interesse comum que

podem tornar útil à cooperação. Antes de tudo, o psiquiatra está em posição vantajosa para se ocupar dos problemas de psi. Devido à própria natureza dos seus trabalhos, dispõe de oportunidade extremamente boa para encontrar experiências de psi mas também para observá-las no cenário psicológico da vida do paciente. Os que utilizam especialmente materiais de sonhos, conforme o fazem todas as escolas analíticas, deparam muita vez com exemplos de ESP, especialmente casos que sugerem telepatia, que se oferecem no curso das análises. Já assinalamos muitos desses casos como material acidental nos escritos de psiquiatria. Depende naturalmente do interesse do psiquiatra observar o caráter telepático da experiência quando se apresenta. Nenhum outro profissional tem, contudo, oportunidade semelhante para explorar experiências de psi em primeira mão.

O psiquiatra tem outra vantagem, especialmente se possui relação em hospícios. Aí se encontram grupos de pacientes classificados que, pelo menos até certo ponto, já estão reunidos do ponto de vista de certas características da personalidade, mesmo que seja tão-só sob o aspecto patológico. A oportunidade de observar quaisquer efeitos psi capazes de ocorrer contra este fundo de classificação é de grande valor.

No decurso do tratamento, nota-se igualmente nivelamento semelhante. Oferece-se ao psiquiatra a oportunidade de estudar qualquer desenvolvimento singular, como a tendência de passar por experiências de psi, face aos estádios de desenvolvimento através dos quais a terapia leva o indivíduo. Fica mesmo em condições de proceder acidentalmente a experiências de psi à proporção que progride o tratamento. O Doutor Hubert ÜRBAN (5) foi o primeiro a utilizar esta oportunidade na Clínica Neuropsiquiatria de Innsbruck, na Áustria, quando deu início a comparações clínicas de ESP em experiências com cartas antes e depois do tratamento de choque. Nesse esforço pioneiro teve de lutar com a adaptação necessária dos processos de laboratórios à situação clínica, e não é de surpreender que se oferecessem certos problemas capazes de causar demora na interpretação dos resultados. Ainda está, portanto, por decidir se o

tratamento pelo choque afeta a aptidão de ESP do sujeito de maneira apreciável. Mas, pelo menos, procedeu-se a um ataque ao problema, realizando-se progresso suficiente para mostrar a possibilidade de se utilizarem os processos experimentais eficazmente junto ao leito sem prejudicar indevidamente os padrões de precaução. Quanto a isto, as experiências de psi se ajustam perfeitamente a qualquer processo terapêutico como acidentais, acompanhando-se todo o curso da recuperação do paciente com o registro das realizações experimentais para fim de estudo comparativo.

5. URBAN, H., "Parapsicologia e psiquiatria", Potzl Festschrift deutsche med. Rundschau, n° 3 (Innsbruck, 1949).

E agora, para inverter a questão, qual a contribuição das pesquisas de psi de interesse para a psiquiatria? Responde-se em parte com as descobertas já realizadas, embora haja algumas possibilidades ainda não desenvolvidas que passarei primeiramente em revista. Uma delas é saber se será possível desenvolver qualquer modo telepático útil de relação entre o psiquiatra e o paciente. Embora pareça a alguns profissionais fantasia ridícula, o fato é que muitos psiquiatras acham que vislumbres de penetração telepática representam às vezes certo papel no trabalho e experiências profissionais. Por enquanto tais impressões são somente clínicas, mas é perfeitamente evidente que, se for possível comprová-las experimentalmente, os resultados se revestirão de importância para a psiquiatria. Deve ter-se presente ao espírito que o cientista é aquele que formula perguntas enquanto ainda se duvida das respostas. Qualquer um assim pode fazer em estádios posteriores.

Segunda possibilidade é que a psicocinese pode ser fator na medicina psicossomática. Tal idéia ainda é conjectural mas parece inteiramente lógica. Se o espírito é capaz de atuar, pouco que seja, sobre objetos, como dados em movimento, parece razoável supor que deveria ser capaz de influir sobre a matéria do próprio corpo. Certo número de efeitos psicogénéticos ou mentalmente produzidos sobre o corpo confunde frequentemente o cientista. Entre estes se contam os denominados de estigmas, lesões ou ferimentos orgânicos, como os que se dizem ter ocorrido em Tereza Neumann

na Alemanha. Neste caso conhecido mas ainda incerto, diz-se que o corpo humano produz a intervalos regulares uma imitação dos ferimentos de Cristo. Supunha-se que tal efeito não tivesse qualquer causa orgânica ou física. Em todos esses casos não verificados tem-se naturalmente de suspender a opinião científica. Observam-se também os efeitos denominados ESTIGMAS ou escrita na pele, como o da senhora Kahl, (6) parisiense, que dizem ter reproduzido na pele os contornos de desenhos transmitidos telepaticamente. Um dos efeitos mais freqüentemente demonstrados de estado mental sobre as condições do corpo é o da formação de verrugas em certo ponto como consequência de sugestão hipnótica. Em certos casos o relatório revela ter havido observação continuada durante o período da produção do efeito. Casos espontâneos, especialmente quando bem observados, também contribuem, sendo por vezes muito mais impressionantes do que os experimentais.

6. EFRON, D., "Escrita telepática sobre a pele", *J. Parapsychol.*, 8 (1944), págs. 272-286.

Por exemplo, um psicólogo que conheci durante muitos anos disse-me certa vez que teve terrível pesadelo, no curso do qual imaginou que lhe estavam vergastando as costas com varas de aço. Sofria terrivelmente no sonho. Os gemidos acordaram a esposa, que o despertou. Como ainda sentisse o resultado doloroso da surra, a mulher acendeu a luz a fim de examinar-lhe as costas. Bastante impressionantemente, estava marcada de vergões vermelhos e brancos, perfeitamente visível. Nada na cama ou no pijama poderia ter causado semelhante efeito. Ele estava convencido de que era efeito psicossomático. Naturalmente, este psicólogo não era capaz de explicar como o próprio espírito lhe dera tal surra. Mas se Pc for fator em qualquer caso destes ou em todos, deve possuir muito maior potencialidade que as experiências com dados revelaram. Não seria de surpreender, contudo, porque nunca anteriormente os primeiros vislumbres de qualquer princípio descoberto revelaram-lhe todo o potencial.

Notam-se enigmas semelhantes também em certos tipos de curas. Os melhores são os de cura pela fé. Mesmo que muito se desconte, alguns são inteiramente desconcertantes.

Na cidade em que resido, mora uma professora de economia doméstica, casada com um psicólogo, que conheço há vinte anos. Disse-me que um dia, na aula de cozinha, uma menina deixou espirrar gordura derretida sobre ambas as mãos, saindo a correr para casa à procura do pai, que trabalhava no moinho, e tinha fama de ser brigão. A professora foi ao encalço da menina, achando-a em companhia do pai, que a tinha acalmado e já a estava "tratando". A menina dentro em pouco não sentiu mais dores, tendo sido possível retirar a gordura por meio de lavagem, sem qualquer mau efeito, embora a professora tivesse receio de que a pele caísse. No dia seguinte, a criança não tinha nem um bolha, mas todas as outras que mal haviam sido salpicadas apresentavam bolha onde a gordura derretida tinha caído.

Observam-se estes efeitos inexplicáveis em grande número e grande variedade, nas orlas da medicina - quer dizer, se procurarem. Ainda constitui mistério o mecanismo psicofísico de que dependem fenômenos tão enigmáticos como a queda de verrugas por sugestão ou o embranquecimento do cabelo por motivos totalmente psíquicos. Entretanto, atualmente nenhum médico bem informado nega que tais fatos se dão às vezes. Quero ajuntar aqui que a hipótese de PC pode ser útil para explicar estas estranhas ocorrências orgânicas. De qualquer maneira são inexplicáveis atualmente, mesmo que se reúnam todos os ramos da medicina.

Há psiquiatras que apreciam o desenvolvimento de processos sistemáticos e padrões em parapsicologia que permitem distinguir entre as verdadeiras experiências de psi e a alucinação ou ilusão anormais. Muitos se mostram desejosos de saber, para fins práticos, qual a técnica de verificação de psi a fim de controlar as ilusões de psi que certos pacientes apresentam. A experiência telepática já encontrou lugar no armamento do psiquiatra para o tratamento dos indivíduos cujo temor de perseguição telepática exige tipo concreto de demonstração que o cliente possa ver por si mesmo. estes

começos sem dúvida se expandirão, à proporção que se desenvolveram o conhecimento científico e as habilidades em parapsicologia.

Entre as novas descobertas que provavelmente terão importância além dos limites da parapsicologia, está o fator de omissão de psi, já discutido, que atua tão subversivamente na produção de desvios negativos mesmo quando o sujeito procura esforçar-se por produzir acertos acima da média do acaso. Tal efeito talvez também tivesse importância para a psiquiatria e para a psicologia da personalidade em geral. Na omissão de psi (lembremo-nos) o sujeito comete erros inconscientemente tão constantes que levam a supor estar realmente evitando em lugar de esforçar-se por atingir o alvo. A omissão resultante não é, porém, ao que parece, devida a negativismo inconsciente. Na maioria dos casos, conforme assinalai anteriormente, a motivação negativa inconsciente pode excluir-se bem definidamente pela análise da prova. Entretanto, aí está uma tendência para dispositivo de proceder erradamente, que faz parte profundamente da natureza humana capaz de, mesmo com a melhor das intenções, por parte do indivíduo, de subverter realmente os seus desejos conscientes.

Agora, pensaria alguém que tal fator "de descarrilamento" eficaz nos níveis mentais inconscientes profundos somente em experiências de psi em que se descobriu? Provavelmente não. Afeta indubitavelmente parte das operações mentais inconscientes do indivíduo, tal como acontece com o processo de psi. Sem dúvida, ninguém algum dia saberá se tal se dá. De qualquer maneira, valeria a pena para a psiquiatria e para a psicologia verificar a generalidade de que se reveste este fator perverso da personalidade nas suas operações ocultas. E descobri-lo talvez não fosse questão excessivamente difícil. esse mecanismo de omissão de psi talvez pertença ao nível de vida mental menos profunda e irrevogavelmente inconsciente do que o próprio psi, operando na camada rasa da subconsciência de que se ocupa principalmente a psiquiatria, nível cujos elementos é possível trazer à experiência consciente.

A contribuição mais importante, porém, de psi para a psiquiatria está na relação cérebro-pensamento; é, sem dúvida, fundamental para a psiquiatria. Dificilmente se veria como o psiquiatra poderia realmente saber qual a sua situação quanto ao processo conveniente de prática até que esta relação neuropsíquica tenha sido formulada em termos de sólidos princípios científicos. Como pode esperar-se que alguém chegue a saber qual a maneira de tratar um paciente, até que conheça exatamente o de que está tratando, espírito, corpo ou ambos?

Na verdade os psiquiatras, na sua maioria, seguiram a orientação mecanicista em geral do pensamento da ciência médica. Como se conhece o aspecto somático ou fisiológico do paciente muito melhor, e, portanto, tão mais merecedor de confiança e útil, a tendência natural tem sido emprestar cada vez maior ênfase e confiança àqueles do que a estes. O resultado foi naturalmente à filosofia mecanicista da personalidade humana. Os grupos profissionais e particularmente os que se dedicam à prática pública, como os psiquiatras, tendem para o conservantismo e é conservador seguir as ciências físicas mais firmes, mais bem desenvolvidas.

Nada haveria a dizer contra semelhante conservantismo se conduzisse à prática inteiramente eficiente. Contudo, nenhum psiquiatra foi capaz de arquitetar psicoterapia útil e bem sucedida em teoria coerentemente mecanicista da personalidade. A física do sistema nervoso não lhe fornece todo o quadro da personalidade do paciente. O psiquiatra sabe que é incapaz de interpretar a infelicidade do paciente em termos de qualquer espécie de lei física conhecida. Contudo, o efeito da perspectiva mecanicista revela-se na tendência a pensar principalmente em técnicas físicas, como em qualquer ramo de engenharia. As idéias exploratórias provenientes desta fonte tendem a dirigir os esforços para processos terapêuticos que importam na destruição de alguma seção crítica do sistema nervoso. Atacando aqui ou ali com o bisturi, a agulha ou a corrente elétrica o psiquiatra procura ver o que conseguem algumas tentativas para dominar os sofrimentos do paciente.

Em conseqüência, na profissão em geral pode observar-se a ausência de teoria global ou idéia orientadora. O esforço assemelha-se grandemente a tateamento empírico em o escuro, com o fito de encontrar urgentemente a cura necessária o mais depressa possível, esperando que a explicação venha depois. E, conforme a experiência mostra, algumas dessas "tentativas" trazem a cessação dos sintomas agravantes; exemplificam-nos bem os diversos processos de choque do mecanismo sotoposto por meio de interferência química ou mecânica a partir do exterior. Encarou-se esta medida limitada de sucesso como apoiando a maneira mecanicista de ver; e, sem dúvida, seja o que for que exista no organismo humano, existe, de fato, tremenda porção de mecanismo.

Esta sucessão de processos físicos e a falta de qualquer meio apropriado de desafiar a filosofia dominante produziram explicação psiquiátrica quase exclusivamente física. Felizmente, contudo, conforme vimos, não bloqueou o espírito da profissão às possibilidades que desafiam essa filosofia. A psiquiatria ficou tão perto da natureza humana e dos seus urgentes problemas que é menos dogmática do que as profissões vizinhas. Foi também suficientemente audaz no espírito próprio de pesquisa e bastante compelido pelas próprias limitações terapêuticas que o seu grupo profissional ficou comparativamente receptivo. Ainda mais, a psiquiatria ficou bastante perto dos fatos da parapsicologia para apreciá-los melhor, talvez, como fazendo parte da natureza total do homem, do que qualquer outra profissão.

Quando as implicações das descobertas de psi penetrarem realmente o pensamento e a teoria psiquiátricos, as mudanças resultantes serão tão revolucionárias como provavelmente qual quer outro setor já viu. Dispondo de semelhante desenvolvimento, a psiquiatria continuará, sem dúvida, a ocupar o seu setor avançado na fronteira das ciências que se ocupam da personalidade, por isso que, sem perder a unidade do conceito psicossomático, os psiquiatras terão de encarar a gemina diferenciação que realmente existe dentro da unidade mais ampla da personalidade. O reconhecimento desta diferenciação dentro da totalidade do indivíduo poria fim à

alternativa inútil, ruínosa de ênfase, que caracteriza a história da profissão; visto como, no passado, a teoria psiquiátrica e a respectiva prática oscilaram da terapia psíquica à mecânica, sem conseguir alcançar nunca posição tranqüila, exeqüível. Tal ziguezaguear provocou muita vez conflito prejudicial no psiquiatra, quando procurou unificar o próprio pensamento em algum arremedo de sistema racional coerente.

Muito significaria talvez para a psiquiatria compreender que existe terreno firme de realidade mental dentro da ordem natural; não sendo necessário forçar a interpretação total da operação profissional para dentro dos modelos limitados da lei física sem espírito. Nessa base mais ampla, a psicoterapia se libertaria para elaborar leis próprias. Estas não teriam de subordinar-se ao código dos princípios físicos, químicos ou fisiológicos. Há de deixar-se forçosamente a coordenação final para objetivo de pesquisa muito mais remota.

Alguns psiquiatras pesquisadores tentaram, na verdade, assumir essa posição, mas tais aventureiros ficaram isolados, por ser a filosofia dominante da psiquiatria o monismo físico e a própria psiquiatria como ramo da medicina que apenas emergiu do período de experiência. Faltava-lhes, igualmente, o conjunto de fatos experimentais de que dispõe agora com as descobertas de psi. esses pesquisadores psiquiatras individuais ficaram mui caracteristicamente em minoria.

Se as implicações de psi destruïrem a resistênciadevida à influência do pensamento mecanicista na psiquiatria, o que pelo menos é provável aconteça antes que se dê na psicologia acadêmica, as operações da vida mental inconsciente passarão a significar algo além das vísceras, das glândulas sem duetos e do funcionamento do sistema nervoso autonômico. Embora deixando à pesquisa futura descobrir as correlações subjacentes que devem naturalmente existir, o psiquiatra poderá pelo menos considerar os elementos psíquicos da personalidade como realidades primárias em si mesmas. Não se verá mais forçado a pedir-lhes que antes de tudo façam sentido fisiologicamente. Vai insistir, e aí está o nó górdio de toda a

mudança de ênfase, que, antes de tudo, façam sentido psicologicamente. Com isso quero dizer que façam sentido com uma psicologia que começa pelas realidades subjetivas verificáveis da personalidade.

O desconhecimento que ainda persiste dos princípios subjacentes da vida mental torna toda a base da desordem mental discutível e obscura, permitindo que toda a bateria de medidas terapêuticas repouse em grande parte em base conjectural. Nem mesmo se sabe em que nível de realidade atacar o problema. Será, portanto, um passo à frente ter estabelecido a existência de nível genuinamente mental da personalidade. Tal realização tornará agora pelo menos razoável atacar os problemas mentais nesse nível distintivo, porque naturalmente não se ataca nem mesmo se leva em conta um setor sem saber que existe. Agora, contudo, firmado este ponto, será de esperar que se formule algum princípio básico para a psicoterapia. Não será desarrazoado que a psicoterapia precise de certa espécie de psique; contudo, uma psique se ajusta ao tipo físico de psicologia quase tão perfeitamente como romântico amor se aplicaria a um par de calculadores elétricos. Dispondo das provas experimentais agora registradas, que indicam possuir a personalidade humana princípios não-físicos e portanto distintamente psíquicos, os psiquiatras devem sentir-se mais bem preparados para se orientarem em direção menos física em relação aos pacientes e à clínica. Daí resultaria resistência mais rígida a conceito da terapia inteiramente materialista.

Observa-se ainda outra implicação que resulta das pesquisas de psi, a qual poderá ser significativa para a psicoterapia. Conforme disse anteriormente, estes estudos proporcionaram base para possível conceito da liberdade volitiva. Tal conceito liberta a vontade humana da escravidão do materialismo; e é evidente a importância dessa liberdade para o terapeuta. Sem livre arbítrio no paciente e sem alguma base sólida para aceitar essa noção, o psicoterapeuta nada mais seria senão um carimbador. De fato, o conceito inteiro de todas as profissões conselheiras gira em torno à mudança de posição em relação a esta questão fundamental. A

concepção da psicoterapia assume no paciente personalidade de livre arbítrio com um sistema de funções verdadeiramente psíquicas (e não-físicas) a partir das quais é possível desenvolver e praticar a arte. Esta espécie de psicoterapia desenvolver-se-ia tomando por base o novo conhecimento para que contribuíssem as pesquisas de psi.

Seria demasiado dizer que a mudança de ponto de vista provocada pelas implicações das descobertas parapsicológicas projetaria luz imediata sobre esses problemas importantes. Seria ir muito além da questão que estou procurando salientar. Ao contrário, queremos salientar que se produziria grande alteração na maneira de pensar da psiquiatria se reconhecesse convenientemente que o espírito atua de maneira a provar que possui natureza própria e não física. Representaria talvez mais do que virar simplesmente as costas à importância das teorias e técnicas mecanicistas; seria impulso positivo em prol de novos princípios peculiares a conceitos pessoais em contraste com conceitos materiais. Adotada esta nova atitude, o caminho estaria aberto à consideração de novas hipóteses bem como a novas explorações dos problemas que estão agora relativamente suspensos. Tal se daria também sem necessidade de abandonar-se qualquer dos princípios ou práticas baseados nos aspectos orgânicos e físicos que se mostraram eficazes. Em uma palavra, abriria as janelas para perspectiva nova e mais ampla para esse importante serviço profissional, que somente uma parte dos seus membros, segundo o modo de ver atual, é capaz de apreender.

Capítulo 9

Influência sobre a Conduta da Vida

Ainda ficou por discutir a suprema necessidade da sociedade humana. Não há dúvida que a maior necessidade dos dias de hoje, bem como de todos os tempos, é de melhor maneira de viverem os homens juntos, códigos morais mais eficazes, filosofia ética adequada.

"A desumanidade do homem para com o homem" está causando hoje mais que nunca aflição extremamente grande. Esta geração tem conhecido mais carnificina, militar ou civil, do que qualquer outra na história escrita, e vivemos todos na terrível apreensão de que ainda não vimos o pior. Vimos uma das maiores, mais cultas, mais obedientes à lei das nações da Terra afastar-se da própria base ética de valores para a prática do genocídio e para o emprego das câmaras de torturas. Atormenta agora o mundo o pensamento horripilante que outro grande povo, tendo já o sistema de valores morais subvertido, parece seguir caminho mais ou menos semelhante. Sobre grande porção da população da Terra as aquisições éticas dos séculos cederam lugar ao código comunista e às práticas desumanas da política secreta.

Esta situação crítica não se limita a cenas distantes. Na própria América do Norte podemos pensar estar longe de algum impulso genocida nacional, mas de modo algum se resolveu o problema dos ódios raciais; e apesar de todo o progresso tão gabado e da força, o país demonstra ter progredido pouco em a qualidade desse aspecto nacional de grande relevo, a fibra moral. Em inúmeros aspectos da vida nacional observam-se indícios de que a medida de autodisciplina não está à altura dos padrões que o progresso em outros setores nos faria esperar.

Por exemplo, somente observador extremamente partidário seria capaz de pensar que os anos de mau governo, que se têm exposto de maneira quase enfadonha são questão partidária ou passageira. Os que se sentiram mais profundamente afetados pelas revelações dos relatórios Kinsey sobre a vida sexual americana ficam mais perplexos pela dificuldade de saber o que fazer face à situação do que impressionados pelas próprias revelações. Seja que nos

voltemos para o desenvolvimento do jogo, do crime organizado, do uso de entorpecentes (inclusive o alcoolismo), ou para qualquer outra questão relacionada com o moral no cenário nacional, o espetáculo é quase sempre o mesmo. Os que defenderam o mundo dos esportes como escola essencial para a formação do caráter pouca desculpa encontrarão para a situação deprimente a que chegou em muitos casos a moralidade atlética. Seja na vida do indivíduo, da família, da nação ou na própria cena global, é clara e urgente à necessidade de se descobrirem melhores meios de guiar o comportamento humano. Não é boa a conduta atual dos seres humanos.

Não se trata de saber se os nossos tempos serão melhores ou piores, até que ponto, sob este ou outro aspecto qualquer, do que em qualquer outro período histórico. Está fora do alcance da atual discussão saber o que se pode dizer de bom da situação bem como as explicações em justificação. Tem-se de reconhecer que ainda não se resolveram os problemas da maneira pela quais todos devem mutuamente tratar-se, como organizar a própria vida, e como se comportar nas relações de grupo de tal modo que a sorte do homem por toda parte seja a felicidade em lugar da miséria, a paz em lugar da destruição fratricida, a vida completa ao invés do sofrimento e frustração.

É forçoso reconhecer, portanto, que a sociedade precisa desesperadamente de orientação mais eficaz, podendo-se daí partir para ulteriores discussões. Sejam quais forem os códigos, mandamentos, teorias, crenças e tradições que têm guiado os homens para melhor ou para pior no passado, tem-se de reconhecer que não convêm ao mundo de hoje. A humanidade precisa urgentemente de código mais eficiente para viver. O que temos de considerar cuidadosamente agora - e provavelmente a questão mais importante de que trata este volume - consiste em saber qual o efeito das descobertas de parapsicologia, bem como suas implicações totais sobre essa necessidade manifestamente urgente da humanidade.

Na realidade, o efeito direto, imediato, tangível seria limitado. Essas novas descobertas não patenteiam qualquer entrada ampla para esse vasto setor ético. Nem mesmo representam porta de entrada. Parecem mais as chaves destinadas a abrir a porta que de há muito vem impedindo o progresso em relação aos problemas do comportamento ético.

É este o ponto essencial: Psi é o único fenômeno do comportamento humano que a ciência natural foi capaz de estudar por meio de experiências controladas e provas quantitativas para saber se tem ou não propriedades não-físicas. Esta circunstância torna-o fenômeno-chave e a sua investigação projeto-chave de pesquisa. A memória, emoção ou aprendizagem teriam igualmente servido para atacar a questão fundamental dos fatores físicos face aos espirituais da vida humana se fosse possível sujeitar qualquer deles as experiências quantitativas controladas. boas, conforme dissemos, psi é a única aptidão mental que se presta a essa prova decisiva. Por este motivo recolheram com interesse os seus fenômenos os primeiros pesquisadores que se preocupavam com encontrar qualquer prova de propriedades não-físicas no homem, sábios que não se sentiam inclinados a abandonar facilmente o conceito da realidade espiritual.

Assim sendo, a ciência de psi abre a porta da filosofia materialista do homem e o comportamento humano para admitir à realidade científica aceitável a presença de fatores na vida humana que não são mecânicos. Tornava-se necessária para abrir essa porta descoberta científica mais do que filosofia corretiva. Argumentação racionalista não tinha força para fazer girar a lingüeta enferrujada pela falta de uso. Somente poderia fazê-la funcionar a alavanca de descobertas empíricas, bem confirmadas, concretas e incontestáveis.

Não existe, de fato, qualquer outro instrumento à vista para abrir essa fechadura. Nenhuma liderança religiosa é bastante progressista e inquiridora para pôr de lado as fontes antigas da orientação moral a fim de procurar novos princípios que melhorem as relações humanas. Tal porta não sentiria nunca qualquer pressão por parte da religião ortodoxa, visto como esta nunca se armou com os

instrumentos de investigação indispensáveis para tratar de tais questões no mesmo nível que as ciências.

Não é necessário, contudo, que psi se envolva diretamente nos problemas da vida moral para que revele a importância que tem. Não se trata de saber se aptidões como ESP e PC têm qualquer relação direta com os valores morais. Ao contrário, a importância de psi reside antes de tudo em constituir processo mental que se pode tomar como operação causal genuína para além da linha limite da lei física. As descobertas forçam o repúdio em nome da ciência materialista que abalou os fundamentos da filosofia materialista dos sistemas éticos do passado. Embora não confirme particularmente qualquer sistema ético tradicional, como tal, destrói a ameaça principal, a filosofia comum contrária a todos os sistemas éticos. Fica assim aberto o caminho para a reconsideração do que for melhor para as necessidades morais do homem.

Naturalmente, toda a argumentação depende deste segundo ponto: Os valores morais não são, definidamente, importantes para o mundo físico. Ninguém pensa em levantar questões de moralidade ao tratar das funções e das propriedades de matéria e da energética do universo de espaço-tempo-massa. Assim sendo, se não existissem provas da função psi nem qualquer demonstração de fatores extrafísicos de qualquer espécie na personalidade humana, não haveria base para alimentar e manter valores morais de qualquer espécie. Se semelhante maneira física de vir viesse finalmente a dominar inteiramente a vida humana, esquecer-se-iam os valores éticos como qualquer outra crença popular fora da moda. As relações humanas se organizariam naturalmente em base de engenharia sólida, inteligente.

Portanto, a descoberta de elemento não-físico em a personalidade constitui toda a diferença no mundo quanto a valores éticos. Autoriza o cientista social a tratar dos valores da vida moral em termos dos princípios que adota. Liberta-o inteiramente da necessidade de descobrir primeiramente explicação física para que admita valores humanos na categoria de dados científicos. Agora, em resumo, é possível explorar o mundo do valor pelo direito que

lhe assiste. Se a personalidade humana a que pertence à experiência de valor possui propriedades e realiza operações legítimas próprias que desafiam interpretações mecânicas, o cientista que procura tratar dessa personalidade tem o direito de prosseguir a fim de descobrir o que é essa psicologia de valor, o que é o comportamento evolutivo considerado em termos de teoria psíquica em oposição à teoria física. Tudo isso resulta de reconhecer-se que há uma passagem aberta através da antiga barreira fabulosa proibitiva da opinião que o processo mental tem de ser físico para ser real.

Não será de esperar que todo o mundo se precipite por essa porta repentinamente, muito embora já esteja a chave na mão. A maior parte dos outros cientistas sociais seguiu os psicólogos e ficou detida pela mesma barreira de pensamento mecanicista; mas, de qualquer maneira, aberturas dessa espécie são, de início, somente para os audazes, em pequeno número.

Será, portanto, demasiado extravagante dizer que as pesquisas de psi hão de representar qualquer papel para tornar possível o progresso, mesmo que seja tão-só ação libertadora, na direção de programa ético para os homens? Poder-se-á considerar tal papel importante ou não, conforme o ponto de vista. Será decisivamente importante se, como este parece, for passo essencial. A chave pode ser pequena e representar papel enorme.

Há segunda maneira pela qual o trabalho de parapsicologia exerce influências sobre o problema da conduta: A prova de propriedade não-física em o homem permite formular alegação lógica a favor do livre arbítrio. Se não houvesse livre arbítrio ficaria sem significação a idéia de julgamento moral. Naturalmente as máquinas não dispõem de livre arbítrio. Quando a filosofia do mecanicismo tomou conta da biologia e da psicologia, o conceito de livre arbítrio desapareceu da discussão. Somente nos manuais mais antigos de psicologia encontra-se qualquer menção apreciável do livre arbítrio. A descoberta de fator não-físico não estabelece a presença ou a operação da volição livre no homem; estabelece somente situação que torna o livre arbítrio possibilidade claramente lógica. Conforme afirmei anteriormente, a vontade livre não seria

possibilidade dentro de qualquer sistema homoganeamente físico, como se supõe que o homem esteja sob o materialismo.

Condensada em uma casca de noz, é a seguinte à argumentação resultante das implicações de psi em relação à possibilidade de vontade livre no homem. Ofereceu-se mais longamente no capítulo sobre psicologia. Aí assinalei que a liberdade verdadeira e única que faria sentido para o intelecto moderno é o conceito de liberdade dentro do próprio indivíduo, certa independência que as reações centrais, subjetivas da pessoa têm em relação aos princípios físicos com que a personalidade está intimamente relacionada. Agora se verifica que o indivíduo é sistema heterogêneo, possuindo, além da constituição física, ordem extrafísica de operações legítimas que se processem dentro dele. Esta diferenciação dentro do conjunto mais amplo deixa liberdade de ação de um sistema em relação ao outro na extensão em que o permite a distinção e a complexidade de caráter.

De tal maneira, a liberdade é uma relação entre; da mesma forma que são precisos dois para haver uma briga, são necessários dois sistemas para tornar possível à liberdade. A extensão de tal liberdade e o potencial total que o aspecto subjetivo da personalidade exerce sobre o objetivo são assuntos que se têm de abandonar a investigações futuras. Tais pesquisas estão esperando que a psicologia volte aos problemas de maior envergadura que, embora indesejáveis, as investigações de psi estão recuperando um a um do refugio.

Na vida prática, bastante evidentemente, ninguém chegou a abandonar a noção de bom senso do livre arbítrio. Quem quer que procure agir à guisa de autômato seria bem justamente trancado a sete chaves como psicótico irremediavelmente iludido. Todo o sistema institucional do "mundo livre" está manifestamente construído em torno à suposição de que os seres humanos são indivíduos que têm vontade própria. As moralidades e os mandamentos presumem evidentemente não só o sentimento a favor do que é direito de certa maneira de viver, mas a liberdade de escolhê-la ou rejeitá-la. A legislação, os tribunais e as instituições penais só têm significação se reportarem a seres morais livres. A

escola supõe a natureza intencional dos alunos; o mesmo acontece com a igreja em relação aos fiéis. Mesmo nos setores do comércio, da indústria e dos serviços práticos da vida, as transações baseiam-se todas na suposição de que os homens são capazes de escolher livremente. A arte de vender, as promoções, os incentivos não teriam efeito com autômatos. Essas práticas só têm sentido se supõe que os homens têm vontade livre; e ninguém pensaria agir nesses setores representativos de trabalho como se estivesse tratando com boneco mecânico glorificado em lugar de personalidade super mecânica.

A questão seria inteiramente diferente no campo do comunismo. Aí a política exige que a linha do partido obedeça à suposição materialista, e a filosofia do Estado conceda tão-só ao indivíduo liberdade suficiente que lhe permita aceitar a doutrina. Esta capitulação às forças deterministas da história e da natureza é todo o voluntarismo que se julga necessário.

De fato, o principal desafio intelectual do comunismo consiste na contestação do conceito ocidental um tanto frouxo da liberdade individual, enquanto confronta a humanidade com um determinismo filosófico que, à semelhança de credo religioso inteiramente adequado, envolve a vida inteira. Além disso, forçou o mundo a enfrentar a questão fundamental de saber se realmente existe a espécie de liberdade e responsabilidade moral do indivíduo que a cultura ocidental supõe. Vale, portanto, a pena fazer neste ponto uma digressão para encarar esse desafio, visto como não é tão-só ameaça à paz econômica e política do mundo; constitui ameaça a toda a vida moral da humanidade. Erradica todo o sistema de valores por meio do qual se construiu a civilização ocidental. Conforme acontece, este aspecto mais sutil mas de maior importância do comunismo fica quase inteiramente obscurecido pela ameaça do conflito material, e talvez a nossa única esperança seja que este último venha ainda alertar o mundo livre para o perigo mais insidioso em relação à vida moral inteira do homem. Tal perigo, inerente à filosofia fundamental do comunismo, não desapareceria com a extinção de ameaça de guerra, se tal ocorresse. Então, na

verdade, tendo suprimido todas as precauções, a humanidade correria perigo.

Constitui fenômeno curioso, que seria divertido contemplar se não fossem as suas terríveis conseqüências, observar esta monstruosa representação no palco internacional da história de Frankenstein. Aí está criação da filosofia da ciência ocidental que se liberou das instituições controladoras e está assumindo aspecto destruidor selvagem na nova montagem que os comunistas lhe proporcionaram, na qual se aceita literalmente a lógica materialista, que a tudo se aplica. No Ocidente, o cientista tem duas vidas, bem como duas filosofias, que conserva confortavelmente separadas. Uma é um tipo de bom senso, que supõe espírito real no indivíduo, o qual não procura de modo algum entender. Talvez mesmo o ligue à teoria da alma e o interprete na estrutura religiosa. A outra é mecanicista, perfeitamente limitada ao salão acadêmico, onde parece menos adequada do que na vida real. Somente uma vez por outra algum pensador ousado, entendedor, reto rompe a muralha isoladora, procurando fundir as duas. (O Doutor Edmund W. SINNOTT só ultimamente realizou nobre esforço para fazer tal síntese no livro *Dois Caminhos para a Verdade*.) A coexistência das duas filosofias em conflito é possível, no Ocidente, porque nenhuma revolução varreu as antigas instituições conservadoras como aconteceu na Rússia. E no Ocidente as instituições ainda têm mais influência para determinar a conduta do que todas do pensamento materialista. Neste ponto a criação de Frankenstein ainda está sob controle.

Os russos, porém, eram crianças de peito para o materialismo ocidental. Engulham-no totalmente, como sem pestanejar adotaram o cristianismo por édito do Príncipe Vladimir de Kiev, e como se ocidentalizaram sob Pedro o Grande. E agora o Ocidente tem algo de aterrador nos braços. A tais filosofias científicas, que se aplica tão satisfatoriamente ao mundo da matéria, com as energias físicas e o aspecto mecânico total da vida, constrói as mesmas máquinas de guerra para eles como o faz no Ocidente, as mesmas bombas destruidoras, aviões e submarinos. O grande drama torna-se sinistro

e trágico porque os governantes soviéticos procuram, com lógica ingênua, consciente e resolutamente fazer com que os homens e a conduta deles se ajustem a essas imagens físicas. Transformaram tudo em evangelho político, congelaram tudo em finalidade fanática. Essa criação monstruosa de Estado mecanicista com "moralidade" mecanicista volta-se agora para o mundo ocidental, cuja ciência o criou, ameaçando destruir tudo quanto pertence ao seu fautor.

Esta maneira determinista de vida, entrincheirada no espírito de um povo e dotada do poder maníaco do nacionalismo, só poderá aumentar a violência de uma convulsão militar. Assim também a amoralidade mecanicista do sistema comunista proporciona aos seus seguidores objetivo desimpedido de ação, licença essa que o conflito filosófico dos seus opositores não permitirá a estes praticar. Tal circunstância aumenta desmedidamente a vantagem que se deve reconhecer ao programa soviético em qualquer conflito que venha a ter com o Ocidente.

Os comunistas russos desfrutam de outra grande vantagem. Esta reside na divisão do pensamento que ainda persiste em países como a América do Norte. Não me estou referindo à divisão em relação ao isolacionismo ou a teorias econômicas. Ao contrário, trata-se da divisão dos povos mais capazes e esclarecidos do Ocidente relativamente à própria questão donde partiu o comunismo - a teoria da natureza do homem e das forças que atuam na sociedade. Escolas profissionais dentro da mesma universidade ensinam e pregam, caracteristicamente, aos seus alunos concepções conflitantes da natureza humana. Certamente, não será de esperar que o estudante de medicina ou o psicólogo norte-americano critique duramente os soviéticos pelos esforços que fazem no sentido de aplicar o conhecimento aceito de manuais da mesma espécie dos que estão estudando. Afinal de contas, deste lado da Cortina de Ferro faz-se o mesmo esforço para forçar o indivíduo dentro da moldura mecanicista como se realiza do outro lado. Não é significativo que os eruditos ocidentais não têm atacado o comunismo ao nível das idéias fundamentais?

Com toda certeza não há necessidade de argumentar a favor do valor, mesmo em conflito material, de espírito unificado entre as pessoas que nele tomam parte. Na luta atual de ideologia no mundo, o Ocidente não pode permitir que as pessoas fiquem meio materialistas e meio espiritualistas na filosofia que adotarem. A força moral do país poderá ser perfeitamente o fator decisivo na luta e essa força depende da segurança que o povo tiver da justeza da sua posição. Em termos de eficiência em comparação ao custo, a atitude de grupo unificado é talvez a melhor espécie de armamento que existe. Francamente, portanto, a liderança ocidental precisa chegar ao fundo das questões intelectuais com o comunismo. Se a ideologia comunista é falsa, devem revelar-se claramente os fatos que o demonstrem, reforçados e explorados inteiramente. Nada, entretanto, senão a autoridade da ciência sobe melhor forma será capaz de levar a convicção ao mundo - e conservá-la - a tal ponto. Será possível que as pessoas capazes, em número suficiente, enxerguem esta dimensão causal do problema comunista e o façam em tempo de sorte a poupar à humanidade a aprendizagem dispendiosa pela experiência? Poderá parecer que esta discussão divagou para muito longe. Tal não se dá, porém: toda a integridade ética do mundo está comprometida no desafio moral do comunismo. Se o comunismo não é maneira nova e distinta de tratar os seus semelhantes, na massa, o que é então? A primeira e grande pergunta a respeito deveriam ser: Possui premissa firme de fatos incontestáveis? A prova resultante da parapsicologia o contradiz manifestamente. E o que é mais, é a única ciência que o faz de maneira rigorosa e inequívoca. Aqui está, portanto, pelo menos um começo da conquista intelectual do comunismo, pronto para os que se preocupam com a lógica que lhe serve de base. Programa amplo de pesquisa firme sobre os aspectos não-físicos do homem poderia tornar-se nova influência unificadora na vida ocidental, fator central de entendimento, em torno do qual se estruturariam melhores relações humanas. Poderia pelo menos unir a nossa própria casa que está dividida, os nossos corações que não estão indivisos, na direção

desta solução fundamental do materialismo, do qual o comunismo é simplesmente frutos amargos, cheios de espinhos.

A fraqueza do Ocidente não reside somente no conceito dividido da natureza do homem. Consiste de muito mais do que diferença em ideologia ou filosofia. Processa-se atualmente em volta do mundo uma luta prática e realista pelo coração e espírito do homem como ocorreu no século XVI com vela e espada para a conquista das áreas desconhecidas do globo. E embora hoje o comunismo tenha talvez como motivação real somente o impulso de buscar o poder para dominar o mundo, o programa ostensivo de propaganda é bastante positivo em prol do melhoramento social e econômico da humanidade. Nem há negar que esse programa prometido de melhoramento econômico, seja qual for a sua sinceridade ou o seu verdadeiro valor, constituiu arma de tremendo valor nas mãos da liderança soviética. Uma das provas mais evidentes é estar manifestamente levando outras nações, principalmente a América do Norte, a generosidade dispendiosa, sem precedentes, e concorrente contra a vontade.

A ironia dessa guerra fria de "altruísmo" está em que as próprias religiões que o comunismo suplantou devem dedicar-se expressamente à salvação do homem, e os seus fundadores não esqueciam o bem-estar social. Criou ideal e código de conduta tão elevado para o homem que se considerou de origem divina. Entretanto, depois de período de experiência de muitos séculos o sucesso dessas religiões em conduzir os seus adeptos a maneira satisfatória de viver tem sido tão pequeno que as massas frustradas, desesperadas, infelizes, temerosas voltam-se, nesse choque comum das ideologias, para essa nova promessa de espécie melhor de salvação. Muito embora se saiba que as promessas marxistas são falsas, é indiscutível que têm convencido grandes grupos. Encontrar-se-ia o motivo para isso no vazio, na falta de sólida base para as doutrinas com que essas pessoas viveram no passado? Ter-se-ão mostradas essas alegações dogmáticas tão incapazes como orientação para a vida satisfatória que até mesmo a maneira comunista pareça melhor?

Pelo menos, ninguém deve enganar-se pensando que são somente as massas iletradas, incapazes de pensar que aceitam o apelo do comunismo como último recurso. Como todos sabemos, convenceu alguns cientistas dos mais brilhantes do Ocidente, e isso apesar do grande elemento de procura do poder por parte dos russos que poluiu a correnteza. Porque, na realidade, não havia de convencê-los? Pergunto à liderança científica dominante no Ocidente o que, na verdade, impede a todos quantos são tão materialistas na filosofia como os comunistas de seguir o mesmo curso lógico?

Nada sei que fosse mais salutar do que reconhecer francamente a fraqueza da ideologia existente das democracias ocidentais em enfrentar esse desafio do comunismo. Não é bastante rotulá-lo e pregar contra ele. Não é seguro identificá-lo somente com a Rússia e confiar na superioridade das armas. É perigoso esperar o colapso dos regimes comunistas ou a contra-revolução. Se a sabedoria, a ciência, a inteligência têm qualquer significação nesta questão, não nos deveríamos satisfazer senão com a análise pesquisadoramente honesta do princípio central do qual o comunismo tira toda a força intelectual. Tudo mais será simplesmente tratamento de sintomas. Dispondo de semelhante análise, se não for muito tarde, haverá esperança de despertar social para redescobrir o homem - aquele que as ciências não conheceram nunca.

Infelizmente não é tão-só brecha econômica que o comunismo está enchendo. Nem é simplesmente inovação política, abrindo caminho por meio de novos artifícios. É um desenvolvimento, normal ou anormal, que está ocupando grande vazão ético do mundo de hoje, e a menos que o vejamos sob este aspecto duvido que as nações ocidentais, mesmo dispondo de superioridade técnica, se salvem ou salvem o mundo do comunismo; porque não se encontra o vácuo tão-só nos países já comunizados. Encontram-se os mesmos pontos fracos por toda parte. Que deficiência, que moléstia, que patologia social é esta que convida o organismo invasor?

É uma fraqueza que resulta do choque de grandes idéias. A civilização desenvolveu através dos séculos idealismo social e

religioso de alta categoria, tendo origem e tradição na Palestina e na Índia, enriquecido e sistematizado pela interpretação européia. A maneira de viver resultante dessa herança forneceu nobre estrutura de idealismo, de noções de liberdade de pensamento, de conduta reta, da regra áurea, da filosofia do bom vizinho, fraternidade mundial, e altruísmo em geral. Não é preciso discutir que estes ideais se tornaram forças reais na vida, influenciando mesmo, até certo ponto, sobre os chefes de Estado e atingindo a vida e a conduta dos homens. Na verdade, poucas pessoas, sejam ou não por serem produtos dessa cultura, duvidaram algum dia intelectualmente da aceitação desses ideais para a conduta dos homens. É banal dizer que todo o mundo sabe seria melhor se todos vivessem segundo esses ideais. (E, conceda-se, são essas religiões tão criticadas que alimentaram e conservaram esses ideais através dos tempos.)

Porque, então, dispondo de todos esses elementos de orientação, entrelaçados à estrutura instrutiva e ao sistema de valores da vida, o mundo ainda é triste lugar para as grandes massas da humanidade? O primeiro motivo é que se construíram esses valores sobre teorias do universo não provadas (e hoje ultrapassadas) da vida, e da natureza do homem. Perderam, portanto, a força quando os hábitos de instrução e de pensamento dos homens passaram cada vez mais para processos científicos de investigação e padrões científicos da verdade. Somente os extremamente crédulos ligam grande importância à finalidade dos escritos antigos dando a entender serem de revelação divina, se não houver qualquer demonstração moderna de verificação em apoio da doutrina antiga.

O segundo motivo é que em torno dessas antigas doutrinas desenvolveram-se organizações que tiveram grande poder sobre a vida humana, instrução, maneira de pensar, e muitas vezes ultrapassaram insensatamente a própria função, influenciando mesmo sobre a vida política dos homens e as suas liberdades. Entrincheiraram-se fortemente e adquiriram extrema experiência na maneira de controlar a conduta e a filosofia do homem. Cada uma dessas organizações agarra-se tenazmente aos próprios ensinamentos sagrados, à própria versão da verdade, estando sempre disposta a

combater com uma bateria muito eficaz de armas qualquer esforço para alterar essa verdade, melhorá-la, prová-la ou adaptá-la às necessidades diferentes de um mundo em progresso. Essas organizações têm sido barragens eficazes ao través das correntes do progresso humano, tendo-se revelado mais eficazes nas correntes mais decisivas para a vida humana. Só rompem essas barreiras às revoluções explosivas ou a lenta erosão do tempo e da falta de uso.

Existe na própria ciência um fator que alarga essa brecha tão convidativa ao desenvolvimento da ideologia comunista. Os meios pelos quais o homem melhorou lentamente a maneira de viver vieram a ser conhecidos, em geral, como ciência. Sob a ciência, para dar um exemplo, desenvolveu-se agricultura melhor. O homem aprendeu a conservar a saúde por meio da ciência da medicina. Pela ciência da engenharia melhorou os meios de transporte e comunicação. Contudo, na maneira de comportar-se em relação a seus semelhantes, não se observou tal desenvolvimento. Não é somente que se hajam mantido os problemas em um canto sagrado a eles reservado, protegidos por doutrinas sobrenaturais, entregues ao domínio da igreja; é mais do que isso. Os problemas do comportamento são necessariamente mais difíceis; há limites à espécie de experimentação possível, embora muita vez se exagerem desnecessariamente; ainda mais, como se pode ver facilmente, o ser humano é muito mais complexo para com ele se trabalhar do que uma substância química pura ou mesmo uma pequena porção de tecido. O número de variáveis a controlar é grande demais para que a experimentação seja fácil e cômoda.

Entretanto, mesmo esta circunstância não explica o atraso, mesmo em combinação com os outros fatores mencionados. A reação anti-religiosa e antimetafísica que tem prevalecido fortemente entre os que trabalham com o comportamento do homem têm tendido a torná-los tão relutantes a atacar os problemas mais vastos das relações humanas e da ética quanto à liderança das organizações religiosas tem-se mostrado relutante em abandoná-los. Tomemos um exemplo que permite focalizar inteiramente toda a relação desse quarto fator: A ética religiosa tem-se orientado através

dos tempos para muitos dos povos do globo para a vida além do túmulo. Certa espécie de sobrevivência do espírito ou imortalidade da alma constitui dogma fundamental na maioria das religiões, pedindo-se aos homens que vivam tomando por base esta orientação celeste. Entretanto, nenhuma igreja ortodoxa empreendeu algum dia investigar cientificamente a vida futura como outros problemas humanos tem sido investigados.

Exprimem-se mesmo as formulações teológicas de sorte a parecer desnecessária tal investigação senão indesejável. Supõe-se, portanto, que se aceite por fé a resposta da religião à questão do fim do homem - espécie de fé que não raciocina. Não devemos esquecer, contudo, que a religião já esteve uma vez igualmente certa a respeito da origem do homem como espécie.

Mas as ciências como tais têm-se mostrado tão inteiramente negligentes como a religião quanto ao destino do homem depois da morte. É muito raro encontrar algum cientista social que tenha revelado qualquer interesse pela investigação de semelhante problema. Alguns poucos, como William JAMES ou William MCDOUGALL deram início a algumas investigações do problema científico, mas não adquiriram por isso qualquer renome na profissão.

E por esta brecha que o comunismo acha agora o caminho desimpedido; é área entre religião que tem receio de investigar como as ciências o têm feito e ciência que tem medo de investigar os problemas da religião. Não é que os comunistas estejam elaborando respostas científicas à questão da sobrevivência pessoal depois da morte ou à da conduta humana; não é que se tenham apresentado para resolver qualquer dos problemas desprezados pela igreja ou pela ciência ocidental; ao contrário, é que o comunismo toma a iniciativa e não encontra qualquer oposição porque as instituições ocidentais quase nada fizeram quanto a estes assuntos decisivos da vida e da morte. O vazio aí está e naturalmente não é preciso grande esforço ou pressão para enchê-lo. Entre a negligência da antiga religião e o fracasso da nova ciência, deixou-se espaço que é muito natural venha a ser ocupado por excrescência ou intrusão parasítica

semelhante ao comunismo, que se apresenta como tendo base sólida na filosofia da história e na ciência. Oferece proporcionar à humanidade a resposta às necessidades gritantes de alimento, abrigo, segurança, saúde, instrução e paz - todos os grandes valores que outras instituições prometeram um tanto em vão por muito tempo. Na escolha entre a promessa nova não experimentada e a alegação antiga refutada, é de esperar que a primeira prevaleça.

O quadro do diagnóstico, portanto, reduz-se ao seguinte: a filosofia marxista foi produto da época, e o desenvolvimento do comunismo conseqüência do desprezo a que se votaram os maiores problemas da vida. O mundo permitiu às instituições que olham para trás que se manifestassem em demasia sobre o que se deve explorar, sobre os novos progressos indispensáveis à orientação do homem. Permitiu que os departamentos de psicologia se preocupassem com problemas secundários, periféricos deixando o mundo ir às favas enquanto espera ir para céu.

Haja ou não filosofia moral que salve o mundo, não é fácil pensar em um mundo que mereça salvar-se sem uma. Será, porém preciso que seja, moral positiva e não a variedade "não há de... que tem sido principalmente o tipo até agora imposto à nossa cultura. Até onde se estende à história, parece que essa moral negativa tem por ordem os sistemas éticos resultantes, na maior parte, dos centros governantes, combinação da igreja com o estado que dominou o mundo antigo, o medieval e mesmo parte do moderno. Agora, porém, dispendo-se do ponto de vista individual mais à frente e do conceito de democracia pelo menos no espírito, impõe-se criar ética que se oriente não só pelo ponto de vista de manter o indivíduo no seu lugar mas também o de ajudá-lo a achar esse lugar. Desejamos maneira de viver que seja boa para o povo que a vive e não boa somente para algum indivíduo superior ou grupo governante ou classe dominante.

Ética positiva, porém, significa mais do que isso. Significa aquela em que a meta da visão mais perfeita da vida domine a formulação da política, da prática e dos padrões. Não será meta que se haja de alcançar, transformada em seguida em convenção, fixada

e firme para o resto do tempo, mas conceitos progressistas, adaptáveis, que passe à frente da capacidade crescente do homem para apreciar o grande potencial da própria experiência. Deverá ser visão criativa, aspiração projetada para muito além da realização imediata, como o alcance celeste excedeu o nosso domínio. Deverá ser ética tão cheia de compulsões vitais de nossa natureza mais inteiramente descoberta que encerre a alegria de cada um no bem de todos, meta, porém, que pela própria natureza, nunca fica para trás, mas continua a desafiar investigações mais novas a cada avanço da compreensão.

Sonho simplesmente - sim, agora. O conceito de ideais éticos, fluidos, criativos é demasiado novo para realização imediata. Que se deve esperar? Qualquer progresso ético do passado foi esmurrado pela conservação, codificação e defesa contra heresia. Ainda vai ao arrepio da nossa cultura ocidental intrometer-se alguém com os padrões morais; muita gente pensa que é melhor deixar de lado tais assuntos. A própria idéia de instituir-se programa para ampliar a base do gozo da vida pareceria, de certo modo, imprópria. Acarretaria alterações em padrões convencionais. Poucos, talvez, chegariam a ponto de dizer que tinha parte com o diabo, mas muitos o achariam inconveniente, e para a maior parte seria assunto a promover vagarosamente.

Está bem; talvez seja necessário permitir ao comunismo comprimir-nos um pouco mais. Quanto mais se aproximarem, tanto mais se apressará a nossa "generosidade", não só em relação a provisões e empréstimos mas também na aceitação de novas idéias. Tem-se praticado tal liberalidade forçada durante anos como, por exemplo, no setor de tolerância racial. A necessidade de bases aéreas na África faz com que os povos de origem africana sejam mais bem tratados pelo país, que tem necessidade das bases para defesa contra os russos.

Todavia, com o tempo, mesmo sem o estímulo do comunismo, é de esperar que a cultura ocidental perca a inclinação retrograda, para adotar atitude progressista, inquiridora no sentido de tirar o maior proveito da vida. Talvez se dê começo então à pesquisa fundamental

necessária. O terceiro "direito inalienável" do homem seria então liberado da longa imobilização debaixo do capacete de gelo da ortodoxia e, florescendo, produziria colheita alpina de satisfação das potencialidades da vida. Certamente, a "busca da felicidade" não é menos sagrada ou justa para o homem apesar de toda a estreita teologia por meio da qual se projetou a maior parte da alegria de viver a um céu compensador após a morte.

Na realidade, a pesquisa necessária para proporcionar melhor base a fim de que se aproveite convenientemente à vida, não seria particularmente difícil. Acompanharia tão de perto outras pesquisas de comportamento social complexo, outros estudos psicológicos, que não seria a dificuldade de realizá-la que viesse retardar o progresso do projeto. A dificuldade real estará em chegar a dar qualquer passo inicial em projeto tão desconhecido. Não será pesquisa primariamente parapsicológica, embora alguns processos da parapsicologia sejam úteis, como, por exemplo, para a investigação posterior do problema da liberdade.

Esta questão da liberdade, sua natureza e extensão, são naturalmente de grande importância em qualquer programa de ética, mas especialmente no que tiver objetivo positivo. Se existe algo como escolha volitiva livre haverá sem dúvida maior ou menor volume desta, na dependência de algum elemento ainda desconhecido. Seria indispensável descobrir esse fator desconhecido, procurando controlá-lo. A faculdade moral da raça humana é, em si mesma, fator altamente variável de indivíduo a indivíduo e até mesmo dentro da vida de certa personalidade. Conhecem-se muitos fatores, mas a questão fundamental consiste em saber em que quantidade o indivíduo possui liberdade verdadeiramente criativa. Quanto mais conhecimento se adquirir a respeito da reação diferencial cérebro-pensamento, tanto mais ficaremos em condições de compreender o que se passa na conduta e realizar algo realmente eficaz a respeito. Será de grande importância saber como essa reação pode ser livre, bem como até que ponto.

Haverá ainda outras influências possíveis das investigações de psi, muito embora não sejam de primordial importância para o

projeto ético principal. À proporção que os experimentadores desse campo continuarem a procurar a extensão e a profundidade da legitimidade diferencial entre os processos de psi e o mundo físico, é de esperar que hão de surgir os contornos de toda a estrutura psíquica da personalidade. Seria grande empreendimento a adicionar ao conhecimento utilizável do espírito humano, o que é, qual a sua natureza e quais as relações com o cérebro. Será preciso não esperar por pesquisa desta natureza.

Se os russos não estivessem agora balouçando o barco, seria necessário muito tempo para que essa idéia fantástica da ciência da ética penetrasse o espírito do educador conservador. Foi necessário aproximadamente um século para que a penetração poética de BURNS e TENNYSON e outras figuras literárias a favor da fraternidade mundial e do "parlamento do homem" alcançasse certo grau de realização na assembléia geral das Nações Unidas. Foram também necessárias duas guerras devastadoras. Se agora os acontecimentos ficarem oscilando por algum tempo, sem que se movam por demais depressa pelo caminho irreversível do cataclismo, os mundos ocidentais talvez finda despedace grande parte das cadeias que têm escravizado o espírito humano à confiança cega no passado nestas questões decisivamente urgentes. Se tal se der, até mesmo a abertura insignificante que se realizou até agora, oferecendo o vislumbre de atributos mais ricos da personalidade, terá lugar significativo. E a que maior conquista poderia o homem aspirar do que realizar um movimento para capturar parte da energia impulsiva que impeliu tantos indivíduos a procurarem o consolo bravio e amargo do comunismo no repúdio desesperado do passado - capturá-lo e transformá-lo em pesquisa construtiva, científica? Pois é provável que esses pesquisadores potenciais, em sua maioria, aspirem com todos nós à ampliação dos ideais de como viver, como tornar a vida agradável, como lhe responder às solicitações inteira e bravamente, às suas tentações, mesmo ao termo final, pela maneira mais satisfatória que a pesquisa segura for capaz de descobrir.

Ética assim forjada nas chamas da prática comprovada, daria ao homem a vitória não só sobre si mesmo mas lhe estenderia o triunfo

sobre a natureza. Faria ainda mais. Contribuiria para enfrentar essa prova muito superior do armamento moral do indivíduo, as separações causadas pela morte. Seria indício de ética boa e adequada que nos permitira corresponder inteiramente ao desafio das linhas de William Cullen BRYANT em "Thanatopsis":

**De tal maneira vive que em chegando
A hora de passar da caravana
Imensa em busca do misterioso
Reino em que cada um terá a própria
Cela nos silentes salões da morte,
Não vás como o escravo vergastado.
À noite para o calabouço, mas
Sustentado por fé inabalável
Aproxima-te da tumba como aquele
Que se envolve na colcha de Damasco
À espera de sonhos aprazíveis.**

Seja o que for a que se possa atribuir tal fé inabalável, os homens que pensam a isso têm direito, ao contemplar a aflição e a morte. A própria verdade essencial e as avaliações e disciplinas confortadoras que a integram à vida são todas indispensáveis para levar a humanidade à frente, com alegre antecipação a cada aurora, mas sem lastimar nunca o tributo que cada dia exige, e mantendo-se até o fim em equilíbrio com a vida.

PARTE IV

PERPECTIVAS PARA ULTERIORES EXPLORAÇÕES

A parapsicologia é ciência para o futuro. Ainda não teve tempo, como marcham as ciências, para adquirir passado de grande relevo. Mas se tiver de ter futuro apropriado, terá de formular e manter programa efetivo de pesquisa com os laboratórios e o pessoal necessário para realizá-lo. É, portanto, uma das principais experiências da parapsicologia de hoje verificar se um laboratório inteiramente dedicado a esse setor é capaz de manter-se e realizar certas situações oficiais, permanentes, com segurança de apoio continuado. Embora tal laboratório tenha existido e funcionado durante mais de vinte anos na Universidade de Duke, não teve, durante todo esse período nem tem hoje certeza de continuação que corresponda a mais alguns anos.

Notam-se, por outro lado, algumas considerações reconfortantes. As atividades de pesquisa em parapsicologia tornaram-se realmente nos últimos anos, muito generalizadas geograficamente. Observa-se neste campo atualmente uma rede de relações ativas de pesquisa pelo mundo afora como nunca antes.

Há certo contato e colaboração entre experimentadores que trabalham na Grã-Bretanha, Austrália, Suécia, Holanda, África do Sul, Alemanha, Áustria, Chile, Índia, Noruega, França, Itália e Japão. Tais relações indicam espírito e vitalidade na pesquisa gerais e internacionais, de modo algum localizados. Se não houvesse esse impulso ativo no sentido de investigar conforme o indicam essas pesquisas, não haveria segurança, apoio e garantia para o futuro capazes de realizar seja o que for. No passado foram às descobertas reais da pesquisa e suas implicações que obtiveram todo o apoio que este setor tem tido. Esta atividade de pesquisa amplamente dilatada constitui pelo menos certa justificação para a expectativa de progresso continuado e continuado apoio.

Entretanto, a parapsicologia não convém a indivíduos apressados. Alguns corações menos fortes que se aventuram neste campo difícil desanimam ao verificarem que, depois do que lhes parece longo período, ainda não conseguimos controlar esses fenômenos caprichosos, vendo-nos forçados a captá-los por meio da rede de arrasto da estatística. Sentem-se deprimidos porque não

vêm qualquer perspectiva segura para o futuro; ninguém sabe se será possível controlar seguramente a aptidão psi. Enquanto não for possível planejar um programa de desenvolvimento para aplicação prática ou mesmo para demonstração infalível, todo o futuro da parapsicologia parecerá incerto e o campo se afigurará cheio de riscos para o explorador.

Todavia, essas pessoas que desanimam facilmente vêm somente metade da cena. Tudo quanto se sabe atualmente a respeito de psi a conjuga definitivamente à ciência natural. Sutil como é, psi reage aos processos de estudo que resolveram outros fenômenos difíceis e sutis da natureza. Talvez seja preciso muito tempo para captar os princípios subjacentes e conseguir o controle sobre eles que a natureza permita, mas nada há que indique a impossibilidade de semelhante controle. Esta situação de ignorância a respeito de um processo qualquer é sempre desanimadora, porque ninguém pode avaliar quão grande ou quão longo será; mas não existe qualquer motivo que nos impeça descobrir o que ainda resta com relação às funções psi, e, quando o conseguirmos, teremos o mesmo poder aumentado sobre eles que a compreensão sempre proporciona, permitindo nos trabalhar inteligentemente com eles em lugar de cegamente. Quando o trabalho com as aptidões de psi se tomar ciência aplicada, suscetível de converter-se em habilidades e artes, e quando for possível treinar os experimentadores a manusear perceptivamente as aptidões que estiverem investigando, transformar-se-á a pesquisa da parapsicologia. Naturalmente todos gostariam de saber quando isso se realizará!

Naturalmente é desanimador para os que pretendem ser parapsicólogos que até agora seja impossível prometer qualquer futuro profissional neste campo de pesquisa. Não existe na América do Norte qualquer cadeira ou professorado em parapsicologia, dotada ou de qualquer outro modo estabelecida, instituída permanentemente que proporcione carreira de tempo integral, na pesquisa, na prática ou no ensino. É perspectiva deprimente para aqueles que, movidos pela impressão da importância desse campo, gostariam de dedicar-lhe a vida, apesar dos riscos e dificuldades.

Entretanto, ainda neste caso, este é somente um aspecto da situação. Antes de tudo, esta dificuldade é normal para novo campo; e há sempre a possibilidade para o indivíduo que disponha de suficiente resolução e ousadia de abrir caminho conforme têm feito no passado e no presente inúmeros pesquisadores de parapsicologia. Exige adaptabilidade especial, mas os pioneiros a têm sempre. A fundação, há pouco anunciada, da cadeira de parapsicologia na Universidade de Utrecht é um passo à frente, embora o catedrático (Doutor W. H. C. TENHAEFF) receba subsídios de fonte estranha à Universidade.

À parte o professorado, a base mais lógica para a instituição da profissão parapsicológica é a prática do conselho. Certos grupos profissionais, como os psicanalistas, se estabelecem por essa maneira. Existe atualmente no mundo, conforme revela a mala do correio, muitos milhares de pessoas que têm problemas entendendo com psi sobre os quais gostariam de receber conselhos competentes. Tais problemas poderão revestir a forma de ansiedade produzida por experiências enigmáticas de alguns membros da família, uma criança que adivinha a resposta injustificadamente para as explicações correntes; mãe que tem sonhos repetidos de premonições aparentes a respeito do filho soldado; homem de negócios que teve toda a vida pressentimentos felizes mas que agora fica a imaginar o que estará por trás deles; padre cujas experiências compreendem conhecimento extra-sensorial e ao mesmo tempo aborrece o bispo; mulher cujo marido estava em avião que caiu no Tibet mas cujas experiências de psi na ocasião a levam a esperar que ainda esteja vivo; marido que deseja resolver se as mensagens e sinais que está recebendo provêm da esposa falecida; artista que deseja provocar a relação mais completa possível, inclusive telepatia, com o sujeito; pobre diabo que precisa de auxílio por acreditar que alguém está empregando a telepatia para prejudicá-lo; jovem noiva cujo noivo, soldado em terra estrangeira distante, deseja saber tudo quanto for possível sobre a maneira de provar o contato que sente ter com ela - relacionar todos estes casos encheria páginas.

Resta ver quando e como uns grupos de conselheiros treinados e bem preparados deveriam tomar conta desta área de responsabilidade. Será, porém, quase inevitável que se produza semelhante desenvolvimento profissional e quanto mais cedo se retirarem tais serviços das mãos dos que não possuem treino ou qualificações para tratar deles, tanto melhor será para os muitos milhares de pessoas que consultam as várias formas de conselheiros ocultos, que se encontram na maior parte das grandes comunidades do mundo.

Existe outra dificuldade com a parapsicologia, a respeito da qual já falamos bastante - a falta de reconhecimento profissional. Ser tratado com frieza por outros cientistas constitui real desvantagem para o pesquisador, mesmo que não lhe perturbe a serenidade. Uma conseqüência é a dificuldade de receber uma parte dos fundos disponíveis de pesquisa das fundações filantrópicas ou de outras fontes normais. (Não seria possível pelo menos estabelecer uma fundação que auxiliasse os pesquisadores mais audazes, baseando-se no merecimento dos problemas e dos processos, nas circunstâncias em que mais precisassem?)

Falta de reconhecimento também pode isolá-lo de contatos naturais com organizações científicas, privando-o durante toda a vida das satisfações e compensações usuais que acompanham os sinais costumeiros de reconhecimento ou os constituem. Embora o pesquisador amadurecido possa resignar-se a essa situação, os jovens, em alguns casos, dissuade-se de entrar para uma profissão que oferece perspectivas tão austeras.

Contudo, a questão de reconhecimento também tem outros aspectos. Em primeiro lugar, para qualquer campo de trabalho que tenha base sólida, o período de ilegitimidade é tão-só temporário. Basta ler um pouco da história científica para verificar que, em regra, quanto mais se resiste a uma descoberta válida de início, tanto mais atenção se lhe dispensa e aos seus contribuidores quando finalmente aceita. E já há sinais que a maré está começando a mudar para a parapsicologia. O estágio de crítica direta está quase ultrapassado e em particular ouvem-se muitas palavras favoráveis,

sendo que algumas estão mesmo aparecendo impressas. Como é comum dar-se com desafios intelectuais novos, revela-se maior interesse entre grupos profissionais da Europa Ocidental do que da América. Os da Grã-Bretanha e Holanda, especialmente, mostram-se adiantados quanto à reação a psi. Grande número de sociedades científicas e universidades importantes realizaram séries de palestras ou conferências sobre parapsicologia. Na América parece que os americanos não acompanham os europeus senão com um atraso de uma ou duas décadas. Mesmo entre psicólogos americanos, a percentagem dos que responderam francamente ao levantamento de ESP realizado por WARNER (a que nos referimos no Capítulo 2) foi um tanto maior depois de catorze anos. Nota-se outros sinais de maior presteza por parte do cientista americano em examinar as alegações a favor de psi.

Ainda uma vez, mencionamos freqüentemente neste livro terem sido as dificuldades filosóficas sério empecilho à aceitação das investigações de psi. É até mesmo acertado dizer que se não tivesse havido qualquer implicação filosófica perturbadora inerente aos resultados das pesquisas de psi (nenhum conflito com o materialismo) ninguém se preocuparia com a situação da parapsicologia em um ou outro sentido; mas também suspeito que talvez não houvesse qualquer interesse.

Todavia, o futuro deve ser razoavelmente brilhante no que respeita a filosofia de psi. Nunca os filósofos demonstraram maior interesse como estão mostrando hoje, tanto na América quanto na Europa. De fato, um dos sinais de progresso é terem os filósofos, em muito maior número, agora que os psicólogos deixaram de discutir, pelo menos em público, sobre problemas de psi, começado a encarar seriamente os resultados. Assim não o fariam se os resultados ainda se mostrassem muito quentes para manusear. Os filósofos deveriam pelo menos esclarecer para os psicólogos a confusão alicerçada no espírito deles com relação a elo imaginário entre psi e uma teoria de dualismo absoluto de corpo-espírito do pensamento cartesiano; semelhante dualismo encerra terrores especiais para os psicólogos.

Apesar disso, dispondo de todas essas explicações protetoras, será simplesmente sensato dizer que as perspectivas para a parapsicologia estão longe de seguras a qualquer respeito; ninguém o compreende melhor do que quantos se têm esforçado por torná-la ocupação de tempo integral. O trabalho está-se tomando mais técnico, especializado e difícil; exige não só pesquisadores inteiramente concentrados, mas grupos de especialistas que tratem dos projetos mais importantes. E mesmo que todos se apresentem finalmente, não há certeza alguma de prematuro reconhecimento ou apoio para qualquer dos planos de pesquisas ou para qualquer aplicação segura da aptidão de psi que alterasse profundamente a situação.

Por outro lado, o pesquisador não precisa ter certeza. As probabilidades contra ele no campo da parapsicologia estão declinando; terminaram as batalhas mais árduas e também possivelmente, os tempos mais duros. Podemos pelo menos dizer que, apesar de obscuro como ainda se apresenta, o futuro parece mais brilhante atualmente do que nunca, aproximando-se um estado que todos os pesquisadores desejam, em que possa ir para frente livre e desimpedido até as metas mais elevadas da pesquisa. A segurança mais estável de apoio continuado está em que hoje um público muito maior e mais instruído se interessa pelas pesquisas de parapsicologia do que algum dia se viu nos Estados Unidos, graças em grande parte aos cientistas escritores e editores de jornais e revistas. Esta audiência, mais do que imagina, sustenta os braços dos pesquisadores pelo interesse franco e honesto que tomou pelo que ele está realizando. Este interesse público é a melhor garantia do futuro da parapsicologia, de pesquisa segura, crítica, construtiva, que não se deterá diante de qualquer problema que diga respeito à natureza transcendente da personalidade até que o homem conheça a si mesmo tão completamente quanto possível.

O futuro da parapsicologia tem de depender, contudo, mais do bom julgamento na escolha e formulação dos problemas pertinentes na ordem correta do que de considerações secundárias que acabo de discutir, por mais importantes que se afigurem onde estão. Tal

escolha, se não for prática, poderá paralisar quase completamente o progresso que se realiza lentamente; ou se afastar demasiado dos interesses centrais do grupo que os apóia, poderia custar à pesquisa o apoio que não será nunca muito adequado; ou, se não for bem orientado cientificamente, poderá atolar a pesquisa em agitação de interpretações confusas, perdendo o respeito que ganhou dificilmente através dos anos. Parece, portanto, conveniente tomar para assunto do último capítulo a questão dos problemas que devem vir em primeiro lugar no trabalho de pesquisa que se oferece. Encontrando a perspectiva certa quanto aos problemas e tomando-os na ordem conveniente, ter-se-á metade do segredo de manter eficazes os esforços da pesquisa.

Capítulo 10

Os Maiores Problemas na Perspectiva Atual

Qual o principal objetivo de agora em diante, qual a maior ênfase na exploração ulterior deste novo mundo? Não existe, naturalmente, qualquer problema único para todos; mas poderá haver com vantagem acordos em grandes áreas gerais de interesse que se concentram em problema de maior magnitude. Qual seria o objetivo de pesquisa mais vasto com relação ao qual os parapsicólogos de hoje se pusessem quase de acordos? Evidentemente certo grau de coordenação e ataque combinado

seriam mais bem sucedidos do que a dispersão desordenada de esforços em todas as direções possíveis.

Por outro lado, independentemente de qualquer acordos geral quanto à ênfase, muitos dos que estão trabalhando ativamente agora continuarão a fazer o que estiveram e estão fazendo; certas diretivas de investigação estão bastante bem estabelecidas e são suficientemente promissoras para que mereçam ser levada à conclusão, independentemente de alterações no interesse corrente. De qualquer maneira, há fatores que entram na escolha de um projeto de pesquisa muitas vezes mais importantes para o pesquisador isolado do que as considerações gerais que vou agora discutir. Uma vez apurado o interesse especial ou adequação ao estudo especial a realizar, o sucesso inicial que tenha tido em pesquisa preliminar, o grau de oportunidade de que disponha para executar o trabalho e talvez conseguir algum apoio para o programa, ter-se-ão de levar em conta, e será melhor que se permita a cada um em campo pioneiro escolher por si que direção tomar. O incentivo superior que acompanha essa liberdade é, em si mesmo, de grande importância.

Qual a orientação fixada? Afigura-se do maior relevo a continuação do trabalho relativo às relações psicofísicas nas realizações de psi. Se, por exemplo, mostrar-se possível medir a energia em que implicam as experiências de deslocamento em Pc, será preciso animar de qualquer maneira tais esforços. De outro ponto de partida na mesma relação psicofísica, depara-se com o problema da precognição e das experiências de seus limites. Até que limite deixa de influir o tempo gasto no sucesso das experiências de precognição? Evidente, a comparação de percentagens de acertos em precognição não é suscetível de aceleração. E, em geral, a introdução de novos processos e novas questões acumula rapidamente complicações que facilmente exigem uma vida inteira de pesquisa.

A extensão de pesquisa de psi à biologia é empreendimento por demais interessante para correr qualquer risco de interrupção. Na realidade, é certo que se amplie o trabalho em anpsi muito além do

simples estudo comparativo da aptidão de psi nas diversas espécies, até a consideração da evolução, hereditariedade, fisiologia e localização da função psi. este ramo de investigação promete sustentar-se, em parte devido à novidade e em parte porque o trabalho com animais encontra menos ceticismo; provavelmente parece mais objetivo.

Naturalmente se continuará a pesquisa segundo certas diretivas psicológicas. Há outros assuntos que os psicólogos interessados podem atacar combinando as experiências de psi com séries de outras medidas. Assim também, resultando da própria pesquisa psi, há as indagações urgentes com relação ao que seja o fator (ou fatores) de omissão de psi, como se produzem os efeitos de posição, quais os processos de translação de precognição à consciência e assim por diante.

Há mesmo certos processos e maneiras de encarar que seria desastroso abandonar. Um daqueles é o emprego de experiências espontâneas de psi classificadas e interpretadas para a orientação do programa de pesquisa. Grande parte da orientação prática da pesquisa futura pode depender deste rico reservatório de matéria prima.

Observaram-se igualmente nos últimos anos ênfase quanto ao aspecto do processo, que seria fatal perder. É a utilização de aptidões psicológicas com o fim de proporcionar situação experimental capaz de conduzir a realizações de psi. Estão se acumulando paulatinamente impressões, observações e descobertas que permitirão formular conjuntamente regras e treinos que proporcionarão ao experimentador melhor percentagem de respostas corretas por parte dos sujeitos. Deve aumentar-se esta ênfase sobre as exigências psicológicas de experiência apropriada de psi, ao invés de perdê-la de vista.

Estas e outras práticas e projetos, por demais numerosos para os relacionarmos todos aqui, devem continuar e provavelmente continuarão. São todos bastante promissores, e o risco de atacar diretriz inteiramente nova foi grandemente afastado em tais casos.

A questão que agora vou passar a ponderar é qual deva ser o objetivo mais central e maior, se for possível formulá-lo. À parte os objetivos vagos e gerais, como seja o desejo de aumentar o conhecimento do homem, ou fazer progredir a ciência da parapsicologia, qual o alvo principal de pesquisa a que devemos visar no momento?

Para muitos, a primeira resposta seria: a meta ou objetivo de aproveitar de qualquer maneira a função psi. Vez por outra, através da história da psicologia, estudiosos bem informados do campo propuseram que, se fosse possível trazer o conhecimento de psi e as condições que conduzem à sua operação a ponto em que se tornasse viável alguma aplicação fidedigna, todas as dificuldades estariam vencidas. Todos aceitam resultados práticos. Alguma utilização, mesmo sem importância, ou comparativamente ineficiente, faria baixar a pesquisa a terra, ao mundo do bom senso; e até mesmo grupos de cientistas hesitantes se convenceriam rapidamente por essa espécie de demonstração prática.

Ainda mais particularmente, assinalou-se muitas vezes e é suficientemente evidente, que, se houvesse grau apreciável de controle ampliado a qualquer aptidão de psi e demonstrado suficientemente bem, recursos ilimitados de auxílio financeiro ou de outras espécies afluíam, de um modo ou de outro, em apoio às investigações de psi. Aconteceria mesmo que se obteriam facilmente os fundos necessários se conseguisse pelo menos um elemento de controle em relação à realização de psi.

Ninguém sabe quantos esforços já se realizaram no mundo inteiro no correr dos anos para a consecução somente desse objetivo. Sabemos serem muitos e variados. Investigadores sérios realizaram alguns desses esforços; para escolher exemplo familiar, fizeram-se tentativas para submeter às alegações dos adivinhos de água à verificação científica. (Tem-se observado através dos séculos opinião popular dividida em relação a essas alegações.) Embora não seja possível considerar que esses estudos científicos verificaram as alegações, os resultados não deixam de apresentar interesse para a

parapsicologia; a questão ainda está aberta, e a prática da rabdomancia está recebendo novas adaptações e vasta aplicação.(1)

1. BARRET e BESTERMAN, op. cit.; McMAHAN E., "Revisão da prova a favor da rabdomancia", *J. Parapsychol.*, 11 (1947), págs. 175-190; RHINE, J. B., "Experiências exploratórias em rabdomancia", *J. Parapsychol.*, 14 (1950), págs. 278-286 e "Desafio da vara de rabdomancia", id., 16 (1952), págs. 1-10; ROBERTS, K., *Henry Gross e a vara de rabdomancia* (New York: Doubleday, 1951) e *o Sétimo sentido* (New York, Doubleday, 1953);

Mas até agora, não existe arte ou prática convenientemente demonstrada de qualquer espécie a que se possa fidedignamente atribuir a aptidão psi. Tal a sentença, apesar das inúmeras tentativas para utilizá-la e de todas as possibilidades que ainda restam. Observaram-se esforços sinceros mesmo moderadamente bem planejados que fizessem psi operar fidedignamente, e se qualquer deles tivesse conseguido conduzir a resultados práticos, merecedores de confiança, parece acertado pensar que algum representante dos ramos da ciência tivesse entrado em contato com as descobertas. Isto nada tem a ver com a questão de saber se psi ocorre realmente; tem muito que ver, contudo, com a presteza de aceitarem as pessoas os resultados científicos.

De qualquer maneira, é acertado dizer que, até conhecer-se algo mais a respeito de psi do que todos os investigadores têm disposto através dos tempos, seria quase perda de tempo procurar utilizar psi atualmente. Por meio da análise dos resultados penosamente acumulados com o auxílio de processos estatísticos, tornou-se evidente aquilo em que esbarram esses pesquisadores práticos de aplicações, e é algo que dificilmente chegariam a conhecer como resultados das experiências. A explicação é simples e conveniente: consiste em ser psi inconsciente, não dispondo o sujeito de qualquer orientação introspectiva que lhe diga se está ou não certo, ou mesmo quando consegue experiência verdadeira de psi. Ante essa cegueira interna que mantém o indivíduo na ignorância do próprio êxito, não se pode confiar na opinião dele de ter ou não acertado, podendo ser mesmo somente um pouco melhor que adivinhação.

Não é, portanto, que os objetivos práticos estejam abaixo da dignidade do parapsicólogo ou dos seus ideais pesquisadores. É

provavelmente verdadeiro que os que adotaram este campo de pesquisas, em sua maioria, foram impelidos mais pelo desejo de realizarem descobertas a respeito da natureza do homem na esperança de melhorar o ajustamento da humanidade. Todavia, mesmo adotando objetivos humanos dos mais idealistas, seria ainda conveniente tentar utilizar praticamente a função psi, se tal fosse possível, mesmo tão só para provocar o reconhecimento e apoio de que precisam os pesquisadores.

Muito embora, contudo, esta avenida de entrada pareça fechada pela natureza, talvez esteja fechada tão só porque ainda não sabemos o bastante sobre a aptidão de psi que estamos estudando para descobrir passagem em torno da barreira da inconsciência. De qualquer maneira, será preciso prosseguir com o trabalho da descoberta. Ainda nos falta o conhecimento essencial que torne possível a utilização ou mesmo permita concluir quanto à possibilidade final de aplicação segura.

Na extremidade oposta ao problema da utilização prática encontra-se o de formular a teoria global para psi. Quase tantas vezes quantas se têm recomendado que o campo de pesquisa precisa de boa teoria aceitável de psi, tem-se alegado que a sua necessidade mais urgente consiste em qualquer espécie de aplicação segura.

Insiste-se geralmente em que uma teoria, mesmo que seja hipótese não verificada, preencheria o objetivo instrutivo de conjugar em um todo racional vasta série de resultados de experiências isoladas. Argumenta-se que muitos espíritos lógicos pedem pelo menos uma diretiva de explicação possível antes da aceitação dos próprios fatos e que fatos, como os que resultam das pesquisas de psi, desafiando a teoria aceita do materialismo, precisam especialmente de fundamento lógico, visto serem suspeitos de antemão. Em outras palavras, desde que os fenômenos de psi, conforme se acham, não fazem sentido para o materialista, seria vantajoso que se formulasse um esclarecimento plausível, lógico, muito embora em base introdutória, conjectural.

Seria esplêndido. Todos receberiam bem uma teoria que se ajustasse aos fatos, e tanto melhor se fosse aplicação que surtisse

efeito. É indiscutível que semelhante roupagem teórica realizaria milagres tornando mais aceitáveis as pesquisas de psi. Como objetivo importante de pesquisa seria muitíssimo atraente e até certo ponto justificável. Observa-se, contudo, certo obstáculo neste caso, comparável ao que confronta objetivo de utilidade já discutido. Neste caso, conforme disse, a dificuldade está em que ninguém sabe como superar a limitação do caráter inconsciente da atividade de psi. Quanto a este problema de encontrar hipótese geral, estrutura lógica para psi, surge dificuldade igualmente grande. Não existem princípios experimentados cientificamente que se ampliem para esta nova área de sorte a se utilizarem como hipóteses para psi. Se omitirem a área não experimentada da religião e a do sobrenatural, todo o resto dos princípios estabelecidos por meio dos quais se experimentam explicações finais são princípios físicos. Tentar a aplicação de hipóteses não verificadas, sobrenaturais, ocultas ou místicas seria abandonar os padrões científicos fundamentais. Com isto não queremos dizer que nada exista em qualquer dessas hipóteses sobrenaturais; toda a questão é que, na ciência, não dá resultado explicar um desconhecido por meio de outro, como aconteceria se princípios especulativos não verificados fossem oferecidos como hipótese para explicar psi. Quando se estabelece o princípio utilizado para a explicação de novo fenômeno tem-se em mão começo seguro do qual trabalhar. Mas como sabemos já ser impossível utilizar teoria física para explicar psi, e como não existe qualquer teoria sobrenatural estabelecida a aplicar, nada mais se pode fazer senão esperar; porquanto, no estágio atual não desenvolvido da erudição ortodoxa, tudo o que temos são estes dois tipos fundamentais de princípios explanadores.

Portanto, no caso de psi, ter-se-á de formular a explicação pelos fatos à proporção que se apresentarem; isto é, trata-se de novo mundo, ao qual não se aplicam as antigas teorias. O terreno comum entre psi e a psicologia geral fornecem oportunidades para a aplicação secundária de hipóteses através da linha divisória, mas a psicologia não tem, propriamente, qualquer teoria geral quanto ao que é realmente a natureza subjetiva ou pessoal do indivíduo. Sem

dúvida vem-se formulando, pouco a pouco, uma teoria de psi com os fragmentos de fatos descobertos. Tal a maneira pela qual se estruturou a atual teoria da natureza por meio dos produtos e subprodutos de pesquisa e das generalizações deles deduzidas.

A vantagem que a parapsicologia tem em relação à psicologia geral consiste na capacidade de prosseguir em suas investigações sabendo onde se acha a linha divisória com a física. Manuseia processos identificáveis como não-físicos; o psicólogo geral não dispõe de tais fenômenos, somente podendo classificar o mundo mental não-psi por ato de fé, ou então tem de suspender o julgamento. Mas agora, atacando por via da parapsicologia, há a possibilidade de formular exatamente qual a natureza básica da personalidade, o que e quanto tem a operar de pleno direito.

Portanto, o problema de uma teoria geral de psi está por enquanto fora de nossas forças. Terá de esperar e desenvolver a proporção que as pesquisas progridem passo a passo através dos anos por vir. Nas circunstâncias atuais, o conceito ativo de psi consiste, para o investigador, exatamente da soma total de tudo quanto se encontrou já, juntamente com uma coleção de pontos de vista conjecturais e sugestões que se distinguem nebulosamente. Até o ponto em que as descobertas relacionam psi com princípios já conhecidos, explica-se psi parcialmente; à proporção que se revelarem às maneiras próprias e únicas nos resultados das experiências, desenvolver-se-á a parte restante da teoria.

Durante a década de quarenta, o objetivo mais conspícuo da pesquisa era descobrir um tipo de personalidade-psi, ou algo que dele se aproximasse. De bom grado chegaríamos a acordos quanto a alguns pontos de identificação que se relacionassem com a capacidade de produzir amplo desvio extra-acaso em experiência de psi. Conforme disse anteriormente, esse esforço falhou, embora tivesse produzido material de bastante valor. É mais fácil agora do que então ver o erro cometido.

A diretiva natural de pensamento era que a aptidão de psi, como qualquer outra, se verificasse relacionada pelo menos a algumas outras diferenças mensuráveis entre indivíduos, como aspectos de

personalidade. Tal diretiva é mais ou menos familiar na pesquisa de psicologia geral. A hipótese implícita dela resultante conduziu a muitos anos de trabalho por parte de grande percentagem dos experimentadores ativos da parapsicologia. Procuravam um aspecto ou característica da personalidade após outro, que fosse possível associar à operação de psi. Esperava-se descobrir algum tipo específico e facilmente identificável ou algum grupo de indivíduos que se salientasse nas experiências de psi. Conforme se deu, contudo, esta grande seção do trabalho de pesquisa em parapsicologia constituiu somente digressão do objetivo principal. Seu principal valor assentava nos resultados secundários, por ter-se concluído pela não-existência de qualquer tipo ou grupo ou aspecto de psi, e parece cada vez mais duvidoso que algum dia se encontre. É duvidoso, em vista dos começos no trabalho de ESP com animais, se mesmo poderá haver limitação de espécies.

Neste ponto, o erro que se terá de evitar no futuro, se for reconhecido, será escolher o curso principal da pesquisa segundo diretivas de pensamento apropriadas à psicologia geral - que ainda não tocou a área de que psi se ocupa. Presumiu-se erradamente que psi funcionasse no nível das aptidões e aspectos mais familiares. Torna-se agora evidente que os casos espontâneos relatados poderiam ter-nos afastado de semelhante procura de correlatos. Provêm de série tão vasta de indivíduos e grupos, e cruzam tantas linhas de classificação e até mesmo de espécies, que sugerem não existir provavelmente qualquer característica ou aspectos correlatos reconhecíveis associados aos grupos. Retrospectivamente, portanto, pode ver-se a vantagem, pelo menos neste estágio da pesquisa, em começar pelos próprios acontecimentos naturais, em bruto, intactos, ao planejar as experiências; sem partir de hipótese racional ou analogia demasiado generalizada que traga em si premissa não-verificada.

De qualquer maneira o problema mais popular com que a parapsicologia entrou em contato, que despertou, ao mesmo tempo, o interesse mais profundo dentre todos, é o que comumente se denomina de problema da sobrevivência. A questão essencial é se

qualquer elemento incorpóreo ou qualquer parte da personalidade (espírito ou alma) sobrevive à morte do corpo do indivíduo, retendo a capacidade de experimentar e podendo manifestar-se de maneira que permita identificação pessoal. É, sem dúvida, uma das perguntas mais antigas do homem a respeito do próprio destino, e um dos problemas mais antigos da parapsicologia a que se dispensou atenção científica em certo grau. A sua investigação como problema de pesquisa teve início com o desafio do movimento espiritualista, que começou na América do Norte há cerca de um século.

A investigação da sobrevivência do espírito tomou principalmente a forma do estudo das comunicações pretensamente provenientes do espírito dos mortos por meio de pessoas conhecidas como médiuns. As comunicações e manifestações correlatas estendem-se por série tão lata de expressões e realizações mentais e físicas, que seria impossível descrevê-las todas aqui; mas de uma ou outra maneira, o objetivo manifesto do médium era transmitir mensagens de conforto, identificação ou conselho, de personalidades-espírito que se supunham ligadas por algum laço aos indivíduos vivos a quem eram enviadas. O objetivo da pesquisa consistia em descobrir a possibilidade de verificação dessas alegações de comunicações de espíritos e de atuação de espíritos, como tais, que se mostravam inexplicáveis de qualquer outro modo.

Seja o que for que pensemos das suas alegações atualmente, o movimento espiritualista teve muito que ver historicamente com a iniciação das investigações dos fenômenos psíquicos e a fundação de sociedades de pesquisa, que a eles se dedicaram durante o último quartel do século XIX. Durante esse período e bem adiante no primeiro quartel do século XX, os relatórios das investigações revelaram bastante plausibilidade e notabilidade para atrair a atenção de muitos sábios da Europa e da América. Alguns se mostraram mesmo convencidos de que eram válidas as alegações dos espiritualistas, e entre eles contavam-se sábios distintos de vários setores. Entre os poucos psicólogos que se interessaram contam-se William JAMES e William MCDOUGALL, que estavam tão bem preparados como qualquer outro daquela época para a ponderação

da prova e para dispensar séria atenção a todas as questões; e embora estes dois não se manifestassem, a prova era bastante forte para obrigá-los a se manterem receptivos à idéia.

De fato, esta grande questão, com o dramático apelo humano, não só veio em apoio e arrastou consigo o interesse em outras reivindicações psíquicas, de caráter menos saliente; mas representou também certo papel no recrutamento de pesquisadores para o campo parapsicológico, bem como em trazer-lhes em auxílio o apoio de que precisavam para trabalhar. Até hoje bom número dos pesquisadores mais ativos confessam terem sido trazidos para a parapsicologia pelo interesse na possibilidade de algum fundamento às alegações de atuação espírita.

Pode descrever-se melhor o resultado da investigação científica da mediunidade como um empate. (2) Dificilmente alguém seria capaz de afirmar que as investigações de setenta e cinco anos ou mais tiveram o efeito de refutar a alegação que o morto pode de um ou outro modo "viver novamente". Por outro lado, ninguém que estude seriamente o campo de investigação diria ter-se atingido confirmações claras, defensáveis, científicas da hipótese; a questão ficou em tal ponto que qualquer um podia seguir a própria inclinação, para duvidar ou acreditar. Alguns sábios de renome que tomaram parte na investigação acreditavam ter sido a hipótese provada e outros tantos, de não menor valor intelectual, estavam convencidos, depois de examinar as provas, da sua insuficiência. Era tão-só questão de interpretação e avaliação de alternativas, decidir se as mensagens transmitidas pelo médium poderiam ter tido qualquer outra origem diferente das personalidades a que eram atribuídas. Os que não se mostravam satisfeitos consideravam outras fontes, como a combinação de ESP com aptidões de dramatização por parte do médium, por demais plausível para permitir conclusão de tal importância como a da sobrevivência. Os que estavam convencidos eram de opinião que as alternativas eram demasiado forçadas para se considerarem seriamente. Evidentemente, não seria esta a maneira de deixar-se um problema de tal importância se algo mais houvesse a fazer a respeito.

2. MURPHY, G., "Esboço de prova da sobrevivência", *J. Amer. Soc. Psych. Res.*, 39 (1945), págs. 2-34, "Dificuldades que confrontam a hipótese da sobrevivência", *id.*, págs. 67-94, e "Teoria de campo e sobrevivência", *id.*, págs. 181-209; RHINE, J. B., "A questão da sobrevivência do espírito", *J. Amer. Soc. Psych. Res.*, 43 (1949), págs. 43-58; THOULESS, K. H., "Pesquisa psíquica passada e presente", 11° Preleção em comemoração de Frederic W. H. Yers, *Soc. Psych. Res.* (1952).

A maneira apropriada de sair do impasse era examinar as objeções e contra legações levantadas contra a interpretação espiritista. Que é que impedia chegassem à opinião científica os pensadores mais críticos? Era principalmente a existência de certo fatores que não haviam sido suficientemente excluídos na obtenção e interpretação das mensagens transmitidas pelo médium. A teoria espírita não era a única explicação possível para os resultados. Havia maior necessidade de exame aprofundado das hipóteses contrárias de telepatia, clarividência, e precognição, visto como estas também constituíam processos extra-sensoriais de adquirir conhecimento como aquele em que implicava o médium, tendo melhor fundamento para prova do que os próprios estudos mediúnicos. Era imperativo também chegar a processo claro e objetivo de avaliação das mensagens mediúnicos, que evitasse a propensão natural das pessoas presentes afetadas fortemente quando julgavam da exatidão das mensagens.

Esses problemas preliminares exigiam anos de esforço pesquisador especial, mas antes de progredir na solução do problema da sobrevivência seria preciso resolvê-los. Até agora não estão todos resolvidos, mas realizou-se progresso suficiente na direção da solução para justificar o retorno ao problema originário, reexaminando-o à luz do conhecimento atual. Face aa que se conhece a respeito da aptidão de psi e com o aperfeiçoamento dos processos de avaliação de materiais verbais como os pronunciamentos mediúnicos, em que situação se encontra o problema da sobrevivência? Será atual o grande problema como era antigamente? Será objetivo principal para programa de pesquisa parapsicológica? Tornou-se agora evidente, diante de toda a complexidade proveniente das investigações que estabeleceram a realidade da ocorrência de telepatia, clarividência e precognição, que

a solução da questão da sobrevivência do espírito é muito mais complicada do que se havia antes reconhecido. Não só as pesquisas de psi introduziram complicações de controle que tornam mais difícil o planejamento de uma experiência sobre a hipótese espírita mais difícil do que qualquer experiência de psi; além disso há as dificuldades de exercer os controles necessários na reunião e interpretação dos pronunciamentos mediúnicos. De fato, quando se procura pensar de que modo modificar a antiga maneira de atacar o problema da sobrevivência do espírito pelos processos de mediunidade, de sorte a fornecerem prova experimental decisiva, fica-se tão inteiramente confuso que será preferível procurar outro modo de atacar a questão que ofereça procedimento mais simples de contornar todas as dificuldades.

É, porém, igualmente sério que, enquanto tem aumentado as dificuldades da investigação, o interesse público pelo problema da sobrevivência como objetivo de pesquisa tenha-se tornado quase proporcionalmente menor. A idade avançada bem como a raridade das pessoas que se mostram ardentemente interessadas pelo problema da sobrevivência atualmente é outro indício de estar ele perdendo importância. É precisamente o que seria de esperar. Em cultura criada em grande parte por desenvolvimento das ciências materialistas, a própria idéia de sobrevivência ou de espírito de qualquer espécie tornou-se cada vez mais inacreditável com o correr do tempo. Qualquer pessoa que faça cursos normais, secundários ou superiores de biologia, psicologia ou medicina terá de seccionar o pensamento se quiser conservar consigo qualquer resíduo efetivo da educação da infância a respeito da existência da alma distinta do corpo.

Mas assim como não é possível atribuir à educação infantil quanto à natureza espiritual do homem qualquer posição científica, assim também não é possível contrapor seriamente à hipótese espiritual o tipo de suposição não-verificada que, nos estudos superiores, neutraliza aquelas influências religiosas. Impõe-se cautela científica tanto em salvaguardar a maneira de pensar de

rejeições não-críticas e iconoclasmos, quanto em evitar a aceitação de doutrinas não-verificadas.

Portanto, a questão da sobrevivência ainda não recebeu resposta aceitável como cientificamente idônea. E qualquer conclusão, a favor ou contra, que se baseie nas provas atuais implicará grande elemento de crença não-crítica. Além disso, não se verificou tão-só declínio de interesse popular como acabamos de mencionar. Dentro dos círculos de pesquisa da própria parapsicologia, durante os últimos vinte anos, a atenção concentrou-se quase inteiramente no trabalho experimental com a aptidão psi e fora da mediunidade. Até mesmo as sociedades de pesquisa psíquica, que antigamente centralizavam o interesse na questão da sobrevivência, acompanharam essa mudança geral, deixando quase de realizar pesquisa experimental sistemática nesta questão durante os últimos vinte anos. É possível encontrar aqui ou ali alguma proposta interessante quanto à nova maneira de atacar o problema, mas não existe qualquer relatório de pesquisa sobre a sobrevivência.

Entre essas propostas conta-se a sugestão de THOULESS (3) que indivíduos vivos redijam mensagens em código que não é possível decifrar sem o auxílio do autor. Se não forem bem sucedidas as tentativas realizadas enquanto estiver vivo, e se depois da morte um médium revelar o segredo, tal fato viria em apoio da existência continuada daquele como personalidade. Hornell HART (4) sustenta a opinião que seria possível atacar proveitosamente a hipótese de sobrevivência por meio do estudo de sonhos partilhados e da projeção do ego consciente do indivíduo vivo no que parecesse com exteriorização ou atividade fora do corpo. Serão tentativas louváveis; sejam ou não apropriadas em projeto conforme se apresentam, poderiam dar início a um desenvolvimento que teria êxito por meio de aperfeiçoamentos acidentais na idéia originária. Contudo, na melhor hipótese, são até agora somente tateamentos esperançosos, ainda na situação de projeto. No conjunto, portanto, a hipótese da sobrevivência encontra-se na situação menos promissora de toda a sua história. Os primeiros estudos mediúnicos não chegaram à conclusão, não sendo provável que se repitam. Nos

últimos vinte anos, desde os estudos realizados em Duke (5) a respeito da mediunidade de Eileen J. Garret, que forneceu provas significativas de conhecimento no material registrado, conforme avaliação pelo processo de SOAL-SALTMARSH, não houve qualquer progresso, exceto em aperfeiçoamento secundários do processo. (6) Não existem pesquisadores que se interessem em prosseguir com o projeto. Não há apoio conveniente se houvesse quem se interessasse. Provavelmente seriam consideravelmente censurados se comprometessem às situações que este setor conseguiu por meio de resultados experimentais se atacassem o problema da sobrevivência segundo qualquer das antigas diretivas.

3. THOULESS, R. H., "Prova de sobrevivência", *J. Amer. Soc. Psych. Res.*, 47 (1953), págs. 3-32, e a continuação, com o mesmo título, *id.*, págs. 47-79; terceiro artigo aguarda publicação.

4. PRATT, J. G., "Em busca de maneira de avaliar material mediúnico", *Bull. n.º 23, Boston Soc. Psych. Res.* (1936); RFIINE, J. B., "Telepatia e clarividência nos estados normais e de transe de um médium, *Character and Pers.*, 3 (1934), págs. 91-111.

5. SALTMARSH, H. F., e S. G. SOAL, "Maneira de avaliar o teor supernormal das comunicações mediúnicas", *Proc. Soc. Psych. Res.*, 39 (1930), págs. 266-271.

6. PRATT, J. G., e W. R. BIRGE, "Avaliação de material de experiências verbais em parapsicologia", *J. Parapsychol.*, 12 (1948), págs. 236-256.

Assim sendo, a questão da sobrevivência, como a conhecemos no passado, não pode ser escolhida para reformulação como grande objetivo de pesquisa para o futuro. Segundo tudo indica, é muito de recomendar, de preferência, o adiamento indefinido de semelhante problema, dispensando-se maior consideração a objetivos mais urgentes, mais promissores e mais bem apoiados. Se não houver melhor fundamento para a continuação da investigação ativa em relação à sobrevivência, do que os estudos de mediunidade, não haveria grande dificuldade em abandonar a questão ao historiador, quando menos fosse durante os próximos anos que estão já tão cheios de problemas de grande importância.

Entretanto existe, pelo menos na opinião de alguns de nós, bom fundamento para permitir se mantenha de pé a questão da sobrevivência. esse fundamento nada tem que ver com a mediunidade ou com qualquer culto ou credo, prática ou filosofia. Não está, portanto, sujeito ao desconto usual por causa de possível

inclinação devida a motivos ulteriores tais como promoção de alguma causa. Esse fundamento ainda não é bastante extenso e, na melhor hipótese, consideramos que somente justifica a reabertura da questão da atuação pessoal independentemente do corpo. É provável, contudo, que a questão da sobrevivência teria surgido devido ao material que tenho em mira, mesmo que não se houvesse apresentado antes como herança cultural. Já houve a sugestão de que foi esta mesma espécie de material que originariamente tornou o homem consciente da sobrevivência, mas não era possível provar tal hipótese, e, se fosse possível, nada provaria quanto àquela questão.

É possível apresentar resumidamente esses novos fundamentos: Da coleção de Duke de mais de três mil experiências espontâneas de psi (que é simplesmente uma dentre muitas em que seria possível realizar tal estudo), escolheram-se uns cem casos capazes de sugerir a atuação de certo órgão espiritual como explicação, mais fortemente do que qualquer outra. Muitos desses casos pareceriam prestar-se a explicação somente por meio de órgão desencarnado, embora exista sempre a possibilidade de terem sido tais casos erroneamente relatados. Embora não procuremos utilizá-los como prova, desejamos verificar o que sugerem em si mesmos, como se repete à sugestão de caso em caso, e como persiste em grande número de experiências.

O caso que mais prende a atenção é aquele em que o propósito manifesto por trás do efeito produzido é tão especialmente o de personalidade falecida que não é razoável atribuí-lo à atuação de qualquer outra fonte. Prende ainda mais a atenção quando a manifestação ou expressão do objetivo transmite-se por meio de médium inocente como uma criança ou pessoa inteiramente estranha, que, presumivelmente, seria destituída de qualquer filosofia espiritualista ou qualquer outra motivação ostensiva ulterior.

Alguns exemplos podem esclarecer o motivo do interesse associado a esta maneira de ver o problema de órgão espiritual por meio de material de casos (podendo, acidentalmente, animar os leitores que conheçam ou tenham tido experiências semelhantes a

enviar relatórios para a coleção). Uma senhora, que ocupa posição de responsabilidade em banco de New York escreveu: "Cerca de seis semanas depois do falecimento de minha amiga, enfermeira B., estava eu deitada em um sofá. De repente ouvi-lhe a voz chamando-me pelo nome e dizendo: "Não se assuste. Quem está falando é a enfermeira B., e vim avisá-la. Está grávida e em grande perigo. Vá à doutora H. (deu o nome por extenso) em Brooklin até Babado. Aviso-a, não demore, está em grande perigo!" Fui sábado procurar a doutora H., que me disse estar à minha espera, mas não explicou porque. Soube que a doutora e a enfermeira B. tinham sido muito amigas. Examinou-me e disse que não estava grávida mas tinha um fibroma no útero. Chamou um cirurgião, que confirmou o diagnóstico, procedendo-se à operação, que foi coroada de êxito. O tempo provou, contudo que os dois se haviam enganado ao dizer que não estava grávida. Menos de nove meses depois do exame nasceu uma criança. Acredito que Deus tenha permitido que a enfermeira B. voltasse para avisar-me. . ." Tal fato sugere algum órgão intencional motivando o aviso dado e o preparo da doutora que disse estar esperando-a. Não se pode provar que a enfermeira B. tivesse algo a ver com o ocorrido, mas era naturalmente o elo de ligação mais apropriado.

Às vezes essas experiências vêm acompanhadas de efeitos materiais que parecem associados e que não se podem considerar como alucinações. Essas manifestações materiais são, contudo, tão impressionantes que obrigam a indagar do caráter e da credibilidade da testemunha antes de prosseguir. Por esse motivo, vou escolher na pasta de casos de Louisa E. RHINE um que me foi oferecido por velho amigo e respeitável professor, embora o tenha mencionado resumidamente em obra anterior. Apresento-o agora, ainda um tanto resumido, mas nas próprias palavras do Doutor Ralph HARLOW: "Minha irmã Ana era psíquica desde a primeira infância. Fizemos um acordo que aquele que falecesse em primeiro lugar daria ao outro algum sinal de sobrevivência. Minha irmã faleceu inesperadamente, o que representou para mim grande perda. Tínhamos sido amigos íntimos desde muito cedo. Quando voltei do

enterro, dirigi-me ao meu escritório na faculdade, onde tinha de fazer uma conferência com uma aluna sobre a obra de William JAMES, Variedade de Experiências religiosas. Era uma tarde quente, de sol, dos meados de Outubro. Quando a moça se sentou perto da mesa lembrei-me de contar-lhe parte da experiência religiosa de minha irmã. No momento em que pronunciei a palavra "Ana" ouviu-se um ruído como de disparo de pistola e o tinteiro quebrou-se. A aluna, muito assustada, levantou-se e afastou-se, perguntando o que tinha acontecido. Ficou tão transtornada que pediu que a desculpasse permitindo voltar no dia seguinte. Apanhei o tinteiro e lavei-o. Voltando ao escritório tive uma experiência nítida pela qual passei somente uma segunda vez. Uma voz disse distintamente: "Esta prova é bastante evidente?" Depois me lembrei de que dissera à irmã há alguns anos: "Se me der alguma prova de sobrevivência, faça-a bem clara." Não se viam lascas de vidro. O tinteiro estalara tão exatamente que passei a mão contra as faces da fratura. Levando-o a um professor de física, pedi-lhe que explicasse a fratura, sem nada lhe dizer do caso. Disse-me que não tinha visto nunca fratura dessa natureza e que talvez eu tivesse batido repentinamente com uma faca sobre o tinteiro. Em minha opinião não seria possível cortar o vidro sem muitas tentativas, despedaçá-lo em algum ponto . . . "Como não estou procurando fazer prova com este caso, não entrarei na possibilidade ou probabilidade de fratura espontânea do vidro e de alucinações capazes de ocorrer a desolado e outras mais".

Um professor da Universidade do Noroeste recebeu o seguinte caso de um dos seus alunos: . . . "Uma tarde, quando ainda tinha quatro anos, tudo ignorando da escola ou do alfabeto, enquanto minha mãe estava trabalhando na secretária em nosso hotel, apanhei um bloco de chamadas telefônicas e comecei a rabiscar. Já havia gastado umas três ou quatro folhas quando minha mãe observando com que eu estava brincando, disse-me que deixasse e fosse brincar de outra maneira. Deixei o lápis, dobrei os papéis e meti-os na caixa de correspondência de minha mãe e fui-me embora, esquecendo o que se havia passado. Na manhã seguinte ela achou os papéis e ia

jogá-los fora quando o empregado, que estudava taquigrafia à noite, disse-lhe que os rabiscos se pareciam com taquigrafia. Ela explicou que eram simples rabiscos meus, mas o rapaz insistiu em levá-los ao professor. Eram mesmo taquigrafia. Os rabiscos faziam sentido, sem que houvesse qualquer engano ou sinal demais. Estava escrito no tipo de taquigrafia antiga, baseada no quadrado, do que, aliás, eu nunca ouvira falar, para não dizer que não tinha a menor idéia de como escrever. Era uma mensagem para a minha mãe. Começava assim: "Minha querida" e falava de uma carta que não tinha sido levada ao correio. Era assunto urgente, a respeito da caixa de depósito de meu pai no Leste. Meu pai tinha morrido duas semanas antes, em New York, enquanto minha mãe e eu estávamos no Oeste. Morrera repentinamente e minha mãe não sabia onde estava a caixa. Além disso, meu pai tinha chamado sempre minha mãe de "Minha Querida" e quando era moço tinha aprendido taquigrafia pelo método antigo. Minha mãe ainda tem esses pedaços de papel e a mensagem foi traduzida por outras pessoas e está junto. Anos mais tarde, quando já tinha idade para compreender, minha mãe contou-me a história e me mostrou os papeis."

. . . O emprego de criança como médium reveste-se de especial interesse, embora não seja único. Relatório dessa natureza não precisa ter valor probante; põe-nos idéias na cabeça que se podem experimentar.

Tais casos sugerem órgão pessoal que não seria de esperar de qualquer indivíduo vivo. Levam a perguntar se é possível qualquer comportamento não-vivo ou espiritual. O que é mais, fornecem idéias quanto ao que se poderá fazer no sentido de instituir um projeto com o fim de descobrir se tal órgão é possível. Neste caso não há médiuns com motivos profissionais ou filiações de culto. Aí também se encontra ampla variedade de manifestações com extraordinária série de sujeitos perceptíveis estendendo-se de animais e crianças a seres humanos adultos altamente requintados, como cientistas e profissionais e mulheres de diversos setores. As experiências não são predominantemente estereotipadas. E verdade que se referem inúmeros casos em que relógios deixam de

funcionar, quebram-se objetos de vidro, quadros caem das paredes, abrem-se ou fecham-se portas injustificadamente, e arrebatam-se objetos das mesas, estantes ou lareiras. Há pancadas esquisitas e significativas, luzes, vozes, sons, mas poucos parecem produtos culturais. Parece haver propósito perfeitamente manifesto de comunicar o choque de notícias trágicas por meio de experiência de advertência ou acontecimento ou de transmitir alguma notícia de grande importância para os seres amados. A motivação é em geral bastante plausível; o órgão e os meios é que são misteriosos. De qualquer maneira, o primeiro passo para organizar projeto importante de pesquisa com esses materiais deve tratar-se de empreendimento perfeitamente seguro e bem realizável de maneira geral. Seria preciso coligir e estudar todas as experimentais de estudo. O pior que poderia acontecer seria tempo e os meios disponíveis, procurando ver que idéias sugerem capazes de se acompanhar por meio de processos mais experimental de estudo. O pior que poderia acontecer seria descobrir que a maneira de atacar é beco sem saída; e é dificilmente possível que todo esse material nada signifique para a parapsicologia, mesmo que não seja o que parece.

Contudo, dispor simplesmente de nova maneira de atacar o problema e novo estímulo para a pesquisa quanto à sobrevivência da personalidade não é o bastante, de qualquer maneira, para justificar fazer dele objetivo principal de pesquisa. Sejam quais forem os méritos da hipótese de espírito e por mais desapaixonado que o indivíduo seja, ou resolvido a manter a questão de pé, depara-se com a circunstância extremamente séria que, pelos motivos formulados anteriormente, não é esta a ocasião para lançar investigação em larga escala a respeito desse problema. De fato, quem quer que o experimente hoje em parapsicologia sentir-se-ia em breve comparativamente isolado, pelo menos durante este período de recuperação da reação do fracasso da pesquisa sobre a sobrevivência baseada na mediunidade. Tal empreendimento tem de ser sustentado até certo ponto pelo ambiente intelectual do qual se origina, e assim

também em outras diretivas precisaria de maior segurança de apoio continuado do que obteria atualmente para realizar os seus objetivos.

Portanto, até onde vai a questão da sobrevivência, tem escolha um tanto limitado de alternativas, ou a de tornar-se figuradamente subterrânea ou ficar enterrada um tanto mais literalmente. Se não tiver de tornar-se em breve questão morta e enterrada, terá de perder a identidade, misturar-se a outros interesses, passando a fazer parte de objetivo importante de pesquisa mais realizável. A realização dessa identificação, contudo, exige somente que se resolva de sorte a apresentar as várias semelhanças com outros problemas de parapsicologia. Quando considerado como programa integral, o problema da sobrevivência espiritual constitui pouco mais que um ponto focal no qual se concentra série inteira de questões de pesquisa parapsicológica.

Acho que nada ou pouco se realizou nas pesquisas de psi que um programa completo de pesquisa da sobrevivência, se algum tivesse existido algum dia, não tenha compreendido. Por exemplo tudo quanto se descobriu mostrando que existe algo no homem gozando de propriedades inteiramente diferentes das do corpo físico é fundamental para a hipótese da sobrevivência. Na realidade é essa descoberta que torna a sobrevivência logicamente possível. Além disso, qualquer espécie de órgão espiritual teria evidentemente de depender de psi como maneira de operar. Qualquer transferência de pensamento de uma personalidade desencarnada para outra, ou para a encarnada, teria de realizar-se segundo a telepatia ou então indiretamente por meio de efeito psicocinético de certa espécie. Naturalmente, o sistema sensorimotor, destruído com a morte do corpo não mais seria útil. Que mais haveria senão psi para que o espírito utilizasse?

A hipótese de espírito parece integrar-se tão inteiramente com todo o programa organizado da parapsicologia, formulado através dos anos que não há qualquer motivo, ante esse grau de concordância, de torná-lo questão distinta. Seria necessário, em qualquer programa completo de pesquisa da sobrevivência, descobrir primeiramente se existe qualquer independência ou

possibilidade de separação do ego subjetivo em relação ao organismo físico vivo; somente se houvesse seria possível alegar razoavelmente a probabilidade da sobrevivência depois da morte corpórea. Todavia, existem outros motivos urgentes para que se deseje conhecer este grau de independência subjetiva; por exemplo, a questão do grau de liberdade volitiva do homem depende desta mesma investigação.

Em pesquisa bem planejada sobre a sobrevivência do espírito ter-se-ia de incluir até mesmo o programa corrente da exploração das aptidões de psi em animais. Somente quando a realidade completa e concreta de psi em a natureza se tornasse clara e estabelecida, a possibilidade racional da atuação do espírito assumiria qualquer real significação, tornando-se mais do que espécie de fantasia de história de fadas. E somente se verificasse o funcionamento da aptidão de psi em estado não corpóreo da personalidade haveria a possibilidade de qualquer comunicação espiritual eficaz ou qualquer outra atuação. De fato, como grande parte dos espiritistas tem-se mostrado por demais impacientes para compreender, poder-se-ia igualmente bem chamar todas as investigações de psi de estudos das maneiras e meios pelos quais as personalidades espirituais, se é que existem, se movem e têm existência.

A absorção por inteiro da questão da sobrevivência faria pouca diferença para programa bem equilibrado de pesquisa de psi. Pode-se imaginá-lo considerando como realmente se mostraria um programa de psi concebido latamente. Dificilmente a parapsicologia poderia fazer menos do que uma investigação direta em a natureza extrafísica inteira da personalidade. Seja o que for em que implique, tal a área definida do campo; e é bastante definida para tornar-se objetivo importante de pesquisa só por si. O primeiro estágio foi necessariamente à determinação da relação diferencial da personalidade em relação ao mundo físico. O programa já realizado para isso é tão-só um começo. Até acharmos as interligações fundamentais psicofísicas subjacentes e unificadoras, que é forçoso inferir estarem presentes apesar de todas as distinções que se têm

feito, não compreenderemos a natureza da personalidade em relação ao mundo físico. Constitui passo importante dizer que certas operações da personalidade não são físicas; descobrir como operam entre si e com o sistema físico do corpo e respectivo ambiente toma-se agora ainda mais importante. O pesquisador espiritista inteligente também teria de concordar com este ponto de vista, desde que a hipótese de atuação pessoal incorpórea importa no mesmo problema de ação recíproca psicofísica. De maneira igual a qualquer outro pesquisador de psi, precisa saber como uma função espiritual é capaz de reagir com função física.

O segundo objetivo será, portanto, descobrir o lugar da parte não-física da personalidade do mundo dos vivos. Isto significará, acidentalmente, descobrir se a personalidade compreende componente tanto extrabiológico como extrafísico, ou se tem dentro de si algo mais do que o processo da vida. Estabelecer a relação desses fatores não-físicos da personalidade para os processos vitais do organismo equivale a sondar a base especificamente necessária para julgar-se da possibilidade de sobrevivência após a morte. Seria simplesmente encarar os dois lados da mesma questão.

Em terceiro lugar e mais adiantado do que tudo, seria saber qual o lugar da personalidade individual nesse novo mundo ainda largamente desconhecido mas enormemente confuso da operação natural em que se tocou em explorações de psi. Os indícios já encontrados mostram ordem de realidade que não se tem imaginação ou simbolismo para descrever, nível de causalidade que parece deixar cair somente de tempos em tempos efeito espontâneo passageiro no alcance humano de percepção e, quando perseguido, somente se torna possível captá-lo pela rede mais delicada da estatística e pelos processos mais pacientes de ciladas - mas que apesar de tudo, é possível captar. Qualquer estudo de sobrevivência pessoal terá de ocupar-se disto.

Há, portanto, bons motivos para dar maior ênfase na pesquisa da natureza geral do próprio psi, em oposição à sua conexão com o estado de após-morte. Ampliando a questão quanto ao destino do espírito humano se sobrevive à dissolução do organismo até ao que é

realmente dentro da própria totalidade vida, dentro do universo de ação recíproca psicofísica integrada, e dentro desse novo mundo inimaginável de influências além do espaço e do tempo, não poderá haver desapontamento quanto à resposta, nenhum fracasso da pesquisa. Esta terá de ser bem sucedida de qualquer forma, seja qual for à resposta, se orientarem as investigações no sentido de saber o que é o homem. Se a pergunta for somente: E o homem assim e assim? a perspectiva da pesquisa ficará limitada e embaraçada de antemão. O homem não pode ser assim e assim. Terá de ser muito melhor ou, pelo menos, muito diferente; algo a cujo respeito ainda não houve compreensão suficiente que permitisse a formulação da pergunta. Será necessário não excluir as possibilidades por meio de limitação estreito ou demasiado especializada da investigação.

Para objetivo mais amplo da pesquisa, vamos pedir toda a história natural do aspecto espiritual ou não-físico ou transcendente da personalidade, tudo o que é o homem como ser unicamente pessoal, acima e para lá do mundo da matéria. Será prudente não se limitar a ponto de vista da vida além do tumulto, como não seria útil dirigir a investigação principal para a utilidade prática ou teoria global de psi ou tipo de personalidade-psi, ou para qualquer outro setor limitado da perspectiva total.

Contudo, haverá no mundo atual interesse suficiente pelo campo para sustentar projeto de pesquisa ampliado? Respondo que somente encarando o programa deste ponto de vista mais amplo poder-se-á esperar inspiração que o sustente. Somente encarando os problemas na relação concreta para as necessidades vitais da humanidade será possível criar e manter força de propósito bastante intensa para impedir a aceitação de algo menos que solução final, válida e compulsiva. De tal maneira é necessário ter objetivo de magnitude e conservá-lo em foco a fim de justificar as exigências que se fazem ao investigador nas explorações lentas, incertas e rotineiras, as pesquisas pacientemente repetidas necessárias a respostas seguras. A exploração deste novo mundo não a realizará nesse estágio duro, não-reconhecido aquele cujo propósito não for sustentado pela compreensão do que representa para a humanidade. Ao longo do

caminho difícil encontram-se saídas convidativas para os que, empregando elemento de fé não-crítica podem aceitar padrão menos exigente de significação e finalidade, demonstração menos rigorosa do que se exige se os resultados tiverem de ser seguros e concludentes. Houve, felizmente, no passado alguns investigadores e haverá outros no futuro preparados para apreciar e pedir mais alta ordem de segurança nos fatos a respeito da natureza do homem. E somente por meio dessa apreciação será possível trazer os indivíduos a inverterem tão pesadamente a dedicação, a suportarem o exame e reexame longo e cuidadoso, ou o ônus do julgamento suspenso exigido para alcançar conclusões em que os homens confiem com segurança.

Para dar um passo à frente, a menos que se atraia maior atenção para a significação mais importante para a vida humana, que as explorações de psi encerram, não vejo como será possível levar muito mais longe a pesquisa além do estágio atual de complexidade e dificuldade. E talvez seja muito tarde para que tal empreendimento seja coroado de êxito; o mundo ocidental talvez já tenha encontrado na filosofia da máquina fé demasiado fácil e satisfatória para abandonar. Os poderes quase mágicos da natureza física, dominados tão eficazmente podem ter levado muitos a pensar que tal poder é tudo quanto há e que é o bastante para viver.

Mas a grande esperança que vejo - e é real - reside nessa minoria que sabe que, por mais úteis que sejam estas descobertas físicas, não estão conduzindo o homem para a espécie de mundo a que ele realmente aspira e à boa vida que deseja desfrutar com os seus semelhantes. Alguns poucos, pelo menos, reconhecem a tragédia que, nessa vasta conquista científica do mundo físico, é o próprio homem que está sendo conquistado. Compreendem que nem todas as explorações físicas mais brilhantes reunidas, sejam que penetrem nas energias nucleares do átomo, seja que alcancem a galáxia mais afastada, fizeram que o homem se aproximasse um pouco da compreensão do mistério essencial dele próprio como personalidade. Sabem, igualmente, que existem outras direções que não o caminho materialista para o viajante científico a fim de

encontrar a fonte do conhecimento que há de refletir claramente o homem em si mesmo. Mas até mesmo estes poucos, percebendo a necessidade decisiva para o homem de resolver a crise ideológica desta época pela pesquisa do ponto crucial de tudo, - uma teoria básica do homem - podem alertar o resto, se a necessidade continuar a aumentar em urgência e se crescer a ameaça à sanidade do mundo. Assim como a centelha pode dar início ao incêndio, um punhado de homens e mulheres perceptivos é capaz de iniciar um movimento que não se possa deter ou mesmo guiar. O que realizarão dependerá em parte da solicitação da época de base verificada cientificamente para o planejamento da vida e das relações humanas - dependendo da amplitude da solicitação e da presteza com que se formular. Será indispensável essa pressão exterior dos acontecimentos. Mas igualmente necessária para o êxito é a essência dos fatos reais a respeito da natureza verdadeira do homem, que as pesquisas de psi revelaram. Quanto mais se desenvolver, tanto maior será a perspectiva que o homem afinal há de reconhecer a si próprio como o maior desconhecido, despindo as vestes do dogmatismo que impediram o exame aprofundado dele próprio como personalidade.

Mas seja que o indivíduo se entregue à busca da compreensão do destino humano trazendo ainda o pensamento moldado pela religião da infância; seja que esta tenha sido suplantada por ortodoxia nova que lhe gravou no espírito a filosofia materialista aprendida nos estudos; ou seja que tenha adotado nova perspectiva de um dos muitos grupos marginais que oferecem, a preços de medicamentos registrados, filosofia madura da vida, acompanhada de qualquer mistura de mistério e "provas" desejáveis; seja como for, quem procurar será sensato se preparar para ajustar a antiga perspectiva aos novos fatos, independentemente do que pareçam. Provavelmente produzirão muitas surpresas e algumas, dentre elas, causarão desapontamento. Não poucos dentre os que mais contribuíram para a exploração de psi ficaram desolados porque as praias que perceberam surgindo obscuramente no horizonte distante não se assemelham às que procuravam especialmente. Mas o explorador que estiver convenientemente preparado para

investigação tão arriscada no desconhecido da natureza humana, no problema da única influência compulsiva no universo que os homens chamam de espírito humano, não derramará lágrimas se as praias incertas em que desembarcarem se mostrarem não como Cipango com o chá, a seda e as especiarias, mas continente vasto e inexplorado sem mesmo ter nome. Os novos mundos do passado excederam sempre os sonhos mais fantasiosos do aventureiro. Compreendendo a superioridade da verdade sobre as antecipações acariciadas, o explorador de psi não precisará de maior promessa para ter confiança renovada.

FIM